

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONALIZANTE EM
PATRIMÔNIO CULTURAL**

**PADRÕES DE METADADOS PARA INSTRUMENTOS
DE PESQUISA: A INTEGRAÇÃO EM BENEFÍCIO DO
USUÁRIO TENDO POR BASE O ACERVO DA
FÁBRICA RHEINGANTZ**

DISSERTAÇÃO DE MESTRADO

Rita de Cássia Portela da Silva

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

**PADRÕES DE METADADOS PARA INSTRUMENTOS DE
PESQUISA: A INTEGRAÇÃO EM BENEFÍCIO DO USUÁRIO
TENDO POR BASE O ACERVO FOTOGRÁFICO DA
FÁBRICA RHEINGANTZ**

por

Rita de Cássia Portela da Silva

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, Área de Concentração em Patrimônio Documental, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural.

Orientador: Prof. Dr. Carlos Blaya Perez

**Santa Maria, RS, Brasil
2010**

**Universidade Federal de Santa Maria
Centro de Ciências Sociais e Humanas
Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em
Patrimônio Cultural**

A Comissão Examinadora, abaixo assinada,
aprova a Dissertação de Mestrado

**PADRÕES DE METADADOS PARA INSTRUMENTOS DE PESQUISA:
A INTEGRAÇÃO EM BENEFÍCIO DO USUÁRIO TENDO POR BASE O
ACERVO FOTOGRÁFICO DA FÁBRICA RHEINGANTZ**

elaborada por
Rita de Cássia Portela da Silva

como requisito parcial para a obtenção do grau de
Mestre em Patrimônio Cultural

Comissão Examinadora

Carlos Blaya Perez, Dr.
(Presidente/Orientador)

Daniel Flores, Dr. (UFSM)

Carmem Gessilda Burgert Schiavon, Dr. (FURG)

Santa Maria, 26 de março de 2010.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos professores do Mestrado em Patrimônio Cultural e, em especial, à Profa. Dra. Denise Saad, pelo empenho na criação e consolidação do Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural, permitindo que eu pudesse realizar um sonho.

Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Carlos Blaya Perez, por me aceitar como orientanda, por toda sua paciência, por toda sua disponibilidade em me atender, inclusive em suas férias, por todo incentivo, por sua disposição em compartilhar seu conhecimento e experiência, enfim, pela palavra certa na hora exata.

Aos meus pais, Gabriel e Maria, pelo esforço de toda uma vida, concedendo a mim a oportunidade que não tiveram, e a possibilidade de fazer escolhas.

Ao Edson, meu querido companheiro, pelas sucessivas e incansáveis demonstrações de apoio e carinho.

A equipe do CDH e aos colegas do Instituto de Ciências Humanas e da Informação da FURG, pelas valiosas discussões.

Aos familiares e amigos, com quem compartilhei as alegrias e angústias deste trabalho.

RESUMO

Dissertação de Mestrado

Programa de Pós-Graduação Profissionalizante em Patrimônio Cultural

Universidade Federal de Santa Maria

TÍTULO DA DISSERTAÇÃO

PADRÕES DE METADADOS PARA INSTRUMENTOS DE PESQUISA: A INTEGRAÇÃO EM BENEFÍCIO DO USUÁRIO TENDO POR BASE O ACERVO FOTOGRÁFICO DA FÁBRICA RHEINGANTZ

AUTORA: RITA DE CÁSSIA PORTELA DA SILVA

ORIENTADOR: CARLOS BLAYA PEREZ, DR.

Data e Local da Defesa: Santa Maria, 26 de março de 2010.

Este trabalho visa analisar a possibilidade de integração de padrões de metadados no desenvolvimento de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos, favorecendo o usuário na recuperação das imagens desejadas. Em termos específicos, se propõe a apresentar os acervos fotográficos no âmbito do patrimônio documental, compreendendo suas particularidades bem como as áreas do conhecimento que atuam em seu tratamento no intuito de viabilizar seu acesso e utilização por parte dos usuários; analisar procedimentos, métodos e padrões empregados por profissionais da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, passíveis de serem utilizados na elaboração de instrumentos que possibilitem a recuperação/localização de fotografias que podem integrar acervos de arquivos, bibliotecas e museus; estudar os preceitos e aplicações da Web-Semântica e Web 2.0 no intuito de utilizá-los como ferramentas de divulgação de descrições de acervos e; desenvolver descrições a partir da integração de padrões de metadados entre as referidas áreas. Para tanto, utilizou-se dos métodos de pesquisa bibliográfica e estudo de caso para o desenvolvimento de instrumentos de pesquisa para o Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Alves da Universidade Federal do Rio Grande, a partir da integração de padrões de metadados utilizados pela Arquivologia e Biblioteconomia, bem como sua codificação em EAD (*Encoded Archives Description*). Neste sentido, o trabalho é constituído dos capítulos: acervos fotográficos de arquivos bibliotecas e museus na perspectiva do patrimônio documental; procedimentos e métodos da Arquivologia,

Biblioteconomia e Museologia para elaboração de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos; Web Semântica e Web 2.0 e o acesso aos recursos informacionais do patrimônio documental; descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz: catálogo do dossiê Prédio e Casas; a integração de padrões de metadados na descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz; além dos capítulos de introdução e considerações finais.

Palavras-chave: fotografia, padrão de metadados, descrição.

ABSTRACT

Master's Dissertation

Professional Post-Graduate Program in Cultural Patrimony

Federal University of Santa Maria

METADATA STANDARDS FOR FINDING AIDS TO PHOTOGRAPHIC ARCHIVES: THE INTEGRATION IN BENEFIT OF THE USER BY MEANS OF THE FÁBRICA RHEINGANTZ'S PHOTOGRAPHIC HOLDINGS.

AUTHOR: RITA DE CÁSSIA PORTELA DA SILVA

ADVISER: CARLOS BLAYA PEREZ, DR.

Date and place of presentation: Santa Maria, March 26th, 2010

This work aims, in general terms, to analyze the possibility of integration of metadata standards in the development of finding aids for photographic archives, favoring the user in the recover of the wanted images. In specific terms, it intends to present the photographic archives in the context of documentary heritage, including its characteristics as well as the knowledge area that act in its treatment in order to facilitate its access and the utilization by the users; to analyze procedures, methods and standards of Archives Administration, Librarianship and Museum studies, susceptible to be used in the preparation of instruments that allow the recovery/location of photographs, to study the provisions and applications of Semantic Web and Web 2.0 in order to use them as instruments to disseminate archival descriptions and, developing descriptions from the integration of metadata standards between those areas. To this end, there were used the methods of literature review and case study. There are presented, in this sense, the finding aids developed in the Historical Documentation Center Professor Hugo Alberto Alves Pereira, Federal University of Rio Grande, from the integration of metadata standards used by the archive and library science, as well as codified in EAD (Encoded Archival Description).

Keywords: photograph, metadata standards, description.

LISTA DE QUADROS

QUADRO 01 – Elementos constitutivos do documento.	26
QUADRO 02 – Elementos do processo de produção da fotografia.....	31
QUADRO 03 – Abordagens relacionadas ao estudo de usuários.....	36
QUADRO 04 – Princípios da Proveniência e de Respeito à Ordem Original	39
QUADRO 05 – Níveis/unidades de descrição arquivística.....	44
QUADRO 06 – Tipos, características e nível de descrição dos instrumentos de pesquisa.....	48
QUADRO 07 – Normas de descrição arquivística.....	49
QUADRO 08 – Tipos de materiais contemplados pelo AACR2.....	56
QUADRO 09 – Níveis de descrição bibliográfica	57
QUADRO 10 – Estrutura informativa do objeto na Museologia.....	60
QUADRO 11 – Distinções entre as linguagens <i>stylesheet</i> : CSS e XSL.....	71
QUADRO 12 – Acervo do CDH/FURG.....	88
QUADRO 13 – Requisitos para geração de imagens master (fotografias P & B e coloridas).....	105
QUADRO 14 – Requisitos para geração de imagens derivativas (visualização no monitor ou <i>Thumbnail</i>)	107
QUADRO 15 – Tempo gasto na digitalização do Acervo Fotográfico Rheingantz ..	107
QUADRO 16 – Hardware e software utilizado na digitalização.....	108
QUADRO 17 – Elementos descritivos do Manual da BN (desenvolvido a partir do capítulo 8 do AACR2) em relação à NOBRADE	112
QUADRO 18 – Padronização da data crônica: elemento Data da Imagem	114
QUADRO 19 – Quantidade e Designação Genérica - lista autorizada.....	115
QUADRO 20 – Estado de conservação de documentos fotográficos	120
QUADRO 21 – Estrutura das políticas e procedimentos sugeridos ao CDH.....	142

LISTA DE FIGURAS

FIGURA 01 – Patrimônio Cultural	25
FIGURA 02 – Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e os acervos fotográficos na perspectiva do patrimônio cultural e documental	33
FIGURA 03 – Ciclo de vida, teoria das três idades e valores.....	40
FIGURA 04 – Modelo dos níveis de descrição.....	47
FIGURA 05 – Camadas da Web Semântica	74
FIGURA 06 – Modelo de dados RDF	77
FIGURA 07 – Instalações da Fábrica Rheingantz e Vila Operária.....	92
FIGURA 08 – Cassino dos Mestres, supostamente, na década de 1970	99
FIGURA 09 – Cassino dos Mestres em julho de 2009.....	100
FIGURA 10 – Cassino dos Mestres em fevereiro de 2010.....	100
FIGURA 11 – Álbum do Acervo Fábrica Rheingantz.....	103
FIGURA 12 – Níveis de descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz.....	104
FIGURA 13 – Níveis de descrição e instrumentos de pesquisa.....	110
FIGURA 14 – Screenshot do editor XML EditX Free XML Editor 2010	129
FIGURA 15 – Organização da descrição multinível.	130
FIGURA 16 – CDH: pontos de melhoria e alternativas de aprimoramento	140
FIGURA 17 – Instrumentos produzidos na documentação de processos	141

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

AACR	<i>Anglo American Cataloging Rules</i>
AACR2	<i>Anglo American Cataloging Rules, Second Edition</i>
ABNT	Associação Brasileira de Normas Técnicas
AJAX	<i>Asynchronous JavaScript And XML</i>
ANSI	<i>American National Standards Institute</i>
ARMReN	<i>Archives and Records Management Research Network</i>
ARPA	<i>Advanced Research Projects Agency</i>
ARPANET	<i>Advanced Research Projects Agency Network</i>
BN	Biblioteca Nacional
CALCO	Catálogo Legível por Computador
CanMARC	<i>Canada Machine Readable Cataloging</i>
CBU	Controle Bibliográfico Universal
CDD	Classificação Decimal de Dewey
CDH	Centro de Documentação Histórica
CDU	Classificação Decimal Universal
CERN	<i>Conceil Européen por la Recherche Nucléaire</i>
CIA	Conselho Internacional de Arquivo
CIDOC	Comitê Internacional do ICOM para Documentação
CONARQ	Conselho Nacional de Arquivos
CSS	<i>Cascade Style Sheet</i>
CTNDA	Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística
DAML	<i>DARPA Agent Markup Language</i>
DBH	Departamento de Biblioteconomia e História
DBTA	Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística
DC	<i>Dublin Core</i>
DoD	<i>Department of Defense</i>
DTD	<i>Data Type Definition</i>
EAC	<i>Encoded Archival Context</i>
EAD	<i>Encoded Archival Description</i>
e-ARQ	Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos

FGDC	<i>Contentment Standards for Digital Geospatial Metadata</i>
FTP	<i>File Transfer Protocol</i>
FURG	Universidade Federal de Rio Grande
GILS	<i>Government Information Locator Service</i>
GML	<i>Generalized Markup Language</i>
GNU	<i>GNU is Not Unix</i>
GPL	<i>GNU Public License</i>
HTML	<i>HiperText Markup Language</i>
HTTP	<i>HyperText Transfer Protocol</i>
IBM	<i>International Business Machines</i>
ICHI	Instituto de Ciências Humanas e da Informação
ICOM	<i>International Council of Museums</i>
IDC	<i>International Data Corporation</i>
IFLA	Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias
IMS	<i>Instruction Management System</i>
INDECS	<i>Interoperability of Data in Commerce Systems</i>
InterMARC	<i>International Machine Readable Cataloging</i>
IPHAN	Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
ISAAR(CPF)	<i>International Standard Archival Authority Record for Corporate Bodies, Persons, and Families</i>
ISAD(G)	<i>General International Standard Archival Description</i>
ISBD	<i>International Standard of Bibliographical Description</i>
ISDF	<i>International Standard for Describing Functions</i>
ISDIAH	<i>International Standard for Describing Institutions with Archival Holdings</i>
ISO	<i>International Organization for Standardization</i>
LC	<i>Library of Congress</i>
LILACS	Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde
MAD	<i>Manual of Archival Description</i>
Manual da BN	Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos
MARC	<i>Machine Readable Cataloging</i>
MathML	<i>Mathematical Markup Language</i>
MIT/LCS	<i>Massachusetts Institute of Technology, Laboratory for Computer Science</i>

NISO	<i>National Information Standards Organization</i>
NOBRADE	Norma Brasileira de Descrição Arquivística
OCLC	<i>On-line Computer Library Center</i>
OIL	<i>Ontology Inference Language</i>
OWL	<i>Web Ontology Language</i>
PICS	<i>Platform for Internet Content Selection</i>
PMA	<i>Photo Marketing Association International</i>
PRAE	Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis
PROEXC	Pró-Reitoria de Extensão e Cultura
PROGEP	Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas
PROGRAD	Pró-Reitoria de Graduação
PROINFRA	Pró-Reitoria de Infra-estrutura
PROPESP	Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação
PROPLAD	Pró-Reitoria de Planejamento e Administração
RDF	<i>Resource Description Framework</i>
RLIN	<i>Research Library Information Network</i>
SGML	<i>Standard Generalized Markup Language</i>
SGV	<i>Scalable Vector Graphics</i>
SHOE	<i>Simple HTML Ontology Extensions</i>
TELNET	<i>Teletype Network</i>
UGC	<i>User-Generated Cataloging</i>
UKMARC	<i>United Kingdom Machine Readable Cataloging</i>
UNESCO	Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura
UNISIST	<i>UNESCO's World Scientific Information Programme</i>
URI	<i>Universal Resource Identifier</i>
URL	<i>Universal Resource Locator</i>
USMARC	<i>United States Machine Readable Cataloging</i>
VHS	<i>Video Home System</i>
W3C	<i>World Wide Web Consortium</i>
WAN	<i>Wide Area Network</i>
WWW	<i>World Wide Web</i>
XHTML	<i>eXtensible HiperText Markup Language</i>
XLink	<i>XML Linking Language</i>
XML	<i>eXtensible Markup Language</i>

XOL	<i>XML based Ontology Echange Language</i>
XPath	<i>XML Path Language</i>
XQuery	<i>XML Query Language</i>
XSL	<i>eXtensible Stylesheet Language</i>
XSLT	<i>XSL Transformations</i>

LISTA DE APÊNDICES

APÊNDICE A – Identificação encontrada nos álbuns do Acervo Fotográfico Rheingantz	157
APÊNDICE B – Descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz (Coleção)	162
APÊNDICE C – Vocabulário controlado desenvolvido para o Acervo Fotográfico Rheingantz	168
APÊNDICE D – Descrição do dossiê Prédio e Casas do Acervo Fotográfico Rheingantz	170
APÊNDICE E – Descrição dos itens documentais do dossiê Prédio e Casas, da Coleção Fotográfica Rheingantz.	178
APÊNDICE F – Manual para codificação de descrições NOBRADE em EAD	266
APÊNDICE H – Procedimento para estudo de Usuário no CDH.....	340

LISTA DE ANEXOS

ANEXO A – Listagem de processos fotográficos (Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos, 1992, p. 22).	348
---	-----

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	18
1. ACERVOS FOTOGRÁFICOS DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS NA PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL.....	23
1.1 Do patrimônio cultural ao patrimônio documental	23
1.2 Fotografia: imagem e fonte de informação.....	28
1.3 O tratamento e a preservação do patrimônio documental: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.....	32
1.4 O patrimônio documental e os usuários.....	35
2. PROCEDIMENTOS E MÉTODOS DA ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA PARA ACERVOS FOTOGRÁFICOS	38
2.1 Arquivologia: descrição de arquivos fotográficos.....	38
2.2 Representação descritiva em bibliotecas	53
2.3 Documentação museológica.....	58
3. WEB SEMÂNTICA, WEB 2.0 E O ACESSO AOS RECURSOS INFORMACIONAIS DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL.....	65
3.1 World Wide Web - WWW.....	65
3.1.1 Como funciona a Web	67
3.1.2 Linguagens de marcação de texto para Internet.....	68
3.1.2.1 <i>HyperText Markup Language</i> – HTML.....	68
3.1.2.2 <i>eXtensible Markup Language</i> - XML.....	69

3.2 Web Semântica	72
3.2.1 A representação e a evolução do conhecimento	75
3.2.2 Ontologias.....	77
3.2.3 Agentes.....	79
3.2.4 Metadados	79
3.3 Web 2.0	81
3.4 A internet e o acesso aos recursos informacionais – o padrão <i>Encoded Archival Description</i>	84
4. DESCRIÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO RHEINGANTZ: CATÁLOGO DO DOSSIÊ PRÉDIO E CASAS	87
4.1 Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves	87
4.2 A Fábrica Rheingantz e a comunidade Rio-grandina	89
4.3 Acervo Fotográfico Rheingantz	101
4.4 Descrição do acervo	108
4.4.1 Tratamento da coleção e suas implicações no processo descritivo	108
4.4.2 Definição de padrões descritivos	110
4.4.2.1 NOBRADE: elemento Título	112
4.4.2.2 NOBRADE: elemento Data(s).....	113
4.4.2.3 NOBRADE: elemento Dimensão e Suporte.....	114
4.4.2.4 NOBRADE: elemento Procedência.....	117
4.4.2.5 NOBRADE: elemento Âmbito e Conteúdo.....	117
4.4.2.6 NOBRADE: elementos Condições de Acesso e Condições de Reprodução	118
4.4.2.7 NOBRADE: elementos Existência e Localização de Originais e Existência e Localização de Cópias.....	118
4.4.2.8 NOBRADE: elemento Nota Sobre Publicação	119
4.4.2.9 NOBRADE: elemento Nota Sobre Conservação	119
4.4.2.10 NOBRADE: elemento Notas Gerais.....	120
4.4.2.11 NOBRADE: elemento Nota do Arquivista	122
4.4.2.12 NOBRADE x Manual BN: dubiedades	123
4.4.3 Descrição no nível de coleção	123
4.4.4 Descrição no nível de dossiê	126
4.4.5 Descrição no nível de item documental	128
4.4.6 Codificação da descrição.....	128
5. A INTEGRAÇÃO DE PADRÕES DE METADADOS NA DESCRIÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO RHEINGANTZ	132
5.1 Particularidades da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e a produção de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos	132

5.2 A integração de padrões nas descrições do Acervo Fotográfico Rheingantz	136
5.3 A divulgação das descrições em meio digital	137
5.4 O usuário: além de beneficiário, agente do processo descritivo	138
5.5 Aprimoramentos sugeridos ao CDH.....	139
CONSIDERAÇÕES FINAIS	144
REFERÊNCIAS.....	147
APÊNDICES	156
ANEXOS	347

INTRODUÇÃO

No intuito de conhecer o passado recorre-se às mais variadas fontes: construções, cidades antigas, manifestações artísticas populares ou eruditas, depoimentos orais que resistem ao tempo, objetos (móveis, vestuário, eletrodomésticos, entre outros), livros, revistas, jornais, certidões, contratos, relatórios, enfim, todo material que revele informações do passado e que acabam por formar um conjunto de artefatos variados, herdados e preservados de geração a geração, ao longo da história humana.

Este legado constituído de bens materiais e imateriais constitui o que se denomina patrimônio cultural da humanidade. Trata-se de um conjunto de elementos de natureza diversa que podem assumir maior ou menor grau de importância para diferentes grupos, ou ainda, podem ter uma relevância local, regional ou internacional, devendo, portanto, ser descobertos, preservados e disponibilizados como fonte de pesquisa para todos aqueles que se interessam pelo estudo e conhecimento da trajetória da humanidade sobre a Terra.

A gestão e preservação do patrimônio cultural requerem, desta forma, uma abordagem holística que integre as inúmeras manifestações deste elemento multifacetado, congregando diferentes profissionais e áreas do conhecimento, podendo-se trabalhar na perspectiva de patrimônio arquitetônico, arqueológico, paleontológico, paisagístico, artístico, documental, entre outros.

Assim como patrimônio cultural, o patrimônio documental caracteriza-se pela polivalência advinda dos vários materiais e possibilidades de registro da informação. Sua composição é dada por itens e/ou conjuntos documentais, dos mais variados formatos, gêneros e suportes, como por exemplo: manuscritos, livros, jornais, cartazes, desenhos, gravuras, mapas, partituras, filmes, discos, fitas, fotografias; registrados em suportes analógico ou digital, por meios mecânicos ou eletrônicos.

As fotografias produzidas e acumuladas em diferentes épocas são bens que compõem o patrimônio documental. Na fotografia, a imagem é a linguagem utilizada para a comunicação das informações registradas. Constitui-se da reprodução objetiva do mundo real através do registro dos fatos capturados e congelados pelo ato fotográfico. Pode ser utilizada por usuários de arquivos e coleções fotográficas

como fonte de informação e conhecimento sobre um objeto de investigação podendo, inclusive, despertarem diferentes sentimentos. Isto confere à fotografia grande valor documental.

Os conjuntos fotográficos apresentam especificidades advindas da linguagem utilizada para veicular a informação e também dos processos e equipamentos utilizados para sua produção, da daguerreotipia à fotografia digital. Estas especificidades apontam para a necessidade de aprimorar os métodos utilizados em seu tratamento, aperfeiçoando a gestão dos arquivos e coleções fotográficas, garantindo sua conservação e proporcionando a maximização do acesso e o intercâmbio de informações.

Neste sentido, observa-se a existência de procedimentos e métodos da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia relacionados ao tratamento destes acervos, destacando-se os que se relacionam ao desenvolvimento de mecanismos que possibilitam a recuperação/localização das informações favorecendo, com isto o acesso dos usuários de acervos fotográficos de arquivos, bibliotecas e museus. Os métodos de trabalho destas áreas implicam na produção de metadados gerados por padrões próprios, como é o caso, por exemplo, da NOBRADE na Arquivologia e do AACR2 na Biblioteconomia. Estes padrões refletem as particularidades das áreas de estudo das quais emanam, apresentando vantagens e desvantagens na descrição de acervos fotográficos.

Dziekaniak (2006) ao estudar padrões de metadados utilizados por comunidades científicas constata que

de modo geral, cada comunidade científica (dentre as pesquisadas) desenvolve padrões de metadados para uso próprio, sem consultar ou experimentar padrões de áreas correlatas. Em comunidades que pouco aproximam dados e objetivos, isto é compreensível. Porém, no caso da biblioteconomia e da arquivística, poderia haver a reunião de esforços a fim de evitar tentativas isoladas. (..). Reforça-se essa idéia porque o uso de um mesmo padrão gera entendimento entre os membros de uma dada comunidade, que, por conseqüência, torna-se um facilitador da geração de ambiente propício ao desenvolvimento de conhecimento. (DZIEKANIAK, 2006, p. 241).

Neste ponto, a integração de padrões entre a Arquivologia, Biblioteconomia e a Museologia pode desenvolver o corpo teórico das áreas, bem como aprimorar o procedimento descrição de arquivos e coleções fotográficas, favorecendo o acesso dos mesmos.

Do ponto de vista do acesso aos acervos, encontra-se na tecnologia da informação apoio fundamental para a disponibilização dos documentos, por meio de

soluções que viabilizam o acesso automatizado de maneira local ou remota. Pode-se empregar nos arquivos fotográficos mecanismos relacionados à digitalização de imagens que além de ampliar o acesso favorece a preservação do original. Fotografias (digitais, digitalizadas ou em suporte analógico), podem ser descritas de acordo com formatos eletrônicos que favoreçam a publicação das descrições na *Web*, o intercâmbio de informações entre diferentes instituições e ainda a interoperabilidade entre aplicações, por meio da utilização de padrões como o *Encoded Archives Description* (EAD). Pode-se ainda, considerar o uso de recursos que favoreçam a interação do usuário com o arquivo ou coleção fotográfica.

Neste cenário, apresenta-se o problema de pesquisa deste trabalho: qual a possibilidade de integração de padrões de metadados da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, no desenvolvimento de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos favorecendo o usuário na recuperação de fotografias?

Assim, o presente estudo visa analisar a possibilidade de integração de padrões de metadados no desenvolvimento de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos, favorecendo o usuário na recuperação das imagens desejadas.

Em termos específicos, apresentar os acervos fotográficos no âmbito do patrimônio documental, compreendendo suas particularidades bem como as áreas do conhecimento que atuam em seu tratamento no intuito de viabilizar seu acesso e utilização por parte dos usuários; analisar procedimentos, métodos e padrões da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, passíveis de serem utilizados na elaboração de instrumentos que possibilitem a recuperação/localização de fotografias; estudar os preceitos e aplicações da *Web-Semântica* e *Web 2.0* no intuito de utiliza-los como ferramentas de divulgação de descrições de acervos e; elaborar descrições para o Acervo Fotográfico Rheingantz, analisando-se a possibilidade de integração de padrões de metadados das áreas de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e possibilitando a divulgação destas descrições.

Neste sentido, o trabalho justifica-se pela análise da possível interação entre as áreas, do ponto de vista teórico e metodológico, favorecendo o aprimoramento dos métodos utilizados no âmbito do patrimônio documental para elaboração de instrumentos de pesquisa para fotografias.

Do ponto de vista do local da realização do trabalho, deve-se destacar que o que o CDH é um espaço profícuo à realização de práticas pedagógicas reunindo alunos da Arquivologia, Biblioteconomia e História, orientadas por ideais inter e

transdisciplinares, que possibilitem a interação entre a teoria e a prática (anseio comum aos mais variados grupos discentes) e a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão – princípio curricular estabelecido no Projeto Político-Pedagógico da FURG¹. Desta forma, o estudo desenvolvido neste trabalho pode ser retomado e aperfeiçoado.

No que diz respeito à cidade, as ações desenvolvidas neste trabalho revelam parte de seu patrimônio cultural, endossando o posicionamento do CDH junto à mobilização de diferentes segmentos da comunidade rio-grandina, sensibilizados pelo adiantado estágio de degradação das instalações da Fábrica Rheingantz e de parte dos componentes de sua vila operária.

A metodologia empregada ao longo deste estudo, caracterizado por sua abordagem qualitativa pautou-se, inicialmente, por uma pesquisa bibliográfica acerca de subsídios teóricos relacionadas à: patrimônio cultural; patrimônio documental; fotografia; áreas do conhecimento que atuam no tratamento e preservação do patrimônio documental (Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia), destacando-se seus métodos para elaboração de instrumentos de pesquisa e; ferramentas para divulgação de instrumentos de pesquisa na Web.

Em seguida, no intuito de analisar a viabilidade de integração de padrões de metadados na produção de instrumentos de pesquisa, recorreu-se a pesquisa descritiva para analisar o processo de desenvolvimento do catálogo do dossiê “Prédios e Casas” do Acervo Fotográfico Rheingantz.

Deste modo, no primeiro capítulo intitulado “acervos fotográficos de arquivos, bibliotecas e museus na perspectiva do patrimônio documental” apresentam-se uma noção de patrimônio cultural e patrimônio documental; a fotografia enquanto imagem e fonte de informação; as áreas que atuam na gestão, preservação e difusão do patrimônio documental e, conseqüentemente, nos acervos fotográficos e; por fim, o usuário e suas possibilidades frente ao patrimônio documental.

No segundo capítulo intitulado “procedimentos e métodos de Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia para elaboração de instrumentos de pesquisa para

¹ Além da indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, o Projeto Político-Pedagógico (2004, p. 17 – 21) também estabelece como princípios curriculares: a intencionalidade, a unidade entre teoria e prática, a flexibilidade, a interdisciplinaridade e, a contextualização. O trabalho conjunto de acadêmicos e professores dos cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e História nas ações de aprimoramento constitui-se em iniciativas que demonstram a efetivação destes princípios.

acervos fotográficos”, estudaram-se os procedimentos de descrição arquivística, representação descritiva e documentação museológica.

No terceiro capítulo intitulado “Web Semântica, Web 2.0 e o acesso aos recursos informacionais do patrimônio documental” apresentam-se recursos possíveis de serem utilizados para divulgar instrumentos de pesquisa na Web, destacando-se o *Encoded Archives Description* (EAD).

No quarto capítulo apresenta-se a “Descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz: catálogo do dossiê Prédio e Casas”. Inicialmente, o referido acervo é contextualizando em sua instituição de custódia, no tratamento dispensado e, em relação ao tema que representa. Em seguida, apresenta-se a análise da equivalência semântica dos elementos descritivos da NOBRADE e do AACR2 constantes no Manual da BN. E, por fim, o processo de descrição e sua respectiva codificação.

No quinto capítulo apresentam-se ponderações realizadas a partir da integração dos padrões e do desenvolvimento das descrições e, por fim, as considerações finais.

De antemão, destaca-se que o presente trabalho não pretende esgotar o tema em estudo; muito pelo contrário, almeja-se que ele atue como um elemento instigador à realização de novas pesquisas e trabalhos nesta área.

1. ACERVOS FOTOGRÁFICOS DE ARQUIVOS, BIBLIOTECAS E MUSEUS NA PERSPECTIVA DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL

1.1 Do patrimônio cultural ao patrimônio documental

Entende-se como algo natural ao ser humano a vontade de conhecer o passado, por simples curiosidade a respeito dos hábitos e costumes de uma época ou para tentar compreendê-lo e estabelecer relações com o presente. Esta prática, quando estimulada, fortalece a cultura e a identidade dos indivíduos e/ou grupos envolvidos no processo histórico.

Neste sentido, a origem e a evolução do conceito de patrimônio cultural são apresentadas por Funari e Pelegrini (2006) na obra *Patrimônio Histórico Cultural*, onde os autores evidenciam as percepções de patrimônio no mundo (do indivíduo à coletividade) em diferentes épocas, abordando, inclusive, questões atuais relacionadas à gestão do patrimônio cultural, os desafios da preservação na era digital e as iniciativas e políticas patrimoniais na América Latina e no Brasil.

Em linhas gerais, a noção de patrimônio está atrelada à intenção de transmitir de geração a geração, informações relacionadas ao comportamento, às crenças, instituições e valores sob o ponto de vista moral e material, na perspectiva do que HORTA denomina como processo cultural. Assim, ao discutir patrimônio cultural e cidadania, a autora afirma que a condição primordial para que o processo cultural venha a acontecer é a existência do patrimônio cultural, ou seja, é fundamental a preservação do

que foi acumulado e herdado dos pais, dos ancestrais. Uma “herança” de conceitos, valores e práticas, representados concretamente por palavras, sons, ritmos, gestos, expressões faciais e corporais, rituais, histórias e lendas, tecnologias e práticas, imagens, coisas, artefatos, construções e monumentos (HORTA, 2000, p. 15).

No Brasil a preocupação com a preservação do patrimônio cultural remonta ao início do Século XX e pode ser considerada recente se comparada às discussões e iniciativas de outros países², principalmente da Europa. A expressão patrimônio cultural, hoje amplamente empregada no meio acadêmico e social, começou a ser

² Além do livro de FUNARI E PLEGRINI (2006), na obra “A alegoria do patrimônio” de Françoise Choay pode-se acompanhar a evolução do que se discute hoje em termos de patrimônio cultural.

utilizada por volta de 1970 e sua formalização ocorreu efetivamente quando foi absorvida pela legislação brasileira na Constituição Federal de 1988.

Analisando-se os dispositivos legais produzidos ao longo do Século XX, observa-se que a composição do patrimônio cultural brasileiro foi referenciada e revista em diferentes momentos. Inicialmente, em 1937, no governo do Presidente Getúlio Vargas, o decreto lei 25 – art. 1º estabelece a composição do patrimônio histórico e artístico nacional. Este decreto marca a criação do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN. A Constituição Federal de 1946, ao regulamentar questões relacionadas à educação e cultura, afirmava que “a cultura é dever do Estado” e que “as obras, monumentos e documentos de valor histórico e artístico, bem como os monumentos naturais, as paisagens e os locais dotados de particular beleza ficam sob a proteção do Poder Público” (Constituição Federal de 1946, art. 174 e art. 175). A Constituição Federal de 1967, promulgada em meio à ditadura militar, manteve a definição de que “a cultura é dever do estado”, ao tratar de “família, educação e cultura” (Constituição Federal de 1967, art. 172). Porém, ao citar os elementos que, em função de seu valor, deviam ficar sob a proteção especial do Poder Público, acrescenta as jazidas arqueológicas junto aos demais elementos mencionados na Constituição de 1946.

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN)³, atualmente vinculado ao Ministério da Cultura, é o órgão brasileiro que atua em benefício da proteção do patrimônio cultural por meio da fiscalização, proteção, identificação, restauração, preservação e revitalização dos bens, garantindo, desta forma, a preservação de um importante legado para gerações futuras.

Considerando-se a diversidade dos bens, Bittencourt (2002) chama atenção para o fato de que o patrimônio cultural engloba acervos de proporções incomensuráveis e heterogêneas de bens móveis e/ou imóveis, formas de fazer (erudita ou popular, urbana ou rural), artefatos (artesanais e/ou industriais), estruturas arquitetônicas, monumentos (naturais ou construídos pelo homem) entre tantos outros objetos que, de alguma forma, asseguram a preservação e a construção da memória social.

³ No site <http://www.iphan.gov.br>, é possível conhecer os objetivos, políticas e ações desenvolvidas pelo IPHAN, e ter acesso a um importante aporte teórico para a área de patrimônio, disponível em artigos, revistas e demais documentos disponíveis no site.

Conseqüentemente, a gestão e preservação do patrimônio cultural, da forma como apresentado, requer uma abordagem holística, que atenda integralmente as inúmeras manifestações deste elemento multifacetado. Para tanto, o IPHAN estabelece no plano conceitual a categorização dos bens que compõem o patrimônio cultural, conforme esquema apresentado no FIGURA 01, desenvolvido a partir de suas definições.

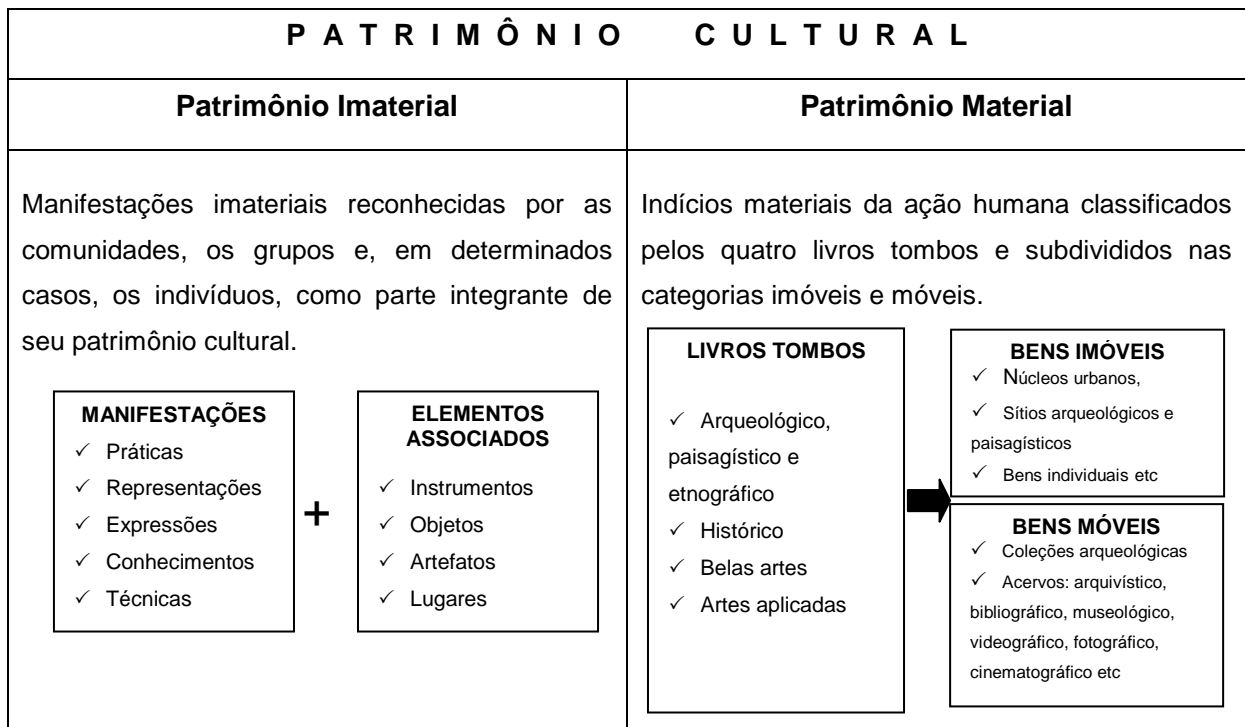


FIGURA 01 - Patrimônio Cultural

Fonte: desenvolvido a partir do estudo das definições estabelecidas pelo IPHAN.

A gama de bens contemplados pelo IPHAN possibilita a identificação de subconjuntos do patrimônio cultural, interdependentes entre si e característicos de suas manifestações. Desta forma, subentende-se a existência do patrimônio artístico, arqueológico, arquitetônico, paleontológico, paisagístico e, entre outros, o documental.

A compreensão efetiva do que se entende por patrimônio documental, perpassa o entendimento de que o conceito de documento é a informação registrada em um suporte que viabilize sua visualização/comunicação. A informação, elemento substancial do documento, é objeto de estudo de uma área em ascensão denominada Ciência da Informação definida como

uma ciência social que investiga os problemas, temas e casos relacionados ao fenômeno info-comunicacional perceptível e cognoscível através da confirmação ou não das propriedades inerentes à gênese do fluxo, organização e comportamento informacionais (origem, coleta, organização, armazenamento, recuperação, interpretação, transmissão, transformação e utilização da informação (SILVA, 2006, p. 141).

Ao longo de suas pesquisas, Silva (2006) apresenta a origem e o desenvolvimento dos preceitos teóricos que envolvem a Ciência da Informação, defendendo seu caráter inter e transdisciplinar que congrega, em primeiro plano, a Arquivologia e a Biblioteconomia, entre outras áreas das ciências sociais e humanas. O autor também discute o caráter de metaciência da área, chamando atenção para o fato de que há uma diferença conceitual entre autores que se referem às “Ciências da Informação” e à “Ciência da Informação”. Neste estudo, trabalha-se também em uma perspectiva interdisciplinar entre as áreas referidas por SILVA, porém, num recorte delineado pelo patrimônio cultural e documental. Foge a este escopo uma análise detalhada da questão, contudo, parece inconcebível não mencioná-la.

Assim como o patrimônio cultural, o patrimônio documental contempla inúmeras manifestações, cuja origem pode ser atribuída às diferentes configurações possíveis de serem realizadas entre os elementos constitutivos do documento (QUADRO 01).

Elemento	Definição
Suporte	Material no qual são registradas as informações
Formato	Conjunto das características físicas de apresentação, das técnicas de registro e da estrutura da informação e conteúdo de um documento.
Gênero	Reunião de espécies documentais que se assemelham por seus caracteres essenciais, particularmente o suporte e o formato, e que exigem processamento técnico específico e, por vezes, mediação técnica para acesso.
Espécie	Divisão de gênero documental que reúne tipos documentais por seu formato.

QUADRO 01 - Elementos constitutivos do documento.

Fonte: Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

Desta forma, o patrimônio documental contempla a diversidade de:

- bases para registro da informação desenvolvidas ao longo da história⁴, das tabuinhas de argila ao papel e às mídias eletrônicas e digitais;
- peculiaridades físicas do suporte advindas do modo como o documento foi produzido como por exemplo, caderno, cartaz, folha, livro, mapa, rolo de filme, entre outros;
- sistema de signos predominante no documento característico do suporte utilizado como, por exemplo, documentos audiovisuais, bibliográficos, cartográficos, eletrônicos, filmográficos, iconográficos, micrográficos e textuais;
- combinações de tipo e formato como por exemplo, atas, cartas, decretos, discos, filmes, folhetos, fotografias, memorandos, ofícios, plantas, relatórios etc.

A partir da análise destes elementos, pode-se compreender a pluralidade de registros que compõem o patrimônio documental, um legado para comunidades presente e futura, formado por registros informacionais que representam a evolução do pensamento, as descobertas, e tantas outras realizações da humanidade.

A preservação do patrimônio documental é fomentada internacionalmente pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (UNESCO) através do Programa Memória do Mundo, criado em 1992 com a missão de “aumentar a consciência e a proteção do patrimônio documental mundial e conseguir sua acessibilidade universal e permanente” partindo do princípio de que o

patrimônio documental mundial pertence a todos, deveria ser plenamente preservado e protegido para todos e, com o devido respeito aos hábitos e práticas culturais, deveria ser acessível para todos de maneira permanente e sem obstáculos. (Memória do Mundo: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental, p. 9)

O “Registro da Memória do Mundo”⁵ criado em 1995, componente de maior visibilidade do Programa, atende ao princípio fundamental de conscientização da importância do patrimônio documental, constituído por itens, coleções e fundos documentais de arquivos, bibliotecas, museus entre outras instituições, enquanto herança mundial a ser preservada e cujo acesso deve ser favorecido por meio dos mais variados recursos.

Na perspectiva do patrimônio cultural e documental, que contempla uma diversidade de bens, inserem-se os acervos fotográficos, cuja função pode estar

⁴ SILVA (1998) ao abordar a origem e evolução do conhecimento arquivístico, apresenta diferentes suportes documentais, da Idade Antiga aos dias atuais.

⁵Maiores informações sobre o programa disponíveis em acesso em: <http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=91>. Acesso em: jul. 2009.

concomitantemente associada ao registro do patrimônio cultural e/ou à constituição de um subconjunto do patrimônio documental.

O viés de registro do patrimônio cultural expressa o caráter documental da fotografia direcionado ao apontamento dos bens em suas diversas manifestações. O registro de hábitos e costumes de um grupo social; o levantamento fotográfico e cadastro de edificações, de sítios arqueológicos, de sítios paleontológicos, de artefatos variados em museus são práticas que evidenciam o uso da fotografia como agente de gestão e preservação do patrimônio cultural. Em função disto, as imagens preservadas nos acervos fotográficos contem um reconhecido valor documentário

importante para os estudos específicos nas áreas de arquitetura, antropologia, etnologia, arqueologia, história social e demais ramos do saber, pois representam um meio de conhecimento da cena passada e, portanto, uma possibilidade de resgate da memória visual do homem e de seu entorno cultural. (KOSSOY, 2001, p. 55).

Por outro lado, as fotografias produzidas e acumuladas em diferentes épocas são um subconjunto do patrimônio documental, formado a partir de registros de informação iconográfica e/ou audiovisual constituindo-se em um forte atrativo para pesquisadores de arquivos, bibliotecas e museus ávidos por representações imagéticas da realidade pois

o fragmento da realidade gravado na fotografia representa o congelamento do gesto e da paisagem, e portanto a perpetuação de um momento, em outras palavras, da memória: memória do indivíduo, da comunidade, dos costumes, do fato social, da paisagem urbana, da natureza. A cena registrada na imagem não se repetirá jamais. O momento vivido, congelado pelo registro fotográfico, é irreversível. (KOSSOY, 2003, p. 161).

Diante do exposto, na perspectiva do patrimônio cultural e documental os conjuntos fotográficos constituem-se em um importante legado para as gerações atuais e futuras, com particularidades próprias advindas principalmente de seu gênero e formato. Devem, portanto, ser geridos, preservados e disponibilizados aos usuários para que desta forma, indivíduos de diferentes épocas disponham de registros visuais que permitam o entendimento do processo cultural que o antecedeu.

1.2 Fotografia: imagem e fonte de informação

Em meio às inúmeras manifestações do patrimônio documental, apresentam-se as fotografias, em suporte convencional e/ou digital, integrantes de acervos de

arquivos, bibliotecas e museus. Manini (2008) ao analisar as diferenças entre elas afirma que

Quando se observa uma fotografia convencional ou tradicional é fácil perceber que o papel emulsionado (suporte) e o conteúdo informacional, (imagem formada mediante processos físicos, químicos e ópticos) que a compõe são inseparáveis. No caso das fotografias digitais, o suporte (magnético ou óptico) é uma parte física separada do conteúdo. (MANINI, 2008, p. 138).

O binômio suporte versus informação, comum ao patrimônio documental, apresenta particularidades sob o ponto de vista dos acervos fotográficos, que devem ser devidamente compreendidas por arquivistas, bibliotecários e museólogos, principalmente no que diz respeito ao tratamento das imagens pois a

realização efetiva e apropriada desses processos, é importante que o profissional da informação que lida com fotografias tenha conhecimentos básicos de processamentos fotográficos históricos e de técnica e linguagem fotográficas, para que o tratamento documental e a análise documentária de imagens não sofram prejuízos a serem repassados ao usuário. MANINI (2008, p. 134)

A partir disto, Manini (2008) apresenta a evolução das técnicas de obtenção de imagem desde as primeiras descobertas (de Joseph Nicéphore Niépce, em 1826; Hercules Florence, 1833; Louis-Jacques Mandé Daguerre, que descobriu o daguerreótipo, em 1835, e cuja divulgação ocorreu apenas em 1839; William Henry Fox Talbot, em 1835) aos primeiros acontecimentos no ramo dos equipamentos fotográficos eletrônicos e digitais seguidos de uma detalhada análise da estrutura do suporte utilizado pelos diferentes processos fotográficos, dos fatores de deterioração dos materiais fotográficos, acondicionamento e guarda.

A autora chama atenção para o fato de que “pouco adiantará o exclusivo tratamento dos suportes fotográficos se não se proceder a uma adequada organização das informações contidas na imagem e também, por vezes, no objeto fotográfico” (Manini, 2008, 156). Em função disto apresenta métodos para a análise da informação registrada na fotografia, facilitando a identificação do resumo e a indexação das imagens.

A despeito do suporte, analógico ou digital, recorre-se às fotografias para lembrar e/ou obter informação sobre um objeto, fato ou situação. Embora memória e história estejam vinculadas à idéia de fatos passados e o senso comum os opere em grau de equivalência, não são sinônimos.

Por isto, Motta (1998) parte da conceituação dos termos para apresentar a diferença entre eles. Para a autora, a memória se alimenta de lembranças em determinados momentos vagas e até mesmo contraditórias, sem oferecer, necessariamente, críticas às fontes que a fundamentam. Muitas vezes é positiva e positivista, na medida em que reafirma um passado glorioso a partir de estímulos para consagração de determinados grupos.

Le Goff (1990, p. 466) ao analisar os progressos da “memória escrita e figurada” apresenta a fotografia, juntamente com os monumentos históricos no século XIX e no início do Século XX, como uma das manifestações mais importantes para a memória coletiva, atribuindo a ela a democratização da memória pelo fato de que “multiplica-a e democratiza-a, dá-lhe uma precisão e uma verdade visuais nunca antes atingidas, permitindo assim guardar a memória do tempo e da evolução cronológica”.

Entretanto, Motta (1998) lembra que no decorrer do processo de construção e preservação da memória podem ocorrer escolhas, motivadas pelas mais variadas razões e interesses, dos fatos memoráveis e também dos que podem e/ou devem ser esquecidos. É neste ponto que a autora chama atenção para uma das principais tarefas da história: deslegitimar a memória. A história caracteriza-se pela busca da representação do passado de forma crítica e reflexiva e, desta forma, muitas das pesquisas tornam-se relevantes pela investigação e recuperação de fatos perdidos pela memória.

Tanto para a preservação da memória, quanto para a construção da história, as fotografias constituem-se em fontes figurativas. Do ponto de vista historiográfico e da pesquisa de fatos passados de maneira geral

quaisquer que sejam os conteúdos das imagens devemos considerá-las sempre como fontes históricas de abrangência multidisciplinar. Fontes de informação decisivas para seu respectivo emprego nas diferentes vertentes de investigação histórica, além, obviamente, da própria história da fotografia. As imagens fotográficas, entretanto, não se esgotam em si mesmas, pelo contrário, elas são apenas o ponto de partida, a pista para tentarmos desvendar o passado. Elas nos mostram um fragmento selecionado da aparência das coisas, das pessoas, dos fatos, tal como foram (esteticamente/ideologicamente) congelados num dado momento de sua existência/ocorrência (KOSSOY, 2002, p. 21).

De acordo com Kossoy (2001, p. 47), “o artefato fotográfico, através da matéria (que lhe dá corpo) e de sua expressão (o registro visual nele contido), constitui fonte histórica” tanto para o historiador da fotografia quanto para os demais historiadores, cientistas sociais e outros estudiosos. O autor aborda a natureza

testemunhal da fotografia destacando, porém, o fato de que é um produto orientado estético e ideologicamente. A “evidência fotográfica” pode, portanto, ser considerada um “testemunho visual das aparências”.

Além de Kossoy outros autores, dos quais se destaca Machado (1984), propõem-se a desconstruir certa aura de verdade absoluta advinda da imagem obtida pelo processo fotográfico. Machado (1984) questiona o caráter de representação objetiva, realista e de evidência da fotografia, predominante no senso comum onde a imagem é um registro fiel da realidade. Para o autor a fotografia é um signo ideológico que se utiliza de meios codificadores (perspectiva, recorte, enquadramento, campo focal, profundidade de campo, sensibilidade do negativo e demais elementos constitutivos do código fotográfico) para convertê-los em fatos da cultura, ou seja, em signos ideológicos.

Desta forma, Kossoy (2001) ao admitir o potencial de pesquisa das fontes fotográficas, afirma que é necessário compreender os elementos que interagem no processo de produção da fotografia, de acordo com o QUADRO 02.

ELEMENTOS CONSTITUTIVOS	
Assunto	Tema escolhido, o referente fragmento do mundo exterior (natural, social etc.)
Fotógrafo	Autor do registro, agente e personagem do processo.
Tecnologia	Materiais fotossensíveis, equipamentos e técnicas empregados para a obtenção do registro, diretamente pela ação da luz.
COORDENADAS DE SITUAÇÃO	
Espaço	Geográfico, local onde se deu o registro.
Tempo	Cronológico, época, data, momento em que se deu o registro.

QUADRO 02 - Elementos do processo de produção da fotografia

Fonte: KOSSOY, 2001, p. 38.

Os elementos constitutivos e as coordenadas de situação relacionam-se mutuamente, constituindo-se em componentes inerentes ao processo fotográfico, cuja identificação demonstra a “gênese da fotografia, isto é, o momento preciso de sua materialização documental” (Kossoy, 2001, p. 40). Estes componentes estão diretamente ligados ao sistema de informações para registro e recuperação do documento fotográfico (a ser retomado no capítulo 2) que viabilizarão o cumprimento do potencial de pesquisa dos acervos, pois a

fotografia conecta-se a uma realidade primeira que a gerou em algum lugar e época. Porém, perdendo-se os dados sobre aquele passado, ou melhor,

não existindo informações acerca do referente que a originou, o que mais resta? Uma imagem perdida, sem identificação, sem identidade... sem história (KOSSOY, 2002, p.129).

Neste sentido, considerando-se a fotografia como fonte de informação, deve-se diferenciar iconografia de iconologia. De acordo com Kossoy (2001) a análise iconográfica

tem o intuito de detalhar sistematicamente e inventariar o conteúdo da imagem em seus elementos icônicos formativos; o aspecto literal e descritivo prevalece, o assunto registrado é perfeitamente situado no espaço e no tempo, além de corretamente identificado (KOSSOY, 2002, p.129).

Por outro lado, se a análise iconográfica está centrada na descrição da imagem, a análise iconológica propõe-se a interpretá-la, exigindo do pesquisador um sólido conhecimento do fato histórico retratado. Este processo pode resultar em múltiplas formas de compreensão de uma mesma imagem, pois a leitura das fotografias

se abre em leque para diferentes interpretações a partir daquilo que o receptor projeta de si, em função do seu repertório cultural, de sua situação socioeconômica, de seus preconceitos, de sua ideologia (KOSSOY, 2001, p. 121)

Neste cenário, onde a fotografia é apresentada como fonte de informação com grande potencial de pesquisa e sujeita a diferentes análises, aborda-se as áreas com métodos de trabalho centrados na preservação e disponibilização do patrimônio documental e, conseqüentemente, dos acervos fotográficos.

1.3 O tratamento e a preservação do patrimônio documental: Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia

Uma vez que os acervos fotográficos estejam inseridos no âmbito do patrimônio cultural e documental, depreende-se um campo de relações (FIGURA 02) que unem Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia em prol de um benefício comum: a preservação e o acesso a um legado formado por diversas manifestações humanas, das quais se destaca, neste estudo, os registros fotográficos.

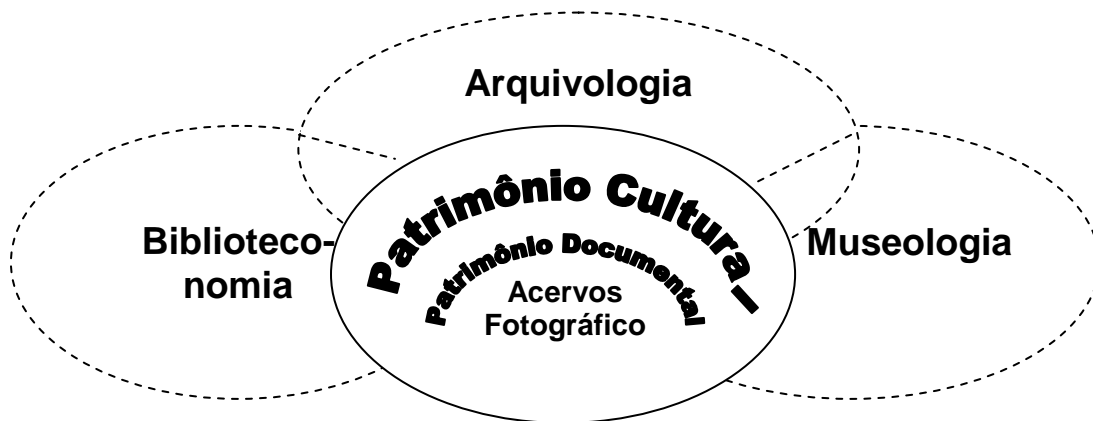


FIGURA 02 – Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e os acervos fotográficos na perspectiva do patrimônio cultural e documental

Porém, se estas áreas apresentam objetos de interesse comum, também apresentam particularidades entre si que devem ser analisadas para que, desta forma, se estabeleçam ações substanciais entre elas. A partir desta premissa, recorre-se aos estudos de Paes, Smit e Bellotto com a intenção de apontar aspectos complementares e pontos divergentes entre as áreas.

Paes (1986, 2004) ao tratar dos órgãos de documentação lembra que durante muito tempo as noções de arquivo, biblioteca e museu confundiam-se, pois as instituições funcionavam como grandes depósitos de documentos. Ao longo dos anos, a evolução histórica aliada às questões tecnológicas e culturais determinou a delimitação dos campos de atuação destas áreas que, na visão da autora, seguem compartilhando da mesma função, ou seja, a guarda de documentos, porém, de acordo com o enfoque de cada uma delas.

Contudo, na visão da autora, os arquivos diferenciam-se das bibliotecas e museus pela finalidade, pois enquanto estes atendem a um propósito essencialmente cultural, os arquivos são, primordialmente, funcionais e somente depois de cumpridas as funções primeiras, as quais determinaram a criação dos documentos sob sua custódia, os documentos passam a atender sua função histórica cultural.

Smith (1999) também analisa a interação e as particularidades de cada área no artigo “Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia – o que agrega estas atividades e o que as separa?”. Neste trabalho, a autora retoma analogia das “3 Marias”, criada em 1993, na tentativa de atingir a simplificação didática do tema, na qual ela referencia três irmãs com características físicas distintas mas com uma

mesma origem. Com isto, a autora tangencia a postura profissional e acadêmica dos profissionais destas áreas, cuja atuação, em boa parte, ignora os princípios teóricos e as metodologias das demais.

A autora afirma que o que separa estas áreas é o acervo e as atividades que dizem respeito ao gerenciamento dos “estoques informacionais”, mais precisamente, a gestão da memória, a produção de informação documentária e a mediação da informação. Por outro lado, o que une as “3 Marias” é o fato de que as áreas trabalham com a institucionalização da informação, a partir do momento que a informação preservada pelas instituições é intencionalmente considerada útil e justifica-se por fins culturais, sociais e econômicos à medida que esta informação é disponibilizada para a comunidade que financia sua guarda.

Bellotto (1991, 2004) trabalha os elementos convergentes e divergentes dos arquivos, bibliotecas, museus e centros de documentação ao tratar dos temas documento, informação e meios institucionais de custódia e disseminação. A autora parte do pressuposto que estas instituições “têm co-responsabilidade no processo de recuperação da informação, em benefício da divulgação científica, tecnológica, cultural e social, bem como o testemunho jurídico e histórico” (Bellotto, 2004, p. 35).

Entretanto, a autora destaca que tal objetivo é alcançado pela aplicação de procedimentos técnicos específicos de cada área, que atendem as particularidades de seus objetos de estudo. Desta forma, ela concentra sua atenção na análise das especificidades de cada tipo de acervo, destacando: tipo de suporte, tipo de conjunto, produtor, fins de produção, objetivo, entrada de documentos, processamento técnico e público.

Discussões acerca das diferenças e similaridades entre as áreas também se fazem presentes nas obras de Schellenberg e Alberch Fugueras.

Schellenberg (1973, 2004) estabelece um paralelo entre biblioteca e arquivo para tratar das relações existentes entre bibliotecários e arquivistas a partir da análise das diferenças entre as áreas/profissões em função do acervo e dos métodos de tratamento.

Alberch Fugueras (2003) admite a existência de um debate teórico que propõe a conciliação das distintas disciplinas no âmbito da gestão da informação, ciências da informação e documentação e, ciências do patrimônio cultural. Porém, concentra-se em diferenciar os arquivos das bibliotecas, museus e centros de

documentação analisando-os sob três pontos: gênese e reunião dos documentos, tratamento e objeto.

No que diz respeito às entidades custodiadoras do patrimônio documental e, por conseqüência, dos acervos fotográficos, cabe ainda uma definição importante que é a de centro de documentação. Segundo, Tessitore (2003), centros de documentação são entidades híbridas, formadas por diferentes tipos de acervos, e caracterizam-se por:

possuir documentos arquivísticos, bibliográficos e/ou museológicos, constituindo conjuntos orgânicos (fundos de arquivo) ou reunidos artificialmente, sob a forma de coleções, em torno de seu conteúdo; ser um órgão colecionador e/ou referenciador; ter acervo constituído por documentos únicos ou múltiplos, produzidos por diversas fontes geradoras; possuir como finalidade o oferecimento da informação cultural, científica ou social especializada e; realizar o processamento técnico de seu acervo, segundo a natureza do material que custodia. (TESSITORE, 2003, p. 14).

Diante do exposto, se estabelece um conjunto de referências que podem fundamentar discussões sobre as áreas do conhecimento distintas, com teorias, princípios e métodos próprios e que tangenciam um objeto comum: o patrimônio documental.

1.4 O patrimônio documental e os usuários

Todo esforço de profissionais que atuam na preservação do patrimônio cultural e, conseqüentemente, do patrimônio documental atendem uma função maior que está além da salvaguarda de seus componentes. Todas as iniciativas relacionadas ao processamento técnico e conservação fazem sentido na perspectiva do acesso e do uso que as gerações atuais e futuras farão destas fontes de informação.

Surge, então, a figura do usuário presente nos arquivos, bibliotecas, centros de documentação e museus. Ao revisitar a teoria arquivística, pode-se encontrar diferentes definições para o termo. Entre elas, escolheu-se a elaborada por Nagel na qual usuário é conceituado como

pessoa que consulta ou pesquisa documentos em arquivos em uma sala de pesquisa ou sala de leitura. É o público externo dos arquivos, também chamado pesquisadores, consulente, leitores, clientes. Juridicamente o usuário é titular do direito de uso (jus utendi) que, destacado da propriedade, lhe atribui a faculdade de utilizar-se de coisas alheias para dela retirar e fruir proveitos que atendam às suas necessidades, também chamado de utente ou leitor. (NAGEL, 1991, p. 67).

Trata-se de uma abordagem ampla cujo foco central, comum às demais definições, converge para a noção de indivíduos que se utilizam das informações contidas nos acervos arquivísticos. Esta idéia, salvo as especificidades dos acervos no que tange a origem e finalidade, pode ser expandida e associada à realidade de bibliotecas, museus e, em particular neste trabalho, a centros de documentação.

A identificação dos tipos de usuários visa conhecer as características comuns entre indivíduos que buscam e utilizam informações, que podem variar de acordo com as necessidades dos usuários e com as características do acervo e da instituição mantenedora. Neste sentido, a partir da pesquisa de Blaya Perez (2004) relacionada ao estudo dos usuários de acervos fotográficos brasileiros, é possível mapear trabalhos existentes na área, conforme apresentado no QUADRO 03.

AUTOR	ABORDAGEM
GARCIA BELSUNCE (1982)	A partir da análise do uso dos arquivos para fins acadêmicos, relacionados à história e ciências do homem, identifica cinco categorias: usuário prático, usuário popular, usuário artístico e uso editorial. Ao analisar os usos, categoriza em uso interno e uso externo.
FUENTES I PUJOL (1994)	Estuda os usuários dos serviços de documentação, identificando quatro categorias: jornalistas, usuários de informação retrospectiva, usuários acadêmicos e leitores.
SANZ CASADO(1994)	Pautado pela análise do comportamento dos usuários em relação à informação, apresenta as categorias de usuários potenciais e usuários reais.
VUILLARD-GARZON(1995)	Referencia o trabalho de PUGH (1992) identificando dois grandes grupos de usuários: o primeiro é formado pelas pessoas que trabalham com os arquivos (subdivide-se em: pessoas que trabalham no órgão produtor dos arquivos, pessoas que trabalham nos arquivos, profissionais, universitários e, professores e estudantes); o segundo diz respeito as pessoas que recorrem aos arquivos por razões culturais e/ou recreativos (subdivide-se em genealogistas e historiadores amadores).
TARRAUTELA I MIRABET (1997)	Identificou quatro categorias de usuários externos: o investigador profissional, o investigador aficionado, o estudante e o cidadão comum.

QUADRO 03 – Abordagens relacionadas ao estudo de usuários

Fonte: Desenvolvido a partir da pesquisa de BLAYA PEREZ (2004).

Além de se beneficiar de instrumentos de pesquisa de arquivos, bibliotecas e museus, usuários podem colaborar no processo de identificação das imagens, favorecendo e até mesmo qualificando a descrição das mesmas. Neste sentido, Cook (2007) ao tratar do desenvolvimento da descrição arquivística, chama atenção para o conjunto de informações que podem ser disponibilizadas pelo usuário neste processo, principalmente no que diz respeito aos acervos fotográficos. De acordo com o autor, observa-se o surgimento de uma nova categoria de dados em descrição arquivística, denominada *User-Generated Cataloguing* – UGC, ou seja, catalogação gerada pelo usuário, que

é mais facilmente defendido ao se usar o exemplo de fotografias que são parte de um arquivo ou série de documentos de arquivo. Tipicamente, a imagem em uma fotografia não é compreensível a menos que haja informações específicas na descrição de contexto ou, então, informação adicional dada por fontes externas: isto é, por um usuário com conhecimento específico. Assim, a foto de um grupo familiar geralmente necessitará não apenas de informação sobre a produção e transmissão do documento, mas, também, sobre a identidade das pessoas mostradas e a atividade na qual elas estão engajadas. Isso é um problema de quase todos os documentos visuais, também ocorrendo com outros tipos de documentos. Nesses casos, a contribuição dos usuários é necessária para produzir um instrumento de pesquisa efetivo. (COOK, 2007, p. 127).

Independentemente dos tipos de usuários passíveis de serem encontrados em acervos fotográficos, arquivos, bibliotecas e museus devem ter como premissa políticas descritivas que viabilizem o acesso de seus fundos e/ou coleções fotográficos. Neste ponto, pode-se trabalhar em função da satisfação das necessidades e expectativas de informação dos usuários, podendo-se, inclusive, contar com seu apoio no desenvolvimento e/ou aprimoramento dos instrumentos de pesquisa produzidos, ponto a ser analisado no próximo capítulo.

2. PROCEDIMENTOS E MÉTODOS DA ARQUIVOLOGIA, BIBLIOTECONOMIA E MUSEOLOGIA PARA ELABORAÇÃO DE INSTRUMENTOS DE PESQUISA PARA ACERVOS FOTOGRÁFICOS

É indiscutível a importância de ações voltadas para a preservação dos acervos fotográficos considerando-se, principalmente, seu potencial de pesquisa enquanto agente de memória e fonte historiográfica. Entretanto, para que seu uso potencial se efetive, devem ser estabelecidas políticas de acesso aos acervos fotográficos para a recuperação das informações, atendendo as necessidades de busca dos usuários. Tais políticas devem, essencialmente, contemplar a elaboração de instrumentos de pesquisa que permitam a identificação, localização e consulta das imagens, atendendo as necessidades de busca dos usuários.

Partindo-se do entendimento de que acervos fotográficos constituem-se em um subconjunto do patrimônio documental e este, por sua vez, um subconjunto do patrimônio cultural; a elaboração dos instrumentos de pesquisa pode seguir os princípios e métodos de trabalho da Arquivologia, Biblioteconomia ou Museologia, conforme apresentado na seqüência.

2.1 Arquivologia: descrição de arquivos fotográficos

A Arquivologia possui princípios e teorias próprios, característicos de seu objeto de estudo (os arquivos), que influenciam o desenvolvimento de seus procedimentos dentre os quais, destaca-se neste trabalho, a descrição. Por isto, antes de defini-lo e discorrer sobre sua aplicação/desenvolvimento, deve-se ter uma noção do significado do Princípio de Respeito aos Fundos, o Princípio de Respeito à Ordem Original e a Teoria das Três Idades.

De acordo com Rousseau e Couture (1998, p. 79), autores canadenses que desfrutam de grande prestígio na área, o Princípio de Proveniência, também conhecido como Princípio de Respeito aos Fundos, tem origem em 1841 e é considerado “a base teórica, a lei que rege todas as intervenções arquivísticas”, pois resulta na identificação dos fundos documentais – unidade básica de um arquivo. A definição deste princípio comporta duas abordagens que o definem como

princípio fundamental segundo o qual os arquivos de uma mesma proveniência não devem ser misturados com os de outra proveniência e devem ser conservados segundo a sua ordem primitiva, caso exista; ou o princípio segundo o qual cada documento deve ser colocado no fundo de onde provém e, nesse fundo, no seu lugar de origem. (ROUSSEAU e COUTURE, 1998, p. 82).

Na definição apresentada os autores sinalizam o que, posteriormente, chamam de graus do princípio de proveniência. No primeiro grau de aplicação, considera-se o fundo de arquivo como entidade distinta, mantendo-se juntos os documentos produzidos por um mesmo indivíduo, família ou instituição. No segundo grau, o documento deve ocupar um lugar específico dentro do fundo documental de acordo com sua ordem original estruturando-se, desta forma, o fundo documental em seções/grupos e suas subdivisões; classes/sérias e suas subdivisões; dossiês/processos; tipos documentais e itens documentais.

O segundo grau de aplicação do Princípio da Proveniência constitui-se na aplicação do Princípio de Respeito à Ordem Original. A aplicação conjunta destes princípios, conforme apresentado no QUADRO 04, preserva a organicidade⁶ característica dos documentos arquivísticos, distinguindo-os dos documentos bibliográficos e dos artefatos museológicos.

PRINCÍPIO	PRINCÍPIO DE PROVENIÊNCIA ou PRINCÍPIO DE RESPEITO AOS FUNDOS	PRINCÍPIO DE RESPEITO À ORDEM ORIGINAL
DEFINIÇÃO	Princípio segundo o qual os arquivos originários de uma instituição ou de uma pessoa devem manter sua individualidade não sendo misturados aos de origem diversa.	Princípio que, levando em conta as relações estruturais e funcionais que presidem a gênese dos arquivos, garante sua organicidade.
RESULTADO	Identificação dos fundos documentais (quadro de fundos)	Composição do fundo documental (seções, séries, etc, estabelecidos no plano de classificação).

QUADRO 04 – Princípios da Proveniência e de Respeito à Ordem Original

Fonte: Definições extraídas do Dicionário de Terminologia Arquivística, 1996.

Outro elemento teórico importante é o Ciclo de Vida e a Teoria das Três Idades, inseridos no corpo teórico da Arquivologia a partir de 1940. Segundo Rousseau e Couture (1998) o “ciclo de vida do documento que, tal como a noção de fundo ou princípio de proveniência, faz parte das bases em que se assenta a

⁶ Organicidade é definida como a “qualidade segundo a qual os arquivos refletem a estrutura, funções e atividades da entidade acumuladora em suas relações internas e externas.” (DTA, 1996, p. 57).

arquivística contemporânea”, é composto por três períodos denominados de período de atividade (arquivos correntes), semiatividade (arquivos intermediários) e inatividade (eliminação ou guarda nos arquivos permanentes). A referência a arquivos ativos, semi-ativos e inativos corresponde, respectivamente, a arquivos correntes, intermediários e permanentes.

O Ciclo de Vida dos Documentos está diretamente relacionado à Teoria das Três Idades e ambas dizem respeito à gestão documental, pois sistematizam os arquivos de acordo com seu valor, frequência e tipo de utilização dos documentos, desde sua produção até sua destinação final (eliminação ou guarda permanente), conforme apresentado no FIGURA 3.

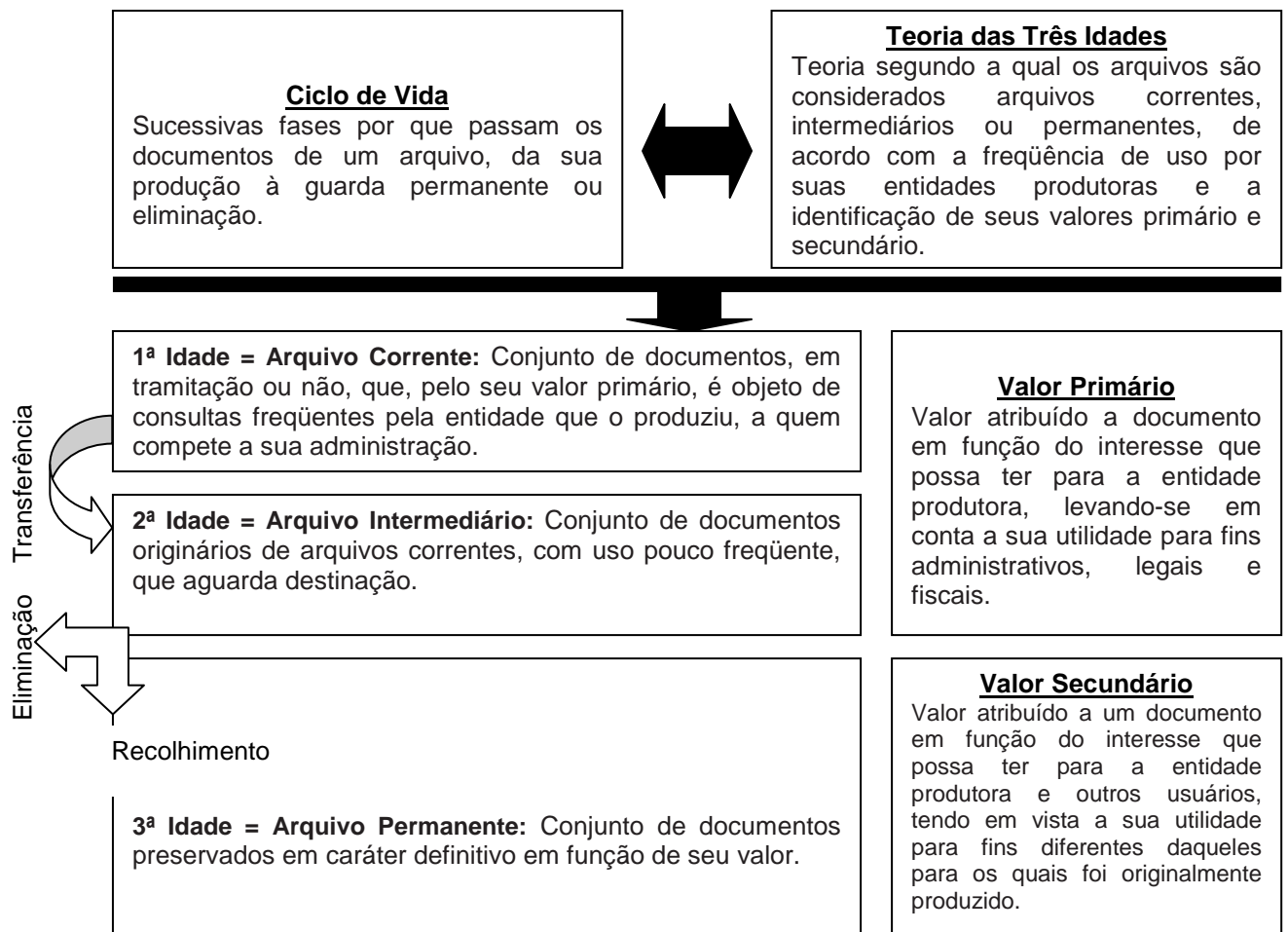


FIGURA 03 – Ciclo de vida, teoria das três idades e valores

Fonte: Definições do Dicionário Brasileiro de Terminologia Arquivística (2005).

Uma vez transmitida uma noção dos princípios e teorias arquivísticas que regem o tratamento dos arquivos, é possível abordar o procedimento de descrição, alvo deste estudo, que pode ser definido como

elaboração de uma acurada representação de uma unidade de descrição e de suas partes componentes, caso existam, por meio da extração, análise, organização e registro de informação que sirva para identificar, gerir, localizar e explicar documentos de arquivo e o contexto e o sistema de arquivo que os produziu. Este termo também se aplica ao produto desse processo (ISAD(G), 2000, p. 14).

A descrição visa à elaboração de instrumentos de pesquisa, ou seja, o desenvolvimento de um conjunto de recursos que podem ser definidos como “qualquer descrição ou meio de referência elaborado ou recebido por um serviço de arquivo, com vistas ao controle administrativo ou intelectual do acervo arquivístico” (ISAD (G), 2000, p. 15).

O processo descritivo deve aproximar o usuário do arquivo aos documentos que foram tratados pelo arquivista, constituindo-se no “elo suficiente e necessário entre a indagação do pesquisador e sua solução, tornada possível pelos chamados instrumentos de pesquisa” (Bellotto, 2004, p. 173). Nesta aproximação são os instrumentos de pesquisa que demonstrarão o potencial de pesquisa de um acervo, permitindo que seus usuários (historiadores, jornalistas, arquitetos, estudantes e demais interessados) localizem os documentos de seu interesse a partir do tratamento dispensado aos arquivos ao longo de seu ciclo de vida. Destacam-se neste sentido as palavras de Bellotto ao analisar o sentido da descrição documental, afirmando que o

trabalho do arquivista precisa revelar-se ao historiador desde o seu primeiro momento no arquivo; é esse trabalho que deve proporcionar o encontro satisfatório entre pesquisador e documento, através dos instrumentos de pesquisa. (...) A qualidade de um arquivista transparece na precisão dos instrumentos de pesquisa que ele elabora e na medida em que seu trabalho satisfaz o pesquisador. (BELLOTTO, 2004, p. 176 e 177)

No que diz respeito ao Ciclo de Vida dos documentos, não há um consenso sobre a fase em que o processo descritivo deva ocorrer e as opiniões podem variar de acordo com a corrente de pensamento do autor. Assim, tomando-se como referência Bellotto (2004 p. 174) a descrição “é uma tarefa típica dos arquivos permanentes”, ou seja, da terceira fase do ciclo de vida dos documentos. A referida autora representa no Brasil um posicionamento favorável a “arquivística tradicional” ou “arquivística européia” que segundo Moreno (2008) destaca-se pela passividade do arquivista frente a solução de problemas administrativos, priorizando a

conservação e a custódia dos documentos na fase permanente. Por outro lado, de acordo com Lopes

acredita-se que, dentro da perspectiva da arquivística integrada, a descrição começa no processo de classificação, continua na avaliação e se aprofunda nos instrumentos de busca mais específicos. Em todos os casos, o trabalho do arquivista é representar ideologicamente as informações contidas nos documentos. As operações de natureza intelectual são, sem exceção, de natureza descritiva. Portanto, é difícil separar a descrição das duas outras atividades fundamentais da prática arquivística (LOPES, 1996, p. 101).

Segundo Moreno (2008) a “arquivística integrada” representa a união metodológica da “arquivística tradicional” e a corrente denominada “*records managers*” na qual se enfatiza o tratamento dos documentos nas primeiras fases de seu ciclo de vida (arquivos correntes e intermediários). Nesta perspectiva, a “arquivística integrada” contempla todo o ciclo de vida dos documentos, preocupando-se simultaneamente com o valor primário e o valor secundário dos documentos.

Deve-se, entretanto, lembrar das considerações pertinentes a FIGURA 03 QUADRO 02, onde os arquivos correntes e intermediários constituem-se em documentos de valor primário e os arquivos permanentes apresentam valor secundário. Desta forma, se o processo descritivo ocorrer na primeira situação atenderá as necessidades de recuperação da informação única e exclusivamente do produtor de documentos, ou seja, usuários internos (a instituição e os funcionários no exercício de suas ações). Considerando-se a segunda situação, o processo descritivo atenderá também, se não principalmente, usuários externos (historiadores, jornalistas e a comunidade em geral).

Independentemente da corrente de pensamento, o desenvolvimento de instrumentos de pesquisa deve obedecer as regras da descrição multinível e está diretamente relacionado a um outro procedimento arquivístico denominado Classificação, também conhecido como Arranjo.

A produção de instrumentos de pesquisa de acordo com os preceitos da descrição multinível atende às particularidades do documento arquivístico advindas da organicidade – consequência da aplicação do Princípio de Respeito aos Fundos e do Princípio de respeito a Ordem Original. O modo como se processa a descrição multinível é apresentado pela a ISAD(G), segundo a qual

Se o fundo como um todo estiver sendo descrito, ele deverá ser representado numa só descrição (...). Se é necessária a descrição das suas partes, estas podem ser descritas em separado (...). A soma total de todas as descrições assim obtidas, ligadas numa hierarquia (...) representa o

fundo e as partes para as quais foram elaboradas as descrições. (ISAD(G), 2000, p. 7).

A descrição multinível prevê a possibilidade de representar o arquivo aos seus usuários, em suas diferentes facetas, possibilitando a descrição do acervo no conjunto ou em suas partes, até o item documental – o documento propriamente dito. Observa-se, então, a existência de diferentes níveis de descrição.

A expressão nível de descrição é definida pela ISAD(G) (2000, P. 15) como “a posição da unidade de descrição na hierarquia do fundo” e pela NOBRADE (2006, p. 16) como “posição da unidade de descrição em uma estrutura hierarquizada de organização de um acervo”. Tais definições não divergem entre si, pois ambas transmitem a noção de que correspondem a uma subdivisão intelectual do conjunto.

O nível de descrição corresponde a uma unidade de descrição específica. As normas ISAD(G) (2000, p. 16) e NOBRADE (2006, p. 17) compartilham do mesmo conceito de unidade de descrição que é o de “documento ou conjunto de documentos, sob qualquer forma física, tratado como uma unidade, e que, como tal, serve de base a uma descrição particularizada”. Os níveis e suas correspondentes unidades de descrição são apresentados e definidos no QUADRO 05.

NÍVEIS E SUAS UNIDADES DE DESCRIÇÃO	DEFINIÇÃO ISAD(G)	NOBRADE
FUNDO	Conjunto de documentos, independente de sua forma ou suporte, organicamente produzido e/ou acumulado e utilizado por um indivíduo, família ou entidade coletiva no decurso das suas atividades e funções.	Conjunto de documentos de uma mesma proveniência. Termo que equivale a arquivo.
SEÇÃO	Subdivisão de um fundo compreendendo um conjunto de documentos relacionados que corresponde a subdivisões administrativas da agência ou instituição produtora ou, quando tal não é possível, correspondendo a uma divisão geográfica, cronológica, funcional ou agrupamentos de documentos similares. Quando o organismo produtor tem uma estrutura hierárquica complexa, cada seção tem tantas subdivisões subordinadas quantas forem necessárias, de modo a refletir os níveis da estrutura hierárquica da unidade administrativa subordinada primária.	Subdivisão da estrutura hierarquizada de organização que corresponde a uma primeira fração lógica do fundo ou coleção, em geral reunindo documentos produzidos e acumulados por unidade(s) administrativa(s) com competências específicas, também chamada grupo ou subfundo.

NÍVEIS E SUAS UNIDADES DE DESCRIÇÃO	DEFINIÇÃO ISAD(G)	NOBRADE
SÉRIE	Documentos organizados de acordo com um sistema de arquivamento ou mantidos como uma unidade seja por resultarem de um mesmo processo de acumulação ou arquivamento, ou de uma mesma atividade, seja por terem uma forma particular ou devido a qualquer outro tipo de relação derivada de sua produção, recebimento ou uso. É também conhecida como uma série de documentos (<i>records series</i>).	Subdivisão da estrutura hierarquizada de organização de um fundo ou coleção que corresponde a uma seqüência de documentos relativos à mesma função, atividade, tipo documental ou assunto. Subdivisão da seção.
DOSSIÊ / PROCESSO	Unidade organizada de documentos agrupados, quer para uso corrente por seu produtor, quer no decurso da organização arquivística, porque se referem a um mesmo assunto, atividade ou transação. Um dossiê/processo é geralmente a unidade básica de uma série.	Dossiê: unidade de arquivamento constituída de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto). Processo: unidade de arquivamento constituída de documentos oficialmente reunidos no decurso de uma ação administrativa ou judicial.
ITEM DOCUMENTAL	A menor unidade arquivística intelectualmente indivisível, por exemplo, uma carta, memorando, relatório, fotografia, registro sonoro	Documento que compõe dossiê ou processo.

QUADRO 05 – Níveis/unidades de descrição arquivística

Fonte: ISAD(G) (2000, p. 14 – 16); NOBRADE (2006, p. 14 – 17).

Os níveis e suas respectivas unidades de descrição definidos pela ISAD(G) e NOBRADE apresentam uma abordagem similar, evidenciando-se na NOBRADE nuances da utilização destes termos de acordo com a prática brasileira, observados especialmente no nível de dossiê/processo. Tais elementos não são definidos pelo processo de descrição, são herdados de um outro procedimento arquivístico – a classificação. Por isto, o procedimento de descrição está diretamente relacionado ao procedimento de classificação, pois como explica Heredia Herrera (1993, p. 266) classificar um fundo de arquivo é

dividir o separar un conjunto de elementos estableciendo clases, grupos o series, de tal manera que dichos grupos queden integrados formando parte de la estructura de un todo. Cada grupo o clase es único y distinto de los demás, con sus características propias que lo diferencian de los otros, pero insisto, formando parte de una estructura jerárquica; cada grupo a su vez es susceptible de subdivisiones. (HEREDIA HERRERA, 1993, p. 266)

O plano de classificação constitui-se no que Heredia Herrera chama de “*materialización de la clasificación*”, pois segundo a autora

la clasificación siguiendo el principio de procedencia precisa de plasmación material en un esquema o cuadro que no es otra cosa que el andamio para sistematizar cada fondo en sus secciones y series. (HEREDIA HERRERA, 1993, p. 267).

Deve-se lembrar que plano de classificação e quadro de arranjo são sinônimos, porém, costumava-se utilizar plano de classificação para arquivos correntes e quadro de arranjo para arquivos permanentes. Ambos dizem respeito ao esquema que pauta a organização dos documentos em um arquivo e representam a estrutura interna de um fundo documental. Bellotto (2004, p. 135) explica a origem da utilização dos termos na literatura nacional, bem como os motivos que fizeram os estudiosos de terminologia arquivística optar pelo uso do termo classificação tanto para arquivos correntes quanto para arquivos permanentes.

Planos de classificação/quadros de arranjo são instrumentos elaborados após uma análise detalhada do ambiente em que o arquivo está inserido, mais precisamente, o contexto jurídico administrativo, de procedimentos, de proveniência e, tecnológico do organismo produtor. Proporcionam o domínio intelectual do acervo ao demonstrar a relação existente entre os documentos e sua origem, representada pelo fundo documental e suas subdivisões (seção, série, dossiê, processo), a partir de um elemento e, conseqüentemente, de um método de classificação utilizado.

De acordo com Schellenberg (2004, p. 81 – 96) existem três elementos que podem nortear a classificação de um acervo, são eles: a ação, a estrutura organizacional e o assunto, que correspondem, respectivamente, aos métodos de funcional, estrutural e por assunto. O elemento e, conseqüentemente, o método de classificação, correspondem ao critério utilizado para formação de séries e subséries de um plano de classificação.

Ao analisar os procedimentos de classificação e descrição, Bellotto afirmar que

arranjo em fundos torna o arquivo permanente organizado e lógico, mas a descrição é a única maneira de possibilitar que dados contidos nas series e/ou unidades documentais cheguem até os pesquisadores". (BELLOTTO, 2004, p. 179).

Luis Carlos Lopes e André Porto Ancona Lopez também relacionam o procedimento de descrição com os demais procedimentos arquivísticos. Lopes (1996 e 1997), fortemente inspirado pelos ideais da arquivística integrada, apresenta a correlação e interdependência existente entre classificação, avaliação e descrição

dos arquivos propondo, desta forma, a aplicação concomitante dos procedimentos, respeitando-se as devidas priorizações necessárias em cada etapa do trabalho.

Lopez (2002), por sua vez, também aborda a importância da classificação para a descrição dos documentos, afirmando que a descrição começa na classificação com as informações coletadas para a elaboração do plano de classificação, o plano de classificação em si, os critérios definidos para ordenação do arquivo, entre outras questões relevantes. O autor chama atenção ainda à importância de prever na classificação a elaboração dos instrumentos de pesquisa, principalmente no momento de coleta das informações necessárias à elaboração do plano de classificação.

Sabe-se, diante do exposto, da interdependência dos procedimentos de classificação e descrição do ponto de vista da acessibilidade do acervo. De maneira mais precisa, pode-se afirmar que a identificação do fundo e, conseqüentemente, de sua hierarquia/estrutura interna além de possibilitar a organização do acervo, é substancial para a elaboração de instrumentos de pesquisa, pois eles correspondem aos níveis de descrição do arquivo, os quais podem apresentar diferentes configurações.

Tais possibilidades são previstas e ilustradas pela ISAD(G) e pela NOBRADE (FIGURA 04). Ambas as abordagens são complementares, porém, optou-se por referenciar a NOBRADE por refletir a prática local (brasileira).

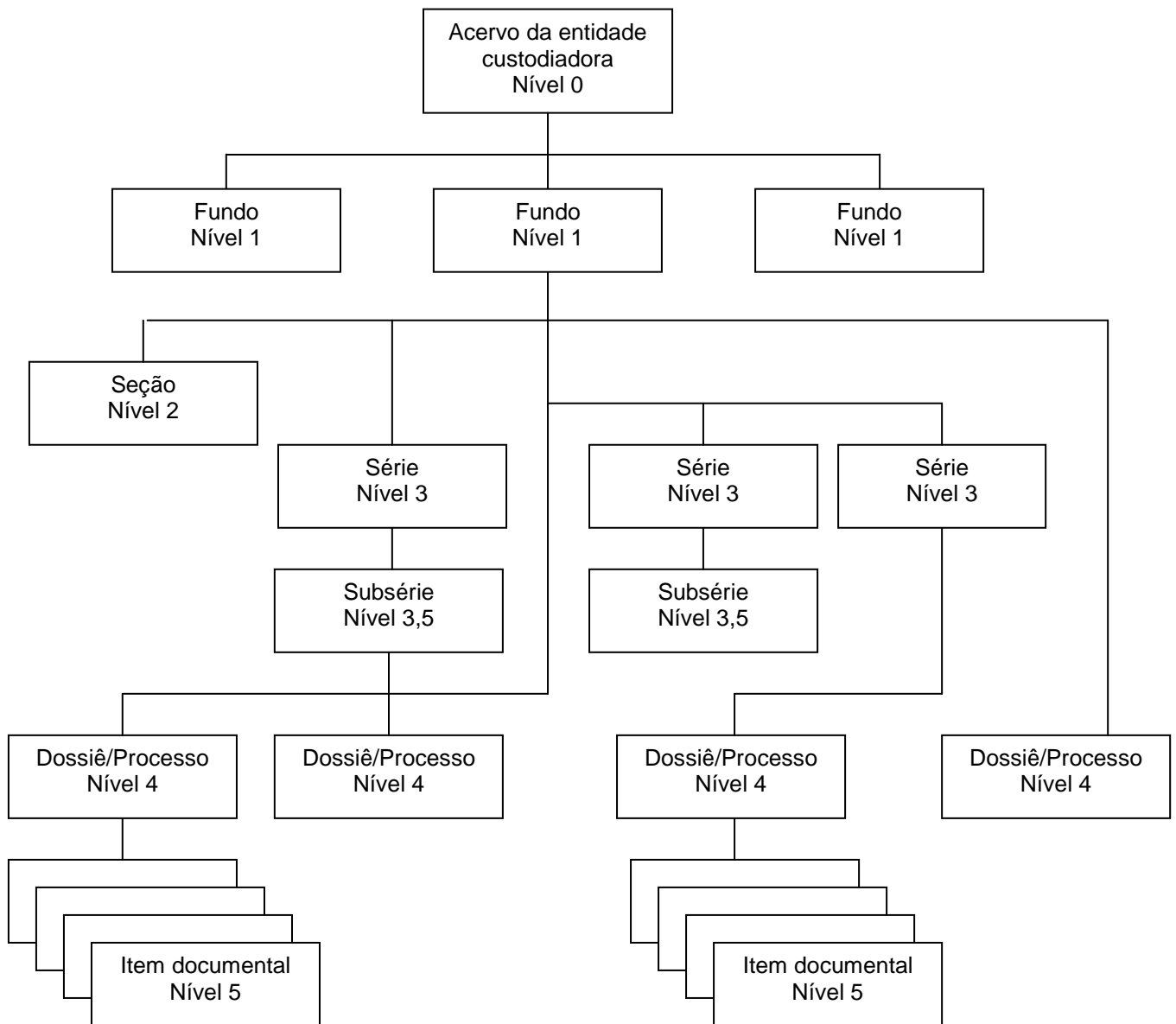


FIGURA 04 – Modelo dos níveis de descrição

Fonte: NOBRADE, 2006, p. 62

O acervo pode ser descrito, conforme necessidade, em todos os seus níveis de descrição, ou seja, instituição custodiadora, fundo, seção, série, dossiê, processo, para, só então, se realizar a descrição do item documental. Tais descrições, realizadas de forma hierárquica de acordo com os preceitos da estrutura multinível, possibilitarão ao usuário a tomada de conhecimento do potencial de pesquisa do acervo, em diferentes graus de minúcia, pois segundo Bellotto

há instrumentos de pesquisa genéricos e globalizantes, como os guias, há os parciais, que são detalhados e específicos, como os inventários, catálogos, catálogos seletivos e índices, e há também a publicação de

documentos na íntegra a chamada edição de fontes. BELLOTTO (2004, p. 180).

De acordo com o nível em que a descrição é realizada, podem ser produzidos diferentes instrumentos de pesquisa, conforme apresentado no QUADRO 06.

INSTRUMENTO DE PESQUISA	CARACTERÍSTICAS	NÍVEL DE DESCRIÇÃO
Guia	É o mais abrangente. Visa propiciar uma visão de conjunto dos serviços de arquivo, de modo a permitir ao pesquisador saber quais são seus recursos, a natureza e o interesse dos fundos que ele abriga, os instrumentos de pesquisa de que dispõe e as fontes complementares. (BELLOTTO, 2004, p. 191)	Instituição custodiadora
Inventário	É o instrumento de pesquisa que descreve conjuntos documentais ou partes do fundo. Traz uma descrição sumária de um fundo inteiro, um só grupo ou alguns deles, uma série ou algumas delas, ou mesmo parte de uma delas. (BELLOTTO, 2004, p. 197)	Fundo, Seção, Série
Catálogo	Instrumento que descreve unitariamente as peças documentais de uma série ou mais séries, ou ainda de um conjunto de documentos, respeitada ou não a ordem de classificação. (BELLOTTO, 2004, 202)	Série, dossiê, processo, item documental
Catálogo Seletivo	Instrumento de pesquisa que traz uma relação seletiva de documentos pertencentes a um ou mais fundos e no qual cada peça integrante de uma unidade de arquivamento é descrita minuciosamente. (BELLOTTO, 2004, 212)	Item documental
Índice	Lista alfabética (e eventualmente cronológica) de nomes de pessoas, lugares ou assuntos contidos em uma ou mais unidades arquivísticas. Pode complementar inventários ou catálogos. Sua elaboração depende de técnicas específicas da análise documentária. (BELLOTTO, 2004, 214)	Item documental

QUADRO 06 - Tipos, características e nível de descrição dos instrumentos de pesquisa

Fonte: BELLOTTO (2004, p. 179 – 218).

A denominação dos tipos de instrumentos de pesquisa no QUADRO 6, corresponde à terminologia adotada no Brasil, em consonância com a literatura arquivística internacional, podendo-se obter maiores informações a respeito em Lopez (2002) e Bellotto (2004). Estes autores também abordam pormenorizadamente aspectos políticos da descrição, os quais contemplam o conjunto de variáveis a serem observadas neste processo. Embora fuja ao escopo deste trabalho o aprofundamento deste tópico, convém destacar que a produção de instrumentos de pesquisa deve respeitar a hierarquização dos níveis de descrição. Desta forma, primeiro são produzidos guias, posteriormente inventários e assim

sucessivamente, de forma progressiva e de acordo com as características do acervo e as necessidades dos usuários.

Um fator primordial à descrição diz respeito aos padrões que estabelecem regras para elaboração de instrumentos de pesquisa. Atualmente, a arquivística dispõe de quatro normas internacionais e, no caso do Brasil, uma norma nacional, que orientam o processo de descrição conforme apresentado no abaixo.

NORMA	CARACTERÍSTICAS
General International Standard Archival Description – ISAD(G):	Norma geral internacional de descrição arquivística. Primeira edição publicada em 1994, segunda em edição 1999. Padroniza a elaboração de instrumentos de pesquisa atendendo às realidades de diferentes países, de tal forma que as instituições arquivísticas possam: criar descrições consistentes, apropriadas e auto-explicativas; recuperar e trocar informações de documentos arquivísticos; compartilhar dados de qualidade; e integrar descrições de diferentes arquivos num sistema unificado de informação. Possui 26 elementos dispostos em 7 áreas: Identificação (5); Contextualização (4); Conteúdo e Estrutura (4); Condições de Acesso e Uso (5); Fontes Relacionadas (4); Notas (1); Controle da Descrição (3).
International Standard Archival Authority Record for Corporate Bodies, Persons, and Families – ISAAR(CPF)	Norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias. Primeira edição publicada em 1996, segunda em edição 2003. Norma de caráter complementar à ISAD(G), atende ao propósito de padronização de registros de autoridade arquivística de entidades coletivas, pessoas e famílias que possam ser identificadas como produtoras em descrições dos documentos arquivísticos. Possui 27 elementos dispostos em 4 áreas: Identificação (6); Descrição (8); Relacionamentos (3); Controle (9).
International Standard for Describing Functions – ISDF	Norma internacional para descrição de funções. Primeira edição publicada em 2007. Estabelece diretivas para descrição de funções de entidades coletivas associadas à produção e manutenção de arquivos. Favorece a explicação da proveniência e, conseqüentemente, favorecendo o entendimento do contexto de sua produção dos documentos, uso, finalidade pela qual foi criado e inter-relacionamento com outros documentos. Possui 26 elementos dispostos em 4 áreas: Identificação (5); Contextualização (4); Relacionamentos (5); Controle (9).
International Standard for Describing Institutions with Archival Holdings – ISDIAH	Norma internacional para descrição de instituições com acervo arquivístico. Primeira edição publicada em 2008. Apresenta regras gerais para a normalização de descrições de instituições que custodiam e disponibilizam arquivos para o público em geral. Possui 31 elementos dispostos em 6 áreas: Identificação (5); Contato (3); Descrição (8); Acesso (3); Serviços (3); Controle (9).
Norma Brasileira de Descrição – NOBRADE	Primeira edição publicada em 2006. Atende a recomendação expressa na ISAD(G) de elaboração de normas nacionais. Estabelece diretivas para a descrição de documentos arquivísticos no Brasil, compatíveis com as normas internacionais ISAD(G) e ISAAR (CPF). Possui 28 elementos dispostos em 8 Áreas: Identificação (5); Contextualização (4); Conteúdo e Estrutura (4); Condições de Acesso e Uso (5); Fontes Relacionadas (4); Notas (2); Controle da Descrição (3); Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos (1).

QUADRO 07 – Normas de descrição arquivística

A instituição responsável pelo desenvolvimento das normas internacionais de descrição arquivística é o Conselho Internacional de Arquivos (CIA).⁷ A partir das normas internacionais podem ser criados padrões nacionais, como é o caso da NOBRADE, desenvolvida pela Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística (CTNDA) do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ).

A normalização é um evento recente na Arquivologia. Segundo Cruz Mundet (1994, p. 257), a normalização foi fortemente impulsionada pela automação dos arquivos. De acordo com o autor, os primeiros intentos remontam à década de 1970, mais precisamente, o estudo promovido pelo Comitê de Automação do CIA, que visava o estabelecimento de níveis, elementos e regras para construir um formato de descrição para informatizar arquivos e promover o intercâmbio de dados. O autor também destaca três iniciativas nacionais: o Projeto Inglês, o Projeto Canadense e o Projeto Norte-Americano. O projeto inglês, liderado por Michael Cook, iniciado em 1984, resultou no *Manual of Archival Description* (MAD) publicado em 1986 e no MAD 2 publicado em 1990; caracterizava-se pela intenção de produzir normas arquivísticas que viabilizassem a descrição em qualquer nível e estrutura. Os projetos Canadense e Norte-Americano partiam do princípio de que é possível adaptar a catalogação bibliográfica, mais precisamente as normas *International Standard of Bibliographical Description* (ISBD) e *Anglo American Cataloging Rules* (AACR2), às necessidades arquivísticas. Assim, pretendiam utilizar as redes de intercâmbio de informação bibliográfica existentes, ou seja, a *Research Library Information Network* (RLIN) e a *On-line Computer Library Center* (OCLC).

Os padrões apresentados (QUADRO 7) consistem em um conjunto integrado de normas para um completo sistema de descrição arquivística – são instrumentos de trabalho relativamente novos à disposição dos arquivistas. Neste sentido, ao explorar as vantagens para o acesso eletrônico à informação arquivística advindas

⁷ Outras normas e padrões podem respaldar o fazer arquivístico. São exemplos, em âmbito internacional, a ISO 15.489, desenvolvida pela *International Standard Organization*. Em âmbito nacional, o Modelo de Requisitos para Sistemas Informatizados de Gestão Arquivística de Documentos - e-ARQ Brasil, desenvolvido pela Câmara Técnica de Documentos Eletrônicos do CONARQ, além de outras normas desenvolvidas pelo próprio CONARQ e, até mesmo, pela Associação Brasileira de Normas Técnicas (ABNT). Há também o Dublin Core, um padrão para descrição de recursos para Web; e o Sepiades (SEPIA Data Element Set) um padrão para acervos fotográficos. Porém, no que diz respeito às normas para descrição e produção de instrumentos de pesquisa, foco deste estudo, trabalha-se com as normas apresentadas no QUADRO 9, cujo instituições normalizadoras são o CIA e a Câmara Técnica de Normalização da Descrição Arquivística do CONARQ.

do uso das normas de descrição, Bruebach (2007) chama atenção para o fato de que

O problema não está na falta de iniciativas e instrumentos, mas sim em sua implementação. Um olhar mais cuidadoso mostra que a maioria das instituições ainda desenvolve seus próprios instrumentos e segue suas próprias estratégias. Apenas algumas realmente usam os instrumentos e ferramentas já existentes. (BRUEBACH, 2007, p. 41).

O alerta de Bruebach é procedente a partir do momento em que se constata que autores largamente aceitos na área podem incentivar estratégias próprias de ação, como é o caso de Bellotto ao tratar do processo de descrição, do uso da ISAD(G) e da produção de instrumentos de pesquisa. A autora afirma que

Paralelamente, serão mostradas as maneiras mais tradicionais de elaborar instrumentos de pesquisa. Isto porque a feitura de instrumentos no formato Isad não invalida de modo algum os instrumentos de pesquisa de uso já consagrado. A evidente adaptabilidade do novo sistema a programas informáticos indica que, em futuro não muito distante, ele será praticamente a única forma de acesso informacional aos documentos. Por outro lado, é perfeitamente possível a convivência entre as duas maneiras de descrever documentos de arquivo, com iguais níveis de êxito, a fim de atender satisfatoriamente à necessidade de informação dos consulentes. (BELLOTO 2004, p. 183).

Indubitavelmente, a autora reconhece a relevância e o propósito da referida norma ao destacar que “só a descrição assim normalizada atingirá a desejada normalização universal e terá todas as condições para ser feita facilmente de modo informatizado e uniforme” (BELLOTO, 2004, p. 183). Entretanto, divulgar modos não normalizados de elaboração de instrumentos de pesquisa, da forma como apresentado na referida obra, pode, sem intenção, fortalecer a neofobia de determinados profissionais, ao invés de proporcionar a compreensão de como este processo se desenvolvia e, a partir deste entendimento, a adequação dos instrumentos aos padrões vigentes.

A normalização dos instrumentos de pesquisa pode estimular sua utilização. O contrário, segundo Fox (2007), quando cada instituição decide os elementos de informação que serão utilizados, seu significado, sua organização, sua apresentação etc; acaba-se por confundir o pesquisador dificultando, com isto, o sucesso de suas buscas e uso dos documentos. Assim, o autor afirma que

a normalização não atenderá completamente às necessidades díspares dos diferentes usuários, mas eles acharão a pesquisa muito mais fácil se os arquivos estiverem todos seguindo os mesmos protocolos, ao invés de terem que se adaptar a uma miríade de variações locais. (FOX, 2007, p. 27)

Além disto, a normalização é um fenômeno benéfico à Arquivologia à medida que propicia o alinhamento teórico e metodológico das práticas de diferentes comunidades arquivísticas, além de viabilizar o intercâmbio de informações entre diferentes sistemas de informação arquivística a partir da consistência da informação descritiva e da possibilidade de uso de formatos eletrônicos de dados. Tanto a ISAD(G) quanto a ISAAR(CPF) possuem formato eletrônico. Trata-se, respectivamente, dos padrões Encoded Archival Description (EAD) e o Encoded Archival Context (EAC). Estes possibilitam, de fato, o intercâmbio das descrições e serão apresentados no Capítulo 3 deste estudo.

Nesse sentido, ao tratar da descrição arquivística e seus modelos, em meio às propostas e discussões das primeiras normas internacionais, Cruz Mundet (1994, p. 257) já destacava que *“la normalización es posible y necesaria por razones de coste, cooperación, comprensión y comunicación”*.

Lopes (1997) também se pronuncia a respeito ao discutir e propor uma revisão dos métodos arquivísticos e da operacionalização dos procedimentos de classificação, avaliação e descrição de acervos. No que diz respeito à descrição, o autor destaca os benefícios advindos do processo de normalização em meio ao desenvolvimento tecnológico, no que diz respeito ao compartilhamento e difusão das descrições e, conseqüentemente do acervo; bem como no desenvolvimento e reconhecimento da área. Segundo o autor, a partir das normas de descrição

pode-se pensar num intercâmbio efetivo, num mundo interligado por redes eletrônicas e convivência com a realidade da distensão dos limites geográficos e culturais, por efeito da ampliação do comércio entre as nações e da comunicação, como antes nunca se viu. No mundo dos satélites, das parabólicas, dos sistemas digitais de comunicação, a informação arquivística deverá ser gerida de modo novo. A descrição deverá ser realizada de modo a permitir o acesso global às informações de domínio público, contribuindo para a democratização, progresso político e econômico das nações. Os arquivistas ganharam, com estas normas, um importante instrumento para seu trabalho. Não precisam mais optar entre as diversas variáveis, muitas vezes idiomáticas, dispõe de regras internacionais, tal como os bibliotecários, os médicos, os biólogos etc. O avanço da normalização, quiçá em outras áreas, contribuirá para quem deseja uma arquivística teórica e prática, uma ciência social aplicada como qualquer outra. (LOPES, 1997, p. 71)

A exposição dos argumentos em favor da normalização da descrição arquivística pode ser reforçada a partir das palavras de Fox (2007) ao apresentar, de forma detalhada, os motivos pelos quais se faz necessária à adoção de normas para o desenvolvimento de descrições arquivísticas. A partir do conhecimento do

trabalho de Fox, pode-se inferir que o uso de vocabulários normalizados, como é o caso das normas de descrição arquivística, possibilita:

- a produção de instrumentos de pesquisa com elementos de informação comum em diferentes instituições, facilitando a compreensão de seu significado pelo pesquisador e, desta forma, favorecendo a utilização do acervo;
- o desenvolvimento de uma Arquitetura da Informação formada por normas, estruturas e sistemas de dados que possibilitem a criação de bases de dados unificadas e compartilhadas por diferentes instituições, viabilizando o intercâmbio de descrições arquivísticas, atendendo às necessidades do pesquisador;
- o aumento do grau de eficiência do trabalho de arquivo, à medida que define diretrizes objetivas de trabalho, evitando discussões para dirimir dúvidas corriqueiras;
- o reconhecimento da profissão a partir do atendimento das expectativas de colegas (outras instituições arquivísticas) e clientes (pesquisadores) de acordo com o previsto em normas conhecidas e aceitas.

O desenvolvimento das normas de descrição, a partir de seu uso incipiente nos arquivos, está inserido em um ambiente permeado de discussões, objeções e pesquisas. Neste sentido, entre as observações de Cook (2007) relacionadas às oficinas da *Archives and Records Management Research Network (ARMRen)* destacam-se as críticas relacionadas ao registro de informações fornecidas pelo usuário pertinentes aos instrumentos de pesquisa. O autor afirma que há uma nova categoria de dados pertinente às descrições arquivísticas, as já mencionadas *User-Generated Cataloguing (UCG)*, que não são contempladas pelas normas arquivísticas.

Por fim, cabe destacar que as normas são gerais, estabelecem orientações para todo e qualquer tipo de acervo, sem apresentar definições que atendam as particularidades, por exemplo, de acervos fotográficos.

2.2 Representação descritiva em bibliotecas

Ao tratar de representação descritiva aborda-se a forma como as bibliotecas disponibilizam suas coleções visando a maior utilização possível do acervo e o atendimento às necessidades de informação dos usuários.

Neste contexto, é apropriado mencionar as 5 Leis da Biblioteconomia criadas por Ranganathan (2009)⁸, a saber: 1. os livros são para serem usados; 2. todo leitor tem seu livro; 3. todo livro tem seu leitor; 4. poupe o tempo do leitor; 5. a biblioteca é um organismo em crescimento. Tais asserções propostas originalmente em 1931, fomentaram uma mudança de postura na área, onde o foco central das ações mudou, gradativamente, da preservação idolatrada do acervo (o livro enquanto artefato) para o uso da informação preservada. Estas leis constituem-se em mandamentos que, ainda hoje, fundamentam estratégias para difusão e uso dos materiais dispostos nas bibliotecas. Destas, pelo menos as quatro primeiras perpassam, necessariamente, a representação descritiva do acervo. Se assim não fosse, de que outra forma os livros seriam utilizados, o leitor encontraria seu livro, o livro encontraria seu leitor, e o tempo do leitor otimizado senão pelos recursos que viabilizam a localização do material desejado? Trata-se, essencialmente, de representação descritiva.

Em consonância com os ideais de Ranganath, Mey (1995) afirma que a finalidade das bibliotecas consiste no atendimento das demandas de seu público, onde a representação descritiva, efetivada entre outros instrumentos pela catalogação⁹, desempenha o papel crucial de fornecer informações físicas e de conteúdo dos materiais custodiados por uma biblioteca. Pode-se afirmar que a catalogação é o processo que resulta na elaboração de representações dos itens das coleções de uma biblioteca, enfatizando tanto os aspectos físicos quanto de conteúdo, com o propósito de facilitar a busca e a localização das informações. Para Mey, a catalogação é definida como

estudo, preparação e organização de mensagens codificadas, com base em itens existentes ou possíveis de inclusão em um ou vários acervos, de forma a permitir interseção entre as mensagens contidas nos itens e as mensagens internas dos usuários. (MEY, 1995, p.5).

A autora também destaca que a catalogação deve ser caracterizada pela integridade, clareza, precisão, lógica e consistência para, desta forma, cumprir com sua tripla função de

a) permitir ao usuário: localizar um item específico; escolher entre as várias manifestações de um item; escolher entre vários itens semelhantes, sobre os quais, inclusive, possa não ter conhecimento prévio algum; expressar,

⁸ Obra lançada originalmente em 1931, sob o título "*Five laws of library science*". Foi traduzida e editada em 2009 pela Briquet de Lemos sob o título "As cinco leis da Biblioteconomia".

⁹ Ainda que fuja aos propósitos deste trabalho, deve-se mencionar que, entre os instrumentos resultantes da representação descritiva, a autora cita as bibliografias e boletins de serviço de alerta.

organizar ou alterar sua mensagem interna; b) permitir a um item encontrar seu usuário; c) permitir a outra biblioteca: localizar um item específico; saber quais os itens existentes em acervos que não o seu próprio. (MEY, 1995, p.7).

A partir dos estudos de Strout apud Mey pode-se afirmar que o catálogo é um dos instrumentos mais antigos da biblioteconomia, presentes nas bibliotecas desde 1300 a.C, nas primeiras informações bibliográficas de descrição física registradas em tabletes de argila encontrados em escavações hititas. Atualmente, o catálogo atende ao propósito de veicular informações sistematizadas pela catalogação relativa aos itens de um acervo ou de um conjunto de acervos, podendo ser definido como

canal de comunicação estruturado, que veicula mensagens contidas nos itens, e sobre os itens, de um ou vários acervos, apresentando-as sob forma codificada e organizada, agrupadas por semelhanças, aos usuários desse(s) acervos". (MEY, 1995, p. 9).

Na Biblioteconomia também se presencia a existência do procedimento de classificação, com códigos que possibilitam a representação temática de uma obra, utilizados por diferentes bibliotecas, como é o caso da Classificação Decimal de Dewey (CDD) e Classificação Decimal Universal (CDU). Entretanto, ressalta-se que a catalogação não está, necessariamente, vinculada à classificação.

Nas bibliotecas a normalização da representação descritiva e o intercâmbio de informações bibliográficas entre bibliotecas de diferentes partes do mundo é uma prática consolidada.

O uso de padrões nesta área é algo que remonta ao século XVIII. De acordo com Mey (1995, p. 19) o primeiro código nacional de catalogação surgiu em 1791, em meio à Revolução Francesa, quando as bibliotecas dos nobres foram confiscadas e transformadas em bibliotecas públicas, levando à necessidade de criação de normas para a organização e disponibilização do seu acervo.

Desde então surgiram diferentes códigos nacionais de catalogação, cujas iniciativas evoluíram, convergindo para um código internacional denominado *Anglo-American Cataloguing Rules (AACR)*, utilizado em diferentes países para padronizar a produção de catálogos. Sua primeira edição, o AACR, foi lançada em 1967; sua segunda edição, o AACR2, foi lançada em 1978, e está vigente até hoje (com as devidas revisões).

O AACR2 subdivide-se em duas partes. A primeira contempla as especificações para descrição bibliográfica de acordo com a estrutura geral usada

para a descrição de materiais de biblioteca determinada pela *International Standard Bibliographic Descriptions* (ISBD), lançada em 1971. Convém destacar que cada tipo de material bibliográfico possui capítulo (QUADRO 08) próprio com regras que atendem às suas particularidades descritivas.

Capítulo	Tipo de Material
2	Livros, folhetos e folhas soltas impressas.
3	Materiais cartográficos.
4	Manuscritos.
5	Música (partituras).
6	Gravações de som.
7	Filmes cinematográficos e gravações de vídeo.
8	Materiais iconográficos (fotografias entre outros).
9	Arquivos de dados legíveis por máquina.
10	Artefatos tridimensionais e realia.
11	Microformas.

QUADRO 08 - Tipos de materiais contemplados pelo AACR2

Fonte: AACR2.

A segunda parte da AACR2 compreende a escolha dos pontos de acesso às entradas principais e secundárias, a forma dos cabeçalhos e das remissivas. Estas regras podem ser aplicadas a qualquer material bibliográfico, independentemente de sua forma física. No que diz respeito a este capítulo, é pertinente mencionar as constatações de Santos (2007), no momento em que ele reflete sobre a viabilidade do uso de padrões utilizados na Biblioteconomia na representação da informação em Arquivos, afirmando que

No campo dos arquivos, a Norma internacional de registro de autoridade arquivística para entidades coletivas, pessoas e famílias, ISAAR(CPF), constitui-se ferramenta fundamental para o controle de autoridades de nomes de produtores de arquivos, aí referidas como “forma autorizada dos nomes”. A ISAAR (CPF) não define regras para controle de autoridades, mas recomenda o uso de normas nacionais e internacionais vigentes, e prevê também a possibilidade de compartilhar dados fora do domínio arquivístico. (...). O AACR2R (2002) dedica o capítulo 24 para regras de cabeçalhos para entidades coletivas. São 19 regras que tratam da escolha do nome, de suas formas variantes, dos acréscimos, omissões e modificações, dos congressos, conferências, reuniões etc., e das entidades subordinadas e relacionadas. Enumera também, 13 tipos de entidades com grande riqueza de detalhes, visando a uma uniformização internacional. (SANTOS, 2007, p. 64 – 65).

A AACR2 apresenta um conjunto de elementos possíveis de serem utilizadas na catalogação dos itens bibliográficos. Porém, as bibliotecas não precisam utilizá-los em sua totalidade, podendo escolher níveis de detalhamento para descrição, conforme QUADRO 09; à medida que aumenta o nível de descrição, maior a quantidade de elementos requeridos na descrição bibliográfica.

Nível de descrição	Elementos mínimos
Primeiro	Título principal / primeira indicação de responsabilidade, se diferir do cabeçalho de entrada em forma ou número, ou se não houver cabeçalho de entrada principal. – Indicação de edição. – Detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação). – Primeiro editor etc, data de publicação etc. – Extensão do item. – Nota(s). – Número normalizado.
Segundo	Título principal [designação geral do material] = Título equivalente : outras informações sobre o título / primeira indicação de responsabilidade ; cada uma das indicações subsequente de responsabilidade. – Indicação de edição / primeira indicação de responsabilidade relativa à edição. – Detalhes específicos do material (ou do tipo de publicação). – Primeiro lugar de publicação etc. : primeiro editor etc., data de publicação etc. – Extensão do item : outros detalhes físicos : dimensões. – (Título principal da série / indicação de responsabilidade relativa à série ; numeração dentro da série. Título da subsérie, ISSN da subsérie ; numeração dentro da subsérie). – Nota(s). – Número normalizado.
Terceiro	Todos os elementos especificados nas regras, aplicáveis ao item descrito.

QUADRO 09 - Níveis de descrição bibliográfica

Fonte: AACR2

O AACR2 é compatível com o *Machine Readable Cataloging* (MARC), padrão que torna a representação descritiva de um item bibliográfico legível para o computador, tornando possível, de fato, o intercâmbio eletrônico de descrições entre bibliotecas. Segundo Corte et al (2002) o desenvolvimento do MARC remonta aos primeiros estudos realizados pela *The Library of Congress* (LC), em 1950, para analisar a possibilidade de utilização de recursos computacionais para automatizar parte de seus serviços. Concretizou-se em 1966 a partir de um projeto que tinha como objetivo “desenvolver procedimentos e programas de conversão, manutenção de arquivos e distribuição de dados compatíveis com o formato” (CORTE et al, 2002, p. 45).

Atualmente, o MARC e suas variações (como por exemplo, o USMARC nos Estados Unidos; o UKMARC na Inglaterra, o InterMARC na França e o CanMARC no Canadá) é o formato eletrônico mais utilizado pelas bibliotecas. Porém, deve-se

lembrar que não é o único formato de intercâmbio existente, a exemplo do CALCO (Catalogação Legível por Computador), o UNISIST, o LILACS (Literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde), entre outros.

O protocolo Z39.50 é outra ferramenta que viabiliza o intercâmbio de descrições bibliográficas. Constitui-se em um “protocolo com arquitetura cliente-servidor, especialmente criado para busca e recuperação de informação em bases de dados distintas, utilizando uma interface de usuário comum” (CORTE et al, 2002, p. 39), desenvolvido pela *National Information Standards Organization* (NISO), com a primeira versão lançada em 1988. O Z39.50 possibilita a realização de pesquisas e trocas em diferentes bases de dados.

A norma ISO 2709 – *Documentation Format for Bibliographic Interchange on Magnetic Tape*, também atua no intercâmbio de informações bibliográficas, pois “especifica os requisitos para o formato de intercâmbio de registros bibliográficos que descrevam todas as formas de documentos sujeitos à descrição bibliográfica” (Corte et al, 2002, p. 36).

A representação descritiva normalizada e o intercâmbio das descrições bibliográficas (adoção dos padrões internacionais AACR2, ISBD e MARC) tornaram possível, na década de 1970, a implantação e o aprimoramento de iniciativas como o Controle Bibliográfico Universal (CBU) criado pela UNESCO e gerenciado pela Federação Internacional de Associações e Instituições Bibliotecárias (IFLA).

Segundo Campello e Magalhães apud Oliveira et al (2004, p. 179) o CBU constitui-se em um sistema internacional para o controle e intercâmbio de informações bibliográficas a partir da “disponibilidade universal de dados bibliográficos de todas as publicações de todos os países; em um formato de descrição internacionalmente aceito pelos participantes do programa”. No Brasil, a Biblioteca Nacional é responsável pelo depósito legal de todas as publicações nacionais, seu controle e catalogação para, desta forma, inserir a produção bibliográfica do país no CBU.

2.3 Documentação museológica

Ferrez (1994), ao refletir sobre a “teoria para uma boa prática” nos museus define documentação museológica como

o conjunto de informações sobre cada um dos seus itens e, por conseguinte, a representação destes por meio da palavra e da imagem

(fotografia). Ao mesmo tempo, é um sistema de recuperação de informação capaz de transformar (...) as coleções dos museus de fontes de informações em fontes de pesquisa científica ou em instrumentos de transmissão de conhecimento. (FERREZ, Helena Dodd, 1994, p. 65)

Para Novaes (2000, p. 51) a documentação de uma coleção consiste no “processo de coletar, organizar, guardar, localizar e dispor documentos, ou a informação contida neles, sobre os objetos das coleções museológicas”.

No Caderno de Diretrizes Museológicas do IPHAN - importante mecanismo de capacitação profissional, CÂNDIDO (2006) trata deste procedimento definindo-o de forma similar a Ferrez (2004) ao afirmar que a documentação museológica é

conjunto de informações sobre os objetos por meio da palavra (documentação textual) e da imagem (documentação iconográfica). Trata-se, ao mesmo tempo, de um sistema de recuperação de informação capaz de transformar acervos em fontes de pesquisa científica e/ou em agentes de transmissão de conhecimento, o que exige a aplicação de conceitos e técnicas próprios, além de algumas convenções, visando à padronização de conteúdos e linguagens. (CÂNDIDO, 2006, p. 36).

A documentação museológica implica em um componente ético dos profissionais atuantes em instituições museológicas. Novaes (2000) chama atenção para o fato de que o Código de Deontologia Profissional do *International Council of Museums* (ICOM) no capítulo 6.4 – Documentação Museológica determina

O inventário correto e a documentação apropriada não só das novas aquisições, como das coleções existentes, de acordo com as normas convenientes e os regulamentos e convenções internas do museu, constituem uma das mais importantes responsabilidades profissionais. É particularmente importante que uma tal documentação comporte detalhes sobre a proveniência de cada objeto e sobre as condições de seu aceite pelo museu. Além disso, os originais destes dados devem ser conservados em meio ambiente seguro e devem estar apoiados por sistemas permitindo sua fácil recuperação não só pela equipe do museu, mas por outros usuários habilitados. (Código de Deontologia Profissional do ICOM apud NOVAES, 2000, p. 43).

O processo de documentação museológica exige a realização de pesquisas com o propósito de levantar e registrar informações que possibilitem o entendimento do artefato preservado, o que Ferrez (1994) chama de estrutura informativa do objeto (QUADRO 10) a partir da qual a abordagem museológica de um artefato compreende a identificação de suas informações intrínsecas e extrínsecas. As informações intrínsecas são obtidas por meio da análise das propriedades físicas; as informações extrínsecas podem ser obtidas na entrada do objeto no museu e/ou através de fontes bibliográficas e documentais, e dizem respeito ao seu contexto de existência, utilização e significação. A autora aprofunda a análise a partir dos

estudos de Peter van Mensch, apresentando três categorias de informações pertinentes à documentação museológica do objeto, a saber: propriedades físicas dos objetos (descrição física), função e significado (interpretação) e história.

ESTRUTURA INFORMATIVA DO OBJETO	
Informações Intrínsecas	<p>1. Propriedades físicas dos objetos (descrição física)</p> <p>a) composição material b) construção técnica c) morfologia, que se subdivide em: forma espacial, dimensões, estrutura da superfície, cor, padrões de cor, imagens, texto (se existente).</p>
Informações Extrínsecas	<p>2. Função e significado (interpretação)</p> <p>a) significado principal, que se subdivide em: significado da função, significado expressivo (valor emocional) b) significado secundário, que se subdivide em: significado simbólico, significado metafísico.</p>
	<p>3. História</p> <p>a) gênese (processo de criação no qual idéia e matéria-prima se transformem num objeto) b) uso, que se subdivide em: uso inicial (geralmente de acordo com as intenções do criador/fabricante), reutilização c) deterioração, ou marcas do tempo, subdivide-se em: fatores endógenos, fatores exógenos d) conservação, restauração</p>

QUADRO 10 - Estrutura informativa do objeto na Museologia

Fonte: Esquema desenvolvido a partir dos estudos de FERREZ, 1994, p. 66.

Ferrez (1994), Novaes (2000), Cândido (2006) destacam a importância das informações coletadas no processo de documentação museológica, destacando a relevância das informações extrínsecas. Ferrez reconhece as dificuldades enfrentadas no registro destas informações, porém enfatiza que são, muitas vezes, as mais relevantes, pois tendem a justificar a presença do objeto no museu. A ausência destas informações tende a prejudicar o entendimento do artefato preservado pois

se a documentação não der conta dessas informações, os museus, sobretudo os de caráter histórico, correm o risco de ser repositórios de objetos sem passado, que só poderão ser analisados e interpretados por suas propriedades físicas, limitando o trabalho da Museologia, ou da Museografia. (FERREZ, 1994, p. 69).

Novaes (2000) mesmo sem mencionar precisamente “informação extrínseca” fala do efeito destas no visitante do museu ao assinalar que

o poder quase mágico oriundo da leitura e interpretação dos dados de um objeto, traz importantes informações sobre o homem que criou esse objeto,

seu meio ambiente e sua vida. O impacto causado pela descoberta do objeto em si, puro e simples, é grande, porém será ainda maior e, portanto mais atuante se tiver todo seu potencial informativo traduzido para o visitante do museu. (NOVAES, 2000, p. 46).

Cândido (2006) ao analisar as matrizes dimensionais para a abordagem dos objetos museológicos propostas por Peter van Mensh, assim como o fez Ferrez, afirma que a trajetória do objeto no museu também constitui um repertório de informações a ser documentado. Lembra que a noção de bem cultural está associada ao reconhecimento do indivíduo/grupo. Porém, atribui a musealização do objeto, enquanto cultura material, à coleta das informações intrínsecas e, de acordo com seu discurso, principalmente as extrínsecas ao afirmar que

o potencial de um objeto museológico como bem cultural se estabelece a partir do somatório das informações de que ele se torna portador. Ou seja, materiais, técnicas, usos, funções, alterações, associados a valores estéticos, históricos, simbólicos e científicos, são imprescindíveis para a definição do lugar e da importância do objeto como testemunho da cultura material. Mas para além desta abordagem, contendo informações intrínsecas e extrínsecas sobre o objeto, é importante ressaltar que este só se torna um bem cultural quando o indivíduo / a coletividade assim o reconhece. CÂNDIDO (2006, p. 36).

A partir do exposto, pode-se observar que a documentação museológica é um processo complexo. Compreende funcionalidades que dizem respeito às questões legais e de gestão que compreendem a aquisição, tratamento, exposição, atendimento aos usuários até a alienação. Para atender a esta demanda necessária ao controle e acesso dos objetos em um museu, torna-se necessário um sistema de documentação museológica.

Para Ferrez (1994, p. 68) um sistema de documentação museológica torna o acervo acessível a seus usuários (museólogos, pesquisadores internos e externos, administradores e o público em geral), por meio da pesquisa sobre o objeto e o armazenamento das informações coletadas. Para tanto, o sistema deve apresentar os componentes de: registro, organização e controle (subdividido em registro, número de identificação/marcação, armazenagem/localização, classificação/catalogação, indexação) e saídas (recuperação e disseminação). Para a autora, a implantação eficiente destes componentes requer:

- entendimento de que é necessário clareza e exatidão aos registrar os dados;
- definição dos campos utilizados (informações necessárias);
- normas e procedimentos (aquisição, registro, classificação etc);
- controle de terminologia (uso de vocabulário controlado);

- produção de catálogos;
- numeração de objetos;
- segurança das informações levantadas.

Note-se que a implantação de um sistema de documentação museológica não implica, obrigatoriamente, na automação das rotinas, uma vez que os procedimentos podem ser desenvolvidos manualmente. Neste caso, o termo sistema diz respeito ao conjunto de elementos que interagem no processo.

Novaes (2000) ao abordar a temática documentação e políticas para gestão de coleções museológicas afirma que a implantação de sistemas de documentação é uma demanda atual, podendo constituir-se em um mecanismo de fortalecimento do método científico nas instituições, fortalecendo desse modo seu valor social. De acordo com a autora

Dentre as necessidades impostas pelas pressões que estão levando os museus a repensar sua essência a fim de alcançar um maior grau de cientificismo e de utilização social, está a de investir em documentação, especialmente na possibilidade de sua informatização. (NOVAES, 2000, p. 50).

Para tanto, a implantação eficiente de um sistema de documentação museológica, informatizado ou não, deve estar alinhado aos objetivos do museu e às questões políticas e organizacionais da instituição. Deve observar o desempenho dos estágios de planejamento, aquisição, aceitação, execução, manutenção e constante avaliação. Deve constituir, a partir do entendimento do museu e do conhecimento do acervo, um plano de ação que defina a tecnologia utilizada (se for o caso), as necessidades e os critérios de uso da informação, os recursos, as responsabilidades e os métodos de trabalho englobando

Documentação primária (de entrada) que trata das condições em que um objeto foi descoberto e sobre seu contexto existencial métodos e técnicas de elaboração e tratamento deste tipo de documentação; e documentação secundária, ligada a necessidade de conhecimento científico complexo dos objetos e seu tratamento, que é formado pelo inventário, a catalogação e a terminologia descritiva, isto é, seu sistema classificatório. (NOVAES, 2000, p. 54).

Ao longo do texto, Novaes (2000) refere-se, sem definir, à expressão sistema de classificação.

Ao tratar das questões práticas de um sistema de documentação museológica, Cândido (2006) enfatiza a metodologia de inventário, referenciando o projeto “Inventário de Acervos Museológicos” desenvolvido pela Superintendência de Museus da Secretaria de Estado da Cultura de Minas Gerais. A autora explica

cada uma das etapas de desenvolvimento do inventário na instituição, a saber: identificação e registro dos objetos, classificação dos objetos, definição de categorias de acervo, arranjo do acervo em coleções, pesquisa arquivística e bibliográfica, reprodução fotográfica do acervo e, informatização. Também apresenta uma planilha com 37 campos dispostos em 6 áreas, com orientações detalhadas de preenchimento.

Costa (2006, p. 32) na publicação “Princípios Básicos de Museologia” (obra destinada a orientar a prática nos museus, editada pela Coordenação do Sistema Estadual de Museus do Paraná) afirma que a documentação museológica é composta por: “a) aquisição (coleta, doação, legado, empréstimo, compra e permuta), b) arrolamento, c) registro ou inventário, d) classificação, e) catalogação (fichas), f) pesquisa”.

A partir disto demonstra exemplos de livro tomo e ficha catalográfica. Porém, é pertinente ressaltar o destaque dado ao conjunto de documentos (recibos, termos, laudos, fichas, contratos etc.), os quais devem ser produzidos em um sistema de documentação para registro das ações de empréstimo de curto prazo, transferência, doação, empréstimo de longo prazo, compra, permuta, depósito, legado e, coleta. Desta forma, sua abordagem contempla tanto o viés do acesso às coleções quanto a sua gestão, ambos inerentes ao processo de documentação museológica.

Observa-se, especialmente pelas obras de Cândido (2006) e Costa (2006) o estabelecimento de critérios técnicos institucionais, restrito a orientações compartilhadas como referências de ações desenvolvidas e/ou em desenvolvimento. Tais definições não se constituem em normas paratombamento, inventariação e catalogação, por exemplo.

Novaes (2000) tangencia o uso de normas em museus quando menciona o intercâmbio de informações museológicas no âmbito da informação científica ao afirmar que

Tempo e espaço são elementos fundamentais para a interpretação da história do homem, que quando transmitidos através de dados especiais permitem uma classificação extensa da coleção do museu, agilizando bons resultados para o intercâmbio e a comunicação da informação científica. (NOVAES, 2000, p. 48).

A autora destaca os benefícios advindos da normalização para os países com expressivo desfalque de seu patrimônio cultural causado por apropriações ilícitas de

seus bens. Neste caso o intercâmbio de informações sobre a cultura material atenuaria a dificuldade de recuperação das peças uma vez que a

adoção de uma documentação de base pode ter um importante papel nesses casos, substituindo a existência concreta dessas coleções através de dados especiais oriundos de uma pesquisa científica de profundidade e de sua conseqüente difusão, não somente junto à comunidade científica, mas também à comunidade em geral. (NOVAES, 2000, p. 49).

Ao abordar a normalização no contexto das políticas de gestão das coleções, COSTA (2000) destaca as seguintes iniciativas pertinentes a documentação museológica:

- criação do Comitê Internacional do ICOM para Documentação (CIDOC) e seus esforços para normalização internacional por meio das ações desenvolvidas por seus grupos de estudos;
- lançamento do *thesaurus* sobre cultura material para coleções de museus de história, antropologia, arte e arqueologia; desenvolvido em 1979, nos USA por Robert G. Chenall;
- lançamento do livro “Museus: aquisição / documentação”, no ano de 1986 no Brasil, de autoria de Fernanda Camargo-Moro;
- lançamento do “Thesaurus para acervos museológicos”, em 1987 no Brasil, de autoria de Helena Dodd Ferrez e Maria Helena S. Bianchini.

Contudo, cada instituição museológica segue padrões próprios para o processo de documentação museológica.

3. WEB SEMÂNTICA, WEB 2.0 E O ACESSO AOS RECURSOS INFORMACIONAIS DO PATRIMÔNIO DOCUMENTAL

Tem-se como certo que a palavra de ordem da era da globalização é o compartilhamento de informações visando à economia de recursos. Para que isso ocorra de forma eficiente e eficaz, necessário se faz que a padronização da representação da informação seja estruturada de forma mais coerente, atendendo às necessidades de buscas de usuários, não só de bibliotecas, mas, também, de arquivos e museus, instituições que promovem a socialização do saber. (SANTOS, 2007, p. 65).

3.1 World Wide Web - WWW

De acordo com Tanenbaum (1997), a WWW (*World Wide Web* - Teia de Alcance Global), conhecida como *Web*, é uma aplicação proposta em 1989 e desenvolvida em 1990 por Timothy "Tim" Berners-Lee, pesquisador do CERN (*Conceil Européen por la Recherche Nucléaire* - Conselho Europeu para Pesquisa Nuclear). No artigo original¹⁰ em que a propõe, o nome *Web* não é citado. Tim, inicialmente, chamava sua invenção de *Mesh* (malha), alterando-a para a nomenclatura atual durante a sua implementação. A *Web*, enquanto aplicação, roda sobre a estrutura de rede geograficamente distribuída (WAN - *Wide Area Network*) chamada Internet que, por sua vez, descende da rede militar ARPANET, desenvolvida no final da década de 60 pela ARPA (*Advanced Research Projects Agency* - Agência de Projetos de Pesquisa Avançados), braço tecnológico do Departamento de Defesa (DoD - *Department of Defense*) dos Estados Unidos da América.

O autor afirma que no ano do surgimento da *Web*, a Internet já interligava 3 mil redes e 200 mil computadores, quase todos localizados nos Estados Unidos, Canadá e Europa. Essa estrutura era utilizada basicamente para fins militares e acadêmicos e as aplicações mais importantes eram: o correio eletrônico (*e-mail*), os *newsgroups* (grupos de notícias), Telnet (*login* remoto em modo texto) e a transferência de arquivos (via FTP - *File Transfer Protocol*). A partir disto, constata-se que a *Web* é responsável pela popularização da Internet, tornando-a

¹⁰ Artigo original mantido pelo CERN, disponível em <http://www.w3.org/History/1989/proposal> . Acesso em 19 jan 2010.

comercialmente atraente e viável ao público não-acadêmico. O crescimento vertiginoso da *Web* induziu os leigos a confundi-la com a própria Internet.

Atualmente, o desenvolvimento de padrões e normas para a *Web* é coordenado por um consórcio internacional chamado *World Wide Web Consortium* (W3C) (2003), cuja missão é: liderar a evolução técnica da WWW, promover interoperabilidade entre tecnologias e encorajar a discussão de assuntos pertinentes à Internet.

O W3C foi fundado em 1994 por Tim Berners-Lee juntamente com o *Massachusetts Institute of Technology, Laboratory for Computer Science* (MIT/LCS), em colaboração com o CERN e a *European Commission*. O W3C é integrado por empresas do ramo de desenvolvimento e venda de tecnologia, produtos e serviços, usuários corporativos, laboratórios de pesquisa e órgãos de padronização.

O W3C, representado pelos membros que o integram, responsabiliza-se por nortear a visão do futuro da *Web*, projetando e desenvolvendo especificações técnicas que levem em consideração as tecnologias existentes e futuras, no intuito de promover a interoperabilidade entre estas. Contribui, também, com esforços relacionados à padronização das tecnologias *Web*, disponibilizando o conhecimento produzido ao público em geral. Em linhas gerais, as metas do W3C visam atingir (W3C, 2003):

- o acesso universal, tornando a *Web* acessível a todos, promovendo tecnologias levando-se em consideração diferenças culturais, idiomas, habilidades, material de pesquisa, dispositivos de acesso, e limitações físicas de usuários de todos os continentes;
- a *Web* Semântica, desenvolvendo um ambiente de software que permita cada usuário fazer o melhor uso dos recursos disponíveis na *Web*;
- a confiança, guiando desenvolvedores de sistemas em questões críticas relacionadas às questões legais, comerciais e sociais enraizadas na tecnologia *Web*.

As atividades do W3C são definidas conforme a proposta e o consenso dos membros que o compõem (W3C, 2003). Geralmente, são organizadas em grupos de trabalho (para desenvolvimento técnico), de interesse (para trabalho geral) e grupos de coordenação (para comunicação entre os grupos relacionados). As equipes de trabalho são divididas em quatro domínios de pesquisa para facilitar a coordenação das atividades e versam sobre questões relacionadas a: arquitetura, interação, tecnologia e sociedade, e iniciativas de acesso.

Tendo visto a forma como a *Web* surgiu e se desenvolveu como aplicação mais popular da Internet, é pertinente explorar alguns de seus detalhes de implementação, conforme apresentado a seguir.

3.1.1 Como funciona a Web

O funcionamento da *Web* é explicado por Tanenbaum (1997). Tecnicamente, a *Web* é formada por sistemas do tipo cliente/servidor, que se constituem em aplicações servidoras que recebem e atendem requisições realizadas pelos clientes. As aplicações servidoras são conhecidas como *Web servers* (servidores Web) e os clientes são conhecidos como *browsers* (navegadores). A troca de informações entre as partes cliente e servidora ocorre sobre um protocolo de comunicações conhecido como HTTP (*HyperText Transfer Protocol*). Esse protocolo estabelece o conjunto de palavras-chave que identificam os métodos válidos para a interação entre o *browser* e o servidor *Web*. Tal interação consiste basicamente no encaminhamento, por parte dos servidores *Web*, de documentos que tenham sido solicitados pelos *browsers*.

O fundamento básico da *Web* é o hipertexto. Ele permite que o usuário da *Web* navegue pelos documentos disponíveis seguindo os encadeamentos (*links*) que existem entre eles. Cada *link* aponta para o endereço (URI - *Universal Resource Identifier*)¹¹ de um documento *Web* ou para um ponto (âncora) no interior deste documento. Dessa maneira, o hipertexto permite que os usuários acessem os conteúdos de forma não-linear, ampliando as possibilidades de leitura e navegação e modificando de forma substancial a relação entre os leitores e os documentos.

Hipertexto, entretanto, não é um conceito que nasce com a *Web*. Embora não com este nome, ele foi primeiramente proposto por Vannevar Bush em um ensaio clássico, como parte do projeto jamais construído de um dispositivo eletromecânico chamado Memex. De acordo com Bush (1945), esse dispositivo conteria documentos microfilmados e permitiria que o leitor inserisse ligações (*associative trails*) entre os documentos. No decorrer da leitura, tais ligações poderiam ser

11 Até recentemente, utilizava-se o termo URL (*Universal Resource Locator*) para designar o endereço de um documento (recurso) na Web. Hoje em dia, o W3C recomenda o uso do termo URI, que especifica um conjunto de endereços e seus protocolos. URL seria, então, um subconjunto (endereços de recursos web, ou seja, protocolo http) de URI (endereço de qualquer recurso na internet, ou seja, protocolos http, ftp etc.). A tendência é que o termo URL caia em desuso, o que parece ser a intenção do W3C.

seguidas de forma bidirecional, em uma leitura não linear, de acordo com o interesse do usuário.

Nota-se a similaridade do conceito de *associative trails* com o hipertexto utilizado na *Web*; a diferença é que os *links* são fixos, unidirecionais e criados juntamente com o documento pelo seu desenvolvedor. Na *Web*, o conceito de hipertexto é implementado através do uso de linguagens de marcação de texto como HTML e XML.

3.1.2 Linguagens de marcação de texto para Internet

Segundo Pitti (2002), SGML (*Standard Generalized Markup Language*) é um padrão independente de *hardware* e de *software* mantido pela *International Standards Organization* (ISO) para desenvolvimento de esquemas de codificação de registros textuais. Lançado em 1986 como padrão ISO 8879, fez grande sucesso junto ao governo, academia e indústria. Porém, devido a sua complexidade, desenvolvedores e usuários comuns encontraram dificuldades em utilizá-la.

HTML e XML, de acordo com BOTELHO & SOUZA (2003), são considerados subconjuntos da SGML. Ambas compatíveis entre si, com a SGML e com subconjuntos próprios como ocorre com a HTML (XHTML) e com a XML (MathML, GML, XML Schema, Xquery, SVG, Xlink e XSL), que também apresenta tecnologias específicas relacionadas a seus subconjuntos.

Neste trabalho, no entanto, serão abordadas somente as linguagens de formatação de texto HTML e XML, em respeito ao escopo do mesmo.

3.1.2.1 HyperText Markup Language – HTML

HTML é uma linguagem de formatação de texto, com códigos (*tags*) fixos, que segue as recomendações do W3C (2003). Dentre as funções da HTML, encontram-se: a formatação de texto, a inserção de imagens, de arquivos de som e *links* para outras páginas, de modo a integrar conteúdos dos mais diversos formatos em um único documento multimídia visualizado pelo *browser*.

Segundo Furgeri (2001), é um padrão muito utilizado devido às facilidades oferecidas para a publicação de documentos na *Web*. Dentre os fatores que colaboram para a grande aceitação da linguagem, destacam-se:

- não está vinculada a nenhuma plataforma;
- é um padrão aberto;
- visa à produção de documentos eletrônicos para a publicação na Internet de maneira fácil, permitindo que qualquer interessado, sem conhecimentos em linguagens de programação, possa desenvolver seus documentos hipertexto;
- os documentos HTML são relativamente pequenos, e mesmo documentos maiores podem ser divididos e interligados por *links* (hipertexto);
- apesar de ser uma linguagem simples, pode incorporar outros componentes, como figuras (estáticas e em movimento), sons, etc.

No entanto, mesmo apresentando grande aceitação na Internet, surgiram novas exigências e, de acordo com Furgeri (2001), com o decorrer do tempo a HTML passou a apresentar limitações no que tange a qualidade de apresentação dos documentos, além do efeito colateral indesejado de misturar aspectos de formatação com o conteúdo.

Para amenizar estas debilidades, a W3C (2003) recomenda o uso de padrão CSS (Cascading Style Sheets), também conhecido como folha de estilos, de modo a separar completamente o conteúdo da formatação. O conteúdo permaneceria em documentos HTML enquanto todos os aspectos de *design* e apresentação seriam deslocados para documentos de estilo CSS.

Outro fator a ser considerado é o fato de que a HTML constitui-se de um conjunto de *tags* fixas, restringindo as possibilidades de análise semântica das informações por parte de dispositivos de *software*. Conseqüentemente, as informações contidas em páginas HTML abstêm-se de significado perante a maioria dos serviços de busca, pois estes detêm-se ao texto, sem qualquer referência a sua estrutura, apresentando, em grande parte das vezes, resultados irrelevantes à pesquisa do ponto de vista do usuário.

3.1.2.2 eXtensible Markup Language - XML

Segundo Furgeri (2001), XML é uma linguagem de marcação de textos para a Internet criada em 1996 pelo W3C, sob a responsabilidade de Jon Bosak, da Sun Microsystems. Trata-se de uma linguagem de formatação de texto que incorpora características especiais, que permitem descrever as informações que integram uma

página *Web* de forma estruturada, inteligente, tornando-o legível tanto para seres humanos como para computadores.

Da mesma forma que a HTML, não é uma linguagem de programação, apenas de marcação. É independente de plataforma e um padrão aberto, de domínio público. No entanto, na XML o desenvolvedor de páginas tem a possibilidade de criar suas próprias *tags*, um diferencial significativo em relação à HTML e que permite tornar disponível a estrutura e conteúdo dos documentos. Em síntese, o documento XML é composto basicamente de três elementos distintos: conteúdo, estrutura e apresentação.

No que diz respeito à estrutura dos documentos XML, Norman (2002) chama atenção para um elemento de extrema importância: o *Document Type Declaration* – DTD. Consiste em um número de tags do tipo `<!ELEMENT>` e `<!ATTLIST>` usadas para definir a estrutura dos documentos a serem produzidos, padronizando o modelo dos dados a serem seguidos nos documentos elaborados. Nele são definidos quais *tags* poderão ser usadas, qual a ordem em que estas aparecerão, se são obrigatórias ou opcionais. Nele, também, são definidos os elementos, os atributos e as entidades dos documentos a serem produzidos.

Não é estritamente necessário ter um DTD para cada documento XML produzido. No entanto, é aconselhável, pois depende dele o aval para um documento ser válido e/ou bem estruturado. Apesar da simplicidade apresentada pelo DTD, TITTEL (2003) apresenta algumas críticas a este padrão de validação:

- arquivos DTD possuem sintaxe diferente da XML;
- arquivos DTD possuem uma definição de tipo de dados restrita;
- as declarações DTD são difíceis de ler e compreender.

Para suprir estas deficiências, o W3C propôs a substituição de arquivos DTD por um novo padrão, compatível com XML, denominado XML Schema Language. Apesar das observações de TITTEL, XML Schema não será detidamente estudada neste trabalho devido ao fato de que o padrão DTD já possui uma cultura sedimentada e uma maior base de utilização.

Na visão de Furgeri (2001), um documento bem formado é aquele em que as *tags* estão dispostas corretamente pelo documento. Para cada *tag* de abertura deve existir a correspondente para encerramento, encontrando-se aninhadas sob uma *tag* mais externa. Assim, um documento será bem formado quando um browser puder interpretá-lo como uma estrutura hierárquica. Todavia, há de se considerar que um

documento bem formado nem sempre é um documento válido. A validação de um documento XML é feita a partir da conferência de suas informações com as declarações feitas no DTD relacionadas às características de cada *tag* (conteúdo, obrigatoriedade, sequência, etc...), no intuito de verificar se os documentos seguem o padrão estabelecido.

Deve-se lembrar também que, segundo Norman (2002), graças à produção de DTDs, é possível a criação de diferentes padrões, levando-se em consideração as particularidades de diferentes áreas do conhecimento, mobilizando esforços para desenvolvimento de padrões em diferentes áreas. Por este motivo, segundo Botelho e Souza (2003), o XML assume o status de metalinguagem, ou seja, constitui-se em uma linguagem para descrever outras linguagens.

Norman (2002) afirma que a apresentação dos documentos XML é um dos aspectos de maior relevância da linguagem, pois separa o conteúdo da apresentação, permitindo que diferentes usuários tenham suas próprias definições de como o conteúdo da página será exibido.

As informações relacionadas a apresentação visual da página são armazenadas em um arquivo de estilo (*stylesheet*) externo, que possui um conjunto de regras que descrevem como os documentos serão apresentados a seus usuários, permitindo especificar: tamanho, cor, lugar do texto e imagens na tela, entre outras informações.

O W3C desenvolve pesquisas relacionadas a duas linguagens de estilo para XML: a *Cascading Style Sheets* (CSS) e a *Extensible Stylesheet Language* (XSL). A diferença entre elas é que, ao passo que a CSS pode ser utilizada para definir a apresentação de um documento HTML, a XSL é usada para transformar dados XML em documentos HTML/CSS no servidor *Web*. Neste sentido, as duas linguagens são complementares e podem ser usadas concomitantemente. As diferenças existentes entre as referidas linguagens de estilo foram apresentadas por Norman (2002), em quatro perguntas relacionadas à aplicabilidade de uma e de outra (QUADRO 11).

	CSS	XSL
Pode ser usada com HTML?	Sim	Não
Pode ser usada com XML?	Sim	Sim
Linguagem de transformação?	Não	Sim
Sintaxe	CSS	XML

QUADRO 11 - Distinções entre as linguagens *stylesheet*: CSS e XSL

Fonte: NORMAN (2002).

Diante do exposto, convém destacar as vantagens apresentadas pela XML, conforme elenca Furgeri (2001):

- criação de *tags* conforme a necessidade do usuário, permitindo o surgimento de linguagens baseadas em XML;
- realização de pesquisa na *Web* de forma inteligente pela ferramenta de navegação, tornando os resultados de pesquisa mais inteligentes;
- possibilidade de um mesmo documento ser visualizado de diferentes formas, com o uso de folhas de estilo;
- os *browsers*, apoiados por linguagens de programação, podem fazer grande parte do processamento das informações; o conteúdo do documento pode ser manipulado e reorganizado; cálculos podem ser realizados para gerar novos conteúdos instantaneamente, viabilizando a criação de novos documentos;
- a estrutura criada pelo documento permite que ferramentas baseadas em banco de dados possam consultar e processar seu conteúdo;
- facilidade na criação de documentos, pois o desenvolvedor pode se dedicar apenas ao conteúdo das informações, uma vez que a estrutura é controlada pela ferramenta;
- tende a ser um padrão permanente, pois seu conteúdo é puramente texto;
- possibilita o trabalho conjunto de diferentes aplicações no que diz respeito à troca de informações, proporcionando maior interoperabilidade;
- permite que duas ou mais instituições desenvolvam padrões para criação de documentos e troca de informações entre si;
- pode-se criar uma rede de conhecimento (*knowledge*), interligando documentos com informações complementares, mesmo que eles estejam em lugares diferentes na *Web*, ou ainda em diferentes instituições.

3.2 Web Semântica

Coffman (1998) faz uma estimativa acerca do volume de informações que trafegou na Internet no período entre 1990 e 1997, a partir da qual é possível observar a tendência de crescimento. De acordo com o autor, em 1990, ano da

criação da *Web*, circulava pela Internet a quantia de 1 *Terabyte*/mês de dados. Em 1997, esse valor já havia aumentado para 3.000 *Terabytes* (3 *Petabytes*).

Em termos de conteúdo armazenado, Eric Schmidt (UNDERGOOGLE, 2005), executivo da Google, afirma que esta ferramenta de busca havia indexado até 2005, o volume de 170 *Terabytes* e que o conteúdo total da *Web* estava estimado em 5 milhões de *Terabytes* (5 *Exabytes*) na mesma época. Em seu *blog* oficial (*The Official Google Blog*, 2008), a Google noticia que, em julho de 2008, chegou à marca de 1 trilhão de endereços (URLs) únicos indexados.

Assim, não seria temerário afirmar que a Internet - a *Web*, em particular - constitui-se no maior repositório de informações de que se tem notícia, cujo volume não pode ser mensurado precisamente, apenas estimado. Isso implica em que uma parte significativa do conhecimento humano está disponível a todos que tenham acesso à *Web*.

Muitas vezes encontrar recursos relevantes a um determinado domínio do conhecimento não é uma tarefa fácil e a realização de buscas por informações específicas pode ser uma atividade frustrante na maior parte do tempo. Segundo Bonifácio (2002), a maioria dos sistemas ou motores de busca atuais utiliza técnicas de base sintática sobre uma forma de adequação léxica (recuperação *full-text* ou busca por palavras chave – *key words*). Porém, em muitos domínios, o usuário está interessado em encontrar informações nas quais a relevância dos recursos não pode ser medida através do uso destes sistemas de busca. A relevância deve ser preferencialmente estimada num nível de conhecimento profundo do domínio do problema em questão.

Neste meio ocorre o que Milstead E Feldman (1999) definem como semântica cruzada ou polissemia. Este fenômeno ocorre quando os motores de busca, ao invocarem palavras ortograficamente idênticas, mas semanticamente distintas, retornam documentos não requisitados. Isto porque estes documentos trazem em seu corpo palavras-chave homônimas, ortograficamente idênticas, porém com significado distinto.

Neste sentido, o ideal esperado de um mecanismo de busca é que este possa retornar todos os documentos relevantes relacionados ao assunto pesquisado, prevenindo a ocorrência de polissemia. Tendo-se em mente esta problemática, vêm-se falando em mudanças significativas no modo de utilizar a Internet. Trata-se da *Web Semântica*, uma tentativa de que a compreensão dos documentos hipertexto

divulgados na rede seja possível não só por pessoas, mas por todos os computadores, agilizando o processo de busca.

Esta nova tendência da Internet está sendo desenvolvida pelo W3C, integrando o domínio de pesquisa Tecnologia e Sociedade e contando com a colaboração de um grande número de pesquisadores e parceiros da indústria. Para o W3C, a Web Semântica constitui-se na representação abstrata dos dados publicados na *Web*, baseada em padrões RDF, entre outros a serem definidos.

De acordo com Berners-Lee *et al.* (2001) a *Web Semântica* é uma extensão da *Web* atual, que Breitman (2005) chama de *Web Sintática*. Essa extensão consiste em camadas a serem sobrepostas sobre a *Web Sintática*, de forma a acrescentar conteúdo semântico que facilite o processamento por parte de aplicações de *software*. Em 2000, durante a conferência XML2000, Berners-Lee apresentou uma proposta (FIGURA 05) para a organização em camadas da *Web Semântica*, que ficou conhecida como *layer cake*¹².

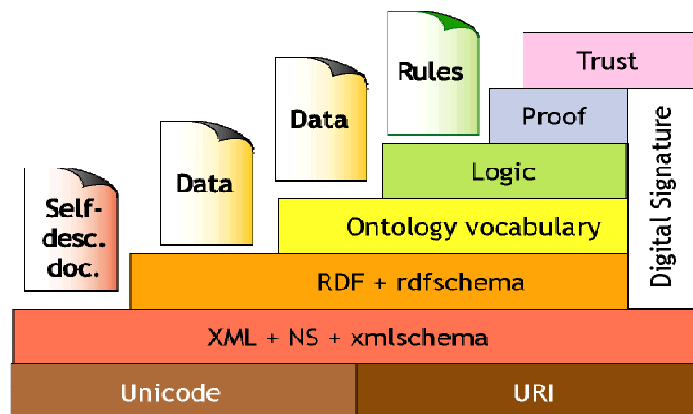


FIGURA 05 – Camadas da Web Semântica

Fonte: Slides da apresentação de BERNERS-LEE.¹³

A intenção principal da *Web Semântica* é criar agentes para percorrer páginas e realizar tarefas para seus usuários. Estas tarefas transcendem a identificação do exato significado das palavras, identificando também relações existentes segundo uma lógica humana. No entanto, sabe-se que este feito só será viável se as páginas apresentarem dados estruturados aos mecanismos que nelas buscam informações.

Neste sentido, os componentes daquilo que poderá ser a *Web Semântica*, na

¹²A apresentação desta conferência está disponível em <http://www.w3.org/2000/Talks/1206-xml2k-tbl/Overview.html>. Último acesso em 19/01/2010. BREITMAN (2005) traduziu por “bolo de noiva”.

¹³ Disponível em: <http://www.w3.org/2000/Talks/1206-xml2k-tbl/slide10-0.html>. Acesso em 19 jan 2009

visão de Berners-Lee *et al.* (2001), são apontados como: Representação do Conhecimento, Ontologias, Agentes e Evolução do Conhecimento. Destes, os três primeiros serão abordados a seguir.

3.2.1 A representação e a evolução do conhecimento

Segundo Berners-Lee *et al.* (2001), "a *Web Semântica* permitirá que as máquinas compreendam documentos e dados semânticos, mas não a escrita e a fala humanas". Isso ocorre porque *Web Semântica* não é o mesmo que Inteligência Artificial. Trata-se apenas de uma nova maneira de estruturar as informações de forma a acrescentar uma camada semântica aos documentos *Web*, facilitando o trabalho das aplicações de software que tenham que processar tais documentos. Dessa maneira,

os computadores passarão a ter acesso a coleções estruturadas de informação e conjuntos de regras de inferência que poderão ser utilizadas para conduzir tomadas de decisão automatizadas. (BERNERS-LEE ET AL, 2001, Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article.cfm?articleID=00048144-10D2-1C70-84A9809EC588EF21&catID=2>>)

O desafio está em fornecer uma linguagem que expresse tanto os dados como as regras para raciocinar (*reasoning*) sobre esses dados, de tal forma que as regras de qualquer sistema de representação do conhecimento sejam exportadas para a *Web*, proporcionando-lhe lógica.

Se a *Web Semântica* for bem sucedida, poderá colaborar com a evolução do conhecimento como um todo. Ao numerar conceitos, permite que todas as pessoas possam expressar novos conceitos com um mínimo de esforço.

Conseqüentemente ocorre a disseminação do conhecimento, pois este e os avanços da humanidade estarão suscetíveis à identificação por parte dos agentes de busca, uma nova classe de ferramentas com as quais poderemos viver, trabalhar e aprender em conjunto. Desta forma, ocorrerá a otimização de tempo e esforços na divulgação do conhecimento via *Web*.

É interesse do W3C o desenvolvimento de aplicações como os protocolos Z39.50, padrões de metadados como o Dublin Core entre outras aplicações de vocabulários controlados. Também demonstram interesse no desenvolvimento de metadados para gestão de *sites* e *workflow*.

Para concretizar a representação do conhecimento, deve-se considerar

poderosas ferramentas como a linguagem de formatação de texto XML e o RDF (*Resource Description Framework*).

A XML, como já mencionado anteriormente, é uma maneira flexível para criar formatos de informação comuns e de partilhar simultaneamente dados e formatos na Web. Trata-se de uma recomendação formal do W3C, tratando-se de uma versão mais simples e fácil de utilizar que a sua antecessora SGML (*Standard Generalized Markup Language*). É similar à HTML (*HyperText Markup Language*), pois ambas trabalham com *tags* de abertura e encerramento. No entanto, difere-se pelo fato de que na XML as *tags* são infinitas e auto-definíveis (por isto o carácter extensível), e sobretudo porque a XML tem a capacidade de descrever o conteúdo de uma página *Web*, de forma estruturada.

O RDF constitui-se em uma aplicação do XML, em desenvolvimento pelo W3C, para fornecer uma estrutura geral que descreva qualquer recurso na Internet, tal como um site e seu conteúdo.

Segundo Miller (1998), o RDF permite a publicação de vocabulários, ou seja, conjuntos de propriedades ou elementos de metadados. Estes vocabulários são legíveis por seres humanos e máquinas, constituindo-se em uma ferramenta a partir da qual comunidades específicas, com terminologia própria, podem definir elementos de metadados necessários a descrição de seus recursos e associá-los a padrões já existentes.

Para tanto, o RDF possui um modelo de dados (FIGURA 06) para descrição de recursos que parte do pressuposto que:

- recursos possuem propriedades (atributos ou características);
- propriedades associadas a estes recursos são identificadas por tipos de propriedades;
- tipos de propriedades, por sua vez, expressam o relacionamento de valores associados a recursos;
- valores podem ser de natureza atômica (um número, uma *string*, etc.) ou outros recursos que por sua vez podem ser suas próprias propriedades;
- uma coleção de propriedades que apontam para os mesmos recursos chama-se descrição.

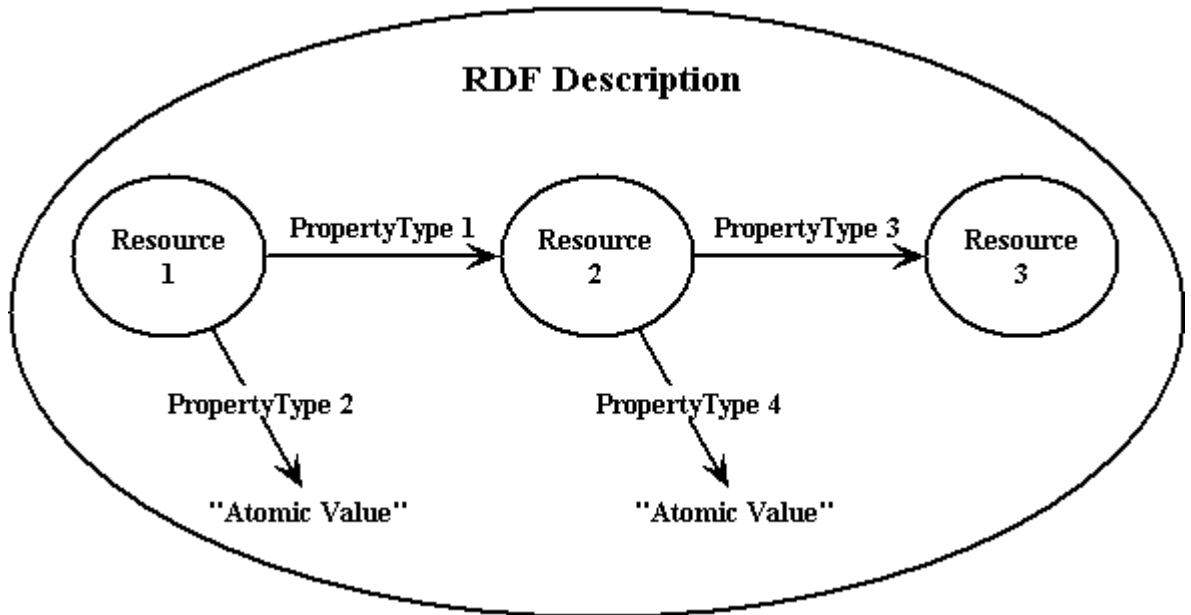


FIGURA 06 – Modelo de dados RDF

Fonte: MILLER (1998).

Em síntese, o RDF apresenta-se como uma ferramenta poderosa para criação de vocabulários, a qual permite a reutilização, a extensão e/ou aprimoramento de significados entre comunidades distintas com domínios descritivos específicos. Devido ao seu modelo de dados (representado pelo trio recurso, propriedade e valor), viabiliza a descrição de recursos sem ambigüidades, criando uma infraestrutura que suporta combinação de registros de atributos distribuídos, na qual não se faz necessário um registro central obrigatório.

3.2.2 Ontologias

Segundo Accioly (2003), os mecanismos a serem desenvolvidos para o estabelecimento da *Web Semântica* compreendem duas vertentes: a disponibilização de coleções estruturadas de informações e regras de inferência associadas a elas; e a criação de agentes de software, capazes de recorrer a *Web* realizando tarefas complexas com base nessas estruturas de conhecimento.

Na filosofia, o termo Ontologia está relacionado à existência de uma teoria acerca da natureza da existência, da existência de diferentes entes ou seres. No entanto, de acordo com Berners-Lee *et al.* (2001), pesquisadores das áreas de

inteligência artificial e da *Web* adaptaram o termo para seus próprios jargões, designando-o como um conjunto de informações, um documento ou um arquivo que define formalmente relações entre termos. Segundo Breitman (2005), o conceito de ontologia mais frequentemente aceito no âmbito da Web Semântica foi proposto por Thomas R. Gruber: "Ontologia é uma especificação formal e explícita de uma conceitualização compartilhada".

Na *Web*, uma ontologia possui uma taxonomia e um conjunto de regras. Apesar do uso do XML e do RDF ainda subsistem problemas relacionados aos identificadores. O ideal seria dispor de um mecanismo para decodificação de significados comuns através de diferentes bases de dados; reside aí o papel crucial das ontologias: fazer com que diferentes bases de dados possam partilhar de significados comuns. Isto porque as ontologias são descrições explícitas e precisas de conceitos e relações em um domínio particular, ou seja, um vocabulário específico aliado a um conjunto de axiomas lógicos, que permite que um mesmo termo possa ser referenciado por mais de uma ontologia.

Porém, as ontologias levantam um velho problema: a terminologia. Para se construir programas de pesquisa inteligente é necessário que este funcione com ontologias, isto é, que façam o controle semântico dos termos a pesquisar.

Moura (2002) apresenta como propriedades das ontologias o compartilhamento, isto é, o entendimento sobre conceitos; e a filtragem, quer dizer, modelos de abstração que definam o que deverá ser abstraído de um sistema.

Dentre as características desejáveis de uma ontologia encontram-se, segundo Moura (2002):

- dinamicidade: habilidade para se adaptar a mudanças;
- escalabilidade e interoperabilidade: capacidade de se adaptar a novos requisitos, bem como integrar várias ontologias numa única, taxonomias conceituais diferentes;
- facilidade na manutenção;
- semântica consistente e contexto coerente: evitar muitos termos específicos, associação com instâncias, dificultando integração posterior entre ontologias.

As linguagens para definição de ontologias segundo Moura (2002) são: SHOE (*Simple Html Ontology Extensions*), XOL (*XML based Ontology Exchange Language*), OIL (*Ontology Inference Language*), DAML (*DARPA Agent Markup Language*), sendo que há a possibilidade de aplicação conjunta de OIL e DAML (DAML+OIL). Segundo Breitman (2005), o W3C revisou recentemente a linguagem DAML+OIL,

originando desse esforço a linguagem OWL (*Web Ontology Language*) que passa a ser a linguagem recomendada para a definição de ontologias. Para a integração de ontologias, dispõe-se das ferramentas CHIMAERA, ONTOMORPH e PROMPT. Para a criação e edição de ontologias e bases de conhecimento, Breitman (2005) cita o uso das ferramentas PROTÉGÉ2000 e OILed.

3.2.3 Agentes

Os agentes, segundo Berners-Lee *et al.* (2001), são programas de computador que recolhem conteúdos de origens diversas, processam a informação e trocam os resultados com outros programas. Eles trabalham em sinergia, são capazes de se comunicar mutuamente e, mesmo no caso de não terem sido expressamente concebidos para fins de comunicação, podem fazê-lo, pois cada um deles pode traduzir os dados enviados pelo(s) outro(s).

Neste sentido, as assinaturas digitais, ou seja, blocos de dados criptografados que tanto os agentes como os humanos podem usar para verificar se a informação anexada foi emitida por uma entidade de confiança, são de extrema importância para difusão dos agentes.

URIs (*Uniform Resource Identifier*) podem apontar para qualquer recurso na Internet, incluindo identidades físicas. Logo, pode-se usar a linguagem RDF para descrever recursos tais como telefones celulares e TVs. Desta forma, agentes podem perambular por diferentes páginas e identificar recursos requeridos numa busca de forma inteligente.

3.2.4 Metadados

Segundo Milstead E Feldman (1999), metadados são dados que descrevem os atributos e o conteúdo de um documento. Assim, pode-se considerar metadados bibliografias, catálogos, sumários, índices, termos indexados e resumos.

A utilização dos metadados, de acordo com Souza *et al.* (1997), surgiu com a necessidade de se criar uma estrutura para a descrição padronizada de documentos eletrônicos para tornar possível e mais efetiva a recuperação da informação na

Internet. Isto, porque, à medida que aumenta a coleção de objetos eletrônicos dos mais variados tipos e formatos (textos, imagens, sons, etc.), torna-se cada vez mais difícil a pesquisa dos mesmos.

A padronização é uma questão de extrema relevância no universo dos metadados, pois padrões de metadados especificam o formato dos dados e quais informações são necessárias para que o usuário os conheça e veja a sua adequação. A utilização de padrões de metadados é extremamente vantajosa, pois, segundo SOUZA *et al.* (1997):

- estabelece padrões diante da heterogeneidade de informações contidas na rede;
- facilita a definição da linguagem de consulta, proporcionando maior precisão na recuperação das informações desejadas;
- permite a troca de informações entre aplicações e entre organizações;
- viabiliza a utilização da tecnologia na descrição de informações.

Em se tratando de *Web Semântica*, o uso de padrões de metadados para descrição de recursos é de extrema relevância, pois permite que as páginas apresentem dados estruturados aos mecanismos de busca que lêem suas informações.

Segundo Milstead & Feldman (1999), a padronização de metadados é coordenada por instituições de abrangência mundial.

A ISO (*International Standards Organization*) estabeleceu recentemente um Grupo de Trabalho de Metadados (*Metadata Working Group*). A formação deste grupo visa a discussão para a especificação e gerenciamento de metadados. Além disso, a ISO possui uma Especificação e Padronização para Elementos de Dados, sob o nº 11.179.

A ANSI (*American National Standards Institute*) criou o *National Committee on Information Technology Standards*, para cobrir as áreas de nomenclatura, identificação, definição, classificação e registro de metadados.

O *World Wide Web Consortium* (W3C), tem demonstrado forte interesse pela área. Desenvolveu especificações RDF (*Resource Description Framework*) e PICS (*Platform for Internet Content Selection*). O PICS foi desenvolvido para permitir a utilização de metadados associados ao conteúdo disponível na Internet e, mais tarde, originou o RDF. Já a especificação RDF consiste em um modelo de dados e sintaxe de metadados para recursos da *Web*.

O termo vocabulário pode ser referenciado como sinônimo de padrão de metadados. Os vocabulários são compostos de elementos descritivos que formam um conjunto de metadados ou, é formado por um conjunto de propriedades ou elementos de metadados. Nos vocabulários são elencados a semântica de cada elemento que forma o conjunto de metadados, e também as circunstâncias de uso dos elementos que o constitui.

Os vocabulários ou padrões de metadados, segundo Marcondes (2002), emergem de diferentes comunidades e seguem propósitos distintos, previamente estabelecidos, respeitando-se suas particularidades. Neste sentido, os elementos descritivos da NOBRADE e do AACR2, por exemplo, podem ser concebidos como padrões de metadados.

3.3 Web 2.0

Ao contrário da *Web Semântica*, que ainda é uma proposta implementada apenas parcialmente e cujos frutos serão colhidos amplamente no futuro, aquilo que se convencionou chamar de *Web 2.0* já é um fenômeno do presente. Quanto a isso, não há dúvidas. Entretanto, os especialistas da área divergem quanto a relevância do termo e quão recente são as características que a sustentam.

O criador da *Web*, Tim Berners-Lee, por exemplo, tem se mostrado bastante avesso ao uso do termo *Web 2.0*. Em entrevista concedida a Laningham (2006) e publicada no *website developersWorks*, da IBM, ele afirma que a “*Web 2.0* é obviamente um jargão, ninguém ao menos sabe o que significa”. Sobre a idéia de que a *Web 2.0* seria uma nova *Web* em que as pessoas estivessem mais conectadas entre si, ele diz que a “*Web 1.0* já se tratava totalmente sobre conectar pessoas”.

Por outro lado, Tim O'Reilly afirma em seu artigo *What is Web 2.0* (O'Reilly, 2005) que, a despeito das críticas, um ano e meio após a sua criação o termo já era citado em 9,5 milhões de resultados do Google. No mesmo artigo, ele afirma que *Web 2.0* foi um nome criado por Dale Dougherty, Vice-Presidente da O'Reilly Media, durante um *brainstorm* entre as empresas O'Reilly Media e MediaLive International. A reunião foi motivada pela tentativa de descobrir as características chave por trás da sobrevivência de algumas empresas que só existem na *Web* (como a Amazon e o Google) ao evento conhecido como “estouro da bolha” das empresas “ponto-com”

em 2001. Como resultado disso, a O'Reilly promoveu em 2004 um evento chamado *Web 2.0 Conference*, que disseminou o termo com grande sucesso.

O'Reilly (2005) elenca sete características definidoras do conceito de Web 2.0, a saber: a *Web* como plataforma, o aproveitamento da inteligência coletiva, dados são o próximo *Intel Inside*, fim dos ciclos de versões de software, modelos de programação leves, software acima do nível de dispositivo e, experiência rica do usuário. Tais características serão analisadas a seguir.

Ao tratar da *Web* como plataforma, O'Reilly (2005) afirma que novas aplicações importantes para o usuário de computadores nasceriam diretamente na *Web* e aplicações já bastante utilizadas, como processadores de texto e planilhas eletrônicas migrariam para esta plataforma. Com o tempo, aplicativos do tipo *desktop* perderiam mercado em favor dos aplicativos *Web*. Esse fenômeno pode ser reconhecido no recente uso de *webmail* como o Gmail em detrimento dos antigos clientes de *e-mail* do tipo *Outlook*. Dessa maneira, as aplicações tornam-se serviços e deixam de ser meramente produtos.

Ao tratar do aproveitamento da inteligência coletiva, O'Reilly (2005) afirma que as aplicações *Web 2.0* são sensíveis às intervenções do usuário, de modo que elas evoluem constantemente com o uso. Essa característica é representada pelas comunidades virtuais e *websites* de notícias dedicadas ao chamado "jornalismo cidadão". Também o conceito de folksonomia encontra guarida aqui. *Folksonomia* seria um tipo de classificação de conteúdos publicados de acordo com os interesses e compreensão dos usuários leitores de tais conteúdos. Dessa maneira, as matérias de um *website* seriam classificadas de acordo com a relevância para o seu público e ocupariam a área destinada à classificação obtida. *Folksonomia* tem a ver com taxonomia, de modo que este parece ser um ponto de contato entre a *Web 2.0* e a *Web Semântica*. Se os usuários de um *website* são convidados a participar da criação de metadados e/ou ontologias para os conteúdos nele expostos, convém que se estude a maneira de melhor orientar essa produção de conhecimento por parte do público.

Ao afirmar que dados são o próximo *Intel Inside*, parafraseando a campanha publicitária da fábrica de processadores Intel, O'Reilly (2005) diz que o valor passará dos equipamentos para os dados nele contidos. A *Web* é um container de dados gigantesco; com o passar do tempo, tais dados estão sendo reestruturados de modo a agregar valor às aplicações. Esse parece ser outro ponto de contato entre a *Web*

2.0 e a Web Semântica, cujo propósito é justamente oferecer uma forma de estruturação de dados que permita a automação de vários processos de decisão sobre o conteúdo da *Web*.

Ao prever o fim dos ciclos de versões de software, O'Reilly (2005) se refere a como as aplicações passam a existir na plataforma *Web*, deixa de fazer sentido o lançamento de novas versões. Diariamente a aplicação sofre pequenos ajustes que são visualizados imediatamente pelos usuários e aprovados ou não por eles. O autor chama isso de “Beta eterno”. Beta é um termo da indústria de *software* que se refere às aplicações que se encontram na última fase de testes, em mãos de usuários experientes. Na época do artigo, aplicações *Web* como o *Orkut* e o *Gmail* ostentavam a palavra “Beta” junto à sua logomarca, como a confirmar esse princípio da *Web 2.0*.

Ao abordar modelos de programação leves, O'Reilly (2005) afirma que os sistemas de software desenvolvidos passam a ser mais leves em comparação aos sistemas tradicionais. Isso significa o abandono de técnicas formais de construção em favor da utilização de *mashups*, isto é, do reaproveitamento de aplicações já existentes na *Web* para o desenvolvimento de novas aplicações. Um exemplo recorrente são os inúmeros *websites* que se utilizam de partes do *Google Maps* para oferecer novos serviços aos usuários.

Quando trata da questão *software* acima do nível de dispositivo, O'Reilly (2005) afirma que as aplicações deixam de ser orientadas a dispositivos específicos, como o microcomputador, e passam a operar de forma transparente em diversos tipos de dispositivos: celulares, *palmtops*, *smartphones* etc. Aplicativos *Web* podem ajustar-se ao tamanho de tela e capacidade de memória e armazenamento de dispositivos distintos, mantendo a qualidade de apresentação.

Com experiência rica do usuário, O'Reilly (2005) refere-se ao fato de que as aplicações *Web* tornam-se capazes de oferecer experiências tão ricas para o usuário quanto as já alcançadas pelos tradicionais aplicativos *desktop*. A utilização de *AJAX*¹⁴ aumenta a velocidade com que a resposta é oferecida, tornando transparente a comunicação entre o *browser* do usuário e o servidor que hospeda o sistema. Em 2001 o *Gmail* já utilizava esta técnica, que se disseminou rapidamente

14 *AJAX* (Asynchronous JavaScript And XML): utilização conjunta da linguagem de *script* JavaScript, notadamente o objeto *XMLHttpRequest*, em conjunto com a linguagem de marcação XML para prover comunicação assíncrona entre o *webservice* e o *browser*.

pela *Web*, tornando-se quase que sinônimo de *Web 2.0*. Entretanto, a tecnologia por trás do AJAX já existia pelo menos desde 1996.

Em resumo, podemos afirmar que a *Web 2.0* refere-se a aplicações *Web* que tiram partido da comunidade que se cria em seu entorno. A qualidade das aplicações e dos dados e informações por elas disponibilizadas cresce à medida que o número de usuários aumenta. Além da qualidade de *software* (ausência de erros de programação e existência de recursos e funcionalidades realmente úteis), o próprio apelo comercial das aplicações cresce na mesma medida. *Websites* de relacionamentos, como o *Orkut*, o *Facebook* ou o *MySpace*, por exemplo, não apenas evoluem em recursos e reparos devido ao escrutínio de milhões de usuários, mas passam a ser alvo de interesse real por parte do público a medida que este sabe que encontrará uma grande base de usuários já cadastrados. O crescimento da comunidade gera ainda mais crescimento, num círculo virtuoso que afeta diretamente a quantidade e a qualidade das informações mantidas.

Apesar do entusiasmo, O'Reilly (2005) admite que o conceito de *Web 2.0* é vago a ponto de abarcar aplicações como o *Napster* e o *BitTorrent* que nem ao menos são aplicações *Web* mas são exemplos claros de aplicações que evoluem em qualidade e em quantidade de dados disponíveis através do efeito "comunidade". Não obstante, o termo vem sendo utilizado indiscriminadamente e convém cuidarmos para que, a despeito das imbricações entre *Web 2.0* e *Web Semântica*, ambos não venham a confundir-se como uma só idéia quando, claramente, referem-se a conceitos totalmente distintos entre si.

3.4 A internet e o acesso aos recursos informacionais – o padrão *Encoded Archival Description*

Encoded Archival Description ou, conforme traduzido por Vasconcellos (2002), Norma de Descrição Codificada, constitui-se na codificação da norma ISAD(G) e é possível de ser implementada na NOBRADE, no intuito de permitir a comunicação eletrônica de informações arquivísticas via Internet.

Mesmo fugindo ao escopo deste trabalho, deve-se mencionar que assim como as normas ISAD(G) e NOBRADE, a ISAAR(CPF) possui padrão semelhante, o *Encoded Archival Context* (EAC).

Segundo Pitti (1999), EAD representa um estágio avançado na evolução da descrição arquivística que oferece aos profissionais da área a oportunidade de

experimentar e compreender novas tecnologias. É um padrão de codificação que atribui significado as descrições arquivísticas publicadas na Internet, tornando-as legíveis por máquina. Foi desenvolvido e mantido pela comunidade arquivística. O desenvolvimento inicial ocorreu nos EUA, e atualmente é administrado e mantido em uma parceria da *Society of American Archivists* e da *United States Library of Congress*. Atualmente os desenvolvedores exploram caminhos para internacionalizar a administração e a manutenção da EAD, promovendo com isto a expansão da base de usuários.

É um padrão que segue o formato SGML, cuja versão 1.0 e 2.0, apresentam DTDs compatíveis com SGML e XML. Baseia-se na ISAD(G), enfatizando a natureza hierárquica da descrição arquivística, dispondo de mapeamento fiel da norma, com os mesmos elementos e princípios de aplicação.

Dentre as motivações que levaram a comunidade arquivística a estabelecer um padrão para codificação de suas descrições, apontadas por Pitti (1999), pontua-se: a obsolescência de *hardware* e *software*; a disseminação de informações arquivísticas, respeitando-se a natureza intelectual e o conteúdo dos acervos descritos e; a integração virtual de acervos.

O avanço tecnológico, em especial os avanços percebidos nas telecomunicações e na popularização do uso de microcomputadores, proporciona facilidades ao desenvolvimento de determinadas atividades de um arquivo, anteriormente inexistentes. É crescente nos arquivos o uso de tecnologias de *hardware* e *software* para criar e manter informações essenciais, o que exige um grau de confiança razoável de que estes registros eletrônicos suportem rápidas mudanças de *hardware* e *software*. Não obstante, registros produzidos a partir de um padrão para codificação permaneceram independentes da arquitetura ou plataforma de *hardware* e *software*. Isto quer dizer que o uso de tecnologias computacionais para produção de descrições a partir de uso de linguagem de marcação de texto ou padrões de codificação independem da obsolescência de *hardware* e *software*.

Com a padronização da descrição arquivística é possível explorá-la plenamente, em um ambiente informatizado, em conformidade com a natureza intelectual e o conteúdo dos acervos descritos. Pensa-se também na maximização das relações existentes entre o pesquisador e os documentos (fontes primárias de conhecimento), pois, com a adoção de um padrão de descrição uniforme, tornar-se-á

comum a arquivistas e pesquisadores, em geral, a compreensão de componentes de descrição arquivísticas, reduzindo o caos das irregularidades existentes.

Deve-se lembrar, neste momento, de um sonho antigo de arquivistas e pesquisadores: o acesso unificado a fontes primárias de conhecimento. Isto será possível a partir da união de bases de dados com as descrições arquivísticas realizadas pelo mundo, originando um repositório internacional que permita a descoberta ou a localização de materiais arquivísticos em qualquer lugar do planeta, a qualquer hora. Para tanto, faz-se necessário que os componentes lógicos da descrição arquivística e suas relações com outros elementos sejam precisamente identificados em formatos legíveis por máquinas, para que assim suportem indexações sofisticadas, navegação e exibição, promovendo acesso preciso e minucioso para a descrição e o controle de materiais arquivísticos. Desta forma, pensa-se alcançar a reintegração virtual de conjuntos documentais dispersos, com uma mesma proveniência, mas em repositórios distintos e sob diferentes custódias.

A Estrutura de codificação é determinada pelo EAD Tag Library EAD (2002), cuja implementação pode ser observada na elaboração de instrumentos de pesquisa para o Acervo Fotográfico Rheingantz do CDH, conforme apresentado neste trabalho na seção 4.4.6 Codificação da descrição.

4. DESCRIÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO RHEINGANTZ: CATÁLOGO DO DOSSIÊ PRÉDIO E CASAS

4.1 Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves

O Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves, popularmente conhecido como CDH ou CDH/FURG, foi criado na década de 1980, em consequência do esforço dos professores Departamento de Biblioteconomia e História. Atualmente, o CDH está vinculado ao Instituto de Ciências Humanas e da Informação (ICHI)¹⁵ e localiza-se na sala 14 do Pavilhão 04 do Campus Carreiros. Tem como objetivo central o aporte à realização de pesquisas e práticas pedagógicas dos Cursos da FURG, mais precisamente, os de História, Biblioteconomia e, desde agosto de 2008, de Arquivologia.

Embora professores e estudantes dos referidos Cursos formem o público principal do CDH, o acesso é permitido a consulentes de outras unidades e também a usuários externos desenvolvendo-se, inclusive, projetos para dar maior visibilidade do acervo e conseqüente ampliação de visitas e pesquisas no local. O programa “Educação Patrimonial no Centro de Documentação Histórica da FURG: práticas pedagógicas e valorização dos bens culturais e ambientais junto a estudantes da educação básica rio-grandina” constitui-se em uma parceria estabelecida entre os Cursos de História, Arquivologia e o Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental, a partir do qual se desenvolve um conjunto de ações (projetos do programa) nas escolas municipais visando apresentar ao professor a necessidade

¹⁵ A configuração da estrutura organizacional atual está sendo formalizada pela criação do novo estatuto da Universidade e das unidades acadêmicas, com base na Portaria n° 1469 de 13 de agosto de 2008 e na Resolução n° 35 do Conselho Universitário. A Portaria definiu a organização das 13 Unidades Acadêmicas da Instituição, a saber: Escola de Química e Alimentos; Instituto de Letras e Artes; Instituto de Oceanografia; Instituto de Ciências Econômicas, Administrativas e Contábeis; Instituto de Educação; Instituto de Ciências Biológicas; Instituto de Ciências Humanas e da Informação; Instituto de Matemática, Estatística e Física; Escola de Engenharia; Faculdade de Medicina; Centro de Ciências Computacionais; Escola de Enfermagem; Faculdade de Direito. A resolução do Conselho Universitário estabeleceu a reorganização das Pró-Reitorias em Pró-Reitoria de Graduação (PROGRAD); Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação (PROPESP); Pró-Reitoria de Extensão e Cultura (PROEXC); Pró-Reitoria de Assuntos Estudantis (PRAE); Pró-Reitoria de Infra-Estrutura (PROINFRA); Pró-Reitoria de Planejamento e Administração (PROPLAD); Pró-Reitoria de Gestão e Desenvolvimento de Pessoas (PROGEP).

de despertar a consciência dos educandos acerca da preservação do patrimônio cultural utilizando o acervo do CDH como exemplo.

O acervo do CDH é constituído de documentos textuais, micrográficos e audiovisuais (fitas K7, VHS e fotografias) dispostos em nove coleções de acordo com o QUADRO 12. Os documentos são localizados por meio de listagens, não existindo instrumentos de pesquisa na concepção apresentada no capítulo 2 deste trabalho.

COLEÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Coriolano Benício	Recortes, anotações e prospectos relacionados às atividades culturais e demais eventos sociais na cidade do Rio Grande, no período de 1923 até 1982.
Eclesiástica	Autos de casamento, proclamas, justificativas de casamento, proclamações, habilitações, justificativa do estado de solteiro, certidões de batismos e falecimentos. Aproximadamente 4.700 documentos, do período de 1807 até 1912. Parte do acervo encontra-se microfilmado.
Sociedade União Operária de Rio Grande	Atas, relatórios e o controle contábil do período de 1900 a 1932. Folhetos de peças teatrais. Jornais de movimentos operários. Acervo da biblioteca da União Operária (778 livros).
Revistas	Revistas nacionais, regionais e locais, do período de 1905 até 1990, destacando-se exemplares da Fon-Fon, Tico-Tico, O Malho, Rio Grande do Sul, Revista Ilustrada, Revista Souza Cruz.
Fotografia	Coleções: Fábrica Rheigantz, Casarões Ipiranga, Charqueadas de Pelotas; Clube de Regatas e Residências Antigas da cidade do Rio Grande.
Inventário do Comendador Faustino Corrêa	Processo constituído por: 482 caixas contendo petições de habilitados que comprovam a descendência (certidões de nascimentos, batismos, casamentos, óbitos, inventários e testamentos); 33 caixas com decisões e peças judiciais (com datação compreendida entre os séculos XVIII e XX) e 06 caixas com documentos avulsos (datação mais atual).
Núcleo de História Demográfica	Fichas de reconstituição de famílias da cidade do Rio Grande; registros de batismos, matrimônios e óbitos ocorridos na Diocese do Rio Grande (43 rolos de microfimes). A coleção possibilita o desenvolvimento de pesquisas relacionadas à genealogia e a estudos populacionais. Documentos relacionados ao período de 1737 a 1850.
Laboratório de História Oral	Gravações e transcrições de entrevistas relacionadas a temas como imigração, pesca, indústrias e relatos relacionados à cidade do Rio Grande.
Biblioteca	Aproximadamente 780 livros relacionados à história regional e local, catálogos, anais, periódicos e boletins. Apresenta também jornais e vídeos de palestras, mesas redondas e demais eventos ocorridos na FURG, além de alguns documentários.

QUADRO 12 – Acervo do CDH/FURG

As atividades desenvolvidas no CDH contaram, desde sua criação, com o trabalho abnegado de professores do antigo DBH, atual ICHI, e seus alunos, fazendo do local um espaço de preservação do patrimônio documental regional. A formação do acervo, o tratamento dos documentos e o estabelecimento de rotinas de funcionamento ao longo destes anos devem-se ao conjunto de pessoas que prestaram sua colaboração, conscientes da relevância de suas ações para a pesquisa no âmbito acadêmico e para a comunidade em geral.

4.2 A Fábrica Rheingantz e a comunidade Rio-grandina

Os fios de lã que doravante se entrecruzam entre texturas de maneira a produzir o tecido atam também memórias, enlace de tramas vestigiais, vívidas a cada testemunha. Cada fio é responsável pelo todo e o produto deste entremear conduz a uma verdade, daquilo que se construiu com as próprias mãos, do que foi sonhado e do que se fez conhecer. Dos grandes feitos até mesmo do desgaste das memórias, que pela ação do tempo, vão perdendo aos poucos seu viço. Fios que guardam memória e que se completam a fim de permanecerem unidos, costurando uma nova história, enfim, tecendo memórias. (RIVERO, 2009, disponível em <http://www.webartigos.com/articles/23419/1/Tecendo-Memorias/pagina1.html>).

Abordar o histórico da Fábrica Rheingantz deve, necessariamente, considerar as obras que tangenciam a criação e o desenvolvimento deste empreendimento, destacando-se, neste estudo, as contribuições dos trabalhos de Martins (2006) que estuda a industrialização e a urbanidade do município de Rio Grande, apresentando a história do município e da Fábrica no âmbito do processo de industrialização dispersa nacional; bem como o trabalho de Paulitsch (2008), que estuda a arquitetura da vila operária, apresentando, previamente, a contextualização da Fábrica no município de Rio Grande e no processo de industrialização do Rio Grande do Sul.

A Fábrica Rheingantz¹⁶ foi fundada em 1873, com a denominação de Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, por meio da sociedade formada por: João Guilherme Rheingantz, seu sogro (Comendador Miguel Tito de Sá) e, Hermann Vater.

João Guilherme Rheingantz foi o responsável pelo desenvolvimento do empreendimento. Brasileiro, nascido em Pelotas em 1849, filho dos alemães Jacob Rheingantz e de Maria Carolina von Fella. Seu pai trabalhava na firma Ziegenbein que explorava o transporte marítimo entre as cidades de Pelotas e Rio Grande e também foi o fundador da colônia privada de imigrantes alemães de São Lourenço que

entre várias colônias fundadas por iniciativa privada, poucas tiveram êxito. Uma destacou-se (...) e vencendo todas as dificuldades se desenvolveu e prosperou até atingir a autonomia de município, sob administração

¹⁶ Desde sua fundação a fábrica passou por diferentes denominações. Considerando-se as regras para controle de vocabulário apresentadas por SMIT e KOBASHI (2003, p. 22 - 32), especialmente neste caso, aquela que trata de alteração de nomes, designou-se o uso de "Fábrica Rheingantz" por ser uma expressão conhecida pela comunidade rio-grandina para se referir às diferentes fases pelas quais a fábrica passou, desde sua fundação até o encerramento de suas atividades na década de 1970.

exclusivamente privada, sem ser encampada pelo governo. Foi a colônia de São Lourenço, situada na Serra dos Tapes, município de Pelotas, fundada em 1858, pelo empresário alemão Jacob Rheingantz e pelo fazendeiro José Antônio de Oliveria Guimarães (dono da fazenda São Lourenço que deu nome, futuramente, ao município). O primeiro recrutamento de colonos na Europa foi feito pelo próprio Rheingantz, em 1857, e já em janeiro de 1858, chegam os primeiros colonos (...). (SCHWARTZ, 2008, p. 53 – 54).

No período de 1863 a 1873 João Guilherme Rheingantz viajou para Hamburgo, na Alemanha, a estudos e também visitou outros locais com o mesmo propósito. Em 1873, retorna a Pelotas, casando-se com Maria Francisca de Sá.

Ao longo de sua trajetória, a Fábrica passou por distintas denominações, conforme segue:

- entre 1873 e 1874, Carlos Guilherme Rheingantz desfaz a sociedade e a fábrica passa a denominar-se Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz;
- em 1891, a fábrica é transformada em sociedade anônima sob o nome União Fabril e Pastoril. Nesta época, Carlos Guilherme Rheingantz resolveu ampliar os negócios da empresa, atuando na produção de lã por meio da aquisição de rebanhos e áreas pastoris, chegando a contratar um “oviotecnista” inglês e adquirindo reprodutores para aprimorar a criação. Entretanto, a despeito dos esforços empreendidos, o rebanho foi dizimado, acarretando inúmeros prejuízos e levando ao abandono da iniciativa;
- em 1895, ocorre nova alteração da razão social da Fábrica, que passa a denominar-se Companhia União Fabril.

As mercadorias destinavam-se ao mercado consumidor do centro do país e também ao mercado externo. A atividade produtiva da Fábrica concentrava-se na fabricação de tecidos de lã, derivados de tecidos de algodão e tapetes. Para tanto, empregava mulheres (característica comum à indústria têxtil) e menores, configurando um quadro de funcionários que, “no final da segunda década do Século XX, de um total de 1020 operários, 370 eram homens adultos e 71 menores de idade. Em relação ao sexo feminino, trabalhavam 440 mulheres adultas e 139 menores de idade” (Copstein apud Martins, 2006, p. 107). Nos períodos de guerra a produção aumentava como aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial quando “a Fábrica chegou a ter mais de 1200 funcionários e suas máquinas produziam em capacidade máxima” (Martins, 2006, p. 108).

A criação da Fábrica Rheingantz demonstra a presença de Rio Grande no processo de industrialização nacional, em meio ao processo de industrialização dispersa e, para a cidade, o advento da industrialização, pois segundo Martins

A gênese do processo de desenvolvimento industrial nacional e da cidade do Rio Grande se constitui por empresas fabris de bens não-duráveis, principalmente a indústria têxtil. Esse segmento representou para o Brasil as primeiras grandes empresas industriais nacionais, e para Rio Grande, o primeiro parque fabril e uma das maiores fábricas já instaladas na cidade em toda a sua história (MARTINS, 2006, p. 101).

Em 1874, quando a Fábrica efetivamente iniciou suas atividades produzindo ainda em pequena escala, localizava-se “em frente à cadeia, no quarteirão formado pelas ruas Conde de Porto Alegre, Almirante Barroso, General Câmara e Coronel Sampaio” (Paulitsch, 2008, p. 56). No período de 1883 a 1885 ocorre a construção de novas instalações para a Fábrica, atendendo a demanda do mercado consumidor em expansão. A execução de obras e serviços de infra-estrutura urbana foram fatores que também motivaram a ampliação das instalações:

- alinhamento e arruamento, em 1878, dos lotes aterrados com o material da dragagem do Porto (concluída em 1866), área que deu origem ao bairro ainda denominado Cidade Nova, local que veio a sediar as novas instalações da Fábrica e a Vila Operária;
- iniciativas que, em 1883, designaram uma comissão técnica para analisar a viabilidade de desobstrução do canal da Barra do Rio Grande, aumentando, com isto, a profundidade do Canal e possibilitando a construção do Porto Novo;
- inauguração, em 1884, do trecho ferroviário que interligava Rio Grande, Pelotas e Bagé (as três cidades mais importantes da região sul na época), destacando-se a proximidade do terreno onde ocorreu a construção das novas instalações e a Estação Ferroviária.

A inauguração das novas instalações ocorreu em fevereiro de 1885 e contou com as presenças de “S.S.A.A Imperiais” conforme noticiou o jornal da época, de onde observa-se também a descrição física da edificação:

O crescente desenvolvimento que tomou este estabelecimento aconselhou os Srs. Rheingantz e C. a mudarem sua fábrica de tecidos de lã para o grande terreno onde se acha a tinturaria e onde foi construído o vasto edifício, cujas obras foram inauguradas no dia primeiro corrente com a assistência de Suas Altezas Imperiais. É a prova de fogo. A coberta é de ferro e vidro, com grande número de ventiladores, e a portas e janelas todas de ferro. Ocupa o principal edifício uma área de 3300 metros quadrados, não incluindo a grande casa do novo motor, inaugurada no dia primeiro do corrente e a que se deu no nome de Grão Pará. Este motor é de força de 150 cavalos. O edifício tem 35 janelas de frente, outras tantas de fundo e 8

de lado. Logo que estiver concluída a mudança do maquinismo da antiga fábrica e aumentado com os novos aparelhos encomendados, será montada no edifício uma fábrica de fiação e tecelagem de algodão. Os maquinismos são dos conhecidos fabricantes Platt e Brothers, de Oldham. Em junho próximo devem as duas fábricas funcionar com regularidade, empregando cerca de 400 operários. (*Echo do Sul* de 7 mar 1885, apud PAULITSCH 2008, p. 61).

Na FIGURA 07, pode-se observar o local das primeiras instalações, onde, a partir de 1885, passou a funcionar a tecelagem de algodão, e as novas instalações da produção de tecidos de lã, localizada na então Estrada da Mangueira que, em 03 de janeiro de 1886, passou a denominar-se Avenida Rheingantz, como permanece até hoje.



FIGURA 07 – Instalações da Fábrica Rheingantz e Vila Operária
Fonte: Google Maps¹⁷.

O espírito de vanguarda da Fábrica não ficou restrito à gênese da industrialização nacional e local, manifestando-se também na inovação da tecnologia utilizada no processo produtivo. Em 1904, a Fábrica instalou “a primeira fiação penteada do país, o que possibilitou a fabricação de tecidos finos, casimiras, etc” (Paulitsch, 2008, p. 63). Com isto, a Fábrica passou a aproveitar melhor a lã (matéria-prima) produzida no estado e a produzir artigos com qualidade superior, inibindo a importação de tecidos, conforme apresenta Martins:

¹⁷ Disponível em < http://maps.google.com.br/maps?sourceid=navclient&hl=pt-BR&rlz=1T4GZEF_pt-BRBR351BR351&q=S.S.A.A.%20IMPERIAIS&um=1&ie=UTF-8&sa=N&tab=wj >. Acesso em: 15 fev 2009.

O comendador Rheingantz toma nova iniciativa pioneira, instalando em 1904 a primeira fiação penteada do país, o que possibilitou à COMPANHIA UNIÃO FABRIL a fabricação de tecidos finos, casimiras, etc. Cumpre destacar aqui o fato realmente auspicioso para a indústria têxtil brasileira, o de ser a Companhia União Fabril quem fabricou pela primeira vez panos de lã para as forças armadas da Nação, no fim do século passado, pois até então tais panos eram todos importados da Europa. (Revista America Magazine apud MARTINS, 2006, p. 108)

O pioneirismo da Fábrica foi reconhecido em âmbito regional, nacional e internacional, conferindo premiações e honrarias ao fundador e ao seu empreendimento. Assim, Carlos Guilherme Rheingantz recebeu a “Comenda Ordem da Rosa, por decreto Imperial, em reconhecimento ao seu trabalho pioneiro que promoveu o surgimento e a implantação da indústria de lã no Brasil” (America Maganize, 1959 apud Paulitsch, 2008, p. 57). Além da honraria conferida a seu proprietário, Martins (2006, p. 106) menciona também os prêmios recebidos em exposições industriais no Brasil e no exterior, a saber:

- medalha de bronze no Rio de Janeiro em 1875;
- medalha de bronze na Filadélfia em 1876;
- medalhas de ouro, prata e bronze em Porto Alegre em 1881,
- medalha de prata em Buenos Aires em 1882,
- grande diploma de Berlim em 1882,
- diploma de mérito no Rio de Janeiro em 1889,
- duas medalhas de ouro em Porto Alegre em 1901,
- duas medalhas de ouro e prata em Saint Louis em 1904,
- dois grandes prêmios no Rio de Janeiro em 1922,
- grande prêmio na exposição de Sevilha em 1930,
- três prêmios na exposição da Antuérpia em 1930.

Após a construção nas novas instalações e em meio à prosperidade do empreendimento, foi constatada a necessidade de dispor de um prédio para abrigar setores administrativos da Fábrica. Assim, foi construído o prédio do Escritório Central, concluído entre 1910 e 1911, para comportar “os gabinetes do Diretor e da Gerência, os escritórios gerais e o controle de entrada e saída dos caminhões com a produção e a matéria prima” (Paulitsch, 2008, p. 80). Ainda de acordo com a autora, o prédio

Possui dois ressaltos laterais e uma simetria bilateral na fachada caracterizada por um eixo que parte do frontão triangular central com um relógio presente no telhado em mansarda. Neste, nos ressaltos, tem-se duas janelas de lucarna. No corpo do edifício há presença de bossagem

inserida na superfície da parede, a estruturação é composta por pilastras e a textura feita pelas linhas retas da bossagem diminui a verticalidade proposta pelas pilastras. (PAULITSCH, 2007, p. 28).

Um elemento marcante na trajetória da Fábrica em Rio Grande diz respeito a sua política habitacional, sob a qual se investiu na construção e manutenção de instalações e moradias para os funcionários da fábrica e que desencadeou no período de 1884 a 1922 a formação de um conjunto constituído pelas casas da vila operária, dos mestres e técnicos, um grupo escolar, jardim de infância, cassino dos mestres, ambulatório médico e armazém cooperativo. Desta forma, a empresa

chegou a administrar nada menos que 169 propriedades durante a sua história, o que significava para o começo do século XX um maior número de residências do que dispunham muitas cidades do Rio Grande do Sul (MARTINS, 2006, p. 108).

As residências construídas ao longo da Avenida Rheingantz apresentavam estilos diferenciados, de acordo com o cargo ocupado na Fábrica, e eram alugadas aos funcionários por valores módicos.

As casas dos operários, enfileiradas, eram mais simples e construídas de forma a otimizar o espaço e o material (por meio do aproveitamento da parede lateral). O contrato de locação era assinado juntamente com um termo de compromisso, mediante o qual o locatário comprometia-se a participar do grupo de combate ao fogo, participando dos treinamentos e prestando assistência quando necessário.

Os mestres e técnicos da Fábrica vinham, na maioria das vezes, da Europa, mais precisamente da Alemanha. Por isto, suas casas tinham um estilo diferenciado, que tentava reproduzir as habitações de sua terra natal. Localizavam-se em frente às casas da vila operária, ao longo da Avenida Rheingantz.

Além habitações na Avenida Rheingantz, também foram construídos um número significativo de casas a oeste da fábrica, nas proximidades do cemitério, entre a Avenida Presidente Vargas, Rua América, Rua 1º de Maio e Rua Raul Barlém (ex-Rua Brasil).

Os prédios do Escritório Central, do Cassino dos Mestres, do Grupo Escolar e do Jardim da Infância, também localizados na Avenida Rheingantz, foram projetados e construídos pelo Escritório de Engenharia *Rudolph Ahrons*, onde trabalhava o arquiteto *Theodor Wiederspahn*, supostamente o responsável pelas referidas obras.

O Cassino dos Mestres, também conhecido como Clube dos Mestres, é um prédio no estilo enxaimel localizado em frente ao Escritório Central. Foi construído

para atender as demandas de lazer destes funcionários de maior hierarquia na Fábrica e de moradia para os recém chegados da Europa, dispondo também de salas de reunião e uma Biblioteca. Com o passar dos anos o prédio passou a abrigar a Sociedade de Mutualidade que, de acordo com a revista America Magazine, publicada em 1959, era uma instituição que prestava vários serviços aos funcionários pois

Os principais serviços assistenciais eram prestados por sistema cooperativo através da Sociedade de Mutualidade, cujo quadro social era e continua sendo exclusivamente de empregados da Empresa, sendo sua finalidade prestar socorros médicos e farmacêuticos aos sócios enfermos ou a suas famílias; auxiliar pecuniariamente aos sócios impossibilitados temporariamente de trabalhar; concorrer para o enterro dos associados; manter um armazém de gêneros de primeira necessidade, vendidos somente aos operários do estabelecimento com reduzida margem de lucro, que é redistribuído anualmente na porção de compras de cada um; manter uma biblioteca; ministrar aulas noturnas e manter uma banda de música, bilhar e outros jogos. (Revista América Magazine apud MARTINS, 2006, p. 109).

Ainda no que diz respeito às características do prédio, convém destacar a análise de Paulitsch

O Cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e, principalmente, aos recém-chegados da Europa. Porém, também sediou a mutualidade (armazém), a biblioteca e após foi utilizado como casa para mestre. (...) O projeto foi solicitado ao escritório de R. Ahrons, que em maio de 1911 conclui o trabalho. A edificação é construída em terreno de esquina isolada no lote, com recuos frontais iguais nos dois cantos. A casa salienta-se no entorno por sua posição, de ser lote de esquina favorecido pela conformação das vias. O Cassino dos Mestres ocupa uma localização de destaque em termos de marco visual e ponto focal, e é, dos equipamentos da Vila Operária, o de maior proximidade com o prédio da Administração. Trata-se de uma edificação de volume único retangular e algumas reentrâncias e saliências; uma cobertura extremamente complexa com planos de distintos ângulos, assimétricos, suscitando uma movimentação nas formas plásticas da cobertura. O nível de deteriorização do prédio é bastante elevado, não havendo mais alguns elementos estruturais de piso, forro e a maioria das aberturas. A técnica construtiva do enxaimel é usada somente com função de ornamentação e não estrutural. Proferindo sobre o uso do enxaimel nas construções feitas no Rio Grande do Sul, este tipo de arquitetura é singular e autêntica da sociedade de imigrantes alemães do Estado. (PAULITSCH, 2007, p. 27).

O prédio do Grupo Escolar, localizado ao lado do Cassino dos Mestres, destinava-se ao ensino dos funcionários e de seus filhos, sendo que “a escola na década de 1950 atendia 300 alunos, conforme dados fornecidos pela própria empresa” (Martins, 2006, p. 110). Também em relação a este prédio, convém destacar a análise de Paulitsch (2007), segundo a qual

O Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi projetado pelo Escritório de R. Ahrons, em novembro de 1911, e a obra terminou em setembro de 1912.

Trata-se de um prédio em forma de C, com um volume de cobertura único de mesmo formato e triangular. Em termos de implantação a escola é isolada no lote com um recuo, sendo diferente das demais casas de mestres e tendo o mesmo alinhamento do prédio da esquina, que é o Cassino dos Mestres. Em relação ao entorno, possui uma característica de singularidade: a cobertura é do tipo duas águas com telha francesa e com estrutura de tesouras de madeira. A fachada possui uma simetria bilateral, diferença de tratamento de fachada nos ressaltos e na parte central. O frontão para marcar os acessos é de arco abatido, possui frisos e uma ornamentação no centro com volutas e festões; os belos frontões dos ressaltos possuem volutas e curvas e um óculo em cada um. (PAULITSCH, 2007, p. 28).

O prédio do Jardim da Infância visava atender os filhos dos funcionários da Fábrica e também cumpria a função de creche. Porém, com o passar do tempo, tornou-se residência. No que diz respeito a este prédio, a análise de Paulitsch (2007) consiste em

O Jardim de Infância é um projeto também do Escritório de R. Ahrons concluído em setembro de 1918. Sua função modificou-se ao longo dos anos, tornando-se residência de mestres. A implantação da casa é isolada no lote com recuo frontal de ajardinamento de 4 m, como nas demais. A forma plástica é de um prisma retangular com uma articulação harmônica de saliências e reentrâncias no conjunto e na planta. Na cobertura, observamos uma justaposição de formas. (...) Em relação ao entorno imediato, temos uma característica de dominância em relação às outras casas. O prédio utiliza a técnica construtiva do enxaimel, como forma de ornamentação e não estrutural. As fundações são feitas de pedra aparelhada e as paredes de alvenaria portante de tijolos maciços. O telhado é de tacaniça-anã e usa um treliçado no perímetro, abaixo do beirado. As estruturas da cobertura são tesouras de madeira, caibramento revestido de tábuas que descansam no frechal, uso de telhas de cerâmica com uma qualidade construtiva magnífica na proporção dos volumes que constituem as várias declividades das águas da cobertura. (PAULITSCH, 2007, p. 28)

A Fábrica empregou sucessivas gerações de trabalhadores até 1968 quando encerrou suas atividades. Houve uma breve retomada, inicialmente pela João Abdala & Cia (de São Paulo) e, em seguida, pelo grupo Loréa (de Pelotas) quando a Fábrica passou se denominar Companhia Inca Têxtil. Porém, o empreendimento não resistiu, encerrando definitivamente suas atividades até hoje. De acordo com Paulitsch (2008)

a falência da companhia deu-se pela concorrência de confecções e magazines que importavam lã e produtos do Uruguai a preços mais baixos. Isso ocorreu por volta de 1968, quando a fábrica foi comprada pela firma João Abdala & Cia, de São Paulo. Em 1970 a fábrica foi vendida a um grupo de Pelotas, da família Loréa, adquirindo o nome de Companhia Inca Têxtil, com 81% das ações – os 19% restantes em poder dos operários, como forma de indenização pela falência e desemprego em massa. Entretanto o grupo Loréa tentou manter a produção e o funcionamento, mas com grandes dificuldades devido à crise e à concorrência com o produto uruguaio. Da década de 1970 para cá a fábrica de lã ficou parada e hoje se encontra sem nenhuma produção, com poucos funcionários designados para a manutenção. (PAULITSCH, 2008, p. 65).

Neste sentido, Weimer (2009) compartilha da perplexidade dos rio-grandinos ainda hoje frente à falência inesperada da Fábrica, destacando o empreendedorismo dos “Rheingantz” em sua época e lançando questionamentos que podem promover discussões acerca dos fatores que deflagraram o fim das atividades da Fábrica. Segundo o autor,

é lugar comum afirmar-se que os empresários pioneiros eram muito sovinas e que perseguiram obstinadamente a premissa da máxima redução dos custos. O que teria levado aos Rheingantz a se colocar exatamente entre aqueles que contratavam os mais renomados arquitetos e construtores do Estado para realizar suas construções e não terem encarregado os construtores locais de realizar suas obras a um preço, certamente, mais baixo? O arquiteto Theo Wiederspahn era aquele que desfrutava da maior fama na capital do Estado e August Landgraf era o mais competente construtor e arquiteto da região da Campanha. A contratação destes profissionais demonstra que os Rheingantz tinham uma percepção cultural muito acima da média dos empresários de seu tempo. E é exatamente isso que torna intrigante a inesperada falência do amplo complexo industrial em que havia se transformado a outrora incipiente fábrica de tecidos. Quais foram as causas deste inesperado desfecho? Incompetência administrativa? Deslocamento dos centros de industrialização? Uma pernicioso política desenvolvimentista destinada a privilegiar novos apadrinhados de outras plagas? Eis algumas questões que têm tirado o sono dos estudiosos de nosso estado e que vem desafiando sucessivas administrações estaduais no sentido de reverter a estagnação econômica que se abateu sobre a região. (WEIMER, 2009, disponível em <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha244.asp>)

Diante do exposto, pode-se observar que a Fábrica Rheingantz, além de se fazer presente no advento da industrialização (nacional e regional), também atuou como um agente de urbanização em Rio Grande, ampliando a extensão da malha urbana com a ocupação extramuros¹⁸. A construção da Fábrica e dos demais componentes da Vila Operária desencadeou a ocupação do bairro até hoje chamado Cidade Nova, originário do aterramento de terrenos alagadiços da cidade, aproveitando-se o material da dragagem do Porto. O conjunto das edificações, formado pelos prédios da fábrica, escritório e todos os componentes da Vila Operária, representam uma época de prosperidade econômica vivenciada pelo município que culminou em um vasto acervo de um patrimônio arquitetônico, talvez um dos poucos, se não o único, complexo industrial ainda edificado no Brasil.

Atualmente, as casas da vila operária permanecem ocupadas, sendo que alguns dos moradores são proprietários, possivelmente em decorrência de permutas

¹⁸ O centro urbano da cidade limitava-se a atual Avenida Major Carlos Pinto, conhecida como Rua do Canalete. O canal, ainda existente, foi construído para proteger a cidade de invasões nos primeiros anos de sua existência. Entre as referências utilizadas nesta pesquisa, Martins (2006) e Paulitsch (2008) abordam a história do município de Rio Grande e podem ser consultados para maiores informações.

ocorridas entre funcionários e a Fábrica na rescisão de contratos de trabalho. As casas dos mestres, em grande maioria, abrigam empreendimentos comerciais. O Grupo Escolar está em obras para restauração. O Cassino dos Mestres apresenta adiantado estado de desgaste com o comprometimento do piso, forro, telhado e a maioria das aberturas. Os prédios do Escritório Central, ainda com a mobília da época e arquivos, assim como a Fábrica, que abriga o maquinário utilizado no beneficiamento da lã e na produção de tecidos e tapetes, encontram-se fechados e suscetíveis à saques e às ações de vandalismo.

As condições, em especial, do Cassino dos Mestres, Escritório Central e Fábrica, suscitam um cenário de abandono que preocupa diferentes segmentos da comunidade rio-grandina. Moradores da cidade, ex-funcionários e seus familiares, políticos e pesquisadores (professores e estudantes) discutem a necessidade de alternativas para a recuperação e uso destes locais.

Nesta direção, no dia 09 de julho de 2009 a Câmara de Vereadores promoveu uma audiência pública visando “tratar do Patrimônio Histórico representado pela Vila Operária da Rheingantz, bem como da antiga unidade fabril pelo valor histórico, cultural e arquitetônico para a comunidade rio-grandina”¹⁹. No evento houve pronunciamento de Rafaela Martins (Juíza Federal), José Alexandre Zachia Alan (promotor da 1ª Promotoria de Justiça Especializada), Letícia Carneiro Estima (arquiteta representando o Executivo Municipal); Darlene Pereira (Pró-reitora de Extensão e Cultura da FURG); Vivian da Silva Paulitch (arquiteta, especialista em arquitetura industrial), Luiz Henrique Torres (historiador, professor do Curso de História da FURG), Maria Letícia Mazuchi Ferreira (historiadora, professora do Curso de História da UFPEL), além dos vereadores e lideranças locais.

A tônica dos pronunciamentos convergiu para a importância da preservação do complexo formado pelos componentes da Fábrica, e foi seguida por depoimentos emocionados de membros da comunidade local. Entre as diversas participações, a Juíza Federal Rafaela Martins mencionou o fato de que juntamente com a Advocacia Geral da União, foi constituída adjudicação (entrega do bem pelo devedor) do Cassino dos Mestres, repassando-o à Prefeitura Municipal para restauração do prédio. E, entre as manifestações oriundas da população, destacam-se a que questiona a retirada de teares do local e aquela que sugere a doação do acervo

¹⁹ Ata da Audiência Pública disponível em http://www.camara.riogrande.rs.gov.br/index.php?n_sistema=3130&id=116. Acesso em 20 fev 2009.

arqueológico e arquivístico para a FURG, a fim de proporcionar condições para o desenvolvimento de pesquisas sobre os mesmos.

De forma geral, a referência do Jornal *Agora* às palavras de Alexandre Lindenmeyer (vereador do município, proponente da audiência pública) traduz o sentimento compartilhado entre os participantes da audiência pública, ao afirmar que

considerando o momento pujante de crescimento industrial, naval e metal mecânico no Município, não podemos nos esquecer de nosso passado industrial, como uma das mais importantes cidades industriais do Rio Grande do Sul a partir do final do Século 19. (Jornal Agora: Jornal do Sul, 2009, Disponível em <http://www.jornalagora.com.br/site/index.php?caderno=19¬icia=68048>. Acesso em 15 fev 2009)

Porém, mesmo com a comoção geral provocada pelo tema, até o presente momento não se tem notícias de alterações neste quadro. Os acervos arqueológico e arquivístico permanecem na mesma situação. A Prefeitura, a quem a doação do Cassino dos Mestres está condicionada ao restauro, ainda não apresentou, ao menos publicamente, uma proposta de recuperação da edificação que, enquanto isto, desgasta-se rapidamente conforme se observa nas FIGURAS 08, 09 e 10.



FIGURA 08 – Cassino dos Mestres, supostamente, na década de 1970
Fonte: Acervo Fotográfico Rheingantz, disponível no CDH-FURG.



FIGURA 09 – Cassino dos Mestres em julho de 2009

Fonte: Jornal *Agora*, capa da publicação de 10 de julho de 2009.



FIGURA 10 – Cassino dos Mestres em fevereiro de 2010

Fonte: Rita de Cássia Portela da Silva (autora).

Em meio a este franco processo de degradação, corre-se o risco de comprometer, de forma irreversível, todo um conjunto de bens que fazem parte do patrimônio arquitetônico, arqueológico e documental da Fábrica, da cidade e até mesmo do país. Neste momento, nada mais apropriado que a máxima de Weimer (2009): “Restaurar ou sucumbir: eis a questão”.

4.3 Acervo Fotográfico Rheingantz

No primeiro capítulo deste trabalho, pode-se observar que as fotografias apresentam condições de compor acervos de arquivo, bibliotecas e museus. Desta forma, como identificar em um centro de documentação o que é um fundo documental, característico de acervos arquivísticos, e o que é uma coleção de caráter bibliográfico ou museológico? As fotografias da Fábrica Rheingantz constituem-se em fundo documental ou em coleção?

Para solucionar tais questionamentos pode-se, inicialmente, recorrer à NOBRADE (2006, p. 14 e 15) que define coleção como “conjunto de documentos com características comuns, reunidos intencionalmente” e fundo como “conjunto de documentos de uma mesma proveniência; termo que equivale a arquivo”. Os conceitos apresentados na norma refletem a teoria arquivística desenvolvida ao longo do tempo, da qual se destacam as análises de Schellenberg e Bellotto pertinentes a este assunto.

Schellenberg (2004, p. 270) diferencia coleção e fundo documental ao abordar o arranjo de arquivos privados, apresentando as noções de coleções naturais e artificiais, onde a expressão coleção natural é usada para “aglomerados de material documentário que se formam no curso normal dos negócios ou da vida de entidades privadas – individuais ou coletivas – como firmas comerciais, igrejas, instituições ou organizações”. Assim, a coleção orgânica caracteriza-se por ser “oriunda de uma mesma fonte e reunida concomitantemente com as ações a que se refere” e, portanto, “arquivo e coleção natural poderiam ser usados indiferentemente e a única razão por que preferi o termo coleção neste texto é que o termo arquivos é muitas vezes usado para designar os documentos de uma repartição pública”. As coleções artificiais, por sua vez,

são constituídas depois de ocorridas as ações a que se relacionam, não concomitantemente, e em geral derivam de diversas fontes e não de uma única. São, além disso, verdadeiras coleções, no sentido de que várias peças são colecionadas, isto é, reunidas. SCHELLENBERG (2004, pp. 270-271).

Bellotto (2004) compara fundo e coleção, diferenciando-os ao longo de seu livro. Inicialmente, ao analisar o ciclo vital dos documentos e a função arquivística, a autora contrapõe as noções de fundo e coleção ao afirmar que

o fundo de arquivo compreende os documentos gerados e/ou recolhidos por uma entidade pública ou privada que são necessários à sua criação, ao seu funcionamento e ao exercício das atividades que justificam sua existência. Por isto os documentos de uma determinada unidade administrativa não devem ser separados para efeitos de organização sob nenhum pretexto. Exclui-se, assim, o sentido de coleção: documentos reunidos obedecendo a critérios científicos, artísticos, de entretenimento ou quaisquer outros que não os funcionais/administrativos. (BELLOTTO, 2004, p. 28).

A comparação entre os termos é retomada pela autora ao tratar da identificação de fundos documentais (capítulo 7), da ordenação interna dos fundos (capítulo 9) e da conceituação e caracterização dos arquivos privados (capítulo 15).

Diante do exposto, considerando-se a teoria arquivística a partir das concepções dos autores ora apresentados, identifica-se nas imagens da Rheingantz o caráter de coleção fotográfica, uma vez que, em princípio:

- não são orgânicas em relação ao CDH-FURG,
- evidenciam o viés colecionador de um centro de documentação, presente nas intenções que determinam a formação do acervo do CDH-FURG, necessário à formação do patrimônio documental da região.

A inexistência de registros que documentem a origem das fotografias no CDH pode comprometer a precisão desta escolha. Se estas imagens fossem doadas pelo fotógrafo contratado para realização do registro visual da Fábrica, não seriam produtos de sua atividade profissional e, portanto, um conjunto orgânico? Seria o caso de parte do arquivo pessoal de um indivíduo doado ao CDH, mesmo que contrariando o princípio de indivisibilidade arquivística²⁰. Se estas imagens fossem fotografadas por um pesquisador da área de patrimônio cultural, também refletiriam sua atuação profissional, subsidiando seus estudos e, portanto, constituindo um fundo documental. Enfim, trata-se de uma discussão com desdobramentos variados que, no momento, não se pretende aprofundar, embora também não se possa deixar de sinalizar a possibilidade de realização de um importante exercício intelectual.

A coleção é formada por 142 imagens em preto e branco, dispostas em três álbuns (no primeiro 48 fotos, no segundo 46 fotos, no terceiro 47 fotos) das quais não se têm os negativos, dispondo-se apenas de ampliações 18x24 cm. Os álbuns (FIGURA 11), de fabricação artesanal, constituem-se de folhas de cartão 25x35 cm

²⁰ O princípio de indivisibilidade ou integridade está relacionado com o princípio de respeito aos fundos e o princípio de respeito à ordem original (mencionados no segundo capítulo desta pesquisa). De acordo com BELLOTTO (2002, p. 21) este princípio determina que “os fundos de arquivo devem ser preservados sem dispersão, mutilação, alienação, destruição não autorizada ou adição indevida”.

encadernadas em espiral, que acondicionam individualmente as fotografias em “bolsos” construídos com papel manteiga e cola.

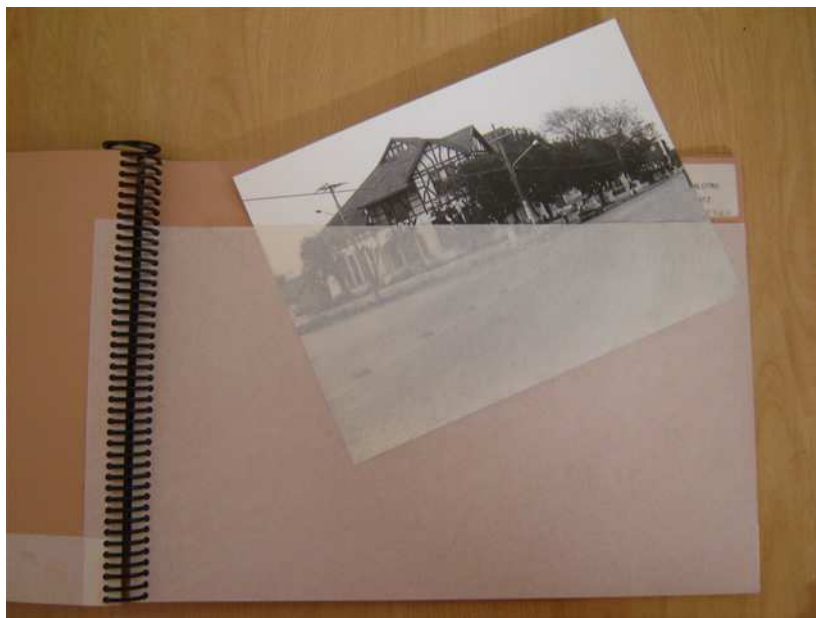


FIGURA 11 – Álbum do Acervo Fábrica Rheingantz

Fonte: CDH-FURG

Em linhas gerais, o estado de conservação das fotografias é bom, embora se tenha observado que as imagens apresentam sinais de amarelecimento e, em alguns casos, pequenas ondulações nas bordas (aproximadamente 5% da coleção).

Até o presente momento não se tem conhecimento do autor das imagens e da data em que as fotografias foram tiradas. Considerando-se os elementos que compõem as imagens (automóveis, vestuário, identificação da Fábrica na fachada do prédio do Escritório Central e na caixa d'água) supõe-se que remontam as décadas de 60 a 80 do Século XX. Um aspecto positivo para a produção de instrumentos de pesquisa é a identificação das imagens, que em alguns casos se apresenta de maneira concisa enquanto em outros, um pouco mais detalhada, conforme consta no APÊNDICE A.

Partindo-se do entendimento de que dossiê é uma “unidade de arquivamento constituída de documentos relacionados entre si por assunto - ação, evento, pessoa, lugar, projeto” (NOBRADE, 2006, p. 15), identificou-se no Acervo Fotográfico Rheingantz a existência de três dossiês temáticos, configurando os níveis de descrição apresentados na FIGURA 12.



FIGURA 12 – Níveis de descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz

O dossiê Máquinas é formado por fotografias dos equipamentos da área de produção da fábrica, mais precisamente balanças, teares, máquinas utilizadas na confecção de tapetes e na manufatura da lã como, por exemplo, máquina de lavagem, de tingimento, centrífuga para tirar o excesso de água, equipamentos para secagem, máquina para cardar, torcedeira de fio, urdideira etc.

O dossiê Instalações Internas é formado por fotografias com tomadas de setores relacionados às áreas de produção e administração da Fábrica.

O dossiê Prédio e Casas é constituído por fotografias da fábrica e demais edificações destinadas ao uso de seus funcionários, como o Cassino dos Mestres, o Círculo Escolar e as moradias.

Ao longo do desenvolvimento desta pesquisa a coleção foi digitalizada de acordo com as recomendações de Baldam et al (2002) e Silva (2002, 2005). A definição do conjunto de operações pertinentes à digitalização fundamenta-se em Baldam et al (2002, p. 126) que define como “fases típicas da captura de imagens” a preparação dos documentos, a digitalização, o controle de qualidade, a limpeza/edição, a indexação, o armazenamento e a recuperação da imagem. O trabalho desenvolvido por Silva (2002, 2005) complementa as rotinas da etapa de digitalização e controle de qualidade além de prestar outras recomendações.

Na fase de preparação procedeu-se a numeração das fotos e a higienização mecânica para remoção de sujidades que pudessem prejudicar a obtenção da imagem digital. Nesta operação utilizou-se um par de luvas de algodão e duas trinchas (uma para frente da fotografia – emulsão - outra para o verso).

Na fase de digitalização foram geradas imagens *master*. De acordo com Silva (2002, p. 164) “as versões digitais das imagens se enquadram em duas categorias:

imagens *master* e imagens de referência”. As segundas são produzidas a partir das primeiras, imagens *master*, “também denominadas por alguns como imagens arquivísticas”. No QUADRO 13 podem-se observar os requisitos de captura seguidos no trabalho, necessários para obtenção de imagens *master* com ação de reprodução idêntica aos originais (escala 1 : 1).

Requisito	Fotografia P & B	Fotografia Colorida
Formato	TIFF	TIFF
Resolução	600 ppi	600 ppi
Profundidade de bits	24 bpp	8 bpp
Dimensão	Lado maior entre 3000 e 5000 pixels.	Lado maior entre 3000 e 5000 pixels.

QUADRO 13 – Requisitos para geração de imagens master (fotografias P & B e coloridas)

Fonte: sistematização das especificações de SILVA (2002, 2005).

Embora a coleção seja constituída por fotografias P & B, optou-se pela configuração de captura de imagens coloridas para, desta forma, registrar a tonalidade exata da imagem. No intuito de evitar sucessivas pré-visualizações para configuração da área de captura, adotou-se como padrão o ajuste aproximado às dimensões da fotografia ganhando-se, com isto, tempo. A captura foi configurada para nomear os arquivos com o prefixo “Ac_Ft_Rheingantz_” acrescido do número seqüencial gerado para cada imagem. Ao final desta fase, a coleção digitalizada totalizou 10,2GB.

Deve-se destacar que ambos os autores se utilizam do termo captura como sinônimo de digitalização. Porém, o e-Arq Brasil (2006, p. 118 e 122) apresenta definições distintas conceituando captura como “incorporação de um documento ao sistema de gestão arquivística, por meio do registro, classificação e arquivamento” e digitalização como “processo de conversão de um documento em qualquer suporte ou formato para o formato digital, por meio de dispositivo apropriado”. Sabe-se que o referido modelo tem propósitos específicos²¹, no entanto, o alerta visa resguardar eventuais equívocos terminológicos.

²¹ O e-ARQ Brasil é “uma especificação de requisitos que estabelece um conjunto de condições a serem cumpridas pela organização produtora/recebedora de documentos, pelo sistema de gestão arquivística e pelos próprios documentos a fim de garantir a sua confiabilidade e autenticidade, assim como seu acesso.” Desta forma, “estabelece requisitos mínimos para um Sistema Informatizado de Gestão Arquivística de Documentos – SIGAD- independente da plataforma tecnológica em que for desenvolvido e/ou implantado” (e-ARQ Brasil, 2006, p. 5).

Na fase de controle de qualidade partiu-se do entendimento de que tanto o controle propriamente dito (inspeção ocorrida durante a produção) quanto a revisão (inspeção dos produtos finais) podem ser

subjetivo, através de inspeção visual, com monitores, scanners, impressoras e ambientes de visualização calibrados, e; objetivo, através de avaliações feitas por intermédio de software, onde reprodução de tons, de cores, de detalhes, de bordas, serão controlados. (SILVA, 2005, p. 15).

Desta forma, o controle ocorreu de acordo com os requisitos e configurações do *software* utilizado na digitalização das fotografias. A inspeção das imagens se deu de forma objetiva, em duas etapas:

- na primeira, imagem por imagem, verificou-se se a ordem de captura e a denominação dos arquivos (fotografias convertidas para o meio digital) refletiam o acervo em suporte original;
- na segunda estabeleceu-se como critério de amostragem o índice de 10% das imagens da coleção para verificar a captura em termos de dimensão, resolução, profundidade de *bit*, orientação (horizontal/vertical), alinhamento (enquadramento da imagem na área de captura), recortes, margens e adequação de cor e luz (em termos gerais)²².

Na fase de limpeza/edição procedeu-se à remoção de parte da imagem sem informações, que ficava no entorno das fotografias digitalizadas servindo como margem de segurança para a captura. Ao final desta etapa as imagens que totalizavam 10,2GB passaram a ocupar 6,16GB. Note-se que nesta etapa não se realizou compressão, compactação, correção ou qualquer outra operação que viesse a alterar as propriedades da imagem capturada.

As fases de indexação e recuperação foram suprimidas, pois se entende que dizem respeito ao processo descritivo.

A geração de imagens de referência (também conhecidas como derivativas) foi acrescida às fases estabelecidas por Baldam et al (2002). De acordo com Silva (2005, p. 38) estas imagens “são resultado do redimensionamento de arquivos master” podendo servir à visualização no monitor, à identificação imediata (*thumbnail*) ou à impressão. No QUADRO 14, os requisitos sugeridos e os

²² SILVA (2002) apresenta outros elementos relacionados a luzes, sombras, valores tonais, ruídos e artefatos de sistema entre outros pontos de inspeção que, embora não estabelecido pelo manual, julga-se de pertinentes à inspeção objetiva. Optou-se por não comparar o produto das digitalizações com gabaritos, entretanto, sugere-se como algo a ser cogitado em uma política de digitalização para o acervo.

operacionalizados na produção de derivativas de visualização e *thumbnail*. A geração de derivativas para impressão deverá ocorrer conforme demanda, de acordo com as peculiaridades de cada situação.

Requisito	Imagem de referência ou derivativa			
	Visualização no monitor		Thumbnail	
	Recomendação	Operacionalização	Recomendação	Operacionalização
Formato	JPEG	JPEG	JPEG	JPEG
Resolução	Entre 72 e 120 ppi	600 ppi	Até 72 ppi	600 ppi
Profundidade de bits	Entre 1 e 24 bits	24 bits	Entre 4 e 8 bits	24 bits
Dimensão	Entre 600 e 1200 pixels.	768x1024 pixels	Até 200 pixels.	160x117 pixels

QUADRO 14 – Requisitos para geração de imagens derivativas (visualização no monitor ou *Thumbnail*)

Fonte: recomendações de SILVA (2002, 2005).

O armazenamento ocorreu de acordo com o tipo de imagem digitalizada – *master*, visualização no monitor ou *Thumbnail*, armazenados no computador em que ocorreu a captura, em DVD e HD Externo. As imagens apresentam, respectivamente, em média 75MB, 300KB e 60KB. O tempo gasto no processo de digitalização pode ser observado no QUADRO 15.

Operação	Tempo médio por imagem	Tempo total
Preparação	Não mensurado.	Não mensurado.
Digitalização	1min 36seg	3h 47min
Controle de qualidade	49seg	2h 04min
Limpeza/edição	52seg	2h 29min
Geração de imagens de referência	28seg	1h 16min
Armazenamento	--	19im
TOTAL	3min 59seg	9h 26min

QUADRO 15 – Tempo gasto na digitalização do Acervo Fotográfico Rheingantz

Ainda no que diz respeito à digitalização da Coleção, é importante mencionar as recomendações de Silva (2005) relacionadas aos metadados, que devem ser produzidos no processo de digitalização, mais precisamente:

- a) antes da digitalização: dados sobre a avaliação/diagnóstico, seleção e desenvolvimento da coleção; dados de procedência e localização; descrições conjuntas e/ou individuais dos objetos originais; dados sobre direitos de propriedade e sobre reproduções; dados de gerenciamento de preservação; dados sobre localização e utilização. b) durante o processo: justificativas para a seleção; métodos de captura, *hardware* e *software*; resolução, cor, dimensões; natureza das alterações; razões matemáticas de

compressão e formatos; versões, datas; nomes de arquivos e caminhos; legendas e termos de indexação; vínculos com fontes relacionadas; localização de *backup* e; nome dos operadores. (SILVA, 2005, p. 16).

Parte destas informações foram registradas ao longo desta seção, entretanto, o autor enfatiza que “a performance do sistema também deve ser conhecida e avaliada antecipadamente, e os procedimentos registrados e codificados para viabilizar o acompanhamento e a reprodutibilidade de ações e contextos” (Silva, 2005, p. 39). Em função disto, no QUADRO 16 apresentam-se as especificações do *hardware* e do *software* utilizado.

Recurso	Especificação
Hardware	Notebook Dell Inspiron 15 Processador Intel® Pentium® T4300 (Dual Core, 2.1 GHz, 1 MB L2 cache, 800 MHz FSB). Acelerador de mídia gráfica Intel® 4500MHD integrado. Tela True Life Widescreen CCFL WXGA (1366x768) de 15.6” HD 250 GB - SATA de 5.400 RPM.
Recurso	Especificação
Hardware	Multifuncional Hewlett-Packard (HP) modelo PSC 1410 Resolução ótica até 600 X 2400 dpi; interpolada até 192000 dpi. Cores: de 36 bits, escala de cinza de 8 bits (256 níveis de cinza). Tamanho máximo de digitalização no vidro: 21,6 X 29,7 cm.
Software	Windows® 7 Home Premium 64-Bit. Office Picture Manager (Limpeza/Edição e Geração de imagens de referência. Optou-se por este aplicativo pela diversidade de funções oferecidas, pela facilidade de uso e pelo fato de estar integrada ao Microsoft Office). Power DVD 8.2.5024. (Armazenamento - gravação de DVD).

QUADRO 16 – Hardware e software utilizado na digitalização

Fonte: desenvolvido nos moldes do quadro apresentado por SILVA (2002, p. 202)

4.4 Descrição do acervo

4.4.1 Tratamento da coleção e suas implicações no processo descritivo

Nos arquivos, o procedimento de descrição é definido como a

elaboração de uma acurada representação de uma unidade de descrição e de suas partes componentes, caso existam, por meio da extração, análise, organização e registro de informação que sirva para identificar, gerir,

localizar e explicar documentos de arquivo e o contexto e o sistema de arquivo que os produziu.(ISAD(G), 2001, p. 4).

Neste sentido, para que a descrição viabilize de fato a identificação, gestão e localização dos documentos devem ser precedidas por ações que permitam o entendimento do acervo e, conseqüentemente, respaldem as intervenções necessárias ao tratamento e acesso aos documentos. Por isto a descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz foi precedida pelo entendimento das ações desenvolvidas no CDH e pela pesquisa da trajetória da Fábrica no município de Rio Grande. A partir disto analisou-se as características do acervo, identificou-se as relações temáticas entre as imagens, culminando na formação de três dossiês.

A partir disto, deu-se início à elaboração de instrumentos de pesquisa, seguindo-se os preceitos da descrição arquivística, normalizada pela NOBRADE e, conseqüentemente, em conformidade com as regras para descrição multinível, já preconizadas pela ISAD(G) (2001, p. 7), as quais se estabelecem: a descrição do geral para o particular, informação relevante para o nível de descrição, relação entre descrições e não repetição da informação.

Deve-se lembrar que a NOBRADE, assim como a ISAD(G) possibilita tanto a descrição de fundos arquivísticos, constituídos de conjuntos documentais orgânicos, como a descrição de coleções reunidas intencionalmente, como é o caso do acervo ora trabalhado.

Assim, a descrição das imagens ocorreu de forma hierarquizada, de acordo com os níveis determinados na FIGURA 12, resultando nas descrições da coleção (APÊNDICE B) e do dossiê (APÊNDICE D) para, somente a partir disto, ocorrer as descrições dos itens documentais (APÊNDICE E). O produto deste processo poderá compor instrumentos de pesquisa normalizados onde a descrição da coleção poderá compor o guia de acervos do CDH, a descrição do dossiê poderá compor um inventário e as descrições das imagens resultam no catálogo Prédio e Casas da Fábrica Rheingantz (FIGURA 13).

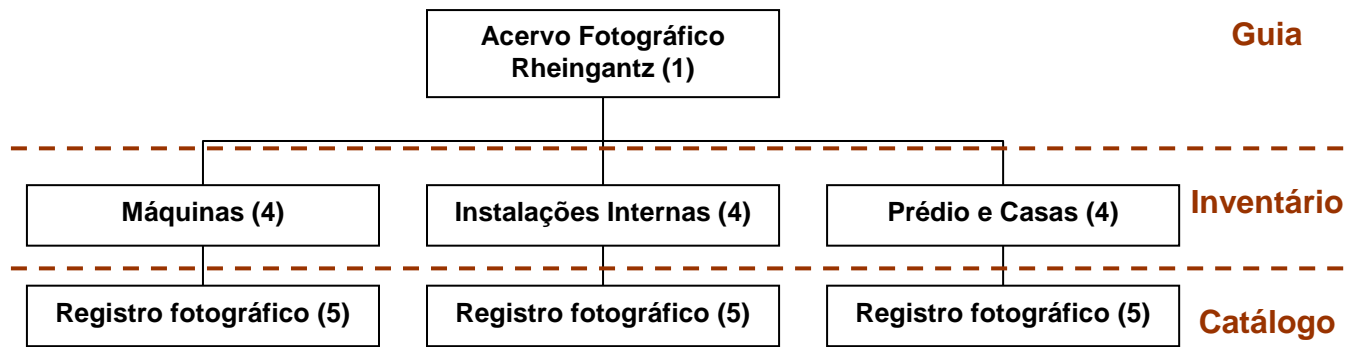


FIGURA 13 – Níveis de descrição e instrumentos de pesquisa

4.4.2 Definição de padrões descritivos

Inicialmente, optou-se pelo uso da NOBRADE na descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz. Neste caso, a aplicação da norma não demonstra a proveniência e a relação orgânica entre as fotografias, mas sim as intenções que motivam a formação da coleção e das categorias que a constituem (dossiês), favorecendo a contextualização das imagens.

Entretanto, sabe-se que a NOBRADE é uma norma geral, centrada na necessidade de representar o arquivo e as partes que o compõe (seções, séries, dossiês, itens etc.). Pode ser utilizada em acervos constituídos de diferentes gêneros, espécies e tipos documentais, porém, suas regras não apresentam definições que atendam a determinadas particularidades, como é o caso das fotografias.

Resolveu-se, então, buscar orientações que complementassem as definições dos elementos descritivos da NOBRADE com orientações específicas para fotografias.

Observou-se que os padrões existentes na Biblioteconomia estão consolidados e enfatizam a representação do item documental. O AACR2, mais precisamente o capítulo 8 - Materiais Gráficos, determina regras para descrição de fotografias dando origem, no Brasil, ao Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos da Biblioteca Nacional. Constatou-se na Museologia um processo de normalização incipiente na área de documentação museológica, em discussão na Europa. Em função disto, cada instituição estabelece suas próprias regras para registro e recuperação das informações de seus acervos.

Diante disto, considerando-se que o AACR2 é um padrão consolidado na Biblioteconomia e que o Manual da BN constitui um detalhamento do AACR2 para descrição de seus acervos fotográficos, desenvolveu-se o mapeamento dos elementos descritivos e das regras de aplicação do Manual da BN em relação à NOBRADE, com o propósito de verificar as relações de complemento e equivalência existentes, resultando no QUADRO 17.

NOBRADE	AACR2 em Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos da Biblioteca Nacional
1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO	
1.1 Código de referência	
1.2 Título	1.1 Título Principal 1.4 Títulos equivalentes 1.6 Indicação de responsabilidade (fotógrafo e/ou estúdio)
1.3 Data(s)	1.2.1 Local da imagem 1.2.2 Data da imagem
1.4 Nível de descrição	
1.5 Dimensão e suporte	1.3 Designação geral do material 3.1 Quantidade e designação genérica 3.2 Designação específica 3.3 Outros suportes primários diferentes do papel 3.5 Cromia 3.6 Dimensões
2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO	
2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)	
2.2 História administrativa/biografia	
2.3 História arquivística	
2.4 Procedência	5.11 Origem, características da aquisição do material etc.
3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA	
3.1 Âmbito e conteúdo	1.4 Títulos equivalentes 1.5 Outras informações sobre o título 5.16 Resumo
3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade	
3.3 Incorporações	
3.4 Sistema de arranjo	
4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO	
4.1 Condições de acesso	5.12 Restrições
4.2 Condições de reprodução	5.12 Restrições
4.3 Idioma	
4.4 Características físicas e requisitos técnicos	
4.5 Instrumentos de pesquisa	
5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS	
5.1 Existência e localização dos originais	5.1 Negativos e reproduções o item catalogado (Negativos)
5.2 Existência e localização de cópias	5.1 Negativos e reproduções o item catalogado (reproduções do item catalogado)
5.3 Unidades de descrição relacionadas	
5.4 Nota sobre publicação	5.13 Histórico
6. ÁREA DE NOTAS	
6.1 Notas sobre conservação	5.7.2 Estado de conservação

NOBRADE	AACR2 em Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos da Biblioteca Nacional
6.2 Notas gerais	1.6 Indicação de responsabilidade 2.1 Data de produção do item 2.2 Local de publicação e/ou distribuição, nome do editor e/ou distribuidor e data de publicação 4. Área da Série 5.6 Duplicação de diapositivos 5.7.3 Carimbos, etiquetas, dedicatórias e anotações 5.7.4 Número de negativo do fotógrafo, câmera e filmes utilizados 5.7.5 Características técnicas adicionais 5.15 Nota “em”
7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO	
7.1 Nota do arquivista	5.3 Título principal 5.4 Local e data da imagem
7.2 Regras ou convenções	
7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)	
8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS	
8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos	

QUADRO 17 – Elementos descritivos do Manual da BN (desenvolvido a partir do capítulo 8 do AACR2) em relação à NOBRADE

Nesta análise observou-se que dos 7 elementos obrigatórios da NOBRADE (Código de Referência, Título, Data, Nível de Descrição, Dimensão e Suporte, Nome do Produtor e Condições de Acesso - níveis 0 e 1) apenas Código de Referência, Nível de Descrição e Nome do Produtor não apresentam elementos complementares e/ou equivalentes no Manual da BN (1992). Além destes, também não apresentam qualquer relação os elementos: História Administrativa/Biografia; História Arquivística; Avaliação, Eliminação e Temporalidade; Incorporações; Sistema de Arranjo; Idioma; Características Físicas e Requisitos Técnicos; Instrumentos de Pesquisa; Unidades de Descrição Relacionadas; Regras ou Convenções; Data(s) da(s) Descrição(ões) e; Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos.

4.4.2.1 NOBRADE: elemento Título

O elemento Título visa “identificar nominalmente a unidade de descrição” e para tanto deve “registrar o título original. Caso isso não seja possível, deve-se atribuir um título elaborado a partir de elementos de informação presentes na unidade que está sendo descrita obedecendo as convenções previamente estabelecidas” (NOBRADE, 2006, p. 21-22). Estas definições são compatíveis com o elemento 1.1 Título Principal que determina:

transcreva o título existente na fonte principal de informação conforme a redação, ordem e grafia apresentado. Caso não exista título na fonte principal de informação, atribua um. O título atribuído deve ser descritivo e sucinto. (Manual BN, 1992, p. 10).

A regra 1.2.6 do elemento Título também determina que “Títulos em outros idiomas devem ser preservados, podendo-se fazer uso de uma tradução livre a ser registrada neste elemento, entre colchetes, ou no elemento 3.1” (NOBRADE, 2006, p. 22). Neste ponto, é compatível com o elemento 1.4 Títulos Equivalentes do Manual da BN pois

título equivalente é o título principal registrado na fonte principal de informação em outra língua. Caso ocorra, registre-o na ordem indicada por sua seqüência na fonte principal de informação, antecedido de espaço, sinal de igualdade, espaço. (Manual BN, 1992, p. 13).

O elemento também determina que “nos níveis de descrição 4 e 5, o título pode conter indicações de responsabilidade, tais como autor, destinatário, emissor, requerente, outorgado e outorgante” (NOBRADE, 2006, p. 22), o que contempla o elemento 1.6 Indicação de Responsabilidade que requer o registro da

indicação de responsabilidade na forma em que aparece na fonte principal de informação, antecedido de espaço, barra oblíqua e espaço. Considere como principal(ais) indicação(ões) de responsabilidade o nome de pessoa ou do estúdio (caso não seja identificado o nome do fotógrafo) que produziu os originais fotográficos, ou seja, diapositivo e negativos originais, fotografias identificadas como da época da produção destes últimos e os itens resultantes dos processos positivos diretos (daguerreótipos, ambrótipo, ferrótipo, instantâneo e holograma). Quando constarem na fonte principal de informação as suas indicações, registre, opcionalmente, o nome do estúdio na Área de Notas (ver item 5.5). (Manual BN, 1992, p. 14).

4.4.2.2 NOBRADE: elemento Data(s)

O elemento Data(s) visa “informar a(s) data(s) da unidade de descrição” e, para tanto, estabelece como regra:

forneça obrigatoriamente a(s) data(s) de produção da unidade de descrição. Opcionalmente, registre outras datas crônicas pertinentes, como data(s) de acumulação ou data(s)-assunto. Caso seja relevante, registre também a(s) data(s) tópica(s) de produção da unidade de descrição. (NOBRADE, 2006, p. 23).

Desta forma, Data(s) corresponde ao elemento 1.2.1 Local da Imagem que determina o registro do “nome do local na forma em que aparece na fonte principal de informação, antecedido de vírgula e espaço” (Manual BN, 1992, p. 11), o que neste caso equivale à data tópica prevista na NOBRADE.

O elemento Data(s) também está relacionado ao elemento Data da Imagem que determina o registro

da data antecedida de vírgula e espaço. No caso da data completa constar da fonte principal de informação, registre o dia e o ano em algarismos arábicos e o mês abreviado (use só as três primeiras letras, exceto para o mês de maio). (Manual BN, 1992, p. 12).

Neste aspecto, 1.2.2 Data da Imagem corresponde à data crônica na NOBRADE, possibilitando a padronização do uso do campo e diferentes situações, conforme apresentado no QUADRO 18.

	DATA COMPLETA	MÊS E ANO	ANO	SÉCULO
Data certa	14 maio 1923	maio 1923	1923	-
Data provável	[13? Mar. 1934]	[mar. ? 1934]	[1934?]	-
Data aproximada	-	-	[ca. 1864]	-
Uma data ou outra	[7 set. 1942 ou 7 set. 1943]	[set. 1942 ou set. 1943]	[1942 ou 1943]	-
Data com menos de 20 anos de diferença	[entre 2 jan. 1951 e 2 jan. 1954]	[entre jan. 1951 e jan. 1954]	[entre 1951 e 1954]	-
Década certa	-	-	[197-]	-
Década provável	-	-	[197-?]	-
Século certo	-	-	-	[18--]

QUADRO 18 – Padronização da data crônica: elemento Data da Imagem

Fonte: Manual da BN, 1992, p.12.

4.4.2.3 NOBRADE: elemento Dimensão e Suporte

Na NOBRADE o elemento 1.5 Dimensão e Suporte visa “Identificar as dimensões físicas ou lógicas e o suporte da unidade de descrição” estabelecendo como regra que se “registre a dimensão física ou lógica da unidade de descrição, relacionando esse dado ao respectivo suporte” (NOBRADE, 2006, p. 27).

Em decorrência disto apresenta, inicialmente, uma relação de equivalência com o elemento DGM 1.3 Designação Geral do Material que determina:

registre opcionalmente, entre colchetes, a abreviatura doc. fot. após a data da imagem para designar todos os documentos fotográficos, caso a entidade catalogadora adote um catálogo único para entradas referentes a itens de diferentes espécies, tais como documentos fotográficos, cartográficos, gravuras, etc. (Manual BN, 1992, p. 13).

Neste caso, pode-se observar que o elemento Dimensão e Suporte contempla uma diversidade de gêneros e espécies, em consonância com seu propósito; já o Manual da BN, em decorrência da limitação de sua abrangência, contempla apenas acervos fotográficos.

O elemento Dimensão e Suporte também determina:

à exceção dos documentos textuais, todos os demais gêneros devem ser, preferencialmente, quantificados por espécie ou tipo, conforme a classificação a seguir (...) 1.5.5.5 Gênero iconográfico: caricatura(s), cartaz(es), cartão(ões)-postal(is), charge(s), cópia(s) por contato, desenho(s), diapositivo(s), fotografia(s), gravura(s), ilustração(ões), negativo(s) fotográfico(s) e pintura(s). (NOBRADE, 2006, p. 27 – 28).

Neste caso, pode-se observar no elemento 3.1 Quantidade e Designação Genérica, uma relação de complemento em relação à NOBRADE, ao definir que se “registre, em algarismos arábicos, a quantidade de documentos que está sendo catalogado e, em seguida, o termo padronizado correspondente à designação genérica” (Manual da BN, 1992, p. 19), estabelecendo uma lista autorizada para uso (QUADRO 19).

TERMO	TERMO PADRONIZADO
Fotografia	Foto
Reprodução fotomecânica	reprod. fotom.
Negativo	Neg.
Diapositivo	Diap.
Cartão-postal	cartão-postal
Álbum	Álbum
Porta-fólio	porta-fólio

QUADRO 19 – Quantidade e Designação Genérica - lista autorizada

Fonte: Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos, 1992, p.12.

O campo 3.1 Quantidade e Designação Genérica também possibilita o aprimoramento de descrições em nível 4, correspondentes a representação de um álbum fotográfico, quando determina que “ao catalogar álbuns ou porta-fólios, indique, em seguida ao termo apropriado, a quantidade e a designação genérica dos documentos que integram o conjunto entre parênteses” (Manual da BN, 1992, p. 19).

Ainda no que diz respeito à mensuração por espécie, o campo 3.4 – Formato Padrão pode ser associado ao elemento Dimensão e Suporte ao estabelecer que se

registre o formato padrão antecedido de vírgula e espaço, selecionando-o da lista autorizada abaixo, quando precedida da designação específica. Não tendo sido utilizada a designação específica, registre o formato padrão antecedido de espaço, dois pontos e espaço. (Manual BN, 1992, p. 20).

A lista autorizada a que se refere o campo consiste em: cartão *cabinet*, *carte-de-visite*, estereoscopia e panorama.

O campo 3.2 Designação Específica reflete, essencialmente, particularidades destes documentos, destinando-se aos registros dos processos fotográficos ao estabelecer que

caso seja possível determinar o processo fotográfico referente ao item, registre a designação específica apropriada, antecedida por espaço, dois pontos e espaço, consultando a lista autorizada no APÊNDICE B. Considere como designação específica os termos que aparecem sublinhados (Manual da BN, 1992, p. 20).

O APÊNDICE B referido no Manual, constitui-se em um mapeamento dos processos fotográficos ao longo dos tempos, bem como seus respectivos suporte, ligante, substância formadora, cromia e período de uso, conforme apresentado no ANEXO A.

No que diz respeito a suporte, o elemento Dimensão e Suporte estabelece que se registre

os suportes por gênero, espécie ou tipo, conforme o nível de descrição, seguindo o padrão indicado a seguir: acetato, aço, algodão, alumínio, bronze, cera, cerâmica, cobre, couro, diacetato, ferro, gesso, latão, linho, louça, madeira, mármore, metal, nitrato, ouro, papel, pedra, pergaminho, plástico, poliéster, prata, seda, triacetato, vidro, vinil. (NOBRADE, 2006, p. 29).

Esta definição pode ser complementada pelo campo 3.3 Outros Suportes Primários Diferentes do Papel que determina “as fotografias podem se apresentar em outros suportes primários diferentes do papel, tais como couro, porcelana, tecido, madeira, etc. Nesses casos, registre o tipo de suporte após a designação genérica ou específica” (Manual BN, 1992, p. 20).

O campo Dimensão e Suporte não apresenta nenhuma recomendação explícita para o registro da cor da imagem, exceto nos exemplos da NOBRADE. O Manual da BN possui um campo específico para isto, o 3.5 – Cromia que estabelece “as imagens monocromáticas apresentam uma única coloração sobre o fundo branco. Esta coloração deve ser indicada” (Manual BN, 1992, p. 20). No Manual a regra é exemplificada com as opções p&b, sépia, ciano e verde.

O campo Dimensão e Suporte apresenta regras específicas para dimensões nos níveis 4 (dossiê) e 5 (item documental), ao determinar que

para determinados gêneros, espécies ou tipos, registre, quando necessário, nos níveis de descrição 4 e 5, dimensões específicas ou complementares, recorrendo-se a outras unidades de medida como, por exemplo, quilograma, para peso e, no caso de medidas lineares relacionadas, como altura e largura ou altura, largura e comprimento, centímetros ou milímetros. (NOBRADE, 2006, p. 28).

Esta regra pode ser complementada pelo campo 3.6 Dimensões do Manual da BN que determina:

o item pode apresentar até três dimensões: a da imagem propriamente dita, a do suporte primário (papel, couro, porcelana, etc.) e a do suporte secundário (cartão-suporte, passe-partout e moldura). As dimensões referentes aos suportes primário e secundário, quando significativamente maiores do que as da imagem, devem ser registradas na Área de Notas (5.7.1). Registre as dimensões da imagem, antecedidas de espaço, ponto e vírgula e espaço, indicando em primeiro lugar a altura e, em seguida, a largura. Forneça essas dimensões em centímetros, exceto no caso dos negativos em 35mm. (...) No caso de diapositivos, recomenda-se que as dimensões sejam registradas apenas se diferirem de 5x5cm. (...). No caso de fotografias estereoscópicas, registre a dimensão total das duas imagens. (Manual BN, 1992, p. 21).

4.4.2.4 NOBRADE: elemento Procedência

O elemento Procedência visa “identificar a origem imediata de aquisição ou transferência da unidade de descrição” e para tanto determina que se registre

a origem imediata da unidade de descrição (nome da entidade que encaminhou), a forma e data de aquisição, se possível com as referências pertinentes (instrumento formal de encaminhamento e/ou recebimento como uma correspondência, o número e data da mesma, números ou códigos de entrada da unidade de descrição etc.). Se a origem for desconhecida, recorra à expressão “dado não disponível”. (NOBRADE, 2006, p. 37)

Neste sentido, Procedência está relacionado ao campo 5.11 – Origem, Características da Aquisição do Material, etc. que determina “registre o nome do indivíduo ou da entidade responsável pela doação, venda, etc., bem como a data da aquisição ou quaisquer informações referentes à origem do item, caso possam ser obtidas” (Manual da BN, 1992, p. 25).

4.4.2.5 NOBRADE: elemento Âmbito e Conteúdo

O elemento Âmbito e Conteúdo visa “fornecer aos usuários informações relevantes ou complementares ao Título (1.2)” e para tanto determina “informe, de acordo com o nível, o âmbito (contexto histórico e geográfico) e o conteúdo (tipologia documental, assunto e estrutura da informação) da unidade de descrição” (NOBRADE, 2006, p. 39). Neste sentido, pode ser associado aos elementos 1.4 Títulos Equivalentes, 1.5 – Outras Informações Sobre o Título e, 5.16 – Resumo, do Manual da BN (1992).

O elemento 1.4 – Títulos Equivalentes pode se enquadrar tanto no elemento Título quanto no elemento Âmbito e Conteúdo, conforme já mencionado.

O elemento 1.5 Outras Informações Sobre o Título determina que se

transcreva outras informações sobre o título principal ou título equivalente precedidas de espaço, dois pontos espaço. Se o título principal necessitar de esclarecimento, faça um acréscimo sucinto em português, independentemente da língua do título principal (Manual BN, 1992, p. 13).

Com isto, o elemento corresponde ao elemento Âmbito e Conteúdo no que diz respeito ao caráter de complementação do elemento Título, da mesma forma que o elemento 5.16 – Resumo, que determina “redija um resumo sucinto e objetivo sobre o conteúdo do item, caso outra parte da descrição não forneça informações suficientes e consideradas relevantes” (Manual da BN, 1992, p. 26).

4.4.2.6 NOBRADE: elementos Condições de Acesso e Condições de Reprodução

O elemento 5.12 – Restrições determina que se “registre a existência de quaisquer restrições quanto ao manuseio, reprodução, publicação, exposição, etc., caso se apliquem especificamente ao item catalogado” (Manual BN, 1992, – p. 25).

Assim, equivale aos elementos Condições de Acesso que visa “fornecer informação sobre as condições de acesso à unidade de descrição e, existindo restrições, em que estatuto legal ou outros regulamentos se baseiam” (NOBRADE, 2006, p. 44).

Também equivale ao elemento Condições de Reprodução que visa “identificar qualquer restrição quanto à reprodução da unidade de descrição” (NOBRADE, 2006, p. 45).

4.4.2.7 NOBRADE: elementos Existência e Localização de Originais e Existência e Localização de Cópias

O elemento 5.1 – Negativos e Reproduções do Item Catalogado determina que se “registre a existência no acervo de negativo(s) e/ou reprodução(ões) do item catalogado seguida(s) do(s) respectivo(s) código(s) de acesso” (Manual BN, 1992, p. 23).

O elemento 5.2 – Outros Itens Originais Disponíveis na Imagem no Acervo estabelece que, “caso a imagem do item catalogado se encontre disponível em outras cópias originais apresentadas em processos distintos, registre esta(s) informação(ões) seguida(s) do(s) respectivo(s) código(s) de acesso” (Manual da BN, 1992, p. 23).

Estes elementos podem complementar tanto o campo Existência e Localização dos Originais, o qual visa “indicar a existência e a localização, ou inexistência, dos originais de uma unidade de descrição constituída por cópias” (NOBRADE, 2006, p. 49); quanto o campo 5.2 Existência e Localização de Cópias que visa “indicar a existência e localização de cópias da unidade de descrição” (NOBRADE, 2006, p. 50).

4.4.2.8 NOBRADE: elemento Nota Sobre Publicação

O campo Nota Sobre Publicação visa “identificar publicações sobre a unidade de descrição ou elaboradas com base no seu uso, estudo e análise, bem como as que a referenciem, transcrevam ou reproduzam”. Para tanto, determina que se registrem as “referências bibliográficas de publicações sobre a unidade de descrição ou elaboradas com base no seu uso, estudo e análise, bem como as que a referenciem, transcrevam ou reproduzam” (NOBRADE, 2006, p. 52).

Desta forma, pode ser complementado pelo elemento 5.13 Histórico ao determinar:

Exposições: registre após a palavra **Exposições** e dois pontos as informações seguintes na ordem indicada : país ou cidade onde o material tenha sido exposto/responsável pela exposição – local/título/data. Relacione cronologicamente as diferentes exposições do mesmo material. Publicações: indique o título da obra e o responsável pela publicação após as palavras **Publicado em** e dois pontos (Manual da BN, 1992, p. 26).

4.4.2.9 NOBRADE: elemento Nota Sobre Conservação

O elemento Nota Sobre Conservação visa “fornecer informações sobre o estado de conservação da unidade de descrição, visando orientar ações preventivas ou reparadoras”, determinando que se “registre informações sobre o estado de conservação da unidade de descrição, bem como medidas de conservação e/ou

restauro que foram, estão sendo ou devam ser tomadas em relação a ela” (NOBRADE, 2006, p. 53).

Pode ser complementado pelo campo 5.7.2 – Estado de Conservação que determina o registro do estado de conservação de acordo com os indicadores estabelecidos no QUADRO 20.

INDICADOR	ESTADO DE CONSERVAÇÃO
Ruim	Objeto demanda tratamento de conservação à curto prazo.
Regular	Objeto demanda tratamento de conservação à médio prazo.
Bom	Objeto em bom estado de conservação.

QUADRO 20 – Estado de conservação de documentos fotográficos

Fonte: Manual BN, 1992, p. 24.

4.4.2.10 NOBRADE: elemento Notas Gerais

O elemento Notas Gerais visa “fornecer informação que não possa ser incluída em nenhuma das outras áreas ou que se destine a completar informações que já tenham sido fornecidas” (NOBRADE, 2006, p. 55).

Neste sentido, ao se desenvolver este mapeamento, Notas Gerais é o ponto de convergência dos elementos que não apresentam relação de complemento ou equivalência com outros elementos da NOBRADE, os quais traduzem particularidades de acervos fotográficos e que, em determinadas situações, referem-se a coleções com caráter predominantemente biblioteconômico e/ou documentos do gênero bibliográfico.

Entre as definições do elemento 1.6 – Indicação de Responsabilidade consta a possibilidade de registro do laboratorista responsável pela reprodução de originais fotográficos ou cópias a partir de originais. Entende-se que o registro desta informação no título da fotografia possa torná-lo demasiadamente extenso e, em função disto, parece mais adequado o uso do elemento Notas Gerais.

O item 5.6 Duplicação de Dispositivos determina que se “informe que se trata de uma duplicação de diapositivo” (Manual BN, 1992, p. 24). Embora pertinente, não se percebeu, até o momento, uma relação de equivalência ou complemento com outros elementos e, em função disto, considera-se o registro no elemento Notas Gerais.

O elemento 2.1 Data de Produção do Item “refere-se apenas às reproduções de originais fotográficos e às cópias produzidas a partir de negativos originais, feitas posteriormente à data da imagem” e determina que se “registre a data de produção, antecedida de ponto, espaço e travessão, observando as mesmas regras estabelecidas para registrar a data da imagem” (Manual da BN, 1992, p. 15 e 16). Trata-se de um elemento complementar aos demais campos da NOBRADE.

O elemento 2.2 – Local de Publicação e/ou Distribuição, Nome do Editor e/ou Distribuidor e Data de Publicação ²³aplica-se a

1º - originais fotográficos, porta-fólios e álbuns constituídos de originais fotográficos que, excepcionalmente, apresentem estes dados; 2º - fotografias avulsas impressas através de processos fotomecânicos que tenham estes dados; 3º - cartões-postais avulsos ou reunidos em porta-fólios ou álbuns, sob a responsabilidade de um editor e/ou distribuidor ou impressor. (Manual BN, 1992, p. 16).

O elemento 4. Área da Série “aplica-se a itens individualizados que possuam um título de série, o que normalmente ocorre com cartões – postais avulsos ou reunidos em porta-fólios. É constituída pelo título da série, título da subsérie e o número da série (Manual BN, 1992, p. 22). É complementar o elemento 5.9 – Série que define: “redija notas a respeito de dados de série que não possam ser registrados na Área da Série (Manual BN, 1992, p. 25).

Observa-se no elemento 2.2 - Local de Publicação e/ou Distribuição, Nome do Editor e/ou Distribuidor e Data de Publicação e no elemento 4 - Área da Série definições características de coleções predominantemente biblioteconômicas.

Os elementos 5.6 – Duplicação de Diapositivos; 5.7.3 – Carimbos, Etiquetas, Dedicatórias e Anotações; 5.7.4 – Número de Negativo do Fotógrafo, Câmera e Filme Usados; 5.7.5 - Características Técnicas Adicionais; e, 5.15 – Nota “Em”, traduzem particularidades típicas de acervos fotográficos.

O elemento 5.6 – Duplicação de Diapositivos determina: “informe que se trata de uma duplicação de diapositivos (Manual da BN, 1992, p. 24). Trata-se de um elemento complementar aos demais campos da NOBRADE.

O elemento 5.7.3 – Carimbos, Etiquetas, Dedicatórias e Anotações determina que se “registre e/ou transcreva, neste último caso entre aspas, a existência de carimbos, etiquetas, dedicatórias e anotações se considerar as informações

²³ Abrange os elementos descritivos 2.2.1 Local de publicação e/ou distribuição, 2.2.2 Nome do editor e/ou distribuidor, 2.2.3 Data da publicação e, 2.2.4 Impressão.

importantes para a caracterização do item ou análise de seu conteúdo” (Manual BN, 1992, p. 24).

O elemento 5.7.4 – Número de Negativo do Fotógrafo, Câmera e Filme Usados determina que se “registre, se conhecidos, o número de negativos do fotógrafo e o tipo de câmera e filme utilizados” (Manual BN, 1992, p. 24).

O elemento 5.7.5 - Características Técnicas Adicionais (Manual BN, 1992, p. 24 – 25) determina que se especifiquem as características técnicas referentes ao processo de produção do item, estabelecendo o uso de uma lista autorizada constituída dos termos: colagem, colorido à mão, fotograma, fotomontagem (impressão múltipla/exposição múltipla), imagem negativa, papel resinado (RC), retocado, separação de cores, sobre pintado ou foto-pintura, solarização, superfície brilhante, superfície mate, viragem (selênio/ouro/outros) e viragem seletiva.

O elemento 5.15 – Nota “Em” deve ser utilizado quando “o item catalogado integre um álbum ou porta-fólio” de tal forma que se “registre em seguida à palavra **Em** os dados catalográficos referentes ao conjunto ou o código de acesso, e acrescente sua identificação como componente, através da indicação da página ou número correspondentes” (Manual BN, 1992, p. 26).

4.4.2.11 NOBRADE: elemento Nota do Arquivista

O elemento Nota do Arquivista visa “fornecer informação sobre a elaboração da descrição” viabilizando o registro das “fontes consultadas para elaboração da descrição, bem como os nomes das pessoas envolvidas no trabalho” (NOBRADE, 2006, p. 56), relacionando-se, desta forma, com os elementos 5.3 - Título Principal e 5.4 Local e Data da Imagem, ambos da Área de Notas do Manual da BN.

O elemento 5.3 - Título Principal determina que se registre “notas a respeito da fonte utilizada para o título atribuído e para títulos incorretos que constem da fonte principal de informação” (Manual, BN, 1992, p. 23).

O elemento 5.4 - Local e Data da Imagem determina que se registre as “fontes utilizadas para identificação do local e data, caso estas não sejam as fontes principais de informação” (Manual, BN, 1992, p. 23).

4.4.2.12 NOBRADE x Manual BN: dubiedades

O campo 5.10 – Nome da Coleção ou Arquivo determina que se “registre o nome da coleção ou do arquivo ao qual o item pertença, caso esta informação não se encontre recuperada de outra forma, como, por exemplo, através do código de acesso ou notação” (Manual BN, 1992, p. 25). Não se aplica ao nível de item documental da NOBRADE, porém, no nível de coleção, pode estar associado ao campo Título.

O campo 5.14 - Localização dos Originais Fotográficos e dos Originais de Arte Documentados Fotograficamente determina que se “registre, se conhecida, a localização do original fotográfico ou do original de obra de arte documentado fotograficamente” (Manual BN, 1992, p. 26). Trata-se de um elemento sob o qual não há certeza da equivalência deste em relação aos elementos Existência e Localização de Originais ou Notas Gerais.

4.4.3 Descrição no nível de coleção

Na descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz (APÊNDICE B), dos 28 elementos da NOBRADE, foram utilizados 21. Em alguns destes, não foi possível esgotar o potencial descritivo em função da ausência de informações. Neste caso, utilizou-se a sentença “indisponível, suscetível à investigação” oferecendo para a equipe do CDH indicadores de aprimoramento, e para os usuários a possibilidade de prestar informações, caso as tenham, pertinentes ao processo.

Os elementos 3.2 Avaliação, Eliminação e Temporalidade, 3.3 Incorporações, 4.4 Características Físicas e Requisitos Técnicos, 5.1 Existência e Localização dos Originais, 5.3 Unidades de Descrição Relacionadas, 5.4 Nota Sobre Publicação e 6.2 Notas Gerais não foram utilizados. Nesta situação utilizou-se a expressão “não se aplica”, deixando claro para a equipe do CDH e para os usuários que os objetivos e regras destes elementos são dispensáveis para esta coleção.

O campo Código de Referência é composto por três partes: código do país, código da entidade custodiadora e indicador da unidade de descrição. A composição da segunda parte do código, pertinente a entidade custodiadora, requer a solicitação de um código junto ao Arquivo Nacional. Neste sentido, sabe-se da inexistência de uma política consolidada de descrição no CDH e que, em função disto, não há este

registro. Assim, o código apresentado nas descrições (nos níveis de coleção, dossiê e item) não é definitivo, podendo ser alterado a partir do registro da entidade custodiadora (CDH) junto ao Arquivo Nacional.

O elemento Data foi complementado pela padronização oferecida pelo elemento Data da Imagem do Manual da BN, 1992. Assim, a descrição neste elemento constitui-se da data tópica (prevista na NOBRADE) e da regra estabelecida para registro de data crônica, em intervalos de tempo compreendidos entre 20 anos (de acordo com o Manual da BN, 1992, p. 12).

O elemento Dimensão e Suporte foi complementado pelos elementos do Manual da BN (1992) 3.1 Quantidade e Designação Genérica e 3.5 Cromia.

O elemento Nome do Produtor corresponde à afirmação do princípio da proveniência e deve estar relacionado aos campos Data, História Administrativa ou Biografia e Âmbito e conteúdo. No entanto, uma coleção não apresenta caráter orgânico advindo do acúmulo natural dos documentos – elemento basilar do princípio da proveniência. Assim sendo, o uso deste campo na descrição de uma coleção não se constitui na representação da proveniência, mas sim da intenção que motivou a reunião dos documentos, neste caso a Fábrica Rheingantz.

Outro fator importante é que a figura do produtor (quem solicita e/ou custeia as fotografias, quem motiva a reunião de fotos em coleção) difere da figura do autor (no caso de uma fotografia, o fotógrafo), este devidamente representado no campo Título onde há a previsão de indicação de responsabilidade.

Ainda no que se refere ao Nome do Produtor, a expressão Fábrica Rheingantz constitui-se em uma sugestão, pois o CDH ainda não desenvolveu o registro de autoridade em conformidade com a norma ISAAR(CPF), atendendo à indicação da própria NOBRADE.

O campo História Arquivística, embora a denominação possa sugerir, não se aplica exclusivamente a conjuntos arquivísticos. Destina-se, basicamente, ao registro de informações relacionadas ao histórico da custódia e a intervenções técnicas anteriores à entrada do acervo na unidade custodiadora, no caso o CDH. No nível 1 deve-se informar se o conjunto é um fundo documental ou coleção e, no caso de coleção, o colecionador. O entendimento de que colecionador é a “entidade coletiva, pessoa, ou família responsável pela formação de uma coleção” (NOBRADE, 2006, p. 14) poderia sugerir que o próprio CDH é colecionador. Entretanto, considerando-se o intuito do campo de registrar a trajetória pregressa a

atual entidade custodiadora, invalida-se esta concepção. Neste sentido, considerando-se a inexistência de informações sobre a origem da coleção no acervo do CDH, consta na descrição a sentença “indisponível, suscetível à investigação” sinalizando para o fato de que, atualmente, não se tem estas informações, mas que se deseja levantá-las.

Da mesma forma, no campo Procedência, destinado a registrar a origem imediata da aquisição, registrou-se “indisponível, suscetível à investigação” no intuito de manifestar interesse em levantar o nome do doador da coleção. Observa-se que Procedência e História Arquivística são campos complementares, sendo que o primeiro registra o doador do acervo para a atual entidade custodiadora, e o segundo registra o histórico das custódias anteriores.

No elemento Âmbito e Conteúdo constam informações que proporcionam ao usuário as características dos documentos que compõe a coleção, complementando o elemento Título.

Em Sistema de Arranjo apresenta-se a forma como a coleção está organizada.

Nos elementos Condições de Acesso e Condições de Reprodução apresenta-se ao usuário as regras para consulta e utilização das fotografias.

No elemento Idioma informa-se, como o próprio nome sugere, o idioma sob o qual as imagens foram nomeadas e descritas.

No elemento Instrumentos de Pesquisa, são citados os instrumentos existentes nos níveis subseqüentes a coleção.

No elemento Existência e Localização de Cópias, referenciam-se a existência de imagens digitalizadas.

No elemento Notas Sobre Conservação, apresentam-se informações relacionadas às condições do acervo. Este campo pode ser complementado pelo elemento Estado de Conservação (Manual BN, 1992), especialmente, no que diz respeito à definição dos indicadores ruim, regular e bom, possibilitando a equipe do CDH uma previsão das medidas de conservação necessárias.

No elemento Notas do Arquivista, apresentam-se o nome do responsável pela descrição e as referências utilizadas para sua elaboração.

No elemento Regras ou Convenções apresentam-se as referências dos padrões utilizados para descrever o acervo.

No elemento Data(s) da(s) Descrição(ões), consta o período em que as descrições foram desenvolvidas.

No elemento 8.1 Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos, apresentam-se descritores das imagens, extraídos a partir da análise dos demais elementos de descrição, principalmente, os elementos Título, Nome(s) do(s) Produtor(es) e História Administrativa/Biografia. No decorrer do preenchimento deste campo no nível de coleção e, conseqüentemente, nos demais níveis de descrição, sentiu-se a necessidade de padronizar os termos utilizados desenvolvendo-se, para tanto, um vocabulário controlado (APÊNDICE C).

O vocabulário controlado constitui-se de um conjunto padronizado de termos que devem ser utilizados na indexação e, segundo Smit e Yumiko Kobashi (2003, p. 21) o ideal é que “reflita a linguagem da instituição, aproximando-se o máximo possível da linguagem do usuário”.

O desenvolvimento do vocabulário controlado utilizado na descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz segue a metodologia proposta por SMIT e YUMIKO KOBASHI (2003). Trata-se de um instrumento em desenvolvimento, suscetível a ajustes, aprimoramentos e atualizações identificados ao longo do processo de descrição dos demais dossiês e itens documentais do Acervo Fotográfico Rheingantz.

4.4.4 Descrição no nível de dossiê

No processo de descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz priorizou-se o dossiê Prédio e Casas (APÊNDICE D) por se acreditar que estas fotografias representam a parcela dos bens patrimoniais da Fábrica Rheingantz que, aparentemente, demonstram maior identidade com a comunidade rio-grandina.

Inicialmente, cogitou-se a possibilidade de que a descrição em nível de dossiê referenciasse as fotografias individualmente no elemento Âmbito e Conteúdo, não se realizando, com isto, a descrição no nível 5 (item documental). Declinou-se desta alternativa porque o referido elemento no nível de dossiê pode proporcionar ao usuário o entendimento do que representa o conjunto de edificações da Fábrica. Por outro lado, a descrição individualizada das fotografias possibilita um maior detalhamento na descrição das imagens aprimorando, com isto, a recuperação das

mesmas, especialmente do ponto de vista dos elementos Título, Âmbito e Conteúdo e, Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos.

Neste nível também se utilizou das sentenças “indisponível, suscetível à investigação” e “não se aplica”, nos mesmos moldes da descrição no nível de coleção. Em respeito à regra da descrição multinível de “não repetição da informação” (ISAD(G), 2001, p. 7), utilizou-se a sentença “já mencionado em nível superior”. Isto ocorreu em 12 elementos, inclusive nos obrigatórios: Data(s), Nome(s) do(s) Produtor(es) e Condições de Acesso.

No elemento Código de Referência adicionou-se a sigla PC (correspondente a denominação do dossiê Prédio e Casas) ao código de referência da coleção.

No Título consta a denominação do Dossiê. No elemento Dimensão e Suporte alterou-se o conteúdo deste elemento presente na descrição da coleção, relacionando-o à quantidade de fotografias no dossiê.

Em Âmbito e Conteúdo, apresentam-se informações relacionadas à construção do Prédio da Fábrica, das moradias e demais equipamentos da vila operária, possibilitando ao usuário uma noção do que as fotografias representam. Destaca-se que o uso deste elemento descritivo neste nível do Acervo Fotográfico Rheingantz atende ao propósito de registrar as informações levantadas no processo de contextualização do acervo, oferecendo ao usuário a oportunidade de compreender as intenções que motivaram a formação deste dossiê.

Em Sistema de Arranjo apresenta-se a forma de arquivamento das fotografias.

No elemento Instrumento de Pesquisa menciona-se o instrumento existente para a recuperação das fotografias do dossiê Prédio e Casas.

No elemento Nota do Arquivista consta o responsável pela descrição e as referências utilizadas para o desenvolvimento das mesmas. Considerando-se a existência de citações diretas realizadas no elemento Âmbito e Conteúdo, optou-se por contrariar, excepcionalmente neste caso, a regra de não repetição de informações entre os níveis, mencionando-se as mesmas referências que subsidiaram as descrições no nível de coleção.

No elemento Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos, constam os descritores do dossiê, seguindo os mesmos parâmetros do nível coleção.

4.4.5 Descrição no nível de item documental

Na descrição das fotografias do dossiê Prédio e Casas (APÊNDICE E) não houve qualquer seleção descrevendo-se, inclusive, fotos com o mesmo referente e enquadramentos similares.

Assim como nos demais níveis, fez-se uso das expressões “indisponível, suscetível à investigação”, “não se aplica” e, “já mencionado em nível superior” (esta utilizada apenas na descrição em nível de coleção).

No elemento Código de Referência adicionou-se o número da fotografia ao código de referência do dossiê.

No elemento Título priorizou-se a transcrição do título existente no álbum, conforme determinado pela NOBRADE e pelo elemento Título Principal do Manual da BN (1992, p. 10). Quando necessário, para tornar a descrição mais precisa, a transcrição é complementada entre colchete, de acordo as determinações dos referidos padrões para ocorrências de títulos atribuídos.

No elemento Dimensão e Suporte registra-se a cor e as dimensões da fotografia em centímetros, de acordo com as definições da NOBRADE e os elementos Cromia e Dimensões do Manual da BN (1992).

No elemento Nota do Arquivista, além do responsável pela descrição da fotografia, consta, conforme necessidade, a fonte utilizada para identificação da imagem.

No elemento Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos, constam os descritores da fotografia, seguindo os mesmos parâmetros do nível coleção.

4.4.6 Codificação da descrição

As descrições do Acervo Fotográfico Rheingantz, do dossiê Prédio e Casas e, das fotografias do referido dossiê (APÊNDICE B, D e E), foram codificadas em XML de acordo com o padrão *Encoded Archival Description* (EAD), e validadas contra a *Data Type Definition* (DTD) disponibilizada pelos mantenedores deste padrão.

Tanto para a codificação quanto para a validação do arquivo XML resultante, foi utilizada a versão livre do editor XML EditX Free XML Editor 2010 (FIGURA 14). A versão utilizada é licenciada sob GPL (*Gnu Public License*).

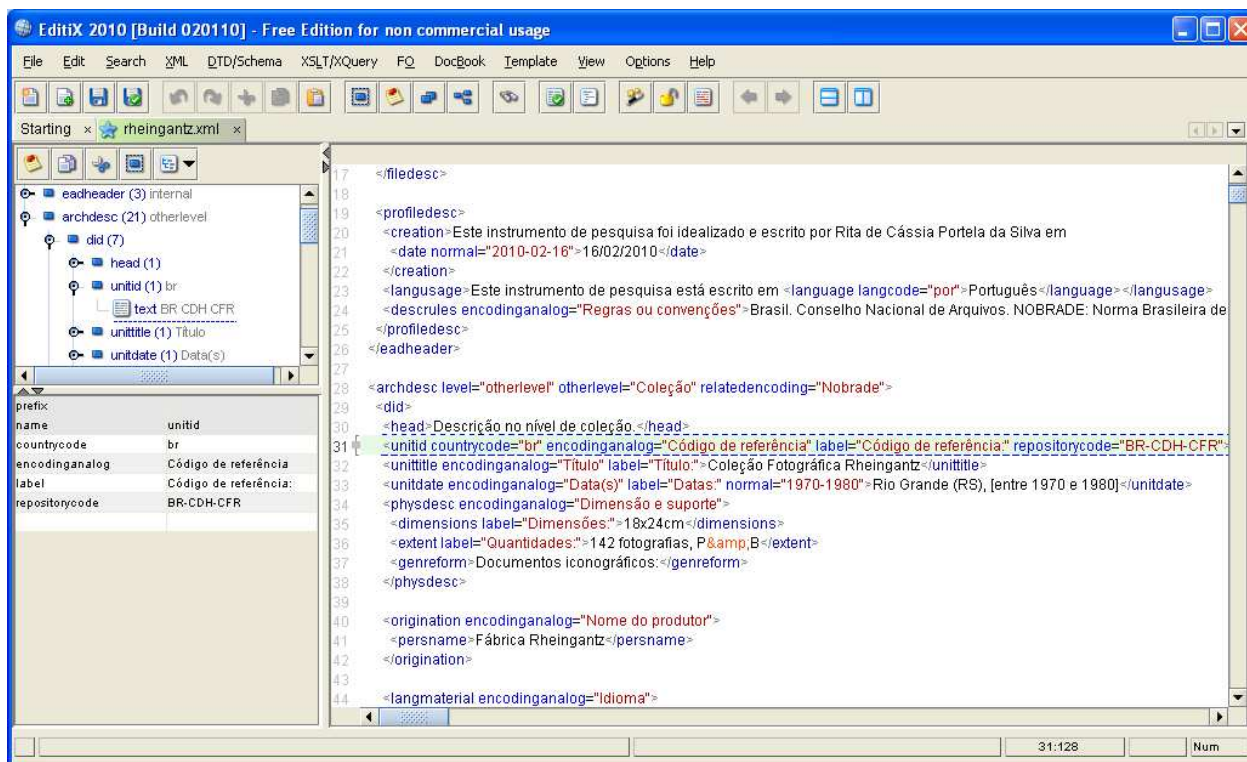


FIGURA 14 – Screenshot do editor XML EditX Free XML Editor 2010

Esta etapa do trabalho exigiu conhecimento específico na área de tecnologia da informação. Para tanto, contou com o apoio consultivo de um analista de sistemas, com o qual foi desenvolvido um manual para conversão de descrições NOBRADE para o formato EAD (APÊNDICE F) o que possibilitou a codificação apresentada no APÊNDICE G.

Cabe destacar que na codificação XML, a partir do EAD, as descrições no nível de coleção, dossiê e item documental encontram-se em um único arquivo, organizadas hierarquicamente, independentemente da quantidade de níveis e itens.

O EAD permite a descrição de um número indefinido de subníveis, sendo o primeiro nível, seja fundo ou coleção, condicionado na tag <archdesc>. A descrição dos demais níveis pode ocorrer mediante duas possibilidades:

- pelo uso da tag < c > não numerada, com a vantagem de permitir um número ilimitado de subníveis, e a desvantagem de apresentar menor legibilidade à leitura humana em decorrência dos sucessivos encadeamentos ocorridos;
- pelo uso da tag numerada de <c01> até <c012>, com a vantagem de possibilitar maior legibilidade à leitura humana em decorrência da numeração, e a desvantagem de limitar a quantidade de níveis de descrição a 13.

Neste trabalho, utilizou-se *tags* numeradas, considerando-se a existência de apenas três níveis de descrição. Os elementos descritivos do nível coleção do Acervo Fotográfico Rheingantz apresentam-se entre as *tags* <archdesc> </archdesc>, os elementos descritivos do dossiê Prédio e Casas apresentam-se entre as *tags* <c01> </c01>, os elementos descritivos das fotografias apresentam-se entre as *tags* <c02> </c02>, conforme Figura 15.

```

<archdesc>
Elementos descritivos da coleção.
  <c01>
    Elementos descritivos do dossiê.
      <c02>
        Elementos descritivos do item (fotografia).
      </c02>
      <c02>
        Elementos descritivos do item (fotografia).
      </c02>
      . . .
    </c01>
  </archdesc>

```

FIGURA 15 – Organização da descrição multinível.

É importante frisar que as características tecnológicas dos arquivos XML acrescentam flexibilidade e portabilidade à esta implementação da descrição do acervo. Com isso, se quer dizer que a descrição assim implementada (utilização do padrão EAD em arquivo XML) permite que os dados dos elementos descritivos possam ser transmitidos em redes digitais (como a Internet) e livremente trocados entre computadores pertencentes a diversas instituições interconectadas. Sistemas de informação arquivística que suportem o padrão EAD podem importar ou exportar estes dados, alimentando a sua própria base de dados e/ou disponibilizando tais dados a outros sistemas compatíveis.

Além disso, de acordo com Tittel (2003), a extrema flexibilidade do XML permite a conversão automática de uma descrição para outros formatos que ofereçam uma visualização mais atrativa aos usuários. Isto é viável a partir da aplicação das linguagens de marcação XSLT e XPath²⁴ em conjunto com as folhas de estilo CSS, que permitem automatizar a transformação de qualquer arquivo XML (incluindo os arquivos de descrição arquivística em formato EAD) em arquivos HTML ou XHTML. Dessa forma, o arquivo EAD pode ser intercambiado e processado automaticamente por computadores e sistemas de informação arquivística, podendo

²⁴ Componentes da especificação XSL brevemente discutida no item 3.1.2.2 deste trabalho.

também ser convertido sem intervenção humana em arquivos a serem exibidos em navegadores *Web* em qualquer diagramação concebida.

No manual (APÊNDICE F) pode-se conhecer os detalhes da implementação como, por exemplo, os atributos das *tags*, o mapeamento dos elementos descritivos da NOBRADE e as *tags* EAD, entre outras orientações.

5. A INTEGRAÇÃO DE PADRÕES DE METADADOS NA DESCRIÇÃO DO ACERVO FOTOGRÁFICO RHEINGANTZ

Tem-se como certo que a palavra de ordem da era da globalização é o compartilhamento de informações visando à economia de recursos. Para que isso ocorra de forma eficiente e eficaz, necessário se faz que a padronização da representação da informação seja estruturada de forma mais coerente, atendendo às necessidades de buscas de usuários, não só de bibliotecas, mas, também, de arquivos e museus, instituições que promovem a socialização do saber. (SANTOS, 2007, p. 65).

5.1 Particularidades da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia e a produção de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos

Arquivistas, bibliotecários e museólogos compreendem claramente seus princípios, teorias e métodos e as conseqüentes particularidades de seus acervos. Agora, sabendo-se dos limites existentes, mas considerando-se o acesso a fontes de informação que possibilitem a preservação da memória e a construção da história, é de extrema importância o estabelecimento de ações que favoreçam a integração das áreas a partir do patrimônio documental, ponto de convergência entre as referidas áreas.

As metodologias para tratamento de acervos atendem as particularidades do objeto de estudo da Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia, destacando-se neste estudo, os procedimentos que possibilitam a recuperação/localização de fotografias.

Nos arquivos a descrição viabiliza a elaboração de diferentes instrumentos de pesquisa, dos mais amplos (guias e inventários) aos mais detalhistas (catálogos e índices), possibilitando a recuperação da informação desejada – a fotografia – e o entendimento da relação existente entre o documento e o contexto de sua criação.

Trata-se de um processo que ocorre, necessariamente, de forma hierarquizada, onde a descrição das fotografias segue a ordem dos níveis identificados no acervo, ou seja, fundo/coleção, seção e suas subdivisões, série e suas subdivisões, dossiê/processo e item documental. É neste sentido que se entende o procedimento de classificação/arranjo como pré-requisito para a implementação de políticas descritivas, pois é o plano de classificação/quadro de

arranjo, produto de uma metodologia de trabalho fundamentada na realização de pesquisas para entendimento da origem dos documentos, que define os níveis de descrição do acervo. Neste sentido, na descrição de uma fotografia de acordo com os procedimentos e métodos arquivísticos, a fonte de informação não se restringe à fotografia, nos termos da imagem ou das inscrições nela efetuada, valendo-se de diferentes técnicas (pesquisa documental, entrevistas etc.) realizadas na classificação/arranjo e retomadas na descrição das fotografias.

O processo descritivo deve ocorrer de forma normalizada, de acordo com os padrões descritivos da área. Atualmente, dispõe-se de quatro normas internacionais, com propósitos específicos, porém complementares: a ISAD(G) para descrição dos documentos; o ISAAR(CPF) para registro de autoridade; a ISDF para descrição de funções geradoras de documentos e a ISDIAH; para descrição de instituições com acervo arquivístico. No Brasil, há ainda uma norma nacional para descrição de documentos – a NOBRADE – que direciona as regras e elementos descritivos da ISAD(G) à realidade das instituições arquivísticas do Brasil. Estas normas constituem-se em padrões de metadados. Também já existem padrões eletrônicos para o intercâmbio das descrições desenvolvidas com base na ISAD(G) e ISAAR(CPF), trata-se, do EAD e do EAC, respectivamente. Embora se disponha de 5 normas e 2 padrões eletrônicos para o intercâmbio de informações, o processo de normalização na Arquivologia é recente, considerando-se que a primeira edição da ISAD(G), primeira norma internacional, foi publicado em 1994.

Na Arquivologia, o processo descritivo e as normas de descrição refletem o objeto de estudo da área, os arquivos, respeitando o princípio de proveniência e a organicidade, caráter elementar dos documentos arquivísticos.

Nas bibliotecas, a representação descritiva visa proporcionar ao usuário a representação do item bibliográfico, diferentemente da ênfase dada nos arquivos ao conjunto documental. Embora também ocorra nas bibliotecas, o procedimento de classificação não é um pré-requisito para a descrição, não precisa sequer ocorrer para se proceder à catalogação de um item.

A catalogação permite a representação do item documental, enfatizando-se tanto os aspectos físicos quanto os de conteúdo com o propósito de favorecer a busca. Em grande parte dos casos, a fonte de informação para a descrição do item está no próprio documento descrito, não exigindo a realização de pesquisas para sua representação. As fotografias são uma das exceções, pois a identificação de

personagens, locais, objetos etc., podem exigir outras fontes de informação que não os registros encontrados no próprio documento.

Na Biblioteconomia, a produção de descrições/representações descritivas de forma normalizada é uma prática consolidada. Os primeiros códigos nacionais de catalogação remontam ao Século XVIII, mais precisamente, 1791. O AACR2, norma adotada pela maioria das bibliotecas; e o MARC, padrão que viabiliza o intercâmbio de informações entre diferentes bibliotecas, são mais recentes. Ainda assim, são bem anteriores às normas arquivísticas, viabilizando desde a década de 1970, por meio da produção de descrições normalizadas, iniciativas como o Controle Bibliográfico Universal (CBU).

Se na Arquivologia as normas para descrição de acervos caracterizam-se pela ênfase na contextualização do acervo e pela generalidade, oferecendo orientações abrangentes no intuito de contemplar a variedade de gêneros, espécies e tipos documentais do acervo; na Biblioteconomia o AACR2 enfatiza, além da representação do item, as particularidades dos vários materiais que podem ser encontrados em uma biblioteca. Assim, o AACR2 disponibiliza informações específicas para documentos cartográficos, partituras musicais, gravações de áudio, filmes cinematográficos e gravações em vídeo, materiais cartográficos, arquivos de dados legíveis por máquinas, artefatos tridimensionais, realia, e, microformas, além de livros, folhetos e materiais cartográficos.

Na Biblioteconomia também se utiliza a expressão “níveis de descrição”, porém em uma acepção distinta da Arquivologia. Neste caso, nível de descrição diz respeito à decisão feita pela biblioteca no que diz respeito a quantidade de elementos descritivos do AACR2 a serem utilizados na representação dos documentos, quanto mais elevado o nível, maior o número de elementos descritivos utilizados.

Nos museus a documentação museológica atende às funções de gestão das coleções e recuperação/localização das peças. Trata-se de um processo que exige a realização de pesquisas com o propósito de coletar, sistematizar e registrar informações que possibilitem o entendimento do artefato preservado. A estrutura informativa do artefato, constituída de informações intrínsecas e extrínsecas, define as diretrizes da documentação museológica a partir das quais torna-se necessário o levantamento de informações que ultrapassem questões relacionadas aos aspectos

físicos dos objetos (material, dimensões, cor etc.), alcançando pontos mais complexos, relacionados a função, significado e história do objeto.

Na Museologia o caráter colecionador da disciplina e a ênfase no item (artefato/objeto/documento) são características comuns à Biblioteconomia. Por outro lado, a necessidade de compreender a função, o uso e a história do objeto, aproxima a Museologia da Arquivologia, pois ambas, de certa forma e na medida determinada por seus objetos de estudo, buscam informações contextuais.

Diferentemente dos arquivos e bibliotecas, os museus não dispõem de normas internacionais que definam regras mínimas para o desenvolvimento do processo de documentação museológica. No decorrer deste estudo, deparou-se, inclusive, com poucas referências para este procedimento, encontrando-se certa indefinição no uso dos termos catálogo e inventário. Presencia-se na Museologia, especialmente por parte de grupos europeus, o início de discussões que viabilizarão o desenvolvimento de normas que irão orientar o trabalho de documentação, estabelecendo requisitos que viabilizem a padronização e, até mesmo, o intercâmbio de informações entre as instituições museológicas – funcionalidade desejada também nesta área.

O ponto forte da documentação museológica, mesmo não normalizado, são as orientações para registro de aquisição de artefatos, por meio da coleta, doação, legado, empréstimo, compra, permuta, entre outras formas de aquisição.

Neste cenário, vislumbram-se possibilidades de intercâmbio metodológico e integração de padrões descritivos entre as áreas.

Na Arquivologia, os padrões enfatizam a descrição de contexto, possibilitando aos usuários a compreensão da produção dos documentos fotográficos. Neste caso, a descrição das fotografias, ou seja, dos itens documentais, poderiam ser complementadas pelo uso dos padrões da biblioteconomia, mais precisamente a AACR2. Já as políticas de instituições arquivísticas para aquisição de acervos, poderiam ser complementadas pelas orientações da documentação museológica.

Na Biblioteconomia, os padrões possibilitam a descrição detalhada das fotografias enquanto item documental. Neste caso, a representação descritiva poderia buscar nos padrões arquivísticos, especialmente na ISAD(G) e/ou na NOBRADE, subsídios para fornecer aos usuários o entendimento das intenções que levaram a formação das coleções custodiadas nas bibliotecas. Também nas bibliotecas, as políticas de aquisição poderiam ser complementadas pelas

orientações da documentação museológica.

Na Museologia, os padrões arquivísticos e biblioteconômicos podem servir como parâmetro no processo de desenvolvimento de normas para documentação museológica que atendam as particularidades de seu objeto de estudo. No caso específico das coleções fotográficas, além do respeito à teoria de documentação museológica, os métodos arquivísticos e biblioteconômicos poderiam complementar o desenvolvimento de inventários e catálogos nas instituições museológicas.

5.2 A integração de padrões nas descrições do Acervo Fotográfico Rheingantz

Na descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz a integração do AACR2, por meio do Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos, desenvolvido pela Biblioteca Nacional, possibilitou a identificação de relações de equivalência e/ou complementação dos elementos descritivos deste instrumento em relação à NOBRADE.

Desta forma, foi possível suprir a carência de regras na NOBRADE para elaboração de instrumentos de pesquisa que atendam as particularidades dos acervos fotográficos sentidas, principalmente, no nível de item documental. A norma sinaliza a possibilidade de aplicação na descrição de fotografias em exemplos ao longo de suas especificações. Porém, não havia o detalhamento de orientações identificadas por meio do mapeamento NOBRADE x AACR2 via Manual da BN.

Isto possibilitará o desenvolvimento do potencial descritivo dos elementos da NOBRADE em relação aos acervos fotográficos. Proporcionará à equipe técnica do CDH, maior segurança na descrição de fotografias. Disponibilizará aos usuários instrumentos de pesquisa que refletem as particularidades do acervo favorecendo o acesso e a recuperação da fotografia desejada.

Entre a Arquivologia e Biblioteconomia, evidencia-se a concretização de um intercâmbio metodológico, que possibilitará o desenvolvimento das áreas e a qualificação dos serviços prestados aos usuários.

5.3 A divulgação das descrições em meio digital

A NOBRADE e o Manual da BN (desdobramento do AACR2) constituem-se em padrões de metadados que normalizam a produção de metadados descritivos de acervos fotográficos. Os instrumentos de pesquisa, como por exemplo, o catálogo do dossiê Prédio e Casas do Acervo Fotográfico Rheingantz, são conjuntos de metadados que viabilizam a localização da fotografia pelo usuário.

A descrição normalizada pela NOBRADE da coleção, do dossiê e das fotografias permitiu o uso do EAD, padrão XML independente de *hardware* ou *software*, que possibilita o intercâmbio de informações entre instituições arquivísticas, bibliotecas e/ou museus que dele façam uso. Com isto, será possível integrar acervos da Fábrica, por meio das descrições compartilhadas entre as instituições que o custodiam, caso venham existir outras descrições relacionadas à Fábrica Rheingantz.

Também será possível disponibilizar estas descrições na *Web*, favorecendo a divulgação do acervo, o acesso de usuários virtuais (*on line*), a fidelização de usuários reais e, possivelmente, a conquista de usuários potenciais. Acredita-se que ao verem a seriedade do trabalho desenvolvido os usuários certamente começarão a oferecer as imagens guardadas por seus familiares que ali trabalharam e/ou residiram, ampliando o acervo. Com isto, além de qualificar a localização das imagens, será possível ampliar quantitativamente o volume de acessos do CDH, pois a mesma fotografia estará disponível a diferentes usuários, em diferentes locais, ao mesmo tempo.

No desenvolvimento da codificação das descrições buscou-se referência de exemplos e implementações em ISAD(G) e/ou NOBRADE, constatando-se que a maioria dos modelos refletiam experiências de codificação a partir do MARC. Isto demonstra a facilidade com que profissionais da área de Biblioteconomia aderem ao uso de padrões.

Neste sentido, tem-se a pretensão de que o Manual (APÊNDICE F) favoreça o uso do EAD por arquivistas, especialmente, aqueles familiarizados com o uso de ferramentas de tecnologia da informação em suas práticas profissionais.

5.4 O usuário: além de beneficiário, agente do processo descritivo

Inicialmente, o usuário pode ser considerado o beneficiário das questões levantadas neste estudo, pois irá desfrutar do aprimoramento metodológico do processo descritivo, dispondo de instrumentos de pesquisa que favorecerão a recuperação das fotografias de seu interesse.

Entretanto, o usuário pode também atuar como colaborador no processo de identificação e descrição das fotografias. Ao se analisar o desenvolvimento das normas de descrição arquivística, destacou-se a crítica de Cook (2007) ao fato de que as normas não contemplam a possibilidade de registro de informações fornecidas pelos usuários por desconsiderarem uma nova categoria de dados denominada *User Generated Cataloguing* (UGC).

Fatalmente, as pessoas (usuários reais ou virtuais) ocupam um papel fundamental na identificação de fotografias, conforme salientado por Cook (2007). A existência de elementos descritivos associados a esta categoria de dados nas normas, conforme sugere o autor, poderia estimular as instituições a efetuar o registro desta colaboração e, até mesmo, passar a contar com este apoio.

Porém, os elementos atuais não inviabilizam tal registro. As descrições podem ser atualizadas após sua divulgação e, neste momento, pode-se recorrer ao auxílio dos usuários. Nas descrições em nível de coleção, dossiê e item documental do Acervo Fotográfico Rheingantz, a expressão “dado indisponível, suscetível à investigação” foi estrategicamente utilizada com o propósito de incentivar o usuário a prestar informações.

Em uma nova versão destas descrições poderão constar no elemento Data da Descrição, a data e o motivo da atualização. No elemento Nota do Arquivista, poderá constar a referência ao depoimento do usuário utilizado na atualização da descrição.

Considerando-se as facilidades da *Web 2.0*, especialmente do ponto de vista da interação dos usuários com as aplicações, podem ser desenvolvidas ferramentas que permitam ao usuário disponibilizar informações pertinentes à atualização das descrições. Enquanto isto não ocorrer, pode-se disponibilizar um canal de comunicação, como por exemplo, *e-mail*, que possibilite tais manifestações de usuários que acessem os instrumentos de pesquisa via *Web*.

Na primeira versão de uma descrição pode-se, igualmente, efetuar o registro das informações prestadas por colaboradores (usuários ou não) no elemento nota

do arquivista. Evidentemente, a existência de elementos mais precisos para este fim pode aprimorar este registro, porém, pode-se cultivar esta prática desde já.

Compreender a forma como o usuário se reporta ao acervo também é algo a ser observado com o propósito de qualificar o processo descritivo. Entender quais são os termos utilizados para localizar uma fotografia, sob qual categoria/tema ela costuma estar associada, quais os termos/expressões utilizados na busca e que não retornam recursos válidos para pesquisas etc., são exemplos de dados importantes que traduzem o olhar do usuário em relação ao acervo. Conhecer estas questões e trabalhar no intuito de atender estas expectativas, além de aprimorar as descrições de um acervo, pode favorecer o fortalecimento de laços da instituição para com seus usuários. Neste sentido, a *Web 2.0* dispõe de aplicações direcionadas ao aproveitamento da inteligência coletiva, conforme apresentado por O'Reilly (2005), como é o caso da *Folksonomia*.

Diante do exposto, observa-se a existência de alternativas, das mais simples às mais elaboradas, que podem ser empregadas no desenvolvimento das descrições de um acervo no qual o usuário além de ser beneficiário é também um agente do processo.

5.5 Aprimoramentos sugeridos ao CDH

Cabe novamente destacar que, as atividades desenvolvidas no CDH contaram, desde sua criação, com o trabalho abnegado de professores do antigo DBH, atual ICHI, e seus alunos, fazendo do local um espaço de preservação do patrimônio documental regional. A formação do acervo, o tratamento dos documentos e o estabelecimento de rotinas de funcionamento ao longo destes anos devem-se ao conjunto de pessoas que prestaram sua colaboração, conscientes da relevância de suas ações para a pesquisa no âmbito acadêmico e para a comunidade em geral.

Entretanto, a elaboração de um instrumento que favoreça a recuperação da informação possibilita a identificação de pontos de melhoria e alternativas de aprimoramento (FIGURA 16), no que tange à sistematização das informações e o acesso aos documentos em uma unidade de informação, como é o caso do CDH.

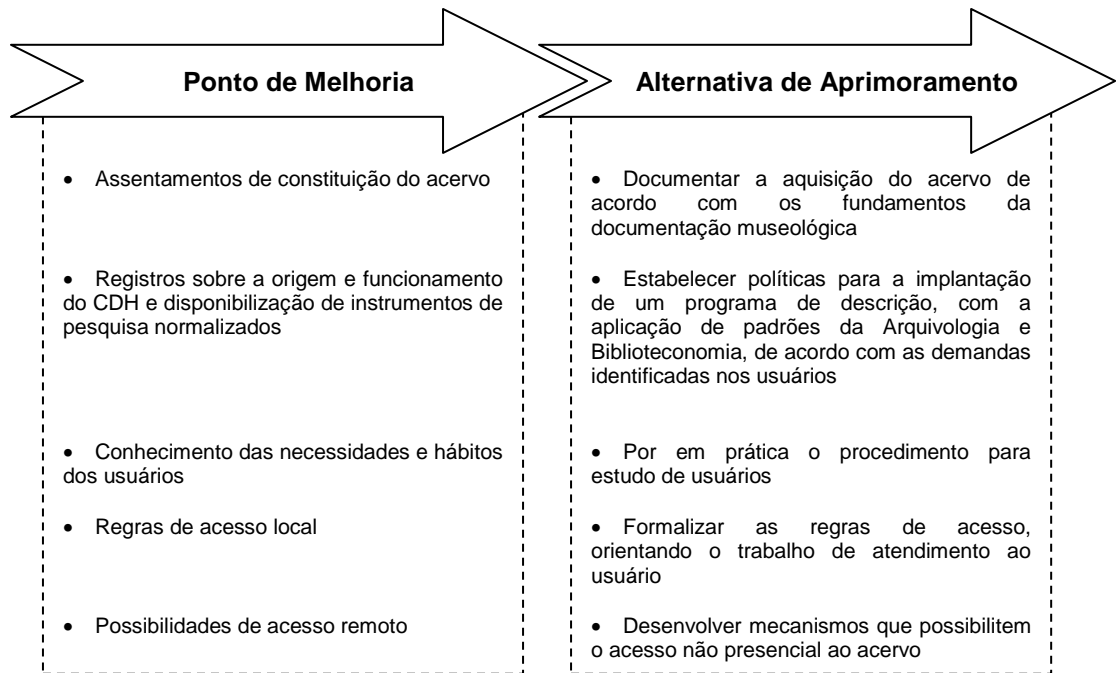


FIGURA 16 – CDH: pontos de melhoria e alternativas de aprimoramento

Recomenda-se que as alternativas de aprimoramento sejam desenvolvidas e formalizadas de acordo com uma estrutura similar à proposta por Colenghi (2003, p. 83) ao abordar a qualidade nos processos organizacionais. Para o autor um sistema de gestão de qualidade²⁵ deve ser documentado, dando origem a um conjunto de instrumentos normativos que descrevem e orientam as ações realizadas no âmbito do sistema, desenvolvidos em três níveis, de acordo com o tipo de definição (FIGURA 17).

No primeiro nível, o estratégico, define-se as ações a serem desenvolvidas, estabelecendo-se políticas; no segundo nível, o tático, define-se como as ações serão implementadas, elaborando-se procedimentos; no terceiro nível, o operacional, ocorre o detalhamento de como as ações devem ser executadas, produzindo-se instruções de trabalho.

²⁵ Sistema de gestão da qualidade constitui-se em um conjunto de integrado de ações que visam a melhoria contínua de produtos e/ou serviços. Neste sentido, Paladini (2000, p. 31) aborda o desenvolvimento do conceito de qualidade, definindo gestão da qualidade total como “processo destinado a investir, continuamente, em mecanismos de melhoria, ou seja, de aumento de adequação de produtos e serviços ao fim a que se destinam”. Para maiores informações acerca do tema em unidades de informação recomenda-se a leitura da tese de Valls (2005) intitulada “Gestão da qualidade em serviços de informação no Brasil: estabelecimento de um modelo de referência baseado nas diretrizes da NBR ISO 9001”. Em se tratando de acervos fotográficos, recomenda-se a leitura da tese BLAYA PERES (2004) intitulada “Estudo sobre os usuários dos arquivos fotográficos brasileiros”.

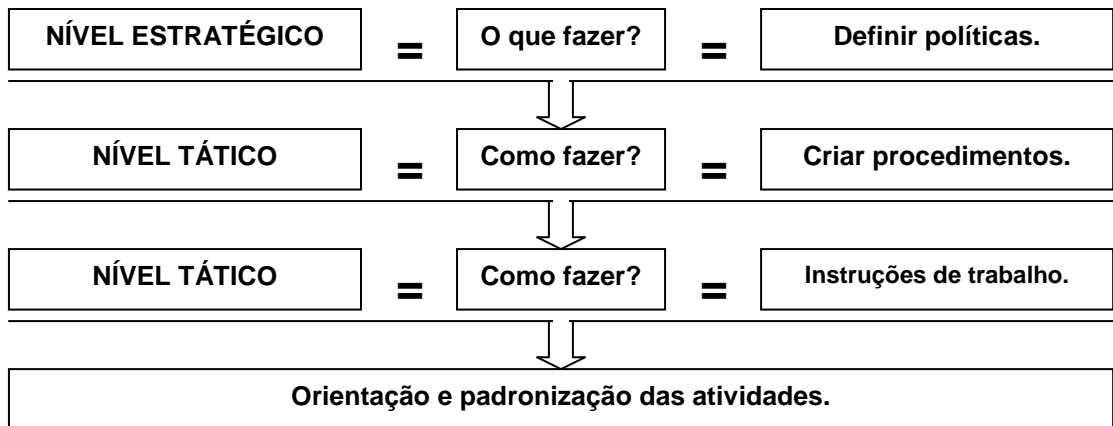


FIGURA 17 – Instrumentos produzidos na documentação de processos

Fonte: Esquema desenvolvido a partir do estudo de Colenghi (2003, p. 83).

As alternativas de aprimoramento podem ser formalizadas mediante a elaboração de procedimentos e instruções de trabalho, de acordo com a complexidade do processo e/ou sua maturação. Desta forma, um processo pode estar devidamente documentado por sua política, enquanto outro requer política e procedimento e outro pode ainda exigir política, procedimento e instrução de trabalho. Independentemente do grau de detalhamento, estes instrumentos facilitam o treinamento de colaboradores (fator positivo no CDH considerando-se a rotatividade de estagiários) além de favorecer a continuidade e a padronização das ações.

Políticas e procedimentos podem ser estruturados pelos campos sugeridos no QUADRO 21, diferenciando-se significativamente entre si pelo registro do tipo de documento no cabeçalho e pelo teor da decisão no elemento Detalhamento.

Elemento	Objetivo
Cabeçalho	Identificar o documento e cada uma de suas páginas. A identificação do documento ocorre por meio do título , código , tipo , versão e divulgação . O título é definido essencialmente pela finalidade da política. O código é composto pela sigla da unidade (CDH), pela sigla do tipo de documento e pelo seguido de numeração seqüencial atribuída pelo tipo de documento. O tipo de documento pode ser política (PL) ou procedimento (PC). A versão é determinada pela produção e posterior realização de revisões. A divulgação corresponde a data de divulgação do documento. A identificação das páginas ocorre pela numeração da página associado ao número total de páginas.
Elaboração	Indicar o(s) responsável(is) pela elaboração da política e/ou procedimento.
Aprovação	Indicar o(s) responsável(is) pela aprovação da política e/ou procedimento.
Histórico de revisões	Registrar a ocorrência de revisões e/ou alterações.
Objetivo	Apresentar a finalidade do documento.

Elemento	Objetivo
Abrangência	Identificar a área do CDH que utilizará o documento.
Referências	Referenciar normas, teóricos e demais subsídios que fundamentaram a elaboração do documento.
Definições e Siglas	Definir termos e siglas utilizados.
Detalhamento	Na elaboração de políticas, definir as ações a serem desenvolvidas. Na elaboração de procedimentos, explicar a execução das ações.
Disposições gerais	Registrar a validade do documento e apontar possibilidades futuras de desenvolvimento e/ou atualizações quando necessário.

QUADRO 21 - Estrutura das políticas e procedimentos sugeridos ao CDH

Desta forma, se tratar de uma definição relacionada ao que deve ser feito para, por exemplo, estabelecer medidas para estudo de usuário, o campo Tipo será preenchido pela sigla PL (política) e o campo Detalhamento se prestará ao registro das deliberações. Nesta linha, o estabelecimento das ações e da forma como elas deverão ser implementadas darão origem a um procedimento no qual o campo Tipo será preenchido pelo elemento PR (procedimento) e o campo detalhamento pelos responsáveis pela ação, seguido da orientação do que deve ser feito e como deve ser feito. Se for necessário um maior detalhamento, pode-se desenvolver instruções de trabalho, com estrutura diferenciada.

Em se tratando das sugestões relacionadas às alternativas de aprimoramento para os pontos de melhoria, chama-se atenção inicialmente à necessidade de estabelecer políticas e rotinas de assentamentos de constituição do acervo do CDH. Observa-se, atualmente, a inexistência de regras e, conseqüentemente, de registros sobre a aquisição de documentos, dificuldade percebida especialmente no Acervo Fotográfico Rheingantz. Isto pode prejudicar o desenvolvimento de instrumentos de pesquisa, uma vez que se desconhece a origem dos documentos, podendo também gerar problemas legais relacionados à custódia e/ou posse dos documentos. Neste caso, recomenda-se o estabelecimento de políticas similares às adotadas nos museus, seguindo-se as orientações da documentação museológica para formalizar a aquisição de acervo.

No que diz respeito ao ponto de melhoria relacionado à origem e funcionamento do CDH e disponibilização de instrumentos de pesquisa normalizados, recomenda-se o desenvolvimento de um programa de descrição para o acervo, que possibilite a elaboração de um guia para o CDH de acordo com a norma ISDIAH, e instrumentos de pesquisa de acordo com as normas NOBRADE, ISAAR(CPF) e, quando viável, ISDF. Sempre que possível, estimular o uso de padrões complementares, como é o caso da NOBRADE e AACR2 na descrição do

Acervo Fotográfico Rheingantz. Recomenda-se, também, a informatização do catálogo de livros favorecendo, desta forma, a gestão do acervo bem como a sua disponibilização aos usuários.

O desenvolvimento de instrumentos para recuperação de informações em um acervo tende a ser um trabalho criterioso que requer o equilíbrio de diferentes variáveis, das quais as mais prementes são aquelas relacionadas à definição de prioridades na descrição do acervo. Neste caso, o conhecimento das necessidades e hábitos dos usuários facilita decisões de projeto, pois tende a direcionar esforços de acordo com as demandas identificadas nos principais beneficiários do acervo. Para tanto, recomenda-se o estabelecimento de uma política de estudo de usuários para a qual se sugere o desenvolvimento das apresentadas no APÊNDICE H.

No que diz respeito às regras de acesso, recomenda-se a análise dos riscos de empréstimo de determinados itens, para que se possa definir quais documentos podem ser emprestados. Neste caso, é fundamental o aprimoramento do controle de empréstimo. Estas regras devem ser amplamente divulgadas aos usuários, e poderão fazer parte do guia do CDH. No que diz respeito às fotografias, em particular, além do acesso, deve-se regulamentar o uso e o registro de crédito das imagens.

No que se refere à possibilidade de acesso remoto, sugere-se o desenvolvimento de mecanismos que possibilitem o acesso remoto ao acervo. Nesse sentido, recomenda-se o desenvolvimento de um *site* para o CDH e o estabelecimento de um programa de digitalização do acervo. Dependendo da complexidade da aplicação e do conhecimento dos colaboradores do CDH, o desenvolvimento do *site* pode exigir a busca de colaboradores na área de tecnologia da informação. Neste caso uma alternativa viável na Universidade é a busca de parcerias junto a Cursos da área, como por exemplo, Ciência da Computação ou Sistemas de Informação. A digitalização do acervo pode exigir a definição de prioridades, podendo se utilizar do estudo de usuários também para esta situação.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A descrição de parte do Acervo Fotográfico Rheingantz possibilitou a realização de um exercício teórico, metodológico e prático, congregando a Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia.

A análise da possibilidade de integração de padrões de metadados para elaboração de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos e seus benefícios aos usuários de arquivos, bibliotecas e museus, objetivo máximo deste estudo, concentrou-se na comparação dos elementos da NOBRADE e do Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos (desenvolvido pela Biblioteca Nacional a partir do AACR2), o que possibilitou a identificação de relações de equivalência e complemento semântico entre os metadados dos referidos padrões.

Embora se tenha constatado que, até o presente momento, a integração de padrões pode ocorrer apenas entre a Arquivologia e a Biblioteconomia, acredita-se que as reflexões desenvolvidas ao longo deste trabalho foram válidas para as três áreas, por apontar não só as particularidades entre elas, no que diz respeito aos procedimentos de descrição, representação descritiva e documentação museológica; mas por também sinalizar aspectos que podem ser aprimorados por meio do intercâmbio teórico e metodológico entre as áreas.

Especialmente neste ponto, deve-se lembrar que os resultados apresentados neste trabalho não são definitivos. Constituem-se apenas em subsídios para fomentar discussões entre arquivistas, bibliotecários e museólogos, visando o fortalecimento das relações existentes entre as áreas e o aperfeiçoamento dos procedimentos e métodos para elaboração de instrumentos de pesquisa para acervos fotográficos qualificando, com isto, o serviço prestado aos usuários de arquivos, bibliotecas e museus.

No que diz respeito aos preceitos e aplicações da *Web-SeMântica*, encontra-se no EAD um padrão eletrônico que pode ser utilizado na descrição de arquivos (por meio da codificação da ISAD(G) e, conseqüentemente, da NOBRADE) e bibliotecas (por meio da codificação do MARC). Trata-se de uma importante ferramenta, pois viabiliza a elaboração de descrições: legíveis por máquina, independentes de *hardware* e *software* e, intercambiáveis entre diferentes

instituições. Neste sentido, espera-se que o manual de codificação EAD, desenvolvido ao longo deste trabalho, venha a suprir eventuais dificuldades advindas da falta de referências sobre o tema em português para, desta forma, auxiliar a implementação e divulgação de descrições favorecendo, com isto, a qualificação e a ampliação da divulgação de instrumentos de pesquisa na *Web*.

Ainda em se tratando da *Web*, destaca-se o conceito de *Folksonomia* e a intenção de utilizar a inteligência coletiva, uma das facetas da *Web 2.0* que pode se constituir em ferramentas que poderão ser utilizadas na captação e registro de informações advindas dos usuários de acervos fotográficos, correspondentes a categoria de dados *User Generated Cataloguing* (UCG). O registro destas informações é de grande valia para o desenvolvimento e/ou a atualização de descrições, fazendo com que, desta forma, o usuário além de beneficiário, atue como agente do processo descritivo.

No que diz respeito às descrições desenvolvidas para o Acervo Fábrica Rheingantz do CDH-FURG, acredita-se que estas se constituem em uma primeira versão, sujeita a melhorias e atualizações advindas de novas investigações.

Até o presente momento, o Acervo Fotográfico Rheingantz dispõe de codificação com foco na estruturação das informações. O próximo passo será dado em direção à codificação com vistas à visualização das descrições, no intuito de tornar o catálogo e as imagens mais atrativos à comunidade rio-grandina.

Na perspectiva de contar com os usuários como colaboradores do processo descritivo, informações prestadas por arquitetos na definição de elementos característicos das edificações nas fotografias, tornará a descrição mais precisa, possibilitando, inclusive, a atualização e a ampliação do vocabulário controlado do acervo, e o desenvolvimento de um glossário para entendimento de termos específicos. Também nesta perspectiva, a busca e o registro de informações junto a famílias de moradores da Vila Operária e aos trabalhadores da Fábrica constituem-se em fontes valiosas, constituindo-se em um diferencial para atualização das descrições.

No âmbito do aprimoramento metodológico, vislumbra-se a possibilidade de agregar às descrições a metodologia proposta por Manine (2008), relacionada à representação da dimensão expressiva das imagens fotográficas para, desta forma, aprimorar o resumo e a indexação dos itens, aperfeiçoando os recursos de busca para os usuários. Considerando-se os preceitos da iconologia e iconografia

apresentados por Kossoy (2001), seria interessante analisar até que ponto os modelos os padrões descritivos, da forma como foram utilizados neste estudo, comportam o registro da análise iconológica e iconográfica das imagens.

Tratam-se, em fim, de desenvolvimentos futuros, para os quais se acredita ser o CDH-FURG, em meio aos Cursos de Arquivologia, Biblioteconomia e História, um espaço profícuo para o aprimoramento destes estudos.

De maneira geral, ao concluir este estudo, acredita-se que as descrições ora apresentadas constituem-se em um agente de preservação da memória dos empreendedores que idealizaram e desenvolveram a Fábrica, bem como das sucessivas gerações de pessoas que nela trabalharam. Além disto, acredita-se que as ações desenvolvidas no processo de tratamento e descrição deste acervo resultam em referências à comunidade rio-grandina, demonstrando a trajetória e a importância da Fábrica Rheingantz para o município e, até mesmo para o país. Em consequência disto, espera-se contribuir com as iniciativas de diferentes segmentos, sensibilizados pelo adiantado estágio de degradação dos bens culturais representados pelas instalações da Fábrica Rheingantz e de componentes de sua vila operária.

REFERÊNCIAS

ACCIOLY, André. Construções da Web Semântica: XML e outros padrões. **Revista Developer's Magazine**. Rio de Janeiro : Brasil Editora, n. 77, jan. 2003.

ALBERCH FUGUERAS, Ramon. **Los archivos, entre la memoria histórica y la sociedad del conocimiento**. Barcelona : Editorial UOC, 2003.

Anglo-American Cataloguing Rules 2nd. Ottawa : Canadian Library Association, 1988.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **DICIONÁRIO BRASILEIRO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA**. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2005.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Memória do Mundo**: diretrizes para a salvaguarda do patrimônio documental. Disponível em <<http://www.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?sid=91>>. Acesso em 21 out. 2007.

BALDAM, R.; VALLE, R.; CAVALCANTI, M. **GED: gerenciamento eletrônico de documentos**. São Paulo : Érica, 2002.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivística**: objeto, princípios e rumos. São Paulo: Associação dos Arquivistas de São Paulo, 2002.

BELLOTTO, Heloísa Liberalli. **Arquivos permanentes**: tratamento documental. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

BERNERS-LEE, Tim; HENDLER, James; LASSILA, Ora. The Semantic Web. **Scientific American Magazine**, vol. 284, n. 05, mai. 2001. Disponível em: <<http://www.scientificamerican.com/article.cfm?articleID=00048144-10D2-1C70-84A9809EC588EF21&catID=2>>, Acesso em: 23 jul. 2002.

BEYEA, Marion. A favor de normas para a prática arquivística. In: **Acervo**: revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, v. 20, n. 1-2, 2007. p. 31 – 38.

BITTENCOURT, José Neves. A face integrada de uma moeda multidimensional. **Revista Museu**: cultura levada a sério, 13 jun. 2002. Disponível em <http://www.revistamuseu.com.br/artigos/art_esp?id=1119>. Acesso em 28 out. 2008.

BLAYA PEREZ, Carlos. **Marketing aplicado aos arquivos**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, 2008.

BLAYA PEREZ, Carlos. Os diferentes tipos de usuários de arquivos. In: **Caderno de Arquivologia**. Santa Maria: Curso de Arquivologia – UFSM, 2002. N° 1.

BLAYA PEREZ, Carlos. **Estudo sobre os usuários dos arquivos fotográficos brasileiros**. Tese (Doutor em Biblioteconomia e Documentación) - Universidad de Salamanca, USAL, Espanha, 2004.

BONIFÁCIO, Ailton Sergio. **Metadados semânticos para buscas em bibliotecas digitais**. In _____ . Disponível em: <<http://www.uel.br/pessoal/ailton/Trabalhos/SemanaAcad-Ailton.html>>, Acesso em: 20 jun. 2002.

BOTELHO, Lúcio Rogério; SOUZA, Jano Moreira de. Pequeno glossário de termos de linguagens de marcação. **Revista Developer's Magazine**. Rio de Janeiro : Brasil Editora, n. 77, jan. 2003.

BRASIL. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

BRASIL. Constituição da República dos Estados Unidos do Brasil de 1946. <<http://www.senado.gov.br/serrets/NJUR.filtro?tipo=COF&secao=NJUILEGBRAS&numero=018>>. Acesso em: 22 out. 2007.

BRASIL. Constituição da República Federativa do Brasil. Brasília, Senado Federal, Centro Gráfico, 1988.

BRASIL. Decreto Nº 4.915 DE 12 de dezembro de 2003. Dispõe sobre o Sistema de Gestão de Documentos de Arquivo - SIGA, da administração pública federal, e dá outras providências. Disponível em: <http://www.siga.arquivonacional.gov.br/cgi/cgilua.exe/sys/start.htm?infoid=84&sid=5>. Acesso em: 03 nov. 2008.

BRASIL. Decreto-Lei nº. 25, de 30 de novembro de 1937. Organiza a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional. Disponível em: <http://www.iphan.gov.br/legislac/decretolei25.htm>. Acesso em: 22 out. 2007.

BREITMAN, Karin Koogan. **Web Semântica**: A Internet do futuro. Rio de Janeiro: LTC, 2005.

BRUEBACH, Nils. Acesso eletrônico à informação arquivística: vantagens e potenciais das normas de descrição. In: **Acervo**: revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, v. 20, n. 1-2, 2007. p. 39 – 48.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular**: história e imagem. Bauru : Edusc, 2004.

BUSH, Vannevar. **As We May Think**. In: The Atlantic Montly. Julho, 1945. Disponível em: <<http://www.theatlantic.com/doc/194507/bush>>, Acesso em: 19 jan. 2010.

CÂNDIDO, Maria Inez. Documentação museológica. In.: **Caderno de diretrizes museológicas**. 2ª edição. Rio de Janeiro, IPHAN, 2006, p.33-92.

COFFMAN, K. G; ODLYZKO, A. M. **The Size and Growth Rate of The Internet**. AT&T Labs - Research. Outubro, 1998. Disponível em: <<http://www.dtc.umn.edu/~odlyzko/doc/internet.size.pdf>>, Acesso em: 19 jan. 2010.

COLENGHI, Vitor Mature. **O & M e qualidade total**: uma interpretação perfeita. Rio de Janeiro : Qualitymark, 2003

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **e-ARQ Brasil**: modelo de requisitos para sistemas informatizados de gestão arquivística de documentos. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **Glossário de Documentos Arquivísticos Digitais**. Disponível em <<http://www.arquivonacional.conarq.gov.br>>. Acesso em 30 set 2009.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **ISAAD(G)**: Norma Geral Internacional de Descrição Arquivística. 2.ed. Rio de Janeiro; Arquivo Nacional, 2000.

CONSELHO NACIONAL DE ARQUIVOS (Brasil). **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

COOK, Michael. Desenvolvimentos na descrição arquivística: algumas sugestões para o futuro. In: **Acervo**: revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, v. 20, n. 1-2, 2007. p. 125 – 132.

CORTE, Adelaide Ramos et al. Nem só de software vive o processo de informatização. In: **Avaliação de software para bibliotecas e arquivos**: uma visão do cenário nacional. São Paulo : Polis, 2002.

COSTA, Evanise Páscoa. **Princípios básicos da museológica**. Curitiba : Coordenação do Sistema Estadual de Museus/Secretaria de Estado da Cultura, 2006.

DZIEKANIAK, Cibele Vasconcelos. Mapeamento do uso de padrões de metadados por comunidades científicas. **Biblos**: Revista do Departamento de Biblioteconomia e História. Rio Grande, vol. 20, 2007. Disponível em: <<http://www.seer.furg.br/ojs/index.php/biblos/issue/view/133/showToc>>. Acesso em: 16 nov. 2008.

Encoded Archival Description (EAD) - Official EAD Version 2002 Web Site. Library of Congress, 2002. Disponível em: <<http://www.loc.gov/ead/>>, Acesso em: 14 jan. 2003.

FERREZ, Helena Dodd. Documentação Museológica: teoria para uma boa prática. In.: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. **Estudos de Museologia**. Rio de Janeiro, IPHAN, 1994.

FOX, Michael. Por que precisamos de normas. In: **Acervo**: revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, v. 20, n. 1-2, 2007. p. 23 – 30.

FUENTES I PUJOL, M. **La formación de los usuarios de los servicios de documentación**. Jornadas Españolas de Documentación Automatizada. DOCUMAT, Gijon: Universidad de Oviedo, 1994. p. 625-629.

FURG (Fundação Universidade Federal do Rio Grande). **Projeto Político-Pedagógico**: aprovado pelo Conselho Universitário em 19 de dezembro de 2003. Rio Grande : FURG, 2004.

_____. **Estatuto**. Disponível em: <http://www.conselho.furg.br/converte.php?arquivo=estatuto/estatuto.html> Acesso em 30 de jul de 2009.

_____. **Portaria nº 1469**, de 13 de agosto de 2008. Disponível em: <http://www.conselho.furg.br/index.php?id=portarias/2008/agosto/index.html#> Acesso em 30 de jul de 2009.

_____. **Resolução nº 35/08**. Dispõe sobre as alterações na estrutura organizacional da Reitoria. Disponível em: <http://www.conselho.furg.br/index.php?id=delibera/consun/index.html#> . Acesso em 30 de jul de 2009.

_____. **Projeto Político-Pedagógico**: aprovado pelo Conselho Universitário em 19 de dezembro de 2003. Rio Grande : FURG, 2004.

FURGERI, Sérgio. **Business to Business**: aprenda a desenvolver aplicações. São Paulo : Érica, 2001.

FUNARI, Pedro Paulo; PELEGRINI, Sandra de Cássia Araújo. **Patrimônio histórico e cultural**. Rio de Janeiro : Jorge Zahar, 2006.

GARCIA BELSUNCE, C. **El uso práctico de los archivos**. Archivum, Vol. XXIX, 1982. p. 77-86.

GRESSLER, Lori Alice. **Introdução à pesquisa**: projetos e relatórios. São Paulo : Loyola, 2004.

HEREDIA HERRERA, Antonia. **Archivística General: teoría y práctica**. Sevilla : Diputación Provincial, 1993.

HORTA, Maria de Lourdes Parreiras. **Patrimônio cultural e cidadania**. In: Museologia Social. Porto Alegre, Secretaria Municipal de Cultura, 2000, p. 11-20.

INSTITUTO BRASILEIRO DA ARTE E CULTURA et al. **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional : Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, 1992.

INSTITUTO DE PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL. IPHAN. Disponível em < <http://www.iphan.gov.br> >. Acesso em 15 jul. 2008.

KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo : Ateliê Editorial, 2001.

_____. **Realidade e ficções na trama fotográfica**. São Paulo : Ateliê Editorial, 2002.

LAKATOS, Eva Maria; MARCONI, Maria de Andrade. **Fundamentos de metodologia científica**. São Paulo : Atlas, 2005.

LANINGHAM, Scott. **developerWorks Interviews: Tim Berners-Lee**. Entrevista (22 ago. 2006). In _____. Disponível em: <<http://www.ibm.com/developerworks/podcast/dwi/cm-int082206txt.html>>, Acesso em: 19 jan. 2010.

LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas : SP Editora da UNICAMP, 1990.

LIBRARY OF CONGRESS (USA). **Programa de Catalogação Cooperativa (PCC)**. Washington: LOC, mar. 1999. Disponível em: <<http://www.loc.gov/catdir/pcc/pccpor.html>>. Acesso em: 19 jan. 2010.

LOPES, Luis Carlos. **A informação e os arquivos: teoria e práticas**. Rio de Janeiro: EDUFFSCar, 1996.

LOPEZ, André Porto Ancona. **Como descrever documentos de arquivo: elaboração de instrumentos de pesquisa**. São Paulo : Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2002.

MACHADO, Arlindo. **A Ilusão Especular: introdução à fotografia**. São Paulo: Brasiliense, 1984.

MANINI, Miriam Paula. A fotografia como registro e como documento de arquivo. In: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida, (Org.). **Gestão em arquivologia: abordagens múltiplas**. Londrina : Eduel, 2008. p. 119 – 183.

MARCONDES, Carlos Henrique. **Metadados: descrição e indexação de recursos Informacionais na Web**. In _____. Disponível em: <<http://www.uff.br/gdo/hm/sld001.htm>>, Acesso em: 20 jun. 2002.

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande: industrialização e urbanidade (1873 - 1990)**. Rio Grande : Editora da FURG, 2006.

MEY, Eliane Serrão Alves. **Introdução à catalogação**. Brasília : Briquet Lemos, 1995.

MILLER, Eric. An Introduction to the Resource Description Framework. **D – Lib Magazine**, mai. 1998. Disponível em: <<http://www.dlib.org/dlib/may98/miller/05miller.html>>, Acesso em: 28 dez. 2002.

MILSTEAD, Jessica; FELDMAN. Metadata: cataloging by any other name. **ONLINE**, v. 23, n. 1, pp. 24-31, jan.- fev. 1999.

MORENO, Nádina Aparecida Moreno. Gestão documental ou gestão de documentos: trajetória histórica. In.: BARTALO, Linete; MORENO, Nádina Aparecida (org.). **Gestão em Arquivologia: abordagens múltiplas**. Londrina : EDUEL, 2008.

MOTTA; Marcia Maria Mendes. História e memórias. In: MATTTOS, Marcelo Badaró (Org.). **História: pensar e fazer**. Niterói : Laboratório Dimensões da História, 1998.

MOURA, Ana Maria de Carvalho. **Web Semântica: Fundamentos, tecnologias e tendências**. Disponível em:

<http://genesis.nce.ufrj.br/dataware/TESE_2002_3/unidades/tutorial_sbdd2002.pdf>, Acesso em: 18 nov. 2002.

NAGEL, Rolf. **Dicionário de Termos Arquivísticos**: subsídios para uma terminologia arquivística brasileira. Bonn/Salvador: Fundação Alemã para o Desenvolvimento Internacional/ Universidade Federal da Bahia, 1991.

NORMAN, Pontus. **A study of eXtensible Markup Language – XML**. In _____. Disponível em: < <http://www.d.kth.se/~d94-pno/exjobb/XMLReport.htm>>, Acesso em: 30 set. 2002.

NOVAES, Lourdes Rego. Da organização do patrimônio museológico: refletindo sobre documentação museográfica. In.: SECRETARIA MUNICIPAL DE CULTURA. **Museologia Social**. Porto Alegre : Secretaria Municipal de Cultura, 2000. p. 43 – 66.

OLIVEIRA, Mário Mendonça de. A documentação como ferramenta de preservação da memória. Brasília : Iphan/Programa Monumenta, 2008.

OLIVEIRA, Zita Prates de ; PAVÃO, Caterina Groposo ; COSTA, Janise Silva Borges da ; CAREGNATO, Lais Freitas . **O uso do campo MARC 9XX para controle bibliográfico institucional**. Ciência da Informação **JCR**, v. 33, p. 179-186, 2004.

O'REILLY, Tim. **What is Web 2.0: Design Patterns and Business Models for the Next Generation of Software**. O'Reilly Media, Inc. Disponível em: <<http://oreillynet.com/pub/a/oreilly/tim/news/2005/09/30/what-is-web-20.html>>, Acesso em: 19 jan. 2010.

PAES, Marilena Leite. **Arquivo**: teoria e prática. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

PALADINI, Edson Pacheco. **Gestão da qualidade**: teoria e prática. São Paulo : Atlas, 2000.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Lugares de Memória**: Habitações operárias no início do século XX Os casos da Rheingantz & Cia. (atual Companhia União Fabril) e da Central Térmica de Saint-Ouen (atual EDF). **Revista de História da Arte e Arqueologia**. Campinas, n. 7, jan. – jun. 2007. Disponível em: < <http://www.unicamp.br/chaa/rhaa/downloads/Revista%207%20-%20artigo%202.pdf> >. Acesso em: 15 fev 2010.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

PITTI, Daniel V. **Encoded Archival Description**: an introduction and overview. **D – Lib Magazine**. v. 5, n. 11, nov. 1999. Disponível em: <<http://www.dlib.org/dlib/november99/11pitti.html> >, Acesso em: 19 ago. 2002.

PREUSS, Julio. **Breve história da fotografia digital** – o domínio do mercado. São Paulo: UOL, 14 out. 2005. Disponível em: < http://wnews.uol.com.br/site/colunas/materia.php?id_secao=9&id_conteudo=132 >. Acesso em 20 out. 2007.

PUGH, Mary Jo. **Providing reference services for archives and manuscripts**. Chicago: S.A.A., 1992. p. 14.

RANGANATHAN, Shiyali Ramamrita. **As cinco leis da Biblioteconomia**. Brasília : Briquet de Lemos, 2009.

RIO GRANDE. Câmara Municipal do Rio Grande. **Audiência Pública - Vila Operária da Rheingantz – Ata nº. 10**. Jul. 2009. Disponível em < http://www.camara.riogrande.rs.gov.br/index.php?n_sistema=3130&id=116 >. Acesso em: 12 fev. 2010.

RIVERO, Cristiane. Tecendo memórias. **Webartigos.com**, Ago. 2009. Disponível em < <http://www.webartigos.com/articles/23419/1/Tecendo-Memorias/pagina1.html> >. Acesso em: 12 fev. 2010.

ROUSSEAU, Jean-Yves; COUTURE, Carol. **Os fundamentos da disciplina arquivística**. Lisboa : Dom Quixote, 1998.

SANTOS, Maria José Veloso da Costa. A representação da informação em arquivos: viabilidade de uso de padrões utilizados na Biblioteconomia. In: **Acervo**: revista do Arquivo Nacional. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, v. 20, n. 1-2, 2007. p. 57 – 66.

SANZ CASADO, Elias. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.

SHELLENBERG, Theodore R. **Arquivos modernos: princípios e técnicas**. Rio de Janeiro : Editora FGV, 2004.

SCHWARTZ, Losane Hartwig. **Organização espacial e reprodução social da agricultura familiar: um estudo de caso na localidade de Harmonia I, São Lourenço do Sul, RS**. 2008. 118f. Dissertação (Mestre em Ciências Sociais) – Instituto de Sociologia e Política da Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, Rio Grande do Sul, 2008.

SILVA, Armando Malheiro da; et all. **Arquivística: teoria e prática de uma ciência da informação**. Porto : Edições Afrontamento, 1999.

SILVA, Rita de Cássia Portela da Silva. **A divulgação de informações na Internet e a padronização da descrição arquivista**. Monografia (Especialista em Ciência da Computação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, 2003.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. **Digitalização de acervos fotográficos públicos e seus reflexos institucionais e sociais: tecnologia e consciência no universo digital**. 2002. 281 f. Tese (Doutor em Ciência da Informação) - Escola de Comunicação da Universidade Federal do Rio de Janeiro e Instituto Brasileiro de Informação em Ciência e Tecnologia, Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2002.

SILVA, Rubens Ribeiro Gonçalves da. **Manual de digitalização de acervos: textos, mapas e imagens fixas**. Salvador : EDUFBA, 2005.

SMIT, Johanna Wilhelmina. **Arquivologia, Biblioteconomia e Museologia** : o que agrega estas atividades e o que as separa? *Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação*, vol. 1, n. 2, p. 27-36, 1999.

SMIT, Johanna Wilhelmina; KOBASHI, Nair Yumiko. **Como elaborar vocabulário controlado para aplicação em arquivos**. São Paulo : Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003.

SOUZA, Terezinha Batista de; et alli. Metadados: catalogando dados na Internet. **Revista Transinformação**, v. 9, n. 2, mai. – ago. 1997. Disponível em <<http://www.puccamp.br/~biblio/tbsouza92.html>>, Acesso em: 20 jun. 2002.

TANENBAUM, Andrew S. **Redes de Computadores**. 3. ed. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

TARRAUBELLA I MIRABET, Xavier. **Els arxius i els seus usuaris**. Lligall, N.12, 1997. p. 190-204.

TESSITORE, Viviane. **Como implantar centros de documentação**. São Paulo : Arquivo do Estado, Imprensa Oficial, 2003.

THE OFFICIAL GOOGLE BLOG – Google Inc. Jul. 2008. Disponível em: <<http://googleblog.blogspot.com/2008/07/we-knew-web-was-big.html>>. Acesso em: 18 jan. 2010.

TITTEL, Ed. **Teoria e Problemas de XML**. Porto Alegre : Bookman, 2003.

UNDERGOOGLE – Under Google. Out. 2005. Disponível em: <http://www.undergoogle.com/blog/2005/geral/300-anos-para-indexar-o-mundo_09.html>, Acesso em: 18 jan. 2010.

VALLS, Valéria Martin. **Gestão da qualidade em serviços de informação no Brasil**: estabelecimento de um modelo de referência baseado nas diretrizes da NBR ISO 9001. 2005. 256 f. Tese (Doutorado em Ciências da Comunicação) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2005.

VASCONCELLOS, Renata. Norma ISAD(G) e norma EAD. **Jornal Acesso**. p. 7, abr. – jun. 2002.

VUILLARD-GARZON, Monique. **Le besoin d'études d'usagers des archives définitives**: un leitmotiv dans la littérature archivistique. *Archives*. 1995. Vol. 27, N. 2

World Wide Web Consortium (W3C). Disponível em: <<http://www.w3.org/Consortium/>>, Acesso em: 14 jan. 2003.

WEIBEL, Stuart. Metadata: the foundations or resource description. **D – Lib Magazine**, jul. 1995. Disponível em: < <http://www.dlib/July95/07weibel.html>. Acesso em: 14 fev. 2002.

WEIMER, Günter. **Arquitetura para operários**. São Paulo : Protal Vitruvius, jun. 2009. Disponível em: < <http://www.vitruvius.com.br/resenhas/textos/resenha244.asp> >. Acesso em: 15 fev 2010.

YASSUDA, Sílvia Nathaly. **Documentação museológica**: uma reflexão sobre o tratamento descritivo do objeto no Museu Paulista. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Filosofia e Ciências, Universidade Estadual Paulista, Marília, 2009.

APÊNDICES

APÊNDICE A – Identificação encontrada nos álbuns do Acervo Fotográfico Rheingantz

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE
CENTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS E DA INFORMAÇÃO
CENTRO DE DOCUMENTAÇÃO HISTÓRICA PROFESSOR HUGO ALBERTO PEREIRA
NEVES**

IDENTIFICAÇÃO ENCONTRADA NOS ÁLBUNS DO ACERVO FOTOGRÁFICO RHEINGANTZ

Álbum B1

1. Balança de pesar fio
2. Detalhe da fabricação da balança
3. Máquina de fazer franjas
4. Etiqueta da máquina de fazer franjas
5. Rolos da urdideira que vão para o tear
6. Pavilhão dos tapetes
7. Máquina de cortar tapete
8. Etiqueta da máquina de cortar tapete
9. Máquina de fazer tapete operada por 2 mulheres
10. Máquina de fazer tapete com detalhe da matriz e uma padroneira trabalhando
11. Detalhe da tecedeira aparando o tapete
12. Vista das máquinas de fazer tapete
13. Sr. Wilson Souza perto da tecelagem, onde trabalhou 21 anos
14. Geral do pavilhão de tinturaria
15. Máquina de tingir lã do tempo da fundição
16. Máquina de tingir lã
17. Etiqueta da máquina de tingir lã moderna
18. Centrífuga de enxaguar e tirar o excesso de água
19. Máquina (estufa) de secar lã depois que tinge
20. Vista interior do pavilhão de revisão da peças (trabalho manual)
21. Outra vista interior do mesmo pavilhão
22. Vista interior da pavilhão da foto anterior
23. Vista interior do pavilhão de revisão das peças

24. Máquina de cortar amostras
25. Seção de amostras (que vai cartelas para vendedores)
26. 1º gerador alemão (A & G)
27. 2º gerador alemão
28. Motor diesel, q/ fornecia energia quando faltava luz na fábrica
29. Etiqueta do motor diesel
30. Quadro das chaves de energia (cada chave p/ uma ou mais seções)
31. Ângulo do quadro de chaves de energia
32. Placa da avenida Rheingantz
33. Grupo escolar comendador Rheingantz
34. Grupo escolar comendador Rheingantz
35. Grupo escolar comendador Rheingantz
36. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
37. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
38. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
39. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
40. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
41. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
42. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
43. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
44. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
45. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
46. Casa em estilo alemão na Av. Rheingantz
47. Vila da Rheingantz q/ segue a fábrica (atrás os pavilhões da mesma)
48. Continuação da vila da Rheingantz
49. Foto sem identificação

Álbum B2

50. Outro ângulo do frontispício com a placa da INCA
51. Placa dos 50 anos da fachada principal
52. Lateral com a caixa d'água DA INCA
53. Vista por trás da fachada interna
54. Parte posterior da fachada
55. Escada de acesso ao escritório. A partir da porta da rua com a placa de 50 anos em cima
56. Porta do escritório

57. Vista do escritório de entrada e do Dep. Pessoal na dacha da frente (bloco central)
58. Relógio de ponto antigo
59. Vista do pátio interno com os prédios (ala direita)
60. Vista do pátio interno com os prédios (ala direita e esquerda)
61. Pátio interno, nos fundos da fábrica, onde passava o trem (pavilhão dos tapetes à mão à esquerda)
62. Vista de frente do pátio anterior
63. Vista externa do pavilhão dos tapetes de fiação à mão
64. Pátio interior – parte posterior
65. Pátio interior – parte da frente
66. Vista do escritório técnico
67. Vista externa de outro pátio interno, parte da frente com a caldeira
68. Vista externa de outro pátio anterior – parte de trás com a oficina a direita
69. Vista externa da caldeira que funciona à lenha
70. Bombas da caldeira (de água e óleo)
71. Etiqueta de uma bomba de óleo
72. Detalhe interno da caldeira
73. Ângulo do detalhe interior da caldeira
74. Ângulo do detalhe interno da caldeira (parte superior)
75. Carrinho que levava as cinzas da caldeira até a praia
76. Pátio interno com a oficina mecânica à esquerda
77. Vista externa do pavilhão de revisão de peças
78. Vista da oficina elétrica (até o arco)
79. Vista da oficina mecânica (depois do arco até a divisão)
80. Vista da carpintaria (da divisão até o fim)
81. Geral do setor de lavagem da lã
82. Máquina de lavagem da lã da ala direita (geral)
83. Etiqueta da máquina anterior
84. Etiqueta da parte integrante da máquina de lavar
85. Interior da máquina de lavagem de lã
86. Engrenagem da máquina anterior
87. Parte integrante da máquina de lavar lã
88. Etiqueta da foto anterior
89. Secagem da lã (lado direito)
90. Secagem da lã (lado esquerdo)
91. Máquina de lavar uma lã mais curta
92. Final da máquina anterior

93. Aspiração da lã seca que vai para as cardas
94. Misturador de lã
95. Etiqueta do misturador (a máquina é mais antiga que a data que aparece)

Álbum B3

96. Parcial do interior da fiação cardada
97. Parcial do interior da fiação cardada
98. Máquina de cardar lã (inteira)
99. Etiqueta da máquina de cardar lã
100. Etiqueta da máquina de cardar lã
101. Máquina de cardar (está parada)
102. Máquina de cardar, com outro tipo de esteira, para outro tipo de lã
103. Etiqueta da máquina de cardar da foto anterior
104. Os fios saindo pronto da máquina anterior
105. Geral da seção de cardar
106. Trabalhando, torcendo o fio
107. Engrenagem da máquina de torcer o fio
108. Etiqueta da máquina de torcer o fio
109. Etiqueta de outra máquina de torcer o fio
110. Máquina de torcer barbante (fino)
111. Máquina de torcer barbante (grosso)
112. Máquina de fazer fieira (que usa nas máquinas)
113. Etiqueta da máquina de fazer fieira
114. Parcial do setor de tecelagem
115. Outra parcial do setor de tecelagem
116. Outra parcial do setor de tecelagem
117. Tear automático – controle de produtividade
118. Etiqueta do tear automático
119. Tear automático
120. Tear elétrico não automático
121. Etiqueta do tear não automático
122. Frente do tear não automático (com relógio de produção: turma A e B)
123. Etiqueta do tear de fazer cobertor
124. Tear de fazer cobertor (semi-automático, com controle humano)
125. Máquina de enrolar fio
126. Etiqueta da máquina de enrolar o fio

127. Máquina de fazer a última torcida do fio (torcedeira)
128. Etiqueta da máquina de fazer a última torcida
129. Etiqueta de outra máquina idêntica a anterior
130. Etiqueta de outra torcedeira
131. Etiqueta de outra torcedeira
132. Torcedeira brasileira
133. Etiqueta da torcedeira brasileira
134. Etiqueta de outra torcedeira brasileira
135. Máquina de fazer maçaroca (automática)
136. Máquina de fazer maçaroca sem fuso
137. Etiqueta da máquina de fazer maçaroca sem fuso (fornecedor – RJ)
138. Máquina de fazer maçaroca sem fuso (mesma que a anterior sem operárias)
139. Urdideira, enrola o fio no rolo que vai para a tecelagem
140. Etiqueta da urdideira
141. Depósito de fios para ir para a urdideira
142. Etiqueta do depósito de fios p/ ir p/ urdideira

APÊNDICE B – Descrição do Acervo Fotográfico Rheingantz (Coleção)

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Código de referência

BR CDH AFR

1.2 Título

Coleção Fotográfica Rheingantz

1.3 Data(s)

Rio Grande (RS), [entre 1970 e 1980]

1.4 Nível de descrição

Coleção (1)

1.5 Dimensão e suporte

Documentos iconográficos: 3 álbuns (142 fotos, P&B, 18x24cm)

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Fábrica Rheingantz.

2.2 História administrativa/biografia

Fábrica fundada em 1873, com a denominação de Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, por meio da sociedade formada por João Guilherme Rheingantz, seu sogro (Comendador Miguel Tito de Sá) e Hermann Vater.

A atividade produtiva da Fábrica concentrava-se na fabricação de tecidos de lã, derivados de tecidos de algodão e tapetes. As mercadorias destinavam-se ao

mercado consumidor do centro do país e também ao mercado externo. Para tanto, empregava mulheres (característica comum a indústria têxtil) e menores configurando um quadro de funcionários onde “no final da segunda década do século XX, de um total de 1020 operários, 370 eram homens adultos e 71 menores de idade. Em relação ao sexo feminino, trabalhavam 440 mulheres adultas e 139 menores de idade” (COPSTEIN apud MARTINS, 2006, p. 107). Nos períodos de guerra a produção aumentava como aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial quando “a Fábrica chegou a ter mais de 1200 funcionários e suas máquinas produziam em capacidade máxima” (MARTINS, 2006, p. 108).

Ao longo de sua trajetória, a Fábrica passou por distintas denominações:

- entre 1873 e 1874, Carlos Guilherme Rheingantz desfaz a sociedade e a fábrica passou a denominar-se Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz;
- 1891 a fábrica foi transformada em sociedade anônima sob o nome União Fabril e Pastoril. Nesta época, Carlos Guilherme Rheingantz resolveu ampliar os negócios da empresa, atuando na produção de lã por meio da aquisição de rebanhos e áreas pastoris, chegando a contratar um “ovinotecnicista” inglês e adquirindo reprodutores para aprimorar a criação. Entretanto, em meio aos esforços desempenhados, o rebanho foi dizimado acarretando em prejuízos, levando à extinção da iniciativa;
- 1895 ocorreu nova alteração da razão social, passando a denominar-se Companhia União Fabril;
- em 1968 declarou-se falência e a fábrica foi comprada pela firma paulista João Abdala & Cia. Não há referência de mudança de razão social nesta transação;
- em 1970 a Fábrica foi comprada pelo grupo Loréa, de Pelotas, e passou a denominar-se Companhia Inca Têxtil. O grupo Lórea adquiriu 81% das ações e os 19% restantes ficaram em poder dos operários, como forma de indenização pela falência e desemprego em massa.

O grupo Loréa tentou manter o empreendimento, porém, em meio a dificuldades, encerrou as atividades fabris. Da década de 1970 para cá, a Fábrica está inativa.

A Fábrica Rheingantz foi referência no processo de industrialização do Brasil sendo uma das primeiras fábricas, originada ainda na época do Império. O senso de inovação de seus fundadores e sucessivos dirigentes fez da fábrica exemplo em tecnologia, ao ser a primeira no segmento da indústria têxtil nacional a instalar em 1904 uma fição de fio penteado (*worsted*), o que possibilitou a produção de tecidos

finos e casimiras. Outro fato marcante em sua trajetória refere-se às edificações construídas para as instalações da Fábrica e em decorrência da política habitacional para os funcionários.

2.3 História arquivística

Coleção. Colecionador: indisponível, suscetível a investigação. Histórico de custódia: indisponível, suscetível a investigação.

2.4 Procedência

Indisponível, suscetível a investigação.

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Considerando-se o estado de conservação do maquinário e instalações retratados nas imagens, as fotografias remontam ao período durante o qual se processou o encerramento das atividades fabris. No que diz respeito à vila operária, observa-se a transição do uso original das moradias para novas formas de ocupação das edificações, especialmente nas casas dos mestres que começam a sediar empreendimentos comerciais.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

A coleção foi digitalizada e constitui-se de três dossiês temáticos.

O dossiê Máquinas é formado por fotografias dos equipamentos da área de produção, mais precisamente, balanças, teares, máquinas utilizadas na confecção de tapetes e na manufatura da lã (como por exemplo, máquina de lavagem, de

tingimento, centrífuga para tirar o excesso de água, equipamentos para secagem, máquina para cardar, torcedeira de fio, urdideira etc).

O dossiê Instalações Internas é formado por fotografias com tomadas de setores relacionados às áreas de produção e administração da Fábrica.

O dossiê Prédio e Casas é formado por fotografias da fábrica e demais edificações destinadas ao uso de seus funcionários, como o Cassino dos Mestres, o Circulo Escolar e as moradias dos operários.

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Acesso livre, no local.

4.2 Condições de reprodução

Sem restrição, mediante autorização e compromisso de crédito.

4.3 Idioma

Português.

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Inventário do Dossiê Prédio e Casas.

Catálogo seletivo Dossiê Prédio e Casas.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Cópia em meio eletrônico, disponível no local.

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Indisponível, suscetível à investigação.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Acervo em bom estado de conservação, embora apresente sinais de amarelecimento e, em algumas fotografias, pequenas ondulações nas bordas.

6.2 Notas gerais

Não se aplica.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fontes consultadas para descrição da coleção:

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande:** industrialização e urbanidade (1873 - 1990). Rio Grande : Editora da FURG, 2006.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz:** uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE:** Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

INSTITUTO BRASILEIRO DA ARTE E CULTURA et al. **Manual para catalogação de documentos fotográficos**. Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca Nacional : Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, 1992.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Hermann Vater, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, João Guilherme Rheingantz, Miguel Tito de Sá (Comendador), Rheingantz (Comendador), Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

APÊNDICE C – Vocabulário controlado desenvolvido para o Acervo Fotográfico Rheingantz

FURG/ICHI/CDH
ACERVO FOTOGRÁFICO RHEINGANTZ
- VOCABULÁRIO CONTROLADO -

Avenida Rheingantz: Estrada da Mangueira que, em 03 de janeiro de 1886 passou a denominar-se Avenida Rheingantz.

Cassino dos Mestres: componente da Vila Operária da Fábrica Rheingantz, concluída em 1911 com a função de atender a demanda de lazer dos funcionários de maior hierarquia da Fábrica e de moradia para os recém chegados da Europa. Atende em 1959 passou a abrigar as instalações da Sociedade de Mutualidade.

Clube dos Mestres: ver Cassino dos Mestres.

Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons: estabelecimento de Porto Alegre, responsável pelo projeto e construção das instalações do Escritório Central, Cassino dos Mestres, Jardim da Infância e Grupo Escolar.

Escritório R. Ahrons: Ver Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons

Estrada da Mangueira: ver Avenida Rheingantz.

Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz: Ver Fábrica Rheingantz.

Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater: Ver Fábrica Rheingantz.

Fábrica Rheingantz: Fábrica de tecidos criada em Rio Grande em 1873 sob a denominação Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater e que ao longo de sua trajetória passou por modificações em sua razão social, a saber: entre 1873 e 1874 passa a denominar-se Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz; em 1891 é transformada em sociedade anônima sob o nome União Fabril e Pastoril; 1895 ocorre nova alteração da razão social, passando a denominar-se Companhia União Fabril e, por fim, em 1970 Companhia Inca Têxtil.

Inca Têxtil (Companhia): Ver Fábrica Rheingantz.

Rheingantz (Comendador): Ver Rheingantz, João Guilherme.

Rheingantz, João Guilherme: Fundador e responsável pelo desenvolvimento da Fábrica Rheingantz. Brasileiro, nascido em Pelotas em 1849, filho dos alemães Jacob Rheingantz e Maria Carolina von Fella. Seu pai trabalhava na firma Ziegenbein que explorava o transporte marítimo entre as cidades de Pelotas e Rio Grande e também foi o fundador da colônia de imigrantes alemães de São Lourenço. Casou-se com Maria Francisca de Sá, filha do Comendador Miguel Tito de Sá. Faleceu em 1909 na cidade do Rio de Janeiro.

União Fabril (Companhia): Ver Fábrica Rheingantz.

União Fabril e Pastoril: Ver Fábrica Rheingantz.

APÊNDICE D – Descrição do dossiê Prédio e Casas do Acervo Fotográfico Rheingantz

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO

1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC

1.2 Título

Prédio e Casas.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Dossiê (4).

1.5 Dimensão e suporte

Documentos iconográficos: 22 fotografias, P&B, 18x24cm.

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Fotografias da fábrica e demais edificações destinadas ao uso de seus funcionários, como o Cassino dos Mestres, o Circulo Escolar e as moradias dos operários.

Em 1874, quando a Fábrica efetivamente iniciou suas atividades produzindo ainda em pequena escala, localizava-se “em frente à cadeia, no quarteirão formado pelas ruas Conde de Porto Alegre, Almirante Barroso, General Câmara e Coronel Sampaio” (PAULITSCH, 2008, p. 56). No período de 1883 a 1885 ocorre a construção de novas instalações para a Fábrica, atendendo a demanda do mercado consumidor em expansão. A execução de obras e serviços de infra-estrutura urbana foram fatores que também motivaram a ampliação das instalações

- alinhamento e arruamento, em 1878, dos lotes aterrados com o material da dragagem do Porto (concluída em 1866), área que deu origem ao bairro ainda denominado Cidade Nova, local que veio a sediar as novas instalações da Fábrica e a Vila Operária;
- iniciativas que, em 1883, designaram uma comissão técnica para analisar a viabilidade de desobstrução do canal da Barra do Rio grande, aumentando, com isto, a profundidade do Canal e possibilitando a construção do Porto Novo;
- inauguração, em 1884, do trecho ferroviário que interligava Rio Grande, Pelotas e Bagé, as três cidades mais importantes da região sul na época, destacando-se a proximidade do terreno das novas instalações em relação a Estação Ferroviária.

A inauguração das novas instalações ocorreu em fevereiro de 1885 e contou com as presenças “S.S.A.A Imperiais” conforme noticiou o jornal da época, de onde observa-se também a descrição física da edificação:

O crescente desenvolvimento que tomou este estabelecimento aconselhou os Srs. Rheingantz e C. a mudarem sua fábrica de tecidos de lã para o grande terreno onde se acha a tinturaria e onde foi construído o vasto edifício, cujas obras foram inauguradas no dia primeiro corrente com a assistência de Suas Altezas Imperiais. É a prova de fogo. A coberta é de ferro e vidro, com grande número de ventiladores, e a portas e janelas todas de ferro. Ocupa o principal edificio uma área de 3300 metros quadrados, não incluindo a grande casa do novo motor, inaugurada no dia primeiro do corrente e a que se deu no nome de Grão Pará. Este motor é de força de

150 cavalos. O edifício tem 35 janelas de frente, outras tantas de fundo e 8 de lado. Logo que estiver concluída a mudança do maquinismo da antiga fábrica e augmentado com os novos aparelhos encomendados, será montada no edifício uma fábrica de fiação e tecelagem de algodão. Os maquinismos são dos conhecidos fabricantes Platt e Brothers, de Oldham. Em junho próximo devem as duas fábricas funcionar com regularidade, empregando cerca de 400 operários. (Echo do Sul de 7 mar 1885, apud PAULITSCH 2008, p. 61).

Em 03 de janeiro de 1886 passou a então Estrada da Mangueira, área das novas instalações da fábrica, passou a denominar-se Avenida Rheingantz, como permanece até hoje.

O prédio do Escritório Central foi construído posteriormente, concluído entre 1910 e 1911 para comportar “os gabinetes do Diretor e da Gerência, os escritórios gerais e o controle de entrada e saída dos caminhões com a produção e a matéria prima” (PAULITSCH, 2008, p. 80). Ainda de acordo com a autora, o prédio possui

dois ressaltos laterais e uma simetria bilateral na fachada caracterizada por um eixo que parte do frontão triangular central com um relógio presente no telhado em mansarda. Neste, nos ressaltos, tem-se duas janelas de lucarna. No corpo do edifício há presença de bossagem inserida na superfície da parede, a estruturação é composta por pilastras e a textura feita pelas linhas retas da bossagem diminui a verticalidade proposta pelas pilastras. (PAULITSCH, 2007, p. 28).

A política habitacional é um elemento marcante na trajetória da Fábrica em Rio Grande, com investimentos para a construção e manutenção de instalações e moradias para os funcionários que desencadeou, no período de 1884 a 1922, a formação de um belo conjunto edificado formado pelas casas da vila operária, casas dos mestres e técnicos; um grupo escolar, jardim de infância, cassino dos mestres, ambulatório médico e armazém cooperativo. Desta forma, a empresa

chegou a administrar nada menos que 169 propriedades durante a sua história, o que significava para o começo do século XX um maior número de residências do que dispunham muitas cidades do Rio Grande do Sul (MARTINS, 2006, p. 108).

As residências construídas ao longo da Avenida Rheingantz apresentavam estilos e valores diferenciados, de acordo com o cargo ocupado pelos funcionários, e eram alugadas por preços módicos.

As casas dos operários, enfileiradas ou em fita, eram mais simples e construídas de forma a otimizar o espaço e o material, por meio do aproveitamento das paredes laterais. O contrato de locação era assinado juntamente com um termo de compromisso, mediante o qual o locatário comprometia-se a participar do grupo de combate ao fogo, participando dos treinamentos e prestando assistência quando necessário.

Os mestres e técnicos da Fábrica vinham, na maioria das vezes, da Europa, mais precisamente, da Alemanha. Por isto, suas casas tinham um estilo diferenciado que tentava reproduzir as habitações da terra natal. Localizavam-se em frente às casas da vila operária, ao longo da Avenida Rheingantz.

Além destas casas, também foram construídos um número significativo de habitações a oeste da fábrica, nas proximidades do cemitério, entre a Avenida Presidente Vargas, Rua América, Rua 1º de Maio e Rua Raul Barlém (ex-Rua Brasil).

Os prédios do Escritório Central, do Cassino dos Mestres, do Grupo Escolar e do Jardim da Infância, também localizados na Avenida Rheingantz, foram projetados e construídos pelo Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, onde trabalhava o arquiteto Theodor Wiederspahn, supostamente o responsável pelas referidas obras.

O Cassino dos Mestres, também conhecido como Clube dos Mestres, é um prédio em estilo enxaimel localizado em frente ao Escritório Central. Foi construído para atender as demandas de lazer dos funcionários de maior hierarquia na Fábrica e de moradia para os recém chegados da Europa, dispondo também de salas de reunião e uma Biblioteca. Com o passar dos anos o prédio passou a abrigar a Sociedade de Mutualidade que, de acordo com a revista América Magazine publicada em 1959, era o local onde

Os principais serviços assistenciais eram prestados por sistema cooperativo através da Sociedade de Mutualidade, cujo quadro social era e continua sendo exclusivamente de empregados da Empresa, sendo sua finalidade prestar socorros médicos e farmacêuticos aos sócios enfermos ou a suas famílias; auxiliar pecuniariamente aos sócios impossibilitados temporariamente de trabalhar; concorrer para o enterro dos associados; manter um armazém de gêneros de primeira necessidade, vendidos somente aos operários do estabelecimento com reduzida margem de lucro, que é redistribuído anualmente na porção de compras de cada um; manter uma biblioteca; ministrar aulas noturnas e manter uma banda de música, bilhar e outros jogos. (Revista América Magazine apud MARTINS, 2006, p. 109).

Ainda no que diz respeito às características do prédio, convém destacar a análise de PAULITSCH (2007) na qual

o Cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e, principalmente, aos recém-chegados da Europa. Porém, também sediou a mutualidade (armazém), a biblioteca e após foi utilizado como casa para mestre. (...) O projeto foi solicitado ao escritório de R. Ahrons, que em maio de 1911 conclui o trabalho. A edificação é construída em terreno de esquina isolada no lote, com recuos frontais iguais nos dois cantos. A casa salienta-se no entorno por sua posição, de ser lote de esquina favorecido pela conformação das vias. O Cassino dos Mestres ocupa uma localização de destaque em termos de marco visual e ponto focal, e é, dos equipamentos da Vila Operária, o de maior proximidade com o prédio da Administração. Trata-se de uma

edificação de volume único retangular e algumas reentrâncias e saliências; uma cobertura extremamente complexa com planos de distintos ângulos, assimétricos, suscitando uma movimentação nas formas plásticas da cobertura. O nível de deteriorização do prédio é bastante elevado, não havendo mais alguns elementos estruturais de piso, forro e a maioria das aberturas. A técnica construtiva do enxaimel é usada somente com função de ornamentação e não estrutural. Proferindo sobre o uso do enxaimel nas construções feitas no Rio Grande do Sul, este tipo de arquitetura é singular e autêntica da sociedade de imigrantes alemães do Estado. (PAULITSCH, 2007, p. 27).

O prédio do Grupo Escolar, localizado ao lado do Cassino dos mestres, destinava-se ao ensino dos funcionários e de seus filhos, sendo que “a escola na década de 1950 atendia 300 alunos, conforme dados fornecidos pela própria empresa” (MARTINS, 2006, p. 110). Também em relação a este prédio, convém destacar a análise de PAULITSCH (2007), segundo a qual

O Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi projetado pelo Escritório de R. Ahrons, em novembro de 1911, e a obra terminou em setembro de 1912. Trata-se de um prédio em forma de C, com um volume de cobertura único de mesmo formato e triangular. Em termos de implantação a escola é isolada no lote com um recuo, sendo diferente das demais casas de mestres e tendo o mesmo alinhamento do prédio da esquina, que é o Cassino dos Mestres. Em relação ao entorno, possui uma característica de singularidade: a cobertura é do tipo duas águas com telha francesa e com estrutura de tesouras de madeira. A fachada possui uma simetria bilateral, diferença de tratamento de fachada nos ressaltos e na parte central. O frontão para marcar os acessos é de arco abatido, possui frisos e uma ornamentação no centro com volutas e festões; os belos frontões dos ressaltos possuem volutas e curvas e um óculo em cada um. (PAULITSCH, 2007, p. 28).

O prédio do Jardim da Infância visava atender os filhos dos funcionários da Fábrica e também cumpria a finalidade de creche, porém, com o passar do tempo, tornou-se residência. Neste prédio a análise de PAULITSCH (2007) consiste em

O Jardim de Infância é um projeto também do Escritório de R. Ahrons concluído em setembro de 1918. Sua função modificou-se ao longo dos anos, tornando-se residência de mestres. A implantação da casa é isolada no lote com recuo frontal de ajardinamento de 4 m, como nas demais. A forma plástica é de um prisma retangular com uma articulação harmônica de saliências e reentrâncias no conjunto e na planta. Na cobertura, observamos uma justaposição de formas. (...) Em relação ao entorno imediato, temos uma característica de dominância em relação às outras casas. O prédio utiliza a técnica construtiva do enxaimel, como forma de ornamentação e não estrutural. As fundações são feitas de pedra aparelhada e as paredes de alvenaria portante de tijolos maciços. O telhado é de tacaniça-anã e usa um treliçado no perímetro, abaixo do beirado. As estruturas da cobertura são tesouras de madeira, caibramento revestido de tábuas que descansam no frechal, uso de telhas de cerâmica com uma qualidade construtiva magnífica na proporção dos volumes que constituem as várias declividades das águas da cobertura. (PAULITSCH, 2007, p. 28)

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Fotografias em ordem numérica, de acordo com a disposição nos álbuns.

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Catálogo Dossiê Prédio e Casas.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Não se aplica.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fontes consultadas para descrição do dossiê:

MARTINS, Solismar Fraga. **Cidade do Rio Grande**: industrialização e urbanidade (1873 - 1990). Rio Grande : Editora da FURG, 2006.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, casa dos mestres, casa para operário, Cassino dos Mestres, Clube dos Mestres, creche, escola, escritório central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, grupo escolar, habitação operária, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.

APÊNDICE E – Descrição dos itens documentais do dossiê Prédio e Casas, da Coleção Fotográfica Rheingantz.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0032

1.2 Título

Placa da Avenida Rheingantz.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Placa fixada no prédio do Escritório Central.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0033

1.2 Título

Grupo Escolar Comendador Rheingantz.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Não se aplica.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, escola, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Grupo Escolar Comendador Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), João Guilherme Rheingantz, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0034

1.2 Título

Grupo Escolar Comendador Rheingantz.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Não se aplica.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, escola, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Grupo Escolar Comendador Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), João Guilherme Rheingantz, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0035

1.2 Título

Grupo Escolar Comendador Rheingantz.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Não se aplica.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, escola, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Grupo Escolar Comendador Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), João Guilherme Rheingantz, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0036

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [Jardim da Infância].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Prédio concluído em setembro de 1911. Também serviu como moradia para mestres.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, casa para mestres, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Jardim da Infância, Grupo Escolar Comendador Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0037

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, número 156. Edificação construída entre 1913 e 1923.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0038

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, número 102. Edificação construída entre 1913 e 1923.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0039

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, número 60 a 70.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0040

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, número 70.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0041

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, número 46.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0042

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, casas 4 e 6.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0043

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Casa localizada na Av. Rheingantz, casas 4 e 6.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0044

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [Cassino dos Mestres].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Edificação localizada na Av. Rheingantz esquina com a Rua 2 de novembro, também conhecida como Clube dos mestres. O projeto da edificação foi solicitado ao Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, provavelmente idealizado pelo arquiteto Theodor Wiederspahn. Em 1919 foi passou a abrigar a Sociedade Mutualidade.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, Cassino dos Mestres, Clube dos Mestres, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), moradia, política habitacional, Rio Grande, Sociedade Mutuallidade, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0045

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Não há confirmação se a edificação abriga habitações para operários ou mestres. Suscetível a investigação.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0046

1.2 Título

Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casas-em-fita, também conhecidas como casas geminadas].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Não há confirmação se a edificação abriga habitações para operários ou mestres. Suscetível a investigação.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casas-em-fita, casas geminadas, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0047

1.2 Título

Vila da Rheingantz que segue a fábrica (atrás os pavilhões da mesma).

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Não há confirmação se os prédios no corredor correspondem ao Ambulatório e ao Armazém para funcionários. Suscetível a investigação.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Ambulatório, Armazém, Avenida Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0048

1.2 Título

Continuação da Vila da Rheingantz [casas para operários].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Casas enfileiradas, casas-em-fita ou, casas geminadas; destinadas à moradia dos operários da fábrica.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

Fonte consultada para descrição do item:

PAULITSCH, Vivian da Silva. **Rheingantz**: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, casas para operários, casas-em-fita, casas enfileiradas, casas geminadas, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0050

1.2 Título

Outro ângulo do frontispício com a placa da INCA [fachada principal onde se localizava o prédio do Escritório Central da Fábrica Rheingantz já sob a denominação Inca Têxtil].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Fachada do prédio do Escritório Central.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

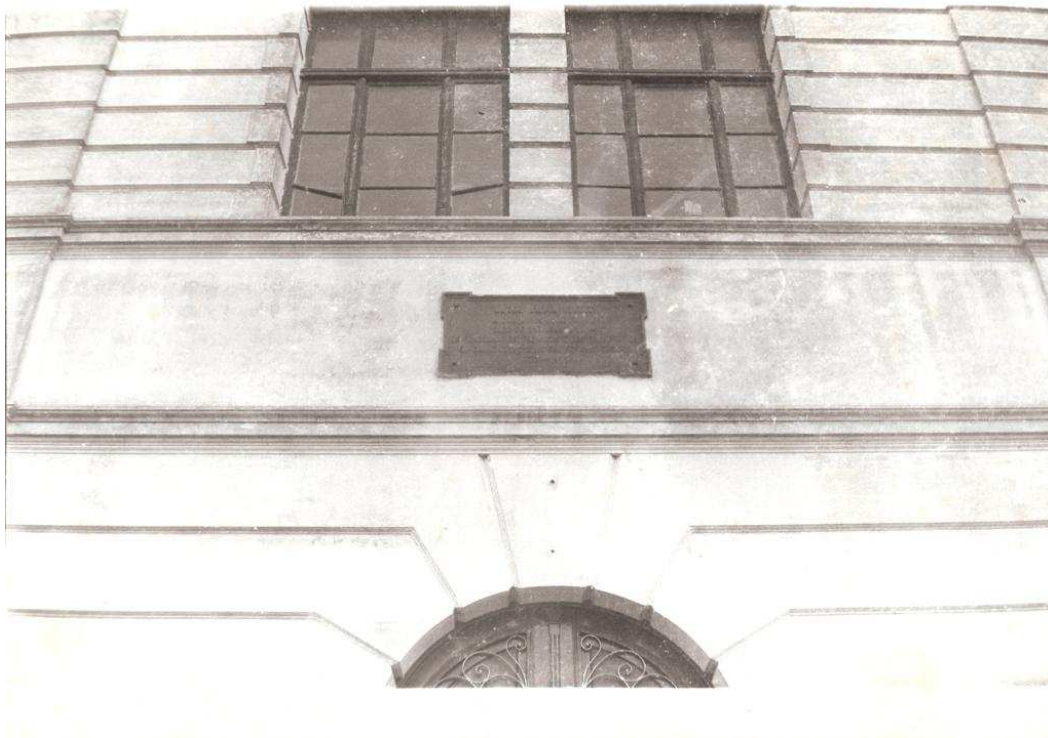
Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

Avenida Rheingantz, Escritório Central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, fachada principal, frontispício Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0051

1.2 Título

Placa dos 50 anos na fachada principal [placa alusiva aos 50 anos da Fábrica Rheingantz].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA**3.1 Âmbito e conteúdo**

Fachada do prédio do Escritório Central, localizado na Avenida Rheingantz, com placa do cinqüentenário da fábrica, comemorado em 1823.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO**4.1 Condições de acesso**

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0052

1.2 Título

Lateral com a caixa d'água da INCA.

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Prédio do Escritório Central, na Avenida Rheingantz.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0053

1.2 Título

Vista por trás da fachada interna [fachada principal do prédio do Escritório Central vista do pátio interno].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Vista interna do prédio do Escritório Central, na Avenida Rheingantz.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, Escritório Central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.

1. ÁREA DE IDENTIFICAÇÃO



1.1 Código de referência

BR CDH AFR PC 0054

1.2 Título

Vista por trás da fachada interna [fachada principal do prédio do Escritório Central vista do pátio interno – enquadramento à direita].

1.3 Data(s)

Já mencionado em nível superior (coleção).

1.4 Nível de descrição

Item (5).

1.5 Dimensão e suporte

Já mencionado em nível superior (coleção e dossiê).

2. ÁREA DE CONTEXTUALIZAÇÃO

2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.2 História administrativa/biografia

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.3 História arquivística

Já mencionado em nível superior (coleção).

2.4 Procedência

Já mencionado em nível superior (coleção).

3. ÁREA DE CONTEÚDO E ESTRUTURA

3.1 Âmbito e conteúdo

Vista interna do prédio do Escritório Central, na Avenida Rheingantz.

3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade

Não se aplica.

3.3 Incorporações

Não se aplica.

3.4 Sistema de arranjo

Já mencionado em nível superior (dossiê).

4. ÁREA DE CONDIÇÕES DE ACESSO E USO

4.1 Condições de acesso

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.2 Condições de reprodução

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.3 Idioma

Já mencionado em nível superior (coleção).

4.4 Características físicas e requisitos técnicos

Não se aplica.

4.5 Instrumentos de pesquisa

Não se aplica.

5. ÁREA DE FONTES RELACIONADAS

5.1 Existência e localização dos originais

Não se aplica.

5.2 Existência e localização de cópias

Já mencionado em nível superior (coleção).

5.3 Unidades de descrição relacionadas

Não se aplica.

5.4 Nota sobre publicação

Não se aplica.

6. ÁREA DE NOTAS

6.1 Notas sobre conservação

Já mencionado em nível superior (coleção).

6.2 Notas gerais

Em álbum Rheingantz.

7. ÁREA DE CONTROLE DE DESCRIÇÃO

7.1 Nota do arquivista

Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.

7.2 Regras ou convenções

Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. **NOBRADE**: Norma Brasileira de Descrição Arquivística. Rio de Janeiro : Arquivo Nacional, 2006.

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)

Dezembro 2009 – fevereiro 2010.

8. ÁREA DE PONTOS DE ACESSO E INDEXAÇÃO DE ASSUNTOS

8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos

August Landgraf, Avenida Rheingantz, Escritório Central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastorel.

APÊNDICE F – Manual para codificação de descrições NOBRADE em EAD

Manual para implementação em EAD da Norma Brasileira de Descrição (Nobrade)

Desenvolvido por:
Edson Elnei Lehr
Rita de Cássia Portela da Silva

1. Introdução

Este manual visa a fornecer embasamento adequado para a implementação de descrições arquivísticas no formato EAD (*Encoded Archival Description*) que sejam aderentes à Nobrade.

A *Library of Congress* (LOC), juntamente com a *Society of American Archivists* (SAA), mantém o padrão EAD já em sua segunda versão (EAD 2002) e o manual *EAD Tag Library*²⁶, que fornece subsídios aos profissionais da informação (arquivistas, bibliotecários e museólogos) que estejam trabalhando com descrição de acervos em meio digital.

O *EAD Tag Library*, entretanto, fornece o mapeamento (*crosswalks*) entre as *tags* EAD e os elementos de descrição das normas ISAD(G) e MARC21.

A Nobrade, por ser uma adaptação da ISAD(G) à realidade brasileira, incorpora todos os elementos de descrição desta, acrescentando, porém, dois novos elementos. Com isso, o mapeamento entre EAD e ISAD(G) fornecido pelo manual *EAD Tag Library* não é suficiente para a implementação da Nobrade.

Por outro lado, o professor Michael Fox²⁷, em *workshop* realizado por ocasião do II Encontro de Bases de Dados sobre Informações Arquivísticas, propõe um mapeamento entre EAD e Nobrade que leva em conta o que já havia sido indicado pelo *EAD Tag Library*. Essa proposta

O presente manual se norteia pelo manual *EAD Tag Library* e pela proposta do professor Michael Fox e se pretende uma pequena introdução ao uso do EAD como forma de implementação de descrições de acervo em meio digital.

²⁶ LOC. *EAD Tag Library*. Disponível em: <<http://www.loc.gov/ead/tglib/index.html>>. Acesso em: 19/02/2010.

²⁷ FOX, Michael. *Workshop: A padronização do gerenciamento eletrônico da informação arquivística*. II Encontro de Bases de Dados Sobre Informações Arquivísticas: Rio de Janeiro, mar. 2007.

2. Mapeamento de Nobrade para EAD

Nobrade	EAD
1 Área de identificação	
1.1 Código de referência	<eadid> com atributos COUNTRYCODE e MAINAGENCYCODE <unitid> com atributos COUNTRYCODE e REPOSITORYCODE
1.2 Título	<unittitle>
1.3 Data(s)	<unitdate>
1.4 Nível de descrição	atributo LEVEL em <archdesc> e <c>
1.5 Dimensão e suporte	<physdesc> e subelementos <extent>, <dimensions>, <genreform>, <physfacet>
2 Área de contextualização	
2.1 Nome(s) do(s) produtor(es)	<origination>
2.2 História administrativa / biografia	<bioghist>
2.3 História arquivística	<custodhist>
2.4 Procedência	<acqinfo>
3 Área de conteúdo e estrutura	
3.1 Âmbito e conteúdo	<scopecontent>
3.2 Avaliação, eliminação e temporalidade	<appraisal>
3.3 Incorporações	<accruals>
3.4 Sistema de arranjo	<arrangement>
4 Área de condições de acesso e uso	
4.1 Condições de acesso	<accessrestrict>
4.2 Condições de reprodução	<userrestrict>
4.3 Idioma	<langmaterial>
4.4 Características físicas e requisitos técnicos	<phystech>
4.5 Instrumentos de pesquisa	<otherfindaid>
5 Área de fontes relacionadas	
5.1 Existência e localização dos originais	<originalsloc>
5.2 Existência e localização de cópias	<altformavail>
5.3 Unidades de descrição relacionadas	<relatedmaterial> ou <separatedmaterial>
5.4 Nota sobre publicação	<bibliography>
6 Área de notas	
6.1 Notas sobre conservação	<processinfo> ou <note>
6.2 Notas gerais	<odd> ou <note>
Área de controle da descrição	
7.1 Nota do arquivista	<processinfo>
7.2 Regras ou convenções	<descrules>

7.3 Data(s) da(s) descrição(ões)	<processinfo><p><date>
8 Área de pontos de acesso e indexação de assuntos	
8.1 Pontos de acesso e indexação de assuntos	<controlaccess><subject>

Quadro 1: Mapeamento entre itens de descrição Nobrade e padrão EAD.

Fonte: Porque EAD e EAC: A padronização do gerenciamento eletrônico da informação arquivística, *workshop* disponível em: <http://www.aab.org.br/encontro/images/stories/iiencontro_workshop.pdf>

3. O formato básico do arquivo EAD

Um arquivo XML compatível com a norma EAD tem o seguinte formato básico:

```

1 <?xml version='1.0' encoding='UTF-8'?>
2 <!DOCTYPE ead PUBLIC "+//ISBN 1-931666-00-8//DTD ead.dtd (Encoded Archival
Description (EAD) Version 2002)//EN" "ead.dtd" []>

3 <ead>
4   <eadheader>
5     Cabeçalho. Informação acerca do próprio arquivo XML EAD. Elemento obrigatório.
6   </eadheader>

7   <frontmatter>
8     Informações acerca de detalhes de impressão e visualização. Elemento não-obrigatório. Não
costuma ser utilizado.
9   </frontmatter>

10  <archdesc>
11    Corpo do arquivo. Descrição do acervo propriamente dito, em todos os seus níveis e
subníveis. Elemento obrigatório.
12  </archdesc>
13 </ead>

```

Listagem 1: O formato básico de um arquivo EAD em XML.

Na linha 1 do trecho de código EAD acima (Listagem 1), temos uma declaração obrigatória em qualquer arquivo XML. Esta linha apenas determina a versão da especificação XML em uso (no caso, 1.0) e a codificação de caracteres em uso (no caso, Unicode UTF-8).

A linha 2 relaciona o arquivo DTD (*Data Type Definition*) fornecido pelos mantenedores do EAD. Este arquivo define os tipos de dados utilizados dentro do arquivo XML e permite a verificação destes elementos de descrição contra as normas estabelecidas pelo EAD. Um arquivo XML que de fato implemente o padrão EAD deve ser, necessariamente, válido em relação ao EAD.DTD e isso é verificado pelos aplicativos clientes que acessem o arquivo XML.

Uma outra forma de validação do arquivo EAD em XML é a utilização de XML *Schema* em vez de DTD. O XML *Schema* é uma forma mais moderna e que provê uma verificação mais "forte" da validade do arquivo. O arquivo de esquema é

fornecido pelas entidades mantenedoras do EAD assim como o arquivo DTD. Para efetuar essa mudança, bastaria eliminar a linha 2 e substituí-la por:

```
xmlns="urn:isbn:1-931666-22-9" xmlns:xlink="http://www.w3.org/1999/xlink"
  xmlns:xsi="http://www.w3.org/2001/XMLSchema-instance"
  xsi:schemaLocation="urn:isbn:1-931666-22-9
  http://www.loc.gov/ead/ead.xsd"
```

A linha 3 exibe a abertura da *tag* raiz do arquivo XML EAD, <ead>. Como em todo arquivo XML, esta *tag*, que está sendo aberta, deve ser fechada. O fechamento da tag <ead> ocorre na linha 13 do exemplo (</ead>).

Após a abertura da *tag* raiz, ocorre o cabeçalho do arquivo XML EAD, indicado pela abertura da *tag* <eadheader>. Tudo o que ocorrer entre esta *tag* e o seu fechamento (</eadheader>). Este elemento contém, em seus atributos, informações acerca do próprio arquivo XML EAD.

As linhas de 7 a 9 da Listagem 1 exibem a seção *Front Matter*, que contém os dados referentes a questões de exibição e publicação. Essa seção não costuma ser utilizada em nenhuma das implementações conhecidas de descrições de acervo em EAD, de modo que não será examinada nesse manual. Maiores informações podem ser encontradas no manual EAD *Library Tag*.

Entre as linhas 10 e 12, inclusive, de nosso exemplo (Listagem 1), ocorre a descrição propriamente dita do acervo (*tag* <archdesc> e </archdesc>).

A seguir estudaremos as duas seções mais importantes de um arquivo EAD em XML através de exemplos ilustrativos.

4. O cabeçalho (<eadheader>...</eadheader>)

O cabeçalho de um arquivo XML EAD mantém dados acerca de si próprio, ou seja, do arquivo XML em si. Estas informações tratam dos padrões utilizados para idioma, país de origem, codificação de caracteres, formato de datas etc. A Listagem 2, abaixo, ilustra a implementação de um cabeçalho para arquivo EAD em XML.

```
...
01 <eadheader audience="internal" langencoding="iso639-2b"
    dateencoding="iso8601" countryencoding="iso3166-1"
    repositoryencoding="iso15511" relatedencoding="Nobrade">
02   <eadid countrycode="br" mainagencycode="BR-FS-CDH" identifier="1234"
    encodinganalog="Código de referência:">1234</eadid>
03   <filedesc>
04     <titlestmt>
05       <titleproper>
06         Catálogo Seletivo de Fotografias da Família Silva
07       </titleproper>
08     <author>João da Silva</author>
```

```

09     </titlestmt>
10     <publicationstmt>
11         <publisher>
12             Centro de Documentação Histórica da Universidade
13         </publisher>
14         <date normal="2010">2010</date>
15     </publicationstmt>
16 </filedesc>

17 <profiledesc>
18     <creation>
19         Arquivo XML codificado por João da Silva.
20         <date normal="2010-02-16">16/02/2010</date>
21     </creation>
22     <desrules label="Regras ou convenções:" encodinganalog="Regras ou
23         convenções">
24         Norma Brasileira de Descrição - Nobrade.
25     </desrules>
26     <language>
27         <language langcode="por">Português</language>
28     </language>
29 </profiledesc>

```

...
Listagem 2: Um cabeçalho para arquivo EAD em XML.

O conteúdo da Listagem 2 é razoavelmente autoexplicativo. Entretanto, nos ateremos a alguns detalhes que requerem explicações adicionais. A linha 1 do exemplo apresenta a *tag* <eadheader>, que indica a abertura da seção de cabeçalho. Esta *tag* possui uma série de atributos que dizem respeito a questões técnicas do arquivo XML em si. Vejamo-la em detalhe:

```

<eadheader audience="internal" langencoding="iso639-2b"
    dateencoding="iso8601" countryencoding="iso3166-1"
    repositoryencoding="iso15511" relatedencoding="Nobrade">

```

O atributo *audience* refere-se ao público alvo do instrumento de pesquisa e pode assumir os valores *external* e *internal*. O atributo *langencoding* refere-se à norma de padronização para o idioma adotado no arquivo XML e, no exemplo, aponta a norma ISO 639-2b. O atributo *dateencoding* define o padrão para o formato de datas e horas, normalmente a norma ISO 8.601. O atributo *countryencoding* aponta a norma ISO 3.166-1, que define padrões de duas letras para nomes de países (Brasil = BR, por exemplo). *Repositoryencoding* é o atributo que determina o padrão para códigos de referência internacional, como, no exemplo, a ISO 15.511. Por fim, o atributo *relatedencoding* define o padrão de descrição adotado no cabeçalho e pode assumir valores como MARC, ISAD(G), DC (para *Dublin Core*) e Nobrade.

A *tag* <eadid>, na linha 2, implementa o item de descrição "Código de referência", da Nobrade. O atributo *encodinganalog* faz a ligação entre a *tag* e o item de descrição Nobrade. Como veremos, o Código de referência também pode ser implementado através da *tag* <unitid>, nas seções dos níveis de descrição (<archdesc>, <c> e <c[N]>). Um atributo de conteúdo pouco intuitivo é o *mainagencycode*, que armazena o código ISIL (*International Standard Identifier for Libraries and Related Organizations*) da instituição produtora da descrição, de acordo com a norma ISO 15.511.

Também é importante notar, na linha 22, a *tag* <descrules>, que implementa o item de descrição "Regras ou convenções" da Nobrade. É de se notar que esta *tag* está presente somente na seção <profiledesc>, do cabeçalho (<eadheader>) do arquivo EAD em XML. Isso implica no fato de que, neste item de descrição em particular, a noção de descrição multinível presente na Nobrade e na ISAD(G) não é respeitada. Isto é, este item de descrição deve, obrigatoriamente, valer para para todo o fundo ou coleção, não podendo ser redefinido em outros subníveis.

5. A descrição multinível (<archdesc>...</archdesc>)

A seção destinada à descrição propriamente dita do acervo reside entre as *tags* <archdesc> e </archdesc> que, respectivamente, realizam a abertura e o fechamento da seção. A *tag* <archdesc> também representa o nível mais alto de descrição, como o Fundo ou a Coleção.

No interior dessa seção, cada novo nível de descrição é implementado com a *tag* não numerada <c> ou com o conjunto de *tags* numeradas <c01> a <c12>. A diferença entre elas será vista mais adiante, na seção 5.1 deste manual.

Veja, a seguir, um fragmento de arquivo XML EAD que representa a Área de Identificação da Nobrade para um acervo no nível de coleção.

```

...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">

02   <did>

03     <unitid label="Código de referência:" countrycode="br"
repositorycode="BR-FS-CDH" encodinganalog="Código de referência"
id="1234">
04       1234
05     </unitid>
06     <unittitle label="Título:" encodinganalog="Título">
07       Aqui vai o título da unidade de descrição
08     </unittitle>
09     <unitdate label="Datas:" normal="YYYY-MM-AA"
encodinganalog="Data(s)">
10       Aqui vão as datas de produção da coleção. Altere o atributo normal, incluindo lá as datas
usando a iso 8601. YYYY-MM-AA ou YYYY-YYYY (ano início - ano fim)
11     </unitdate>

12     <physdesc label="Dimensão e suporte:" encodinganalog="Dimensão e
suporte">
13       <dimensions label="Dimensões:">Aqui vai a dimensão da
coleção</dimensions>
14       <extent label="Quantidades:">Aqui vai a quantidade de itens da
coleção.</extent>
15       <genreform label="Gênero/espécie/tipo:">
16         Gênero iconográfico, espécie/tipo fotográfico?

```



```
17     </genreform>
18     </physdesc>
```

```
...
```

```
19 </did>
...
20 </archdesc>
...
```

Listagem 3: Área de identificação Nobrade implementada em formato EAD.

Os detalhes técnicos do exemplo são similares aos dos exemplos anteriores. Atentaremos para a implementação pontual de cada item de descrição da Área de identificação da Nobrade, como segue:

1. Área de identificação

- 1.1 *Código de referência*: implementado pela *tag* <unitid>, na linha 03 da Listagem 3, de forma similar ao que já havíamos visto na *tag* <eadid> da Listagem 2.
- 1.2 *Título*: implementado pela *tag* <unittitle>, na linha 06 da Listagem 3.
- 1.3 *Data(s)*: implementado pela *tag* <unitdate>, na linha 09 da Listagem 3.
- 1.4 *Nível de descrição*: implementado pelos atributos *level* e *otherlevel* da *tag* <archdesc>, na linha 01 da Listagem 3. Isso é apropriado para o primeiro nível de descrição (no caso, Coleção); para os demais níveis, utiliza-se os mesmos atributos das *tags* <c> ou <c01> a <c12>.
- 1.5 *Dimensão e suporte*: implementado pela *tag* <physdesc>, nas linhas 12 a 18 da Listagem 3.

Seguindo adiante, veremos outro fragmento de arquivo XML EAD para verificarmos a implementação da Área de Contextualização da Nobrade nesse padrão, no nível de Coleção:

```
...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">

02   <did>
... [Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
03     <origination label="Nome do produtor:" encodinganalog="Nome do
produtor">
04       <persname>Aqui vai o nome do produtor</persname>
05     </origination>

06     <langmaterial label="Idioma:" encodinganalog="Idioma">
07       Descrição em
08       <language langcode="por">Português</language>
09     </langmaterial>

10   </did>

11   <bioghist>
12     <head>Aqui vai o título da história/biografia da coleção</head>
13     <bioghist encodinganalog="História administrativa / biografia"
label="História administrativa / biografia:">
14       <p>Aqui vai a história da coleção</p>
15       <p>
16         Para cada parágrafo, abra e feche-os, com p minúsculo, como aqui.
```

```

17     </p>
18     </bioghist>
19 </bioghist>

20 <custodhist encodinganalog="História arquivística" label="História
arquivística:">
21     <p>Aqui vai a história arquivística da coleção.</p>
22 </custodhist>

23 <acqinfo encodinganalog="Procedência" label="Procedência:">
24     <p>Aqui vai a origem imediata de aquisição ou transferência da coleção.
25 </acqinfo>
...
26 </archdesc>
...

```

Listagem 4: Área de contextualização Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de contextualização no nível da Coleção é o que segue:

2. Área de contextualização

- 2.1 *Nome(s) do(s) produtor(es)*: implementado pela *tag* <origination>, nas linhas 03 a 05 da Listagem 4.
- 2.2 *História administrativa/biografia*: implementado pela *tag* <bioghist>, nas linhas 11 a 19 da Listagem 4.
- 2.3 *História arquivística*: implementado pela *tag* <custodhist>, nas linhas 20 a 22 da Listagem 4.
- 2.4 *Procedência*: implementado pela *tag* <acqinfo>, nas linhas 23 a 25 da Listagem 4.

Para a implementação da Área de conteúdo e estrutura da Nobrade, no nível de Coleção, podemos observar o fragmento abaixo:

```

...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">
... [Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
02 <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo" label="Âmbito e
conteúdo:">
03     <p>Aqui vai o âmbito e conteúdo da coleção
04 </scopecontent>

05 <appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e temporalidade"
label="Avaliação, eliminação e temporalidade:">
06     <p>
07     <p>Aqui vão as informações de avaliação, eliminação e temporalidade da coleção.
08     </p>
09 </appraisal>

10 <accruals encodinganalog="Incorporações" label="Incorporações:">
11     <p>Aqui vão os acréscimos e incorporações à coleção.</p>
12 </accruals>

13 <arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo" label="Sistema de
arranjo:">
14     <p>Coleção organizada em três dossiês:</p>
15 <list type="simple">

```

```

16         <item>Máquinas</item>
17         <item>Instalações internas</item>
18         <item>Casas e Prédios</item>
19     </list>
20 </arrangement>
...
21 </archdesc>
...

```

Listagem 5: Área de conteúdo e estrutura da Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de conteúdo e estrutura no nível da Coleção é o que segue:

3. Área de conteúdo e estrutura

- 3.1 *Âmbito e conteúdo:* implementado pela *tag* <scopecontent>, nas linhas 02 a 04 da Listagem 5.
- 3.2 *Avaliação, eliminação e temporalidade:* implementado pela *tag* <appraisal>, nas linhas 05 a 09 da Listagem 5.
- 3.3 *Incorporações:* implementado pela *tag* <accruals>, nas linhas 10 a 12 da Listagem 5.
- 3.4 *Sistema de arranjo:* implementado pela *tag* <arrangement>, nas linhas 13 a 20 da Listagem 5.

Para a Área de condições de acesso e uso da Nobrade, no nível de Coleção, a implementação se dá como no fragmento abaixo:

```

...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">
... [ Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [ Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
... [ Seção da Área de Conteúdo e Estrutura: Ver Listagem 5]

02 <accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso" label="Condições
de acesso:">
03     <p>Aqui vão as condições de acesso à coleção.</p>
04 </accessrestrict>

05 <useresctrict label="Condições de reprodução:"
encodinganalog="Condições de reprodução">
06     <p>Aqui vão as condições de reprodução da coleção.</p>
07 </useresctrict>

08 <phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos" label="Características físicas e requisitos técnicos:">
09     <p>
10         Aqui vão as descrições das características físicas e requisitos técnicos da coleção.
11     </p>
12 </phystech>

13 <otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa"
label="Instrumentos de pesquisa:">
14     <p>
15         Descrever aqui outros instrumentos de pesquisa existentes.
16     </p>
17 </otherfindaid>
...
18 </archdesc>

```

...

Listagem 6: Área de condições de acesso e uso da Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de condições de acesso e uso no nível da Coleção é o que segue:

4. Área de condições de acesso e uso

- 4.1 *Condições de acesso*: implementado pela *tag* <accessrestrict>, nas linhas 02 a 04 da Listagem 6.
- 4.2 *Condições de reprodução*: implementado pela *tag* <userrestrict>, nas linhas 05 a 07 da Listagem 6.
- 4.3 *Idioma*: implementado pela *tag* <langmaterial>, nas linhas 06 a 09 da Listagem 4. Atenção: este item está exemplificado em uma listagem anterior por conveniência, já que a *tag* <langmaterial> deve, obrigatoriamente, estar contida no interior da *tag* <did>.
- 4.4 *Características físicas e requisitos técnicos*: implementado pela *tag* <phystech>, nas linhas 8 a 12 da Listagem 6.
- 4.5 *Instrumentos de pesquisa*: implementado pela *tag* <otherfindaid>, nas linhas 13 a 17 da Listagem 6.

Para a Área de fontes relacionadas da Nobrade, no nível de Coleção, a implementação se dá como no fragmento abaixo:

...

```
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">
... [Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
... [Seção da Área de Conteúdo e Estrutura: Ver Listagem 5]
... [Seção da Área de Condições de Acesso e Uso: Ver Listagem 6]

02 <originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos originais"
label="Existência e localização dos originais:">
03 <p>
04 <i>Descrever aqui a existência e localização dos originais.</i>
05 </p>
06 </originalsloc>

07 <altformavail encodinganalog="Existência e localização de cópias"
label="Existência e localização de cópias:">
08 <p>
09 <i>Aqui você descreve, caso exista, a existência e localização de cópias da coleção.</i>
10 </p>
11 </altformavail>

12 <relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição relacionadas"
label="Unidades de descrição relacionadas:">
13 <p>
14 <i>Aqui vão as outras unidades relacionadas a esta coleção.</i>
15 </p>
16 </relatedmaterial>

17 <bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação" label="Nota sobre
publicação:">
18 <head>
19 <i>Título da lista de publicações baseadas nesta unidade de descrição</i>
20 </head>
21 <p>
```

```

22     Identificar aqui publicações sobre a unidade de descrição:
23     </p>
24     <bibref>
25         SOBRENOME, Nome
26         <title render="bold">Título do Livro</title>
27         Cidade: Editora, Ano.
28     </bibref>
29 </bibliography>
...
30 </archdesc>
...

```

Listagem 7: Área de fontes relacionadas da Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de fontes relacionadas no nível da Coleção é o que segue:

5. Área de fontes relacionadas

- 5.1 *Existência e localização dos originais*: implementado pela tag <originalsloc>, nas linhas 02 a 06 da Listagem 7.
- 5.2 *Existência e localização de cópias*: implementado pela tag <altformavail>, nas linhas 07 a 11 da Listagem 7.
- 5.3 *Unidades de descrição relacionadas*: implementado pela tag <relatedmaterial>, nas linhas 12 a 16 da Listagem 7.
- 5.4 *Nota sobre publicação*: implementado pela tag <bibliography>, nas linhas 17 a 29 da Listagem 7.

Para a Área de notas da Nobrade, no nível de Coleção, a implementação se dá como no fragmento abaixo:

```

...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">
... [ Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [ Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
... [ Seção da Área de Conteúdo e Estrutura: Ver Listagem 5]
... [ Seção da Área de Condições de Acesso e Uso: Ver Listagem 6]
... [ Seção da Área de Fontes Relacionadas: Ver Listagem 7]

02 <note label="Notas gerais:" encodinganalog="Notas gerais">
03     <p>Aqui vão as notas gerais da coleção.</p>
04 </note>
...
05 </archdesc>
...

```

Listagem 8: Área de notas da Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de notas no nível da Coleção é o que segue:

6. Área de notas

- 6.1 *Notas sobre conservação*: pode-se usar as tags <processinfo> ou <note>. No exemplo, não há Notas sobre conservação.
- 6.2 *Notas gerais*: implementado pela tag <note>, nas linhas 2 a 4 da Listagem 8. Pode-se, também, utilizar a tag <odd>.

Para a Área de controle da descrição da Nobrade, no nível de Coleção, a implementação se dá como no fragmento abaixo:

```

...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"

```

```

relatedencoding="Nobrade">
... [ Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [ Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
... [ Seção da Área de Conteúdo e Estrutura: Ver Listagem 5]
... [ Seção da Área de Condições de Acesso e Uso: Ver Listagem 6]
... [ Seção da Área de Fontes Relacionadas: Ver Listagem 7]
... [ Seção da Área de Notas: Ver Listagem 8]

02 <processinfo label="Nota do arquivista:" encodinganalog="Nota do
    arquivista">
03   <p>
04     Aqui vão as notas do arquivista. A data da descrição vai a seguir:
05     <date normal="2010-02-16" label="Data(s) da(s) descrição(ões):"
        encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)">16/02/2010</date>
06   </p>
07 </processinfo>
...
08 </archdesc>
...

```

Listagem 9: Área de controle de descrição da Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de controle de descrição no nível da Coleção é o que segue:

7. Área de controle de descrição

7.1 *Nota do arquivista:* implementado pela tag <processinfo>, nas linhas 2 a 7 da Listagem 9.

7.2 *Regras ou convenções:* implementado pela tag <descrules>, nas linhas 22 a 24 da Listagem 2. Já discutimos anteriormente neste manual as implicações desta implementação.

7.3 *Data(s) da(s) descrição(ões):* implementado pela tag <date>, no interior da tag <processinfo>, na linha 5 da Listagem 9.

Para a Área de pontos de acesso e indexação de assuntos da Nobrade, no nível de Coleção, a implementação se dá como no fragmento abaixo:

```

...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">
... [ Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [ Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
... [ Seção da Área de Conteúdo e Estrutura: Ver Listagem 5]
... [ Seção da Área de Condições de Acesso e Uso: Ver Listagem 6]
... [ Seção da Área de Fontes Relacionadas: Ver Listagem 7]
... [ Seção da Área de Notas: Ver Listagem 8]
... [ Seção da Área de Controle de Descrição: Ver Listagem 9]

02 <controlaccess>
03   <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
04   <p>
05     Aqui vão ser descritos os pontos de acesso e a indexação de assuntos da coleção.
06   </p>
07   <subject label="Pontos de acesso e indexação de assuntos:"
        encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
        assuntos">Item1;</subject>
08   <subject label="Pontos de acesso e indexação de assuntos:"
        encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
        assuntos">Item2.</subject>
09 </controlaccess>

```

```
...
10 </archdesc>
```

Listagem 10: Área de pontos de acesso e indexação de assuntos da Nobrade implementada em formato EAD.

O mapeamento entre a Nobrade e o padrão EAD para a Área de pontos de acesso e indexação no nível da Coleção é o que segue:

8. Área de pontos de acesso e indexação de assuntos

8.1 *Pontos de acesso e indexação de assuntos:* implementado pela tag <subject>, no interior da tag <controlaccess>, nas linhas 2 a 9 da Listagem 10.

5.1 A descrição dos subníveis (<dsc>...</dsc>)

A descrição dos subníveis acomoda-se entre as tags <dsc> e </dsc>. Como já vimos, no interior dessa seção, cada novo nível de descrição é implementado com a tag não numerada <c> ou com o conjunto de tags numeradas <c01> a <c12>. A diferença entre elas é que a primeira pode implementar um número ilimitado de subníveis, enquanto o segundo pode implementar um conjunto de, no máximo, 12 subníveis. Apesar da flexibilidade da primeira forma, a segunda costuma ser mais útil por duas razões: raramente se precisa de mais do que 12 níveis de descrição e a numeração torna o arquivo mais legível para o ser humano.

Afora isso, todo o processo de descrição permanece o mesmo, já que cada tag EAD correspondente aos itens de descrição da Nobrade podem ser acomodados no interior das tags <c> e <c01> a <c12> exatamente da mesma forma como no nível anterior, representado pela tag <archdesc>.

Por essa razão, não nos aprofundaremos nos exemplos para os subníveis. Nos ateremos a uma descrição superficial que pode ser vista na Listagem 11.

```
...
01 <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção"
relatedencoding="Nobrade">
... [Seção da Área de Identificação: Ver Listagem 3]
... [Seção da Área de Contextualização: Ver Listagem 4]
... [Seção da Área de Conteúdo e Estrutura: Ver Listagem 5]
... [Seção da Área de Condições de Acesso e Uso: Ver Listagem 6]
... [Seção da Área de Fontes Relacionadas: Ver Listagem 7]
... [Seção da Área de Notas: Ver Listagem 8]
... [Seção da Área de Controle de Descrição: Ver Listagem 9]
... [Seção da Área de Pontos de Acesso e Indexação de Assuntos: Ver Listagem 10]

02 <dsc type="combined">
03 <head>Descrição dos subníveis da coleção</head>
04 <c01 level="otherlevel" otherlevel="Dossiê">
05 <i>Aqui dentro serão replicados os itens de descrição para o nível dossiê. Aqui dentro vêm os
outros níveis de descrição, no caso, itens documentais.</i>
06 </c01>
07 </dsc>
08 </archdesc>
```

Listagem 11: Exemplo de como construir os subníveis no interior da tag <dsc>

APÊNDICE G – Codificação das descrições do Acervo Fotográfico Rheingantz

```

<?xml version="1.0" encoding="UTF-8"?>
<!DOCTYPE ead PUBLIC "-//ISBN 1-931666-00-8//DTD ead.dtd (Encoded Archival
Description (EAD) Version 2002)//EN" "ead.dtd">
<ead>
  <eadheader audience="internal" countryencoding="iso3166-1"
    dateencoding="iso8601" langencoding="iso639-2b" relatedencoding="Nobrade"
    repositoryencoding="iso15511">
    <eadid countrycode="br" encodinganalog="Código de referência"
      identifier="rheingantz_cdh" mainagencycode="BR-CDH-
      AFR">rheingantz_cdh</eadid>

    <filedesc>
      <titlestmt>
        <titleproper>
          Catálogo Seletivo Prédios e Casas da Fábrica Rheingantz
        </titleproper>
        <author>Rita de Cássia Portela da Silva</author>
      </titlestmt>

      <publicationstmt>
        <publisher encodinganalog="Publisher">
          Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira
          Neves
        </publisher>
        <date normal="2010">2010</date>
      </publicationstmt>
    </filedesc>

    <profiledesc>
      <creation>
        Este instrumento de pesquisa foi idealizado e escrito por Rita de
        Cássia Portela da Silva em
        <date normal="2010-02-16">16/02/2010</date>
      </creation>
      <language>
        Este instrumento de pesquisa está escrito em <language
        langcode="por">Português</language></language>
      <descrules encodinganalog="Regras ou convenções">
        <bibref>Brasil. Conselho Nacional de Arquivos. <title
        render="bold">NOBRADE: Norma Brasileira de Descrição
        Arquivística.</title> Rio de Janeiro : Arquivo Nacional,
        2006.</bibref>
        <bibref>INSTITUTO BRASILEIRO DA ARTE E CULTURA et al. <title
        render="bold">Manual para catalogação de documentos
        fotográficos.</title> Rio de Janeiro : Fundação Biblioteca
        Nacional : Instituto Brasileiro de Arte e Cultura, 1992.</bibref>
      </descrules>
    </profiledesc>
  </eadheader>

  <archdesc level="otherlevel" otherlevel="Coleção (1)"
    relatedencoding="Nobrade">
    <did>
      <head>Descrição no nível de coleção.</head>

```



```

<unitid countrycode="br" encodinganalog="Código de referência"
  label="Código de referência:" repositorycode="BR-CDH-AFR">BR CDH
  AFR</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título" label="Título:">Coleção
  Fotográfica Rheingantz</unittitle>
<unitdate encodinganalog="Data(s)" label="Datas:" normal="1970-
  1980">Rio Grande (RS), [entre 1970 e 1980]</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">
  <dimensions label="Dimensões:">18x24cm</dimensions>
  <extent label="Quantidades:">3 álbuns (142 fotografias,
    P&B)</extent>
  <genreform>Documentos iconográficos:</genreform>
</physdesc>

<origination encodinganalog="Nome do produtor">
  <persname>Fábrica Rheingantz</persname>
</origination>

<langmaterial encodinganalog="Idioma">
  <language langcode="por">Português</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa / biografia">
  <p>Fábrica fundada em 1873, com a denominação de Fábrica Nacional
  de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, por meio da sociedade
  formada por João Guilherme Rheingantz, seu sogro (Comendador
  Miguel Tito de Sá) e Hermann Vater.</p>
  <p>A atividade produtiva da Fabrica concentrava-se na fabricação de
  tecidos de lã, derivados de tecidos de algodão e tapetes. As
  mercadorias destinavam-se ao mercado consumidor do centro do país
  e também ao mercado externo. Para tanto, empregava mulheres
  (característica comum a indústria têxtil) e menores configurando
  um quadro de funcionários onde "no final da segunda década do
  século XX, de um total de 1020 operários, 370 eram homens adultos
  e 71 menores de idade. Em relação ao sexo feminino, trabalhavam
  440 mulheres adultas e 139 menores de idade" (COPSTEIN apud
  MARTINS, 2006, p. 107). Nos períodos de guerra a produção
  aumentava como aconteceu durante a Primeira Guerra Mundial quando
  "a Fábrica chegou a ter mais de 1200 funcionários e suas máquinas
  produziam em capacidade máxima" (MARTINS, 2006, p. 108).</p>
  <p>Ao longo de sua trajetória, a Fábrica passou por distintas
  denominações:</p>
  <list type="simple">
    <item>entre 1873 e 1874, Carlos Guilherme Rheingantz desfaz a
    sociedade e a fábrica passou a denominar-se Fábrica Nacional de
    Tecidos de Lã Rheingantz;</item>
    <item>em 1891 a fábrica foi transformada em sociedade anônima sob
    o nome União Fabril e Pastoril. Nesta época, Carlos Guilherme
    Rheingantz resolveu ampliar os negócios da empresa, atuando na
    produção de lã por meio da aquisição de rebanhos e áreas
    pastoris, chegando a contratar um "ovinotecnicista" inglês e
    adquirindo reprodutores para aprimorar a criação. Entretanto, em
    meio aos esforços desempenhados, o rebanho foi dizimado
    acarretando em prejuízos, levando à extinção da
    iniciativa;</item>
    <item>em 1895 ocorreu nova alteração da razão social, passando a
    denominar-se Companhia União Fabril;</item>
  </list>

```

```

<item>em 1968 declarou-se falência e a fábrica foi comprada pela
firma paulista João Abdala & Cia. Não há referência de
mudança de razão social nesta transação;</item>
<item>em 1970 a Fábrica foi comprada pelo grupo Loréa, de
Pelotas, e passou a denominar-se Companhia Inca Têxtil. O grupo
Lórea adquiriu 81% das ações e os 19% restantes ficaram em poder
dos operários, como forma de indenização pela falência e
desemprego em massa.</item>
</list>
<p>O grupo Loréa tentou manter o empreendimento, porém, em meio a
dificuldades, encerrou as atividades fabris. Da década de 1970
para cá, a Fábrica está inativa.</p>
<p>A Fábrica Rheingantz foi referência no processo de
industrialização do Brasil sendo uma das primeiras fábricas,
originada ainda na época do Império. O senso de inovação de seus
fundadores e sucessivos dirigentes fez da fábrica exemplo em
tecnologia, ao ser a primeira no segmento da indústria têxtil
nacional a instalar em 1904 uma fiação de fio penteado (worsted),
o que possibilitou a produção de tecidos finos e casimiras. Outro
fato marcante em sua trajetória refere-se às edificações
construídas para as instalações da Fábrica e em decorrência da
política habitacional para os funcionários.</p>
</bioghist>
</bioghist>
<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Coleção. Colecionador: indisponível, suscetível a investigação.
  Histórico de custódia: indisponível, suscetível a investigação.</p>
</custodhist>
<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Indisponível, suscetível a investigação.</p>
</acqinfo>
<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
  <head>Âmbito e conteúdo:</head>
  <p>Considerando-se o estado de conservação do maquinário e
  instalações retratados nas imagens, as fotografias remontam ao
  período durante o qual se processou o encerramento das atividades
  fabris. No que diz respeito à vila operária, observa-se a transição
  do uso original das moradias para novas formas de ocupação das
  edificações, especialmente nas casas dos mestres que começam a
  sediar empreendimentos comerciais.</p>
</scopecontent>
<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>
<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>
<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>A coleção foi digitalizada e constitui-se de três dossiês
  temáticos.</p>

```

```

<list type="simple">
  <item>O dossiê Máquinas é formado por fotografias dos equipamentos
    da área de produção, mais precisamente, balanças, teares, máquinas
    utilizadas na confecção de tapetes e na manufatura da lã (como por
    exemplo, máquina de lavagem, de tingimento, centrífuga para tirar
    o excesso de água, equipamentos para secagem, máquina para cardar,
    torcedeira de fio, urdideira etc).</item>
  <item>O dossiê Instalações Internas é formado por fotografias com
    tomadas de setores relacionados às áreas de produção e
    administração da Fábrica.</item>
  <item>O dossiê Prédio e Casas é formado por fotografias da fábrica
    e demais edificações destinadas ao uso de seus funcionários, como
    o Cassino dos Mestres, o Circulo Escolar e as moradias dos
    operários.</item>
</list>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Acesso livre, no local.</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Sem restrição, mediante autorização e compromisso de crédito.</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Inventário do Dossiê Prédio e Casas.</p>
  <p>Catálogo seletivo Dossiê Prédio e Casas.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Cópia em meio eletrônico, disponível no local.</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">

```

```

    <p>Acervo em bom estado de conservação, embora apresente sinais de
    amarelecimento e, em algumas fotografias, pequenas ondulações nas
    bordas (aproximadamente 5% das imagens).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Não se aplica.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição da coleção:</p>
  <list type="simple">
    <item>MARTINS, Solismar Fraga. Cidade do Rio Grande:
    industrialização e urbanidade (1873 - 1990). Rio Grande : Editora
    da FURG, 2006.</item>
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila operária em
    Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
  normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro 2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de
  Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Hermann
  Vater, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização,
  João Guilherme Rheingantz, Miguel Tito de Sá (Comendador),
  Rheingantz (Comendador), Rio Grande, União Fabril (Companhia), União
  Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

<dsc type="combined">
  <c01 level="otherlevel" otherlevel="Dossiê (4)">

    <did>
      <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR
      PC</unitid>
      <unittitle encodinganalog="Título">Prédio e Casas</unittitle>
      <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
      <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">
        <dimensions label="Dimensões:">18x24cm</dimensions>
        <extent label="Quantidades:">22 fotografias, P&B</extent>
        <genreform>Documentos iconográficos:</genreform>
      </physdesc>
      <origination encodinganalog="Nome do produtor">
        Já mencionado em nível superior (coleção)
      </origination>
      <langmaterial encodinganalog="Idioma">
        Já mencionado em nível superior (coleção)
      </langmaterial>
    </did>

    <bioghist>
      <head>História administrativa/biografia</head>
      <bioghist encodinganalog="História administrativa / biografia">
        <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </c01>

```

</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>História arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Fotografias da fábrica e demais edificações destinadas ao uso de seus funcionários, como o Cassino dos Mestres, o Circulo Escolar e as moradias dos operários.</p>
<p>Em 1874, quando a Fábrica efetivamente iniciou suas atividades produzindo ainda em pequena escala, localizava-se "em frente à cadeia, no quarteirão formado pelas ruas Conde de Porto Alegre, Almirante Barroso, General Câmara e Coronel Sampaio" (PAULITSCH, 2008, p. 56). No período de 1883 a 1885 ocorre a construção de novas instalações para a Fábrica, atendendo a demanda do mercado consumidor em expansão. A execução de obras e serviços de infra-estrutura urbana foram fatores que também motivaram a ampliação das instalações:</p>
<list type="simple">
<item>alinhamento e arruamento, em 1878, dos lotes aterrados com o material da dragagem do Porto (concluída em 1866), área que deu origem ao bairro ainda denominado Cidade Nova, local que veio a seidiar as novas instalações da Fábrica e a Vila Operária;</item>
<item>iniciativas que, em 1883, designaram uma comissão técnica para analisar a viabilidade de desobstrução do canal da Barra do Rio grande, aumentando, com isto, a profundidade do Canal e possibilitando a construção do Porto Novo;</item>
<item>inauguração, em 1884, do trecho ferroviário que interligava Rio Grande, Pelotas e Bagé, as três cidades mais importantes da região sul na época, destacando-se a proximidade do terreno das novas instalações em relação a Estação Ferroviária.</item>
</list>
<p>A inauguração das novas instalações ocorreu em fevereiro de 1885 e contou com as presenças "S.S.A.A Imperiais" conforme noticiou o jornal da época, de onde observa-se também a descrição física da edificação:
<blockquote><p>O crescente desenvolvimento que tomou este estabelecimento aconselhou os Srs. Rheingantz e C. a mudarem sua fábrica de tecidos de lã para o grande terreno onde se acha a tinturaria e onde foi construído o vasto edifício, cujas obras foram inauguradas no dia primeiro corrente com a assistência de Suas Altezas Imperiais. É a prova de fogo. A cobertura é de ferro e vidro, com grande número de ventiladores, e a portas e janelas todas de ferro. Ocupa o principal edifício uma área de 3300 metros quadrados, não incluindo a grande casa do novo motor, inaugurada no dia primeiro do corrente e a que se deu no nome de Grão Pará. Este motor é de força de 150 cavalos. O edifício tem 35 janelas de frente, outras tantas de fundo e 8 de lado. Logo que estiver concluída a mudança do machinismo da antiga fábrica e augmentado com os

</blockquote>

novos aparelhos encomendados, será montada no edifício uma fábrica de fiação e tecelagem de algodão. Os machanismos são dos conhecidos fabricantes Platt e Brothers, de Oldham. Em junho próximo devem as duas fábricas funcionar com regularidade, empregando cerca de 400 operários. (Echo do Sul de 7 mar 1885, apud PAULITSCH 2008, p. 61).

</p>

<p>Em 03 de janeiro de 1886 passou a então Estrada da Mangueira, área das novas instalações da fábrica, passou a denominar-se Avenida Rheingantz, como permanece até hoje. </p>

<p>O prédio do Escritório Central foi construído posteriormente, concluído entre 1910 e 1911 para comportar "os gabinetes do Diretor e da Gerência, os escritórios gerais e o controle de entrada e saída dos caminhões com a produção e a matéria prima" (PAULITSCH, 2008, p. 80). Ainda de acordo com a autora, o prédio possui

<blockquote><p>dois ressaltos laterais e uma simetria bilateral na fachada caracterizada por um eixo que parte do frontão triangular central com um relógio presente no telhado em mansarda. Neste, nos ressaltos, tem-se duas janelas de lucarna. No corpo do edifício há presença de bossagem inserida na superfície da parede, a estruturação é composta por pilastras e a textura feita pelas linhas retas da bossagem diminui a verticalidade proposta pelas pilastras. (PAULITSCH, 2007, p. 28).</p></blockquote>

</p>

<p>A política habitacional é um elemento marcante na trajetória da Fábrica em Rio Grande, com investimentos para a construção e manutenção de instalações e moradias para os funcionários que desencadeou, no período de 1884 a 1922, a formação de um belo conjunto edificado formado pelas casas da vila operária, casas dos mestres e técnicos; um grupo escolar, jardim de infância, cassino dos mestres, ambulatório médico e armazém cooperativo. Desta forma, a empresa

<blockquote><p>chegou a administrar nada menos que 169 propriedades durante a sua história, o que significava para o começo do século XX um maior número de residências do que dispunham muitas cidades do Rio Grande do Sul (MARTINS, 2006, p. 108).</p></blockquote>

</p>

<p>As residências construídas ao longo da Avenida Rheingantz apresentavam estilos e valores diferenciados, de acordo com o cargo ocupado pelos funcionários, e eram alugadas por preços módicos. </p>

<p>As casas dos operários, enfileiradas ou em fita, eram mais simples e construídas de forma a otimizar o espaço e o material, por meio do aproveitamento das paredes laterais. O contrato de locação era assinado juntamente com um termo de compromisso, mediante o qual o locatário comprometia-se a participar do grupo de combate ao fogo, participando dos treinamentos e prestando assistência quando necessário.</p>

<p>Os mestres e técnicos da Fábrica vinham, na maioria das vezes, da Europa, mais precisamente, da Alemanha. Por isto, suas casas tinham um estilo diferenciado que tentava reproduzir as habitações da terra natal. Localizavam-se em frente às casas da vila operária, ao longo da Avenida Rheingantz.</p>

<p>Além destas casas, também foram construídos um número significativo de habitações a oeste da fábrica, nas proximidades do cemitério, entre a Avenida Presidente Vargas, Rua América, Rua 1º de Maio e Rua Raul Barlém (ex-Rua Brasil).</p>

<p>Os prédios do Escritório Central, do Cassino dos Mestres, do Grupo Escolar e do Jardim da Infância, também localizados na Avenida Rheingantz, foram projetados e construídos pelo Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, onde trabalhava o arquiteto Theodor Wiederspahn, supostamente o responsável pelas referidas obras.</p>

<p>O Cassino dos Mestres, também conhecido como Clube dos Mestres, é um prédio em estilo enxaimel localizado em frente ao Escritório Central. Foi construído para atender as demandas de lazer dos funcionários de maior hierarquia na Fábrica e de moradia para os recém chegados da Europa, dispondo também de salas de reunião e uma Biblioteca. Com o passar dos anos o prédio passou a abrigar a Sociedade de Mutualidade que, de acordo com a revista América Magazine publicada em 1959, era o local onde

<blockquote><p>Os principais serviços assistenciais eram prestados por sistema cooperativo através da Sociedade de Mutualidade, cujo quadro social era e continua sendo exclusivamente de empregados da Empresa, sendo sua finalidade prestar socorros médicos e farmacêuticos aos sócios enfermos ou a suas famílias; auxiliar pecuniariamente aos sócios impossibilitados temporariamente de trabalhar; concorrer para o enterro dos associados; manter um armazém de gêneros de primeira necessidade, vendidos somente aos operários do estabelecimento com reduzida margem de lucro, que é redistribuído anualmente na porção de compras de cada um; manter uma biblioteca; ministrar aulas noturnas e manter uma banda de música, bilhar e outros jogos. (Revista América Magazine apud MARTINS, 2006, p. 109).</p></blockquote>

</p>

<p>Ainda no que diz respeito às características do prédio, convém destacar a análise de PAULITSCH (2007) na qual

<blockquote><p>o Cassino dos Mestres era um edifício que pretendia atender às funções de lazer e habitação para alguns mestres e, principalmente, aos recém-chegados da Europa. Porém, também sediou a mutualidade (armazém), a biblioteca e após foi utilizado como casa para mestre. (...) O projeto foi solicitado ao escritório de R. Ahrons, que em maio de 1911 conclui o trabalho. A edificação é construída em terreno de esquina isolada no lote, com recuos frontais iguais nos dois cantos. A casa salienta-se no entorno por sua posição, de ser lote de esquina favorecido pela conformação das vias. O Cassino dos Mestres ocupa uma localização de destaque em termos de marco visual e ponto focal, e é, dos equipamentos da Vila Operária, o de maior proximidade com o prédio da Administração. Trata-se de uma edificação de volume único retangular e algumas reentrâncias e saliências; uma cobertura extremamente complexa com planos de distintos ângulos, assimétricos, suscitando uma movimentação nas formas plásticas da cobertura. O nível de deteriorização do prédio é bastante elevado, não havendo mais alguns elementos estruturais de piso, forro e a maioria das aberturas. A técnica construtiva do enxaimel é usada somente com função de ornamentação e não estrutural. Proferindo sobre o uso do enxaimel nas construções feitas no Rio Grande do Sul, este tipo de arquitetura é singular e autêntica da sociedade de imigrantes alemães do Estado. (PAULITSCH, 2007, p. 27).</p></blockquote>

</p>

<p>O prédio do Grupo Escolar, localizado ao lado do Cassino dos mestres, destinava-se ao ensino dos funcionários e de seus filhos, sendo que "a escola na década de 1950 atendia 300

alunos, conforme dados fornecidos pela própria empresa" (MARTINS, 2006, p. 110). Também em relação a este prédio, convém destacar a análise de PAULITSCH (2007), segundo a qual

O Grupo Escolar Comendador Rheingantz foi projetado pelo Escritório de R. Ahrons, em novembro de 1911, e a obra terminou em setembro de 1912. Trata-se de um prédio em forma de C, com um volume de cobertura único de mesmo formato e triangular. Em termos de implantação a escola é isolada no lote com um recuo, sendo diferente das demais casas de mestres e tendo o mesmo alinhamento do prédio da esquina, que é o Cassino dos Mestres. Em relação ao entorno, possui uma característica de singularidade: a cobertura é do tipo duas águas com telha francesa e com estrutura de tesouras de madeira. A fachada possui uma simetria bilateral, diferença de tratamento de fachada nos ressaltos e na parte central. O frontão para marcar os acessos é de arco abatido, possui frisos e uma ornamentação no centro com volutas e festões; os belos frontões dos ressaltos possuem volutas e curvas e um óculo em cada um. (PAULITSCH, 2007, p. 28).

</p>

O prédio do Jardim da Infância visava atender os filhos dos funcionários da Fábrica e também cumpria a finalidade de creche, porém, com o passar do tempo, tornou-se residência. Neste prédio a análise de PAULITSCH (2007) consiste em

O Jardim de Infância é um projeto também do Escritório de R. Ahrons concluído em setembro de 1918. Sua função modificou-se ao longo dos anos, tornando-se residência de mestres. A implantação da casa é isolada no lote com recuo frontal de ajardinamento de 4 m, como nas demais. A forma plástica é de um prisma retangular com uma articulação harmônica de saliências e reentrâncias no conjunto e na planta. Na cobertura, observamos uma justaposição de formas. (...) Em relação ao entorno imediato, temos uma característica de dominância em relação às outras casas. O prédio utiliza a técnica construtiva do enxaimel, como forma de ornamentação e não estrutural. As fundações são feitas de pedra aparelhada e as paredes de alvenaria portante de tijolos maciços. O telhado é de tacaniça-anã e usa um treliçado no perímetro, abaixo do beirado. As estruturas da cobertura são tesouras de madeira, caibramento revestido de tábuas que descansam no frechal, uso de telhas de cerâmica com uma qualidade construtiva magnífica na proporção dos volumes que constituem as várias declividades das águas da cobertura. (PAULITSCH, 2007, p. 28)

</p>

</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e temporalidade">
 <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
 <p>Não se aplica.</p>
 </appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
 <head>Incorporações:</head>
 <p>Não se aplica.</p>
 </accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
 <head>Sistema de arranjo:</head>
 <p>Fotografias em ordem numérica, de acordo com a disposição nos álbuns.</p>


```

</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Catálogo Dossiê Prédio e Casas.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Não se aplica.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do dossiê:</p>
  <list type="simple">

```

```

<item><bibref>MARTINS, Solismar Fraga. Cidade do Rio Grande:
  industrialização e urbanidade (1873 - 1990). Rio Grande :
  Editora da FURG, 2006.</bibref></item>
<item><bibref>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
  operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
  2008.</bibref></item>
</list>
<p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
  normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro 2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
  assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, casa dos mestres, casa
  para operário, Cassino dos Mestres, Clube dos Mestres, creche,
  escola, escritório central, Escritório de Engenharia Rudolph
  Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã
  Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz &
  Vater, Fábrica Rheingantz, grupo escolar, habitação operária,
  Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização,
  jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio
  Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União
  Fabril e Pastoril, vila operária.</p>
</controlaccess>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
      0032</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Placa da Avenida
      Rheingantz</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
      em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
      <language>Já mencionado em nível superior
        (coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

  <bioghist>
    <head>História administrativa/biografia</head>
    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
      biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>

```

```

    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Placa fixada no prédio do Escritório Central.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>

```

```

</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
    Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
    normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
    2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
  assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central,
    Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da
    Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz,
    Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater,
    Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande,
    Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril
    e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
      0033</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Grupo Escolar Comendador
      Rheingantz.</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
      em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
      <language>Já mencionado em nível superior
        (coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

  <bioghist>
    <head>História administrativa/biografia</head>

```

```

    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
    biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </scopecontent>

  <appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
  temporalidade">
    <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </appraisal>

  <accruals encodinganalog="Incorporações">
    <head>Incorporações:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </accruals>

  <arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
    <head>Sistema de arranjo:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
  </arrangement>

  <accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
    <head>Condições de acesso:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
  </accessrestrict>

  <userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
    <head>Condições de reprodução:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
  </userrestrict>

  <phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
  técnicos">
    <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </phystech>

  <otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
    <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </otherfindaid>

  <originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
  originais">
    <head>Existência e localização dos originais:</head>

```

```

    <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escola, Escritório de
Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã
Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz
& Vater, Fábrica Rheingantz, Grupo Escolar Comendador
Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), João Guilherme
Rheingantz, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril
(Companhia), União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
  <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0034</unitid>
  <unittitle encodinganalog="Título">Grupo Escolar Comendador
Rheingantz.</unittitle>
  <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>

```

```

<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
  em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
  Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
  <language>Já mencionado em nível superior
    (coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
  <bioghist encodinganalog="História administrativa /
    biografia">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
  temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

```

```

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escola, Escritório de
Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã
Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz
& Vater, Fábrica Rheingantz, Grupo Escolar Comendador
Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), João Guilherme
Rheingantz, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril
(Companhia), União Fabril e Pastoral.</p>

```



```

</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
      0035</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Grupo Escolar Comendador
      Rheingantz.</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
      em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
      <language>Já mencionado em nível superior
        (coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

  <bioghist>
    <head>História administrativa/biografia</head>
    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
      biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </scopecontent>

  <appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
    temporalidade">
    <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </appraisal>

  <accruals encodinganalog="Incorporações">
    <head>Incorporações:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </accruals>

  <arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
    <head>Sistema de arranjo:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>

```

```
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
```

</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de assuntos">
 <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
 <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escola, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Grupo Escolar Comendador Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), João Guilherme Rheingantz, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.</p>
 </controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
 <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC 0036</unitid>
 <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [Jardim da Infância].</unittitle>
 <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível superior (coleção)</unitdate>
 <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado em nível superior (coleção)</physdesc>
 <origination encodinganalog="Nome do produtor">
 Já mencionado em nível superior (coleção)
 </origination>
 <langmaterial encodinganalog="Idioma">
 <language>Já mencionado em nível superior (coleção).</language>
 </langmaterial>
 </did>

<bioghist>
 <head>História administrativa/biografia</head>
 <bioghist encodinganalog="História administrativa / biografia">
 <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
 </bioghist>
 </bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
 <head>Histórica arquivística:</head>
 <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
 </custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
 <head>Procedência:</head>
 <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
 </acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
 <head>Âmbito e conteúdo:</head>
 <p>Prédio concluído em setembro de 1911. Também serviu como moradia para mestres.</p>
 </scopecontent>

```

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">

```

<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
<p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
<head>Nota do arquivista:</head>
<p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.</p>
<p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
<list type="simple">
<item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG, 2008.</item>
</list>
<p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)" normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro 2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de assuntos">
<head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
<p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, casa para mestres, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Jardim da Infância, Grupo Escolar Comendador Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoral.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
<unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC 0037</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na Avenida Rheingantz [casa para mestres].</unittitle>
<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior (coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa / biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>

```

    </bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Casa localizada na Av. Rheingantz, número 156.
      Edificação construída entre 1913 e 1923.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

```

```
<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>
```

```
<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>
```

```
<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>
```

```
<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>
```

```
<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>
```

```
<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>
```

```
<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União
Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>
```

```
</c02>
```

```
<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">
```

```
<did>
  <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0038</unitid>
  <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
Avenida Rheingantz [casa para mestres].</unittitle>
```

```

<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Casa localizada na Av. Rheingantz, número 102.
Edificação construída entre 1913 e 1923.</p>
</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
<head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
<head>Incorporações:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
<head>Sistema de arranjo:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
<head>Condições de acesso:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
<head>Condições de reprodução:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>

```



```

</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">

```

```

<head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
<p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União
Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
  <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
    0039</unitid>
  <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
    Avenida Rheingantz [casa para mestres]</unittitle>
  <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
    superior (coleção)</unitdate>
  <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
    em nível superior (coleção)</physdesc>
  <origination encodinganalog="Nome do produtor">
    Já mencionado em nível superior (coleção)
  </origination>
  <langmaterial encodinganalog="Idioma">
    <language>Já mencionado em nível superior
      (coleção).</language>
  </langmaterial>
</did>

<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
    <bioghist encodinganalog="História
      administrativa / biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Casa localizada na Av. Rheingantz, número 60 a 70.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>

```

```

    <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">

```

```

<head>Nota do arquivista:</head>
<p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
<p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
<list type="simple">
  <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
</list>
<p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
Têxtil (Companhia), Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União
Fabrill (Companhia), União Fabrill e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0040</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
Avenida Rheingantz [casa para mestres]</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
    Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
    <language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

  <bioghist>
    <head>História administrativa/biografia</head>
    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>

```

```

    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Casa localizada na Av. Rheingantz, número 70.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>

```

```

</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
    Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
      operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
      2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
    normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
    2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
  assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
    Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
    Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
    Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia),
    União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
      0041</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
      Avenida Rheingantz [casa para mestres]</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
      em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
      <language>Já mencionado em nível superior
        (coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

```

```

<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
  <bioghist encodinganalog="História administrativa /
  biografia">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Casa localizada na Av. Rheingantz, número 46.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

```

```

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia),
União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>

```



```

<unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0042</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
Avenida Rheingantz [casa para mestres]</unittitle>
<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Casa localizada na Av. Rheingantz, casas 4 e 6.</p>
</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
<head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
<head>Incorporações:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
<head>Sistema de arranjo:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
<head>Condições de acesso:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

```

```

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

```

```

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
  assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
    Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
    Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
    Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia),
    União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
      0043</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
      Avenida Rheingantz [casa para mestres]</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
      em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
      <language>Já mencionado em nível superior
        (coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

  <bioghist>
    <head>História administrativa/biografia</head>
    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
      biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Casa localizada na Av. Rheingantz, casas 4 e 6.</p>
  </scopecontent>

  <appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
    temporalidade">
    <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </appraisal>

```

```
<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>
```

</note>

```
<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
    Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
      operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
      2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
    normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
    2010.</date></p>
</processinfo>
```

```
<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casa para mestres, Fábrica Nacional de
    Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
    Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
    Têxtil (Companhia), Rio Grande, União Fabril (Companhia),
    União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>
```

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

```
<did>
  <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
    0044</unitid>
  <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
    Avenida Rheingantz [Cassino dos Mestres].</unittitle>
  <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
    superior (coleção)</unitdate>
  <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
    em nível superior (coleção)</physdesc>
  <origination encodinganalog="Nome do produtor">
    Já mencionado em nível superior (coleção)
  </origination>
  <langmaterial encodinganalog="Idioma">
    <language>Já mencionado em nível superior
    (coleção).</language>
  </langmaterial>
</did>
```

```
<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
  <bioghist encodinganalog="História administrativa /
    biografia">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </bioghist>
</bioghist>
```

```
<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>
```

```

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Edificação localizada na Av. Rheingantz esquina com a
      Rua 2 de novembro, também conhecida como Clube dos mestres.
      O projeto da edificação foi solicitado ao Escritório de
      Engenharia Rudolph Ahrons, provavelmente idealizado pelo
      arquiteto Theodor Wiederspahn. Em 1919 foi passou a abrigar
      a Sociedade Mutualidade.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">

```

```

<head>Existência e localização de cópias:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

```

```

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">

```

```

  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

```

```

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">

```

```

  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

```

```

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">

```

```

  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

```

```

<note encodinganalog="Notas gerais">

```

```

  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

```

```

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">

```

```

  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
  Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
    operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
    2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
  normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
  2010.</date></p>
</processinfo>

```

```

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">

```

```

  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, Cassino dos Mestres,
  Clube dos Mestres, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons,
  Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica
  Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica
  Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), moradia, política
  habitacional, Rio Grande, Sociedade Mutuabilidade, Theodor
  Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e
  Pastoril, vila operária.</p>
</controlaccess>

```

```

</c02>

```

```

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

```

```

  <did>

```

```

    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
    0045</unitid>

```

```

    <unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
    Avenida Rheingantz.</unittitle>

```

```

<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Não há confirmação se a edificação abriga habitações
para operários ou mestres. Suscetível a investigação.</p>
</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
<head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
<head>Incorporações:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
<head>Sistema de arranjo:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
<head>Condições de acesso:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
<head>Condições de reprodução:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>

```



```

</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">

```

```

<head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
<p>Avenida Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã
Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz
&amp; Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia),
moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril
(Companhia), União Fabril e Pastoral, vila operária.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
<unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0046</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título">Casa em estilo alemão na
Avenida Rheingantz.</unittitle>
<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Não há confirmação se a edificação abriga habitações
para operários ou mestres. Suscetível a investigação.</p>
</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
<head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">

```

```
<head>Incorporações:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>
```

```

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
    Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
      operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
      2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
    normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
    2010.</date></p>
</processinfo>

```

```

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã
    Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz
    & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia),
    moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril
    (Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.</p>
</controlaccess>

```

```
</c02>
```

```
<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">
```

```

<did>
  <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
    0047</unitid>
  <unittitle encodinganalog="Título">Vila da Rheingantz que
    segue a fábrica (atrás os pavilhões da mesma).</unittitle>
  <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
    superior (coleção)</unitdate>
  <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
    em nível superior (coleção)</physdesc>
  <origination encodinganalog="Nome do produtor">
    Já mencionado em nível superior (coleção)
  </origination>
  <langmaterial encodinganalog="Idioma">
    <language>Já mencionado em nível superior
      (coleção).</language>
  </langmaterial>
</did>

```

```

<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
  <bioghist encodinganalog="História administrativa /
    biografia">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </bioghist>
</bioghist>

```

```

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

```

```
<acqinfo encodinganalog="Procedência">
```

```
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
  <head>Âmbito e conteúdo:</head>
  <p>Não há confirmação se os prédios no corredor
    correspondem ao Ambulatório e ao Armazém para funcionários.
    Suscetível a investigação.</p>
</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>
```

```

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Ambulatório, Armazém, Avenida Rheingantz, Fábrica Nacional
de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e
Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca
Têxtil (Companhia), moradia, política habitacional, Rio
Grande, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril,
vila operária.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0048</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Continuação da Vila da
Rheingantz [casas para operários].</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
  </did>

```

```

<langmaterial encodinganalog="Idioma">
  <language>Já mencionado em nível superior
  (coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
  <bioghist encodinganalog="História administrativa /
  biografia">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
  <head>Histórica arquivística:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
  <head>Procedência:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Casas enfileiradas, casas-em-fita ou casas geminadas;
    destinadas à moradia dos operários da fábrica.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

```

```

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p>Fontes consultadas para descrição do item:</p>
  <list type="simple">
    <item>PAULITSCH, Vivian da Silva. Rheingantz: uma vila
operária em Rio Grande. Rio Grande : Editora da FURG,
2008.</item>
  </list>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>Avenida Rheingantz, casas para operários, casas em fita,
casas enfileiradas, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã
Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz
&amp; Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia),
moradia, política habitacional, Rio Grande, União Fabril
(Companhia), União Fabril e Pastoril, vila operária.</p>

```



```

</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

  <did>
    <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
      0050</unitid>
    <unittitle encodinganalog="Título">Outro ângulo do
      frontispício com a placa da INCA [fachada principal onde se
      localizava o prédio do Escritório Central da Fábrica
      Rheingantz já sob a denominação Inca Têxtil]</unittitle>
    <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
      superior (coleção)</unitdate>
    <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
      em nível superior (coleção)</physdesc>
    <origination encodinganalog="Nome do produtor">
      Já mencionado em nível superior (coleção)
    </origination>
    <langmaterial encodinganalog="Idioma">
      <language>Já mencionado em nível superior
        (coleção).</language>
    </langmaterial>
  </did>

  <bioghist>
    <head>História administrativa/biografia</head>
    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
      biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Fachada do prédio do Escritório Central.</p>
  </scopecontent>

  <appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
    temporalidade">
    <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </appraisal>

  <accruals encodinganalog="Incorporações">
    <head>Incorporações:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </accruals>

  <arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">

```

```

    <head>Sistema de arranjo:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
    <head>Condições de acesso:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
    <head>Condições de reprodução:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
    técnicos">
    <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
    <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
    originais">
    <head>Existência e localização dos originais:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
    cópias">
    <head>Existência e localização de cópias:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
    relacionadas">
    <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
    <head>Nota sobre publicação:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
    <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
    <head>Nota do arquivista:</head>
    <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
        Silva.</p>

```

```

<p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
<head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
<p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central,
Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da
Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz,
Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater,
Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria
têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal,
moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor
Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e
Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
<unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
0051</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título">Placa dos 50 anos na
fachada principal [placa alusiva aos 50 anos da Fábrica
Rheingantz].</unittitle>
<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">

```

```

    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Fachada do prédio do Escritório Central, localizado na
    Avenida Rheingantz, com placa do cinquentenário da fábrica,
    comemorado em 1823.</p>
  </scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
  <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
  <head>Incorporações:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

```

```
<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>
```

```
<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>
```

```
<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>
```

```
<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
    Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
    normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
    2010.</date></p>
</processinfo>
```

```
<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central,
    Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da
    Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz,
    Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz &amp; Vater,
    Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria
    têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal,
    moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor
    Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e
    Pastoril.</p>
</controlaccess>
```

```
</c02>
```

```
<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">
```

```
<did>
  <unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC
    0052</unitid>
  <unittitle encodinganalog="Título">Vista por trás da fachada
    interna [fachada principal do prédio do Escritório Central
    vista do pátio interno].</unittitle>
  <unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
    superior (coleção)</unitdate>
  <physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
    em nível superior (coleção)</physdesc>
  <origination encodinganalog="Nome do produtor">
    Já mencionado em nível superior (coleção)
  </origination>
  <langmaterial encodinganalog="Idioma">
    <language>Já mencionado em nível superior
      (coleção).</language>
  </langmaterial>
</did>
```

```
<bioghist>
  <head>História administrativa/biografia</head>
```

```

    <bioghist encodinganalog="História administrativa /
      biografia">
      <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
    </bioghist>
  </bioghist>

  <custodhist encodinganalog="História arquivística">
    <head>Histórica arquivística:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </custodhist>

  <acqinfo encodinganalog="Procedência">
    <head>Procedência:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
  </acqinfo>

  <scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
    <head>Âmbito e conteúdo:</head>
    <p>Prédio do Escritório Central, na Avenida Rheingantz.</p>
  </scopecontent>

  <appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
    temporalidade">
    <head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </appraisal>

  <accruals encodinganalog="Incorporações">
    <head>Incorporações:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </accruals>

  <arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
    <head>Sistema de arranjo:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
  </arrangement>

  <accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
    <head>Condições de acesso:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
  </accessrestrict>

  <userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
    <head>Condições de reprodução:</head>
    <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
  </userrestrict>

  <phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
    técnicos">
    <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </phystech>

  <otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
    <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
  </otherfindaid>

  <originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
    originais">
    <head>Existência e localização dos originais:</head>

```

<p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de cópias">
<head>Existência e localização de cópias:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição relacionadas">
<head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
<head>Nota sobre publicação:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
<p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
<head>Nota do arquivista:</head>
<p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da Silva.</p>
<p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)" normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro 2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de assuntos">
<head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
<p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central, Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz, Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater, Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>

</c02>

<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">

<did>
<unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC 0053</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título">Vista por trás da fachada interna.</unittitle>

```

<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível
superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado
em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor">
Já mencionado em nível superior (coleção)
</origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior
(coleção).</language>
</langmaterial>
</did>

<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa /
biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>

<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>

<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>

<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Vista interna do prédio do Escritório Central, na
Avenida Rheingantz.</p>
</scopecontent>

<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e
temporalidade">
<head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</appraisal>

<accruals encodinganalog="Incorporações">
<head>Incorporações:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
<head>Sistema de arranjo:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
<head>Condições de acesso:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
<head>Condições de reprodução:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>

```



```
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
2010.</date></p>
</processinfo>

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central,
Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da
Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz,
Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater,
Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria
```

têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal, moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e Pastoril.</p>
</controlaccess>
</c02>
<c02 level="otherlevel" otherlevel="Item (5)">
<did>
<unitid encodinganalog="Código de Referência">BR CDH AFR PC 0054</unitid>
<unittitle encodinganalog="Título"> Vista por trás da fachada interna [fachada principal do prédio do Escritório Central vista do pátio interno - enquadramento à direita].</unittitle>
<unitdate encodinganalog="Data(s)">Já mencionado em nível superior (coleção)</unitdate>
<physdesc encodinganalog="Dimensão e suporte">Já mencionado em nível superior (coleção)</physdesc>
<origination encodinganalog="Nome do produtor"> Já mencionado em nível superior (coleção) </origination>
<langmaterial encodinganalog="Idioma">
<language>Já mencionado em nível superior (coleção).</language>
</langmaterial>
</did>
<bioghist>
<head>História administrativa/biografia</head>
<bioghist encodinganalog="História administrativa / biografia">
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</bioghist>
</bioghist>
<custodhist encodinganalog="História arquivística">
<head>Histórica arquivística:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</custodhist>
<acqinfo encodinganalog="Procedência">
<head>Procedência:</head>
<p>Já mencionado em nível superior (coleção)</p>
</acqinfo>
<scopecontent encodinganalog="Âmbito e conteúdo">
<head>Âmbito e conteúdo:</head>
<p>Vista interna do prédio do Escritório Central, na Avenida Rheingantz.</p>
</scopecontent>
<appraisal encodinganalog="Avaliação, eliminação e temporalidade">
<head>Avaliação, eliminação e temporalidade:</head>
<p>Não se aplica.</p>
</appraisal>
<accruals encodinganalog="Incorporações">

```

    <head>Incorporações:</head>
    <p>Não se aplica.</p>
</accruals>

<arrangement encodinganalog="Sistema de arranjo">
  <head>Sistema de arranjo:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (dossiê)</p>
</arrangement>

<accessrestrict encodinganalog="Condições de acesso">
  <head>Condições de acesso:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</accessrestrict>

<userrestrict encodinganalog="Condições de reprodução">
  <head>Condições de reprodução:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</userrestrict>

<phystech encodinganalog="Características físicas e requisitos
técnicos">
  <head>Características físicas e requisitos técnicos:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</phystech>

<otherfindaid encodinganalog="Instrumentos de pesquisa">
  <head>Instrumentos de pesquisa:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</otherfindaid>

<originalsloc encodinganalog="Existência e localização dos
originais">
  <head>Existência e localização dos originais:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</originalsloc>

<altformavail encodinganalog="Existência e localização de
cópias">
  <head>Existência e localização de cópias:</head>
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</altformavail>

<relatedmaterial encodinganalog="Unidades de descrição
relacionadas">
  <head>Unidades de descrição relacionadas:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</relatedmaterial>

<bibliography encodinganalog="Nota sobre publicação">
  <head>Nota sobre publicação:</head>
  <p>Não se aplica.</p>
</bibliography>

<note encodinganalog="Notas sobre conservação">
  <p>Já mencionado em nível superior (coleção).</p>
</note>

<note encodinganalog="Notas gerais">
  <p>Em álbum Rheingantz.</p>
</note>

```

```

<processinfo encodinganalog="Nota do arquivista">
  <head>Nota do arquivista:</head>
  <p>Responsável pela descrição: Rita de Cássia Portela da
    Silva.</p>
  <p><date encodinganalog="Data(s) da(s) descrição(ões)"
    normal="200912-201002">Dezembro 2009 - Fevereiro
    2010.</date></p>
</processinfo>

```

```

<controlaccess encodinganalog="Pontos de acesso e indexação de
assuntos">
  <head>Pontos de acesso e indexação de assuntos</head>
  <p>August Landgraf, Avenida Rheingantz, escritório central,
    Escritório de Engenharia Rudolph Ahrons, Estrada da
    Mangueira, Fábrica Nacional de Tecidos de Lã Rheingantz,
    Fábrica Nacional de Tecidos e Panos Rheingantz & Vater,
    Fábrica Rheingantz, Inca Têxtil (Companhia), indústria
    têxtil, industrialização, jardim da infância, maternal,
    moradia, política habitacional, Rio Grande, Theodor
    Wiederspahn, União Fabril (Companhia), União Fabril e
    Pastoril.</p>
</controlaccess>

```

```

</c02>

```

```

</c01>

```

```

</dsc>

```

```

</archdesc>

```

```

</ead>

```

APÊNDICE H – Procedimento para estudo de Usuário no CDH

ELABORAÇÃO			
Área	Nome	Data	Assinatura
Colaboradora	Rita de Cássia Portela da Silva		
APROVAÇÃO			
Área	Nome	Data	Assinatura
Diretora Técnica			

1. HISTÓRICO DE REVISÕES

000

Primeira edição.

2. OBJETIVO

Orientar atividades relacionadas ao estudo de usuários no CDH.

3. ABRANGÊNCIA

Este procedimento aplica-se aos atendentes do CDH.

4. REFERÊNCIAS

- BLAYA PEREZ, Carlos. **Marketing aplicado aos arquivos**. Santa Maria: Universidade Federal de Santa Maria, Centro de Ciências Sociais e Humanas, 2008.
- BLAYA PEREZ, Carlos. Os diferentes tipos de usuários de arquivos. In: **Caderno de Arquivologia**. Santa Maria: Curso de Arquivologia – UFSM, 2002. N°1.
- FUENTES I PUJOL, M. **La formación de los usuarios de los servicios de documentación**. Jornadas Españolas de Documentación Automatizada. DOCUMAT, Gijon: Universidad de Oviedo, 1994. p. 625-629.
- GARCIA BELSUNCE, C. **El uso práctico de los archivos**. Archivum, Vol. XXIX, 1982. p. 77-86.
- KICH, Tassiara Jaqueline Fanck; BLAYA PEREZ, Carlos. Usuários e pesquisas do arquivo da Casa de Memória Edmundo Cardoso (ACMEC). In: CONGRESSO NACIONAL DE ARQUIVOLOGIA, 3., 2008, Rio de Janeiro. **Anais do III Congresso de Arquivologia: Arquivologia e suas múltiplas interfaces**. Rio de Janeiro : ENARA, AERJ, 2008, p. 594 – 609. 1 CD – ROM.

- PUGH, Mary Jo. **Providing reference services for archives and manuscripts**. Chicago: S.A.A., 1992. p. 14.
- SANZ CASADO, Elias. **Manual de estudios de usuarios**. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1994.
- TARRAUBELLA I MIRABET, Xavier. **Els arxius i els seus usuaris**. Lligall, N.12, 1997. p. 190-204.

5. DEFINIÇÕES E SIGLAS

CDH – Centro de Documentação Histórica Professor Hugo Alberto Pereira Neves.

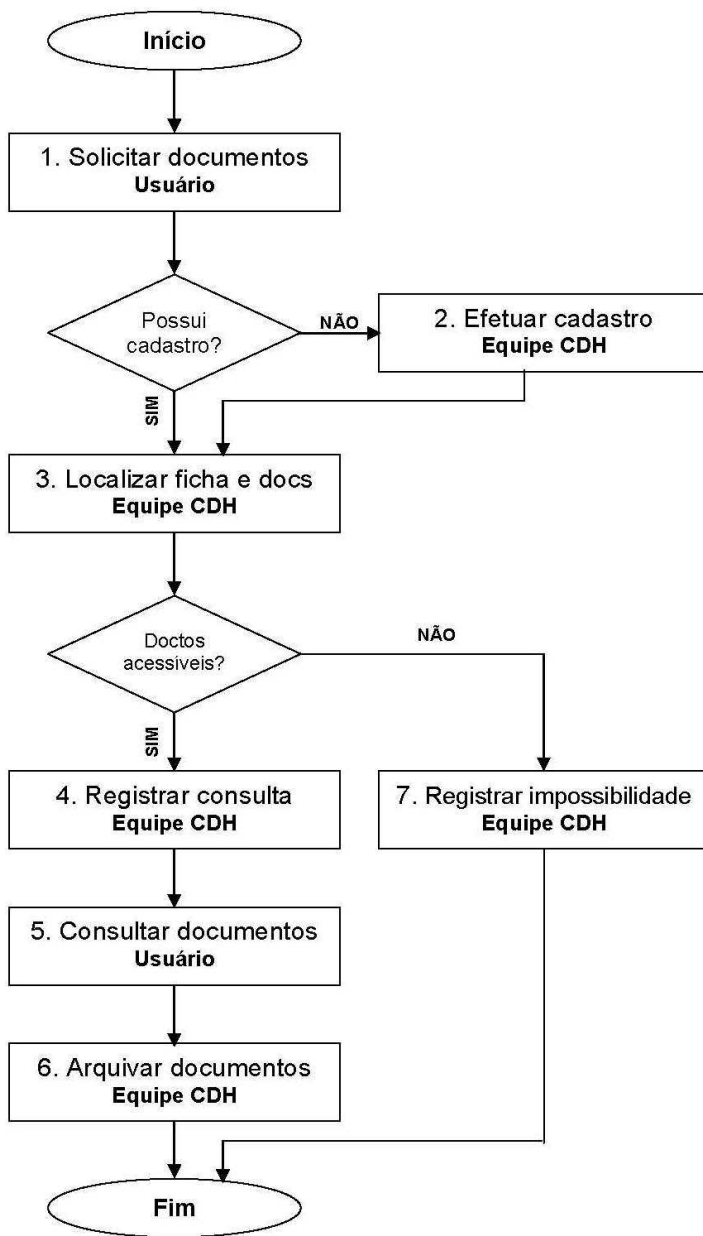
6. DETALHAMENTO

Nº da Atividade e Responsável	Descrição da Atividade
1 Usuário	Solicitar documentos <ul style="list-style-type: none"> • O usuário desloca-se até as dependências do CDH, consulta os instrumentos de busca e solicita os documentos necessários à sua pesquisa.
2 Equipe CDH	Efetuar cadastro <ul style="list-style-type: none"> • Explicar, brevemente, ao usuário as razões que motivam o cadastramento e as intenções do projeto. • Solicitar que o usuário preencha os campos “DADOS CADASTRAIS DO USUÁRIO”, no formulário “CADASTRO DE USUÁRIO E MONITORAMENTO DE CONSULTAS” (APÊNDICE B). • Revisar o preenchimento, certificando-se que a letra está legível e que todos os campos foram preenchidos.
3 Equipe CDH	Localizar ficha e documentos <ul style="list-style-type: none"> • Localizar o formulário “CADASTRO DE USUÁRIO E MONITORAMENTO DE CONSULTAS” (APÊNDICE B), arquivado em ordem alfabética pelo nome do usuário para facilitar a recuperação. • Somente com o formulário em mãos efetue a busca no acervo de acordo com a solicitação do usuário.
4 Equipe CDH	Registrar dados da consulta <ul style="list-style-type: none"> • Preencher os campos relacionados ao “REGISTRO DE CONSULTA AO ACERVO” no formulário “CADASTRO DE USUÁRIO E MONITORAMENTO DE CONSULTAS” em cada visita/consulta que o usuário realizar ao acervo (APÊNDICE C).
5 Usuário	Consultar documentos <ul style="list-style-type: none"> • Realizar a pesquisa nos documentos solicitados, de acordo com as regras de consulta e manuseio de documentos. • Ao final da visita, entregar documentos ao atendente do CDH.
6 Equipe CDH	Arquivar documentos <ul style="list-style-type: none"> • Revisar os documentos. • Guardar no local de origem.
7 Equipe CDH	Registrar solicitações não atendidas <ul style="list-style-type: none"> • Anotar os dados dos pedidos inviáveis no formulário “REGISTRO DE SOLICITAÇÕES NÃO ATENDIDAS” (APÊNDICE D)

7. DISPOSIÇÕES GERAIS

Este documento deve ser revisado 06 (seis) meses após a data de sua aprovação ou anteriormente conforme necessidade.

APÊNDICE A - Fluxograma do Estudo de Usuários



APÊNDICE B - Formulário de cadastro de usuário e monitoramento de consultas
(frente)

DADOS CADASTRAIS DO USUÁRIO

1. Código: _____

2. Nome: _____

3. Faixa Etária:

menos de 20 21 a 30 31 a 40 41 a 50 acima de 50

4. Data de nascimento: ____/____/____

5. Endereço:

Rua: _____ Complemento: _____

Bairro: _____ Cidade: _____ Estado: ____ CEP: _____ - _____

6. Contato:

Telefone residencial: (____) _____ - _____ Telefone do trabalho: (____) _____ - _____

Telefone celular: (____) _____ - _____ E-mail: _____

7. Escolaridade/formação:

Ensino Básico Ensino Fundamental Graduação - Curso: _____

Pós- Graduação

Especialização – Área: _____

Mestrado – Área: _____

Doutorado – Área: _____

8. Vínculo atual:

Instituição: _____

Cargo/atividade: _____

9. Linha(s) de pesquisa em que atua: _____

10. Pesquisa acervos de outras instituições?

Não Sim. Quais? _____

11. Utiliza da Internet como fonte de pesquisa?

Sim Não

12. Data de cadastro: ____/____/____

APÊNDICE D - Formulário para registro de solicitações não atendidas

REGISTRO DE SOLICITAÇÕES NÃO ATENDIDAS						
Data	Atendente	Usuário	Motivação*	Solicitação não atendida		Motivo
				Coleção	Item documental	
/ /						
/ /						
/ /						
/ /						
/ /						
/ /						
/ /						
/ /						
/ /						

*Motivação:
 1. Trabalho acadêmico 2. Trabalho de Conclusão de Curso/Monografia 3. Artigo Científico 4. Dissertação Artigo 5. Tese 6. Livro 7. Vídeo/documentário 8. Exposição 9. Fainéis
 10. Entretenimento 11. Reivindicação de direitos 12. Outros (especificar)

ANEXOS

ANEXO A – Listagem de processos fotográficos (Manual para Catalogação de Documentos Fotográficos, 1992, p. 22).

DESIGNAÇÃO GENÉRICA	PROCESSOS	SUPORTE	LIGANTE	SUBSTÂNCIA FORMADORA	CROMIA	PERÍODO DE USO
FOTOGRAFIA	Daguerrotipia	Cobre	-	Prata/Mercúrio	Mon	1839 – 1860
	Ambrotipia	Vidro	Colódio	Prata	Mon	1851 – 1870
	Processo positivo direto	Ferrotipia	Ferro	Colódio	Mon	1860 – 1920
	Instantânea (Polaroid, Kodak)	Papel	Gelatina	Prata/Corante	Mon/Color.	1947 –
	Oxidação de corantes (Cibachrome)	Papel	Gelatina	Corantes	Color.	1960 -
Processo positivo direto	Papel albuminado	Papel	Albúmen	Prata	Mon.	1850 – 1921
	-	Papel	Colódio	Prata	Mon.	1880 –
	-	Papel	Gelatina	Prata/Corante	Mon./Color.	1880 –
	Cianotipia	Papel	-	Sais de ferro	Mon.	1842 – 1930
	Platinotipia	Papel	-	Platina	Mon.	1880 –
	Papel salinizado (calotipo)	Papel	-	Prata	Mon.	1840 – 1865
	Carvão					1864 – 1900
	Goma bicromatada	Papel	Gelatina bicromatada	Pigmentos	Mon./Color	1894 – 1920
	Bromoleo	Papel	Goma bicromatada	Pigmentos	Mon./Color	1907 – 1920
	Transferência de corantes	Papel	Gelatina	Pigmentos	Mon./Color	1907 –
	Carbro	Papel	Gelatina	Corante	Mon./Color	1905 - 1940
		Papel	Gelatina	Pigmento	Color	
	REPRODUÇÃO FOTOMECÂNICA	Fotogravura	Papel	-	Pigmento	Mon./Color.
Fotolitografia		Papel	-	Pigmento	Mon./Color.	1858 – 1900
Colotipia		Papel	-	Pigmento	Mon./Color.	1868 – 1900
Woodbury		Papel	Gelatina	Pigmento	Mon./Color.	1866 – 1900
Meio-tom		Papel	-	Pigmento	Mon./Color.	1885 -

DESIGNAÇÃO GÊNÉRICA	PROCESSOS	SUPORTE	LIGANTE	SUBSTÂNCIA FORMADORA	CROMIA	PERÍODO DE USO
NEGATIVO	-	Papel	-	Prata	Mon.	1840 – 1860
	-	Papel encerado	-	Prata	Mon.	1851 – 1860
	-	Vidro	Albuen	Prata	Mon.	1847 – 1855
	Placa úmida	Vidro	Colódio	Prata	Mon.	1851 – 1880
	Placa seca	Vidro	Gelatina	Prata	Mon.	1878 –
	Flexível	Nitrato	Gelatina	Prata/Corantes	Mon./Color	1889 – 1950
	Flexível	Diacetato	Gelatina	Prata/Corantes	Mon./Color	1920 – 1945 (2)
	Flexível	Triacetato	Gelatina	Prata/Corantes	Mon./Color	1940 –
	Flexível	Poliéster				1955 -
	DIAPOSITIVO	-	Vidro	Colodio	Prata	Mon.
-		Vidro	Gelatina	Prata	Mon.	1880 – 1940
Flexível		Nitrato*	Gelatina	Prata	Mon.	1889 – 1950
Flexível		Diacetato*	Gelatina	Prata/Corantes	Mon./Color	1920 – 1945 (3)
Flexível		Triacetato*	Gelatina	Prata/Corantes	Mon./Color	1940
Flexível		Poliéster*	Gelatina	Prata/Corantes	Mon./Color	1955
Imagem Ganulada/Reticulada		Vidro/Nitrato ou Diacetato	Gelatina	Prata/Pigmentos ou Corantes	Color	1895 – 1936
CARTÃO POSTAL**		Papel	Gelatina	Prata	Mon.	1880 –
	Impresso	Gelatina	-	Pigmento	Monon./Color.	1890 –

* Caso não seja possível identificar os suportes dos negativos e/ou diapositivos, utilize o termo flexível $\frac{1}{2}$. As fotografias e negativos coloridos, em gelatina (processo cromogenico) foram introduzidos em 1940 aproximadamente.

3. Os diapositivos em gelatina coloridos (processo cromogênico) foram introduzidos em 1936.

** Cartão-postal

- quando for emulsionado a designação específica será o ligante.

Ex.: 1 cartão-postal: gelatina, p&b : 11 x 14 cm.

- quando for impresso por processo fotomecânico.

se danificado, será a designação específica.

Ex.: 1 cartão-postal : fotogravura.

se identificado, a designação específica será preenchida pela palavra impresso.

Ex.: 1 cartão-postal : impresso.